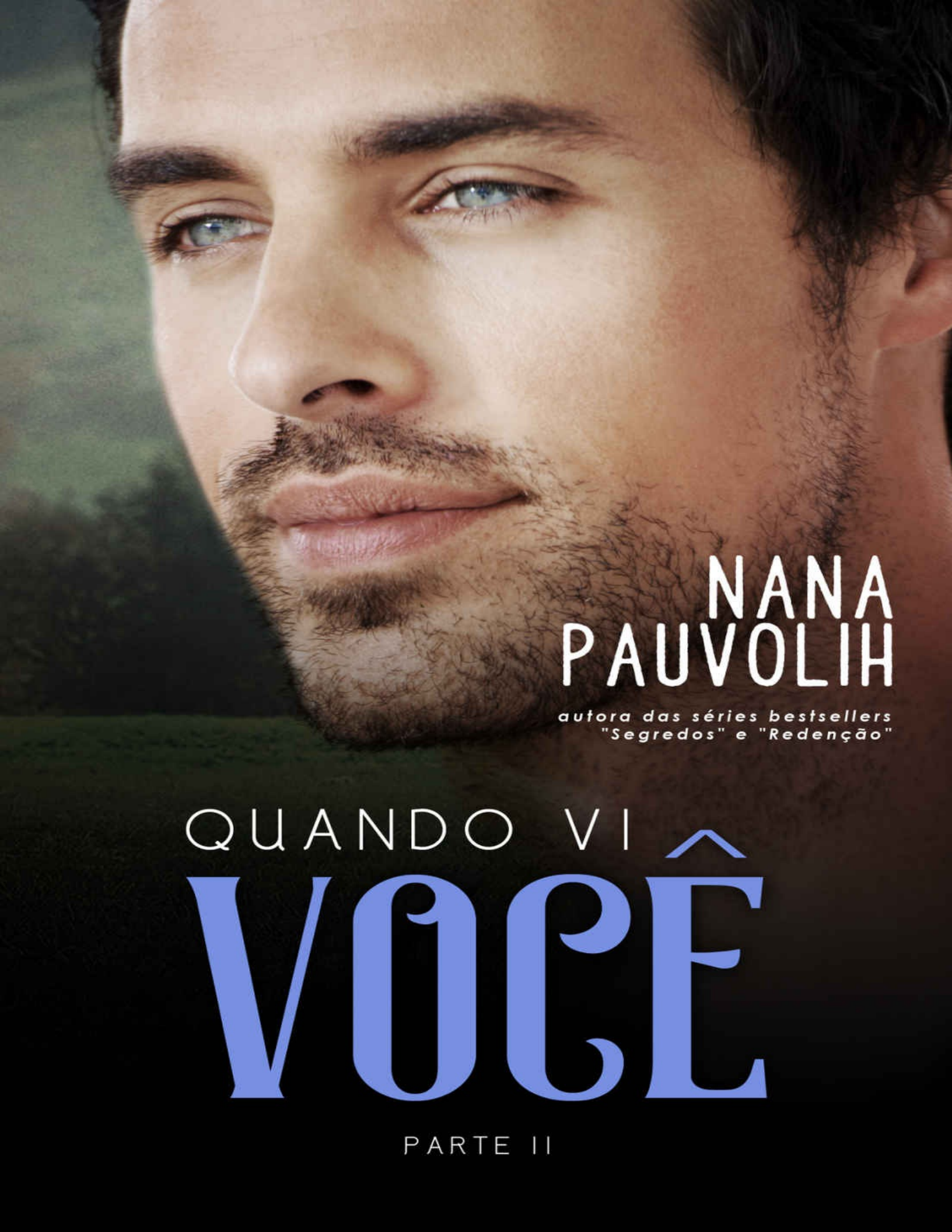




NANA
PAUVOLIH

*autora das séries bestsellers
"Segredos" e "Redenção"*

QUANDO VI
VOCÊ

PARTE II



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

NANA
PAUVOLIH

*autora das séries bestsellers
"Segredos" e "Redenção"*

QUANDO VI
VOCE

PARTE II

PERIGOSAS ACHERON

Copyright © 2018, Nana Pauvolih
Todos os direitos reservados e protegidos pela
Lei 9.610 de 19/02/1998.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte
dessa obra poderá ser reproduzida ou transmitida
por qualquer forma, meio eletrônico ou mecânico
sem a permissão por escrito do Autor e/ou Editor.

2ª Edição

Revisão :
Shirley Ramos
Elaine Cardoso

Capa :
Henrique Moraes

Diagramação :
Andreia DS

CONTEÚDO

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Epílogo](#)

Agradecimentos

Eu dedico este livro a pessoas que são queridas para mim e que me ajudaram nesta jornada. Foram muito importantes para que este sonho se tornasse realidade.

A Fabiana Miyagui, que foi minha primeira beta e sempre será amiga, que ganhei de presente para toda vida.

A Valéria Avelar, que fez a primeira revisão do livro com todo carinho, um amor de pessoa que tive o prazer de conhecer melhor e que adoro.

A Olívia Nayara Medeiros Jardim, que fez uma diferença enorme na versão original do livro.

E a todas as minhas “nanetes”, minhas amadas e queridas que me acompanham capítulo a capítulo, torcendo, rindo, opinando, orientando, fazendo minha vida muito mais iluminada e feliz.

Um “obrigada” cheio de amor a vocês.

Abraços,

PERIGOSAS NACIONAIS

Nana Pauvolih.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 1

Uma vida a dois

*O que há dentro do meu coração
Eu tenho guardado pra te dar
E todas as horas que o tempo
Tem pra me conceder
São tuas até morrer*

(Um Amor Puro — Djavan)

JOÃO PEDRO

Eu acordei e imediatamente procurei Ana na cama.

Já tinha virado um vício dormir com ela. Faltando apenas duas semanas para nosso casamento, eu já me sentia um homem casado. Como uma pessoa que passou a vida jurando nunca se prender a uma mulher podia ficar assim tão dependente de repente? Chegava a me dar raiva, mas era só dar com Ana na cama e a alegria substituía tudo.

Ela não estava ali. Só aquele seu cheirinho de morango no travesseiro. Olhei o relógio de pulso, já me sentando e afastando as cobertas. Ainda nem eram oito horas da manhã e tínhamos dormido tarde na noite anterior, depois de chegar do Loretta e fazer amor. Fazer amor. Era estranho pensar que eu não fodia mais, mesmo quando era bruto. Agora eu fazia amor.

— Ana? — Levantei nu, seguindo para o banheiro, mas ela não estava ali.

Já ia procurá-la, mas respirei fundo e me controlei. Pelo amor de Deus, o que estava dando em mim?

Fiz minha higiene matinal e tomei uma

PERIGOSAS ACHERON

chuveirada. Somente então enfiei um short e saí à caça dela pela casa.

Era sábado e não tínhamos compromissos com trabalho. Eu tinha mil e um planos para aquele dia e já me sentia excitado. Mas não mais do que fiquei ao entrar na cozinha.

Ana estava preparando o café no balcão, de costas para mim. Seu cabelo estava preso num coque. E no corpo bem feito, apenas um avental azul. De resto estava nua, parte das costas esguias de fora, a bunda redondinha exposta para mim.

Virou a cabeça para trás e sorriu, fitando-me com aqueles olhos castanho-claros, as mãos apoiadas no balcão, a cafeteira à sua frente coando o café e espalhando um cheiro delicioso no ambiente. Mas percebi aquilo superficialmente, pois minha atenção estava toda concentrada nela.

— Bom dia! — disse animada. — Vamos tomar café?

Eu me aproximei devagar. Ana já ia se virar, mas falei seco:

— Fique assim. — E pus as duas mãos no balcão ao lado das dela, prendendo-a entre meus braços.

Arregalou um pouco os olhos, ansiosa, mordeu os lábios. Nossos olhares foram quentes, cheios de

tesão. Eu me sentia voraz, esfomeado, louco para deixar minha fera sair e esbravejar, rosnar. Mas sempre me controlava no último momento. Pois eu a amava e não queria perdê-la nunca mais.

— Gosta de me provocar, não é, Ana?

— Só um pouquinho. — Não negou. Sorriu, meio nervosa, lambendo os lábios. — O que vai fazer?

Era um jogo. Que Ana vinha querendo jogar, mas que eu mantinha sob controle. Já tinha mostrado parte de minhas perversões a ela, porém sempre sob uma capa de civilidade. E ela também tinha visto o quanto eu podia ser bruto, animalesco, naquele vídeo em que Fernanda me filmou. E que a deixou horrorizada.

Para não perder Ana, que era a mulher da minha vida e seria minha esposa, mantinha aquele lado adormecido. Eu ainda era dominador na cama, mas sempre controlado. Tinha decidido que era melhor assim, para não correr nenhum risco. Não havia mais clube e jogos violentos. Apenas nós dois e brincadeiras que não punham em risco a nossa relação.

No entanto, tinha percebido nela, no último mês, um desejo de me provocar. Estava mais segura, confiava em mim, se expunha mais. O problema

era meu próprio medo em ultrapassar os limites e estragar tudo. Assim, mantinha minhas taras sob rédeas curtas. Mas estava ficando cada vez mais difícil.

Fitei seus olhos e ergui a mão por seu braço, acariciando-a devagar. Sua pele era macia e isso só aumentou minha libido. Cheguei ao ombro, contornei-o, desci pelas costas nuas até espalmar em sua bunda. Ana estremeceu, ansiosa.

— Quer saber o que vou fazer? — perguntei baixo.

— Sim. — murmurou.

— Vou tomar o meu café da manhã.

E me afastei.

Ela se virou para mim, sem saber o que pensar, olhando-me. Quando me dirigi para a mesa de madeira, vendo que não havia nada sobre ela ainda, ouvi-a chamar atrás de mim:

— João...

Ignorei-a de propósito. Passei pela mesa e me dirigi à saída da cozinha. Ana ficou sem entender nada.

— João... — chamou de novo.

Saí sem olhar para trás, escondendo dela um sorriso. Não queria me provocar e brincar? Eu me

divertia, embora muito excitado.

Fui ao quarto e peguei o que eu queria. Minha caixa. Quando voltei, a encontrei no mesmo lugar, confusa, quieta. Seu rosto mudou ao me ver e então mordeu os lábios nervosa ao fitar a caixa. Fui até a mesa, afastei uma cadeira, deposei o objeto ali. Então, sem preâmbulos, virei para olhar Ana e estendi minha mão:

— Venha.

— Não disse... Que ia tomar café? Está pronto. — Aproximou-se, tremendo levemente, tentando adivinhar o que eu faria. Mas a surpresa era o melhor de tudo.

— E vou tomar meu café da manhã. Deite-se na mesa de barriga para cima. Mas antes tire esse avental.

Ela não reclamou ou perguntou mais nada. Desamarrou o avental azul atrás e tirou-o pela cabeça, pendurando-o na cadeira.

Passei os olhos em seu corpo nu. Era naturalmente linda, a pele perfeita, as pernas modeladas, cintura fina, quadris arredondados, seios empinados com mamilos pequenos e inchadinhos. Seu rosto era perfeito, a franja sedosa caindo na testa, os olhos grandes, o nariz bem feito,

os lábios carnudos. O cabelo castanho brilhante estava preso, deixando à mostra o pescoço esguio e o contorno dos ombros, que eu adorava. Aliás, adorava tudo nela, não apenas sua aparência física. Desde o primeiro momento Ana mexeu comigo bem fundo. E aquilo nunca mudou.

Sentou na beira da mesa sem tirar os olhos de mim. Então se deitou com cuidado, direto na madeira.

O desejo veio em mim com uma ferocidade surpreendente, mas tentei contê-lo e me aproximei, fitando seus olhos. Ela não suportou a tensão e perguntou baixinho:

— O que vai fazer?

— Me alimentar. — E abri a caixa.

Estava sendo lento de propósito, para deixá-la mais em expectativa. Peguei uma longa corda de bondage e fui até sua perna esquerda. Abri bem para o lado, até que ficou perto do pé da mesa. Amarrei seu tornozelo ali, sentindo os arrepios que a percorriam.

Estendi a corda até o outro pé da mesa, segurei seu tornozelo direito e abri mais, amarrando-o. Ficou completamente aberta para mim, sem poder fechar as pernas. Satisfeito, estiquei ainda mais a

corda até o terceiro pé, erguendo seu braço para cima e para o lado, amarrando seu pulso. No final, estava firmemente presa em forma de X, aberta e oferecida para mim, respirando sem regularidade, seus olhos arregalados.

Passei o olhar em seu corpo, sentindo-me arder de pura luxúria. Fixei-os na vagina pequena e rosada, toda depilada. Sabia que eu gostava de chupá-la assim e a mantinha lisinha para mim. Era naturalmente submissa aos meus desejos e se excitava com tudo que eu fazia com ela. Meu medo era o de extrapolar e acabar com aquilo. Por isso havia um limite, que poderia até parecer pesado para outras pessoas, mas que para mim ainda era bem simples.

Não toquei nela. Fui até a bancada onde tinha deixado uma bandeja de frutas, pães, xícaras vazias, manteiga e queijo. Olhei, mas não peguei nada. Abri a geladeira, dizendo calmamente:

— Acho que hoje estou como você, Ana. Querendo algo doce. Alguma sugestão?

— Doce? — murmurou atrás de mim, sua voz deixando claro seu nervosismo e sua ansiedade.

Fechei a porta da geladeira e fui até os armários. Achei o que eu queria. Sem pressa, fiz dois furos

em uma lata de leite condensado e voltei à mesa.

— Pra que isso? — perguntou, um tanto aflita.

— Doce e Ana. Quer mistura melhor?

E então virei a lata, vendo o fio de leite condensado descer e cair direto em seu mamilo esquerdo. Presa e imobilizada, Ana também olhou, mordendo os lábios, antecipando o que eu faria. E fiz.

Deixei o doce escorrer um pouco e deposei a lata na mesa ao lado da sua cintura. Parado em sua lateral, inclinei-me com as mãos apoiadas na madeira, sem tocá-la. Apenas minha língua indo à sua pele, lambendo o doce e seu mamilo junto.

Ela gemeu e estremeceu. Mexeu-se, arfante, mas não saiu muito do lugar. E, lentamente, fiquei passando minha língua no brotinho cada vez mais duro, enquanto arrepios a percorriam e sua respiração saía sôfrega. Somente então fechei os lábios em volta do mamilo e chupei firme.

— Ahhhhhhhhh... — Ana gemeu rouca, excitada.

Suguei mais e mais para dentro da boca, até o bico ficar esticado, molhado, duro. Então o mordi, aumentando a pressão, intercalando língua e dentes. Ficou louca, tentando puxar os braços das amarras, erguendo as costas da mesa sem controle. Parei,

erguendo um pouco a cabeça, assoprando o mamilo, fazendo-a estremecer. Só então a olhei, ajeitando minha coluna, pegando a lata novamente.

Estava corada, olhos brilhando, feições contorcidas pelo tesão. Sorri, pois ainda nem havia começado.

Fiz o mesmo processo no outro mamilo, deixando o doce cair sobre ele, enquanto dizia:

— Que café da manhã delicioso. Está gostando, Ana?

— Sim...

— Quer mais um pouco?

— Quero...

Quando baixeí a cabeça, ela estremeceu em expectativa. Enfiéi o mamilo na boca sem lamber. E chupei duro, com força. Soltoú um gritinho estrangulado, que só deixou meu pau ainda mais duro dentro do short, enquanto sacudia-se na mesa. Mordisquei e suguei. Fiquei um bom tempo ali, mamando firme, sabendo que seus quadris ondulando significavam a vagina latejando, já toda molhadinha para mim.

Poderia fazê-la gozar só chupando seus mamilos daquele jeito, sem encostar nela. Sentia como tremia e arfava, como me buscava sem poder se

PERIGOSAS NACIONAIS

soltar, como sua pele se tornava toda corada, ardida. Continuei torturando-a, sugando mais e mais forte, até que começou a implorar:

— Por favor... João, eu... Ah, eu...

Fui ao outro brotinho, deixando o anterior muito esticado e bicudo, molhado, até o ar sobre ele causando-lhe sensações. Chupei duro, firme, forte. Como se estivesse faminto, mamando sem lhe dar descanso ou escapatória. Ana chorou e implorou. Tentou se soltar, mas a mantive cativa, fazendo pressão.

— João, por favor, faz amor comigo... Eu não... Não vou aguentar... — suplicou, tremendo, sua voz fina e arquejante.

Chupei mais forte, puxei o mamilo com os dentes e depois o meti entre os lábios, levando-o ao céu da boca, trabalhando a pontinha com a língua.

Ana gritou, tirou os quadris da mesa, se contraiu toda. E então começou a gozar, jogando a cabeça para trás, gemidos entrecortados saindo de seus lábios abertos, toda esticada e abalada, agitada, trêmula. E continuei sempre sugando e chupando, até vê-la cair de volta na mesa frouxa, amolecendo, estremecendo sem controle, espasmos vindo de seu corpo. Parei e me ergui.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ah, meu Deus... — Seus olhos estavam pesados em mim, as faces com duas manchas vermelhas. Adorava ver a coloração em sua pele branca e lisa quando se excitava. Ou quando eu batia nela. — Agora me solta. Por favor...

— Mas ainda não estou satisfeito. Estou com fome. — Sorri devagar.

— Você vai me matar... — gemeu. O que só fez aumentar meu sorriso.

Desci o olhar por seu corpo todo, admirando-a, amando-a. Fui invadido por sentimentos tão fortes, que mais uma vez fiquei surpreso do tanto que eu a amava. Nunca me senti daquele jeito, tão ligado e conectado a uma pessoa, tão desesperadamente apaixonado. Chegava a assustar. O desejo era violento, mas não vinha puro. Vinha cheio de amor, admiração, vontade de ficar perto. Eu queria Ana com desespero. Com uma fome sem fim. Com loucura.

Respirei fundo, tentando me controlar. E então olhei sua vulva que brilhava de sua excitação, encharcada, melada, pronta. Devia estar muito sensível após seu orgasmo. Parado ali, na lateral da mesa, eu a tinha como uma oferenda. O tesão de saber que estava completamente ao meu dispor foi

PERIGOSAS ACHERON

intenso, rodando dentro de mim, se espalhando em minha pele, em cada terminação nervosa do meu corpo, deixando meu pau tão duro que doía.

Ergui a mão direita e, bem devagar, encostei o dedo no botãozinho pequeno e intumescido de seu clitóris. Estremeceu, o que só piorou quando desci um pouco entre os lábios cremosos e molhei a ponta do dedo. Voltei e o esfreguei lento no nervinho. Observei seu rosto, enquanto acariciava lentamente apenas ali, manipulando-a bem calmo. Mas sua reação foi intensa.

— Ai... Ai, João...

Debateu-se, sem controle do próprio corpo. Agoniada e excitada, fez que não com a cabeça, como se não pudesse suportar mais. Todavia, não parei. Nem aumentei o ritmo. Ditei-o assim, lento, torturante, apenas uma suave massagem que, no lugar certo, era capaz de um terremoto. Passou a tremer, morder os lábios, uma fina camada de suor cobrindo sua pele.

— Não faz isso... — pediu, seus olhos pesados, as amarras deixando-a totalmente sem opção de me impedir. Havia sim, sua palavra segura. Mas só a havia dito uma vez, quando a levei à força para meu apartamento depois de uma discussão, ao

sairmos do clube. Nunca na hora do sexo.

—É isso ou... — calei-me de propósito.

— O quê? — Arquejou.

— Isso. — Peguei a lata e afastei meu dedo. Virei e o creme doce caiu em seu clitóris e desceu lento entre seus lábios, escorrendo por seu sexo.

Ficou mais alerta e ligada, preparando-se para o que viria, sem poder parar de morder o lábio inferior. Larguei a lata na mesa e a contornei, indo para a sua frente. Espalmei as mãos na madeira, ao lado de seus quadris. E me inclinei.

Ana já estremecia antes que eu a tocasse, de antecipação. Quando a lambi lentamente na vulva, sentindo o leite condensado mesclado com o creme natural e gostoso dela, deliciei-me com a mistura e levei-a para dentro da boca, saboreando-a.

— Ah, Deus... — gritou rouca, uma massa sôfrega de sensações arrebatadoras e descontroladas.

Passei minha língua dentro e fora dela. Nos lábios melados, entre eles, no clitóris. Lambi tudo, como um gato preguiçoso, bem devagar e sensual, deixando Ana louca, a chorar e gemer.

Fiquei quase a ponto de gozar no short. Era gostosa demais, seu gosto e seu cheiro despertando

meu lado de macho faminto, a fera rugindo violentamente dentro de mim. Tive vontade de penetrá-la com tudo, de tomar o que eu queria, de dobrá-la aos meus desejos mais insanos. E o desejo era tão premente e voraz que parei e me ergui, sem me controlar de todo.

Sua vulva estava rosada, úmida, palpitando. Seu corpo todo tremia, a respiração entrecortada, as pálpebras pesando sobre os olhos. Fiquei louco de tanto tesão e acho que Ana já conhecia aquela minha expressão carregada, pois arfou baixinho, meio assustada com a intensidade que vinha de mim como ondas.

Tirei da caixa um pequeno espancador de borracha preto, com haste comprida, na ponta uma espécie de palma maleável, que servia para dar tapas. Ana esperava ansiosa, angustiada, trêmula. Seus olhos se arregalaram e o medo neles lutava com a luxúria, tornando-a inquieta com a expectativa.

Não a deixei pensar muito. Sem qualquer aviso ou preparo, bati com a ponta achatada do objeto direto em sua vulva inchada, acertando o clitóris e os lábios vaginais. Gritou fora de si, rouca, suspensa entre a dor e o prazer terrível, por acertar um local

tão sensível e cheio de vasos sanguíneos.

Acertei de novo e lágrimas pularam de seus olhos, enquanto seu quadril se erguia e ondulava, depois se contraía em agonia, pedindo rouca:

— Não, por favor, pare...

Eu não parei. Bati mais firme, como um tapa estalado, diretamente em seus lábios vaginais. Gritou de verdade, tentou escapar, sacudiu as amarras.

— Pare! João!

Dei mais um e quando seu quadril se ergueu em pura agonia e teve um espasmo incontrollável, desci a boca sobre ela e chupei sua vulva com vontade, sentindo na língua os líquidos que soltava em abundância, lambendo e metendo minha língua dentro dela sem dó, deixando-a louca.

Passou a se bater, gemer, implorar, fora de si, chorando. Chupei com firmeza e jorros de seu creme vieram em minha boca, seu cheiro de fêmea me descontrolando, a ponto do meu pau babar duro como uma rocha. Baixei meu short e tirei a boca daquela delícia toda, montando nela, fitando com intensidade seus olhos.

Ana ficou sem ar quando enterrei de uma vez meu pau dentro dela, fundo e forte, tornando-a cheia

PERIGOSAS NACIONAIS

com minha grossura e comprimento, sentindo a carne quente e apertada me estrangular gostosamente. Era delirante comê-la sem preservativo, já que agora tomava anticoncepcional. E enfiei bem, rodando, saindo, metendo de novo. E de novo, bem no fundo.

E ela embaixo de mim, toda aberta e presa, sem poder fazer nada a não ser me deixar fodê-la, choramingando, gemendo, implorando sem nem ao menos perceber. Fiquei louco de tanta lascívia, pelo desejo avassalador que fazia meu coração acelerar e meu pau inchar, extremamente ereto, penetrando com força na sua vulva macia e quente, toda molhadinha.

— Essa bocetinha está ardida da surra? Hein, Ana?

— Sim... — chorava, perdida entre o prazer descomunal e a agonia que a dor trazia, suspensa entre ambas, descontrolada, seus olhos cheios de lágrimas.

— Está pegando fogo em volta do meu pau... Sente só... — E tirei tudo. Depois enfiei devagar, deslizando, sentindo seus músculos apertando-me, mamando meu membro, palpitando. Estava pingando e a comi lentamente, metendo e tirando,

PERIGOSAS ACHERON

sem poder deixar de olhá-la e me maravilhar com sua expressão de entrega total.

— Não aguento... — choramingou.

Meti tudo e parei, agasalhado dentro dela, a cabeça do meu pau bem funda no seu ventre. Respirei, para conter o gozo. Peguei a lata de novo e entornei leite condensado nos dois mamilos. Ela se desesperou, girando a cabeça, buscando ar freneticamente.

Deixei a lata de lado e me acomodei sobre seu corpo, entre suas pernas bem abertas, movendo o quadril e penetrando meu pau na sua boceta em um vai e vem torturante. Ao mesmo tempo meti um mamilo na boca e chupei firme, em uma sucção contínua e dura, fazendo-a estremecer, gemer, palpitar.

Eu a comi assim, com meu pau e minha boca. Quando fiquei satisfeito, fui ao outro mamilo e o suguei com o leite condensado, sugando e mordendo, passando a meter com força nela, meu pau fazendo os lábios vaginais se esticarem todo em volta dele, deslizando do começo ao fim em meu comprimento.

— João! — Ana virou uma massa de sensações atropeladas, enlouquecidas. Quando explodiu em

um orgasmo violento, eu subi mais nela, estoquei com tudo e saqueei sua boca, tomando seus gemidos e miados, enfiando minha língua como metia meu pau.

E então gozei, meu esperma saindo quente e grosso em seu útero, em jatos violentos, enquanto a comia com vontade, gemendo também, dando e recebendo, sentindo-a mais minha do que nunca. Era diferente de tudo que já vivi na vida, um prazer tão completo e arrebatador que me deixava grogue, perdido.

Fiquei mordiscando seus lábios, enquanto lentos espasmos nos percorriam, já no final. Passei a mão em seu seio, seu ombro, seu cabelo preso. Espalhei pequenos beijos em sua face, pálpebras, queixo, gozando não apenas da transa em si, mas de estar ainda dentro dela, de saber que era minha noiva e que dali a duas semanas seria minha esposa. A única mulher que me fez amar sem reservas, com tudo que eu tinha.

Afastei um pouco a cabeça, fitando-a.

Ana estava ali, inerte, lânguida, mal podendo abrir os olhos. Sorri, erguendo-me mais até que a única parte que me ligava a ela era meu pau. Segurei-o pela base e o tirei, sentindo como

deslizava gostoso, banhado por seus líquidos e meu esperma. Gemeu baixinho, fitando-me.

— Que café da manhã delicioso — falei com malícia. E fui desamarrá-la. — Tudo bem?

— Sim.

Guardei a corda na caixa, junto com o espancador. Então segurei suas mãos e a ajudei a sentar na mesa; fiquei de pé entre suas pernas. Subi minhas mãos de sua cintura para as costas, passeando meu olhar em seu rosto, até encontrar seus olhos caramelados e expressivos.

Ana me abraçou pelo pescoço, seus dedos em meu cabelo, dizendo baixinho:

— Você me deixa louca, João. Vou morrer de tanto gozar.

— Ah, é? — Acabei rindo, puxando-a mais para mim. — Pode deixar, sou médico. Quando estiver agonizando, salvo você.

— Estou falando sério. — Mas acabou sorrindo. Mordeu os lábios e falou algo que já devia incomodá-la há algum tempo: — Sabe, João, esses têm sido os dias mais felizes da minha vida. Mas algumas vezes sinto você meio...

— O quê?

— Controlado. Tinha um bom tempo que não

pegava essa caixa. Às vezes sinto que me trata como se eu fosse quebrar, quando sei que está doido para ser mais bruto. Hoje não, foi diferente. Senti que se descontrolou um pouco. E volto a repetir, sei minha palavra segura. Não precisa se limitar por minha causa.

— Ana... — Sério, acariciei seu rosto, erguendo-o para fitar diretamente seus olhos. — Sabe como sou. Viu aquele vídeo de como posso machucar. Prefiro jogar com você somente quando sei que não corro o risco de te fazer sair correndo.

— E quem disse que vou correr, João? Quanta coisa já fez comigo e fiquei! — Suspirou, tentando se fazer entender. — Amo você e sei que me ama. Não vai me machucar.

— Vou. Posso fazer isso. Dentro de mim tem esse desejo que sei que é insano, mas faz parte do meu ser.

— Sei disso. Mas, se for demais, falo a palavra segura. Não é simples?

Não era nada simples. Fitei-a calado, pensativo. Talvez eu fosse um homem doente, por amá-la tanto, adorar quando fazia amor com ela, mas mesmo assim ter vontade de marcá-la, de bater, de ser bruto e dominador. Eu queria mais. Muito mais.

No entanto, havia medo de que Ana me olhasse como daquela vez, quando viu o vídeo. Com medo e repulsa.

— Não quero você pela metade, meu amor. Quero inteiro. Não se prive de nada por mim. Se não suportar, eu aviso. Juro. — Beijou suavemente meus lábios. — Ao menos me diga o que pensa. O que quer. Quais são esses desejos que às vezes vejo em você e que esconde.

— Ana, você sabe o que é. Já sentiu um pouco e viu.

— Mas me fale. Só algumas coisas. Por favor.

Fitando seus olhos doces, cheios de amor e de entrega, eu me senti dividido. Era intenso demais. Mas minhas taras eram ainda maiores. Confessei parte delas, seco, duro:

— Quero ter um quarto de jogos em casa. Poder amarrar você pendurada ou na cruz, fazer o que quiser, usar objetos em você e também meu chicote. Quero que seja minha escrava, só minha. Que use uma coleira em alguns momentos. Quero poder castigar você mais duro do que possa suportar, Ana. E sei que se fizer uma coisa assim, vai me odiar.

— João... — Estava assustada, mas também

excitada.

— Escute, eu me acostumei com essas coisas desde muito novo. Mas, desde que estamos juntos, tudo isso foi para segundo plano. Posso me realizar plenamente como hoje, usando o que sei que pode suportar. E é assim que quero.

— Não sei se suportaria a dor real de um chicote, de ter minha pele marcada. Mas posso tentar, assim como...

— Não.

— Mas eu...

— Não, Ana. Eu não quero arriscar. — Fui bem decidido.

— Mas e se eu quiser?

Sentia meu interior esquentar, algo rebulir em mim, querendo ganhar força. Abracei-a, pondo sua cabeça em meu ombro, colando-a ao meu corpo com medo de sequer pensar em perdê-la.

— Não queira alimentar o mal que há em mim, Ana. Que homem em seu juízo perfeito quer machucar a mulher que ama?

— Olha, vamos fazer assim. — Afastou-se um pouco, buscando meu olhar. — Deixamos a dor forte para depois ver como fica. Mas as outras coisas... A cruz, o bondage, a servidão... Podemos

PERIGOSAS NACIONAIS

fazer às vezes, experimentar, ver o que sinto. Se não der certo, tudo bem. O que acha?

— Acho que está ficando louca. Quero mudar por sua causa e você quer que me torne ainda mais tarado.

Ana sorriu, acariciando meu queixo.

— Não quero que mude por mim. Quero você inteiro, João, do jeito que é.

— Por que tenho a impressão de que tudo isso pode se voltar contra a gente? — indaguei baixo.

— Só se deixarmos.

— Vamos pensar com calma. — Foi tudo o que pude prometer.

— Tá, concordo. — Suspirou e seu sorriso se ampliou. — Meu estômago está roncando de fome. Enquanto se fartava com o leite condensado, eu olhava faminta.

— Da próxima vez deixo fazer o mesmo comigo. — Sorri.

— É uma promessa? Vou poder te amarrar e lambar todo com doce?

— Amarrar não.

— Amarrar sim. Ah, João, vamos! Diz que deixa!

Era uma graça, tão doce e insistente, ali nua entre meus braços. Como eu podia negar alguma coisa?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Deixo. Mas não hoje.

— Vou cobrar! — disse animada, me enchendo de beijos. — Agora vamos tomar café que daqui a pouco tenho que sair.

— Pra onde? — indaguei, enquanto descia da mesa.

— É uma das últimas provas do meu vestido de noiva. — Sorriu, feliz. — Minha mãe e Paola vão comigo.

— Pensei que passaríamos o dia juntos. Talvez pegar um cinema.

— Podemos ir mais tarde. Meu amor, faltam duas semanas! Nem acredito!

E enquanto falava do vestido, eu pensei que também não acreditava. Mas esperava ansiosamente aquele dia.

ANA FLOR

— Meu Deus! Está linda! — minha mãe exclamou, emocionada, quando fiz a última prova do meu vestido de noiva.

Eu sorri amplamente, com lágrimas nos olhos. Era tão perfeito, tão lindo, que estava difícil controlar minhas próprias emoções.

PERIGOSAS ACHERON

— Linda mesmo! Parece um sonho! — disse Paola, toda feliz.

Sim, era um sonho. Um sonho que ia se realizar.

Virei para o espelho, sem acreditar que a mulher naquele vestido maravilhoso, com expressão de júbilo, era mesmo eu.

O corpete era justo, tomara que caia, todo bordado luxuosamente. Marcava a cintura, o início do quadril arredondado e então caía em organza todo em pequenas ondas verticais, frisadas, dando a impressão de volume, leveza e movimento, até meus pés. Ainda mais perfeito do que eu tinha imaginado.

— Está todo pronto. — A dona da chique loja de vestidos de noiva falou ao meu lado, satisfeita.

Lembro que quando cheguei ali com João, ela dissera que no mínimo precisaria de dois meses para aprontar o vestido. O problema era que só tínhamos um mês, já que João não queria esperar mais. Estávamos correndo com tudo, com o buffet, os convites, os preparativos. A cerimônia seria na casa dos tios dele, ao ar livre, na segunda semana de dezembro.

E então João ofereceu o dobro do valor para o vestido ficar pronto. A senhora dona da grife não

teve como recusar. E lá estava ele, todo meu, bem antes do prazo.

— Eu amei. — murmurei, tão feliz que parecia a ponto de explodir.

— João vai babar. — Paola riu, cutucando minha mãe.

— Nem posso acreditar nesse conto de fadas! — Ela suspirou, sorrindo para Paola e depois para mim. — Um vestido que é um sonho! Um noivo daqueles, o homem mais lindo que já vi na vida... Um anel de noivado maravilhoso! Morar naquela cobertura... Ai, Ana Flor! Dessa vez você se superou! Tenho que dar o braço a torcer!

Eu dei risada, pensando se minha mãe diria o mesmo se eu estivesse casando com um assalariado. Estaria agora infernizando minha vida, arrancando os cabelos.

Rodeei a mim mesma, sem acreditar em tanta perfeição.

— E o cabelo? — indagou Paola.

— Ela optou por um véu simples. — explicou a dona da grife. — Já está quase pronto.

— Ah, Ana! É um sonho! — Mamãe suspirou.

Desfilei com o vestido, sem querer tirá-lo nunca mais. Por fim, tive que fazer isso e ficou

combinado que seria entregue na casa da minha mãe com o véu e os complementos, sapato e buquê, uma semana antes do casamento. Depois nos serviram champanhe e Paola encarnou em mim, dizendo que agora eu era uma mulher chique.

Elas queriam sair para almoçar comigo, mas eu sabia que João estava me esperando. Minha mãe se despediu com um beijo, toda feliz, indo para seu carro. Eu e Paola resolvemos conversar um pouco mais e fomos a um restaurante ali perto tomar um suco.

— Isabel está nas nuvens! — brincou Paola.

— Nem me diga! — Acabei rindo, enquanto nos sentávamos perto da janela. Depois que o garçom anotou nossos pedidos, eu continuei: — Tem que ver como trata o João. Parece apaixonada por ele!

— E ele?

— Também é um príncipe! O perfeito genro, todo cuidadoso e cheio de afeto. Acho que se eu me separasse dele, minha mãe me mataria! Talvez me enterrasse viva!

Rimos juntas.

— Mas me conta, e os preparativos do casamento? Muita correria?

— Mais ou menos. Sabe o que descobri? Com

dinheiro, as coisas acontecem como mágica. — Pisquei para ela. — Convites foram entregues, ornamentação e buffet escolhidos, músicas que serão tocadas ao vivo por violinistas, DJ, tudo caminhando.

— Sem contar que vão ter os melhores padrinhos do mundo! — Sorriu para mim, referindo-se a ela e Vítor.

— Pois é, tudo perfeito! Obrigada. — agradei quando o garçom trouxe o suco. Apoiei o queixo na mão e suspirei. — Nem acredito que estou vivendo tudo isso, Paola. Desejei João desde que vi a sua foto e olha agora, vou casar com ele!

— Está feliz?

— Feliz? Meu Deus, nem tenho palavras!

— E aquele diabo loiro?

— Ah, nem fala que pode atrair! — Cheguei a me benzer ao pensar em Fernanda. — Sabe que às vezes tenho medo? Ela está calada demais.

— Ela sabe que vão se casar?

— Sei lá. Espero que não. Espero que tenha sumido e nunca mais apareça! — Respirei fundo e tomei um gole do meu suco. — Mas deixa de falar de mim. E você e o Vítor? Como vão as coisas?

— Cada vez melhores. — Sorriu, satisfeita. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Quem diria que eu ia me dar tão bem com aquele criação!

— Vítor precisava de alguém como você para colocá-lo nos eixos!

— E é mesmo! Fica pianinho comigo!

Nós rimos e conversamos um pouco mais. Depois, sabendo que João me esperava para almoçar, nos despedimos no estacionamento e Paola se afastou para pegar seu carro. Caminhei em direção ao meu. Estava distraída, abrindo a porta, quando senti alguém surgir ao meu lado. Meu coração parou na boca quando dei com os olhos frios de Fernanda.

— E então, como ficou o vestido da noivinha do ano?

Senti-me gelada por dentro. O ódio dela vinha disfarçado em um sorriso alegre. Nem sua beleza alta e elegante conseguia esconder sua feiura por dentro. Tentei não demonstrar meu mal-estar, meu incômodo. Encarei-a, séria.

— Como sabe que vim escolher meu vestido? Está me seguindo?

— Digamos que passava por aqui.

— E esperou eu voltar para me abordar. Pois saí da loja há mais de quarenta minutos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Esperei que ficasse sozinha, querida. — Seu sorriso se ampliou.

Pensei como João poderia ter ficado tanto tempo com aquela mulher odiosa. Se queria me assustar, não dei a ela aquele gostinho. Mesmo sendo mais baixa, ergui o queixo e indaguei com a máxima frieza que consegui:

— Por quê? Quer me mandar mais algum vídeo?

— Não. Quero avisar que conheço João pelo avesso. Sei o que fazer para fazê-lo voltar correndo para meu lado, de onde nunca devia ter saído.

Nunca vi olhos tão maléficos. Por um momento, senti um arrepio de medo na coluna. Mas me mantive firme.

— Recado dado. Mais alguma coisa?

— Não acredita em mim?

— Olha, Fernanda, tenho mais o que fazer além de ficar aqui falando com você

— Imagino que tenha. João deve estar te mantendo bem ocupada na cama. Que homem gostoso, não é? Já fez com você aquele negócio com a língua, quando...

— Com licença. — Fui abrir a porta do carro, mas ela a bateu de repente, assustando-me. — Está louca?

PERIGOSAS ACHERON

— Não queira me ver irritada, Ana. — Aproximou um pouco o rosto, tão furiosa que suas bochechas ficaram vermelhas. — Foram anos de espera. Eu sabia que ele ia acabar vendo que só podia se casar comigo, que éramos iguais! Você estragou tudo!

Eu a deixei vociferar, sentindo realmente medo. Aquela mulher não estava bem. Era uma louca obcecada por João e pessoas assim eram capazes de qualquer coisa.

— Mas não pense que acabou! Ah, não! Você não é mulher para ele! Nunca vai vê-lo em sua essência, um macho alfa dominador e senhor de tudo, porque é uma cagona, uma baunilha de merda! E sabe quem ele vai procurar quando se cansar de brincar de casinha? Sabe?

Apesar de me sentir trêmula, o ódio também me envolveu. Irritada, eu afastei sua mão do meu carro com um tapa e disse, também chegando bem perto da sua cara:

— Fique esperando! E enquanto isso, saia do meu caminho. Não tenho paciência para loucas! — Abri a porta e entrei. Fernanda ainda tentou me impedir de fechar, mas a empurrei, bati a porta e travei-a.

— Não vai ficar com ele! — Socou o vidro, fora

PERIGOSAS NACIONAIS

de si de um jeito que nunca vi. — Não vai!

Não a olhei. Liguei o carro e saí dali o mais rápido possível, tremendo e com raiva. Somente então a vi pelo espelho retrovisor, parada no meio do estacionamento com os punhos cerrados e o olhar mortífero. O medo me engolfou de novo, deixando-me gelada.

*

João me esperava para sairmos, comermos fora e depois dar um pulo no shopping e no cinema. Mas mal entrei, viu logo que algo não ia bem. Ergueu-se do sofá, de onde via um jogo, franzindo o cenho:

— O que houve, Ana?

— Nada — falei entredentes, deixando minha bolsa numa poltrona.

— Diga. — Parou à minha frente, erguendo meu queixo. Encontrei seus olhos azuis preocupados e parte de minha raiva e incômodo se foram. — Deu algum problema com o vestido?

— Não, está pronto e lindo.

— Então...

— Fernanda me esperava do lado de fora, no estacionamento.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

João ficou quieto, mas a irritação tingiu suas feições lindas.

— Merda. O que ela queria?

— Dizer que você ia acabar se cansando de mim e voltando pra ela. Basicamente isso — falei, cansada. — Mas sabe o que me deixou mais preocupada, João? É que parecia louca, descontrolada.

— Nunca pensei que fosse assim. — Passou as mãos pelo cabelo, nervoso. — É a primeira vez que age dessa maneira.

— Porque antes nunca sentiu que poderia perder você.

É, acho que é isso mesmo. — Ergueu as mãos e me puxou para seus braços, beijando minha cabeça. Murmurou, ainda muito irritado: - Vou dar um jeito nisso, não se preocupe.

— Não. — Olhei-o, ansiosa. — Acho que o melhor é ignorá-la, João. Ela quer isso, nos irritar, chamar a atenção. Se for falar com ela, mesmo que para discutir, vai provocar ainda mais.

Vi que para ele era difícil ignorar algo assim, ainda mais vindo de uma pessoa que até pouco tempo era sua melhor amiga e amante. Mas capitulou.

PERIGOSAS ACHERON

— Você tem razão. Mas quero que me diga se ela te perturbar de novo.

— Vou dizer. — Abracei-o forte, mais aliviada. Cheirei sua camisa, sentindo seu perfume gostoso, sem querer que aquela mulher atrapalhasse nossa vida, nem um pouco. — Vamos esquecer a Fernanda, João. Não íamos sair, almoçar fora?

— Nós vamos — ele afirmou e me apertou.

Lembrei do que Fernanda disse, que eu não era mulher suficiente para ele e que um dia João buscaria alguma que correspondesse aos seus prazeres mais perversos. Senti o medo me invadir, mas lutei contra ele.

Sabia que éramos muito diferentes. Mas, assim como João estava tentando se adaptar ao meu mundo, eu também queria me adaptar ao dele. E, se fosse sincera comigo mesma, ficava excitada imaginando que outras coisas poderia me mostrar. Porque ao menos eu sabia que não me machucaria de propósito. Ele me amava.

Ao mesmo tempo, pensava se tudo aquilo seria coisa de uma pessoa normal. João tivera uma infância diferente, que o moldara. Sei que em alguns momentos de sua vida tentou ser “normal”, abafando seu lado dominador, mas acabou não

PERIGOSAS NACIONAIS

conseguindo. E isso poderia acontecer de novo. Em vez de querer trazê-lo para o meu lado, onde tudo era mais seguro e previsível, eu estava me propondo a me arriscar no dele.

O que acontecia era que eu procurava um ponto de equilíbrio em nossa relação. Estava tão desesperadamente apaixonada por João que tremia só com a possibilidade de perdê-lo. Além disso, eu o desejava loucamente. E ficava curiosa, cada vez mais curiosa. Embora o medo permeasse tudo, eu queria ser toda dele, até onde fosse prazeroso para ambos.

Beijei seu pescoço e senti seu corpo alto e musculoso contra o meu. João segurou minha cabeça e buscou minha boca, em um beijo gostoso e apaixonado. Derreti em seus braços, sentindo seu gosto, sua língua contra a minha, seus lábios saboreando os meus.

Ali era o meu lugar, onde me sentia viva, feliz, exultante. Acaricieei suas costas e retribuí com todo meu amor. Terminamos com beijinhos e carícias. Sorri e recebi seu sorriso lindo de volta. Acho que nunca me acostumaria com sua beleza, com o fato de ser tão dolorosamente másculo e gostoso. Era sempre um baque ao fitar João.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Saímos e foi um dia maravilhoso. Almoçamos juntos, conversamos, falamos sobre o casamento e nossos planos futuros.

Depois fomos ao shopping, tomamos sorvete e andamos de mãos dadas. No cinema sentamos juntinhos e apreciamos um filme legal e engraçado. Me diverti muito e João também. Na saída, fez questão de me levar em uma loja chique e comprou várias lingerie para mim, dizendo que era em proveito próprio e sorrindo malicioso.

E na volta para casa perguntou se eu não queria ir a um sex shop. Neguei, envergonhada, o que o divertiu. Mas insistiu e acabei seguindo para lá com ele. Entrei sem graça, me escondendo como uma criminosa. Mas logo ria de algumas coisas que me mostrou, como pênis em forma de vegetais como pepino, milho e cenoura, e me interessava por outras.

Quando João pegou uma cesta e me entregou, eu o olhei vermelha:

— Para que isso?

— Para escolher o que quer levar. — Sorriu, seus olhos azuis brilhando.

— Mas eu... Não quero nada — murmurei.

— Ana, aqui ninguém nos conhece. Escolha.

PERIGOSAS ACHERON

— Não. Não mesmo.

— Então vou escolher.

E andou tranquilamente entre as prateleiras, enquanto eu ia a seu lado atenta e envergonhada. Não acreditei quando começou a encher a cesta: um estimulador clitoriano Butterfly, que era uma pequena borboleta que vibrava; bolinhas explosivas para pôr dentro da vagina antes da penetração; um anel peniano de silicone, com uma cápsula vibradora junto para estimular o clitóris durante a penetração.

Eu olhava aquelas coisas calada. Até que João me deu um sorriso safado e pegou dois vibradores rotativos que imitavam um pênis, com veias e tudo. Ambos medianos. Arregalei os olhos quando ele jogou na cesta ao jogá-los na cesta, nem um pouco envergonhado.

— Para que isso? — murmurei.

— Para mim é que não é. — Seu sorriso se ampliou e beijou o lóbulo de minha orelha, murmurando: — Você vai gostar.

— Como se precisasse de tudo isso para incrementar nossa vida sexual. — Resmunguei, fazendo-o rir.

Jogou ali também calcinhas comestíveis e outras

PERIGOSAS NACIONAIS

coisas, que me recusei a continuar monitorando o que era, já vermelha como um pimentão. Quando foi no caixa pagar, me afastei disfarçadamente, esperando-o perto da porta.

João saiu de lá com duas sacolas, segurando minha mão e rindo com vontade.

— Você é um tarado — falei baixo, dando uma cotovelada de brincadeira nele.

— Agora que notou isso? — Me abraçou pela cintura com um dos braços, enquanto andávamos até o carro.

Acabei sorrindo também. João estava querendo acabar comigo.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 2

Uma ameaça paira no ar.

*Ainda bem
Que agora encontrei você
Eu realmente não sei
O que eu fiz pra merecer
Você*

(Ainda Bem - Arnaldo Antunes / Marisa Monte)

JOÃO PEDRO

Na segunda-feira eu saía do hospital mais tarde do que o previsto, após uma cirurgia de emergência. Já passava das sete da noite e minha vontade era a de ir logo para casa, tomar um bom banho, aproveitar e relaxar com Ana. Por isso, nem fui para a academia naquela noite.

Tinha descoberto que ela adorava cozinhar e fazia questão de preparar nosso jantar quando chegava do trabalho ou nos fins de semana. Sua comida era deliciosa e eu me sentia paparicado, cuidado, pois sempre perguntava o que eu gostava e tentava me agradar.

Em nossas conversas, tinha me dito que quando engravidasse pararia de trabalhar fora e viveria somente para a casa, para mim e os filhos, o que sempre quis. Segundo ela, enquanto as amigas falavam em ser profissionais de sucesso e independentes, ela sonhava com seu príncipe encantado, em ter seu lar e seus filhos e cuidar de tudo.

Falar em filhos ainda mexia comigo, depois do que Angélica fez, matando-se com meu filho na barriga. Tinha jurado a mim mesmo nunca mais

pensar naquilo ou em crianças, mas agora com Ana, eu começava a desejar. Só pensar de ter uma parte dela e minha misturadas, de criar filhos nossos, eu me enchia de esperança, de desejo. Não parecia nem um pouco ruim.

Aliás, nada parecia ruim com Ana ao meu lado. Eu me sentia outro homem, feliz, realizado, almejando coisas que antes para mim não significavam nada, mas que com ela ganhavam novas dimensões. O que mais me encantava era o fato de ela transformar coisas simples em maravilhosas. Andar de mãos dadas, ir à praia em frente dar um mergulho, ou simplesmente sentar lado a lado no sofá para ver televisão, tudo era delicioso, prazeroso, com sua presença ao meu lado.

Cheguei ao estacionamento enorme do hospital e vi Fernanda encostada em meu carro, olhando para mim. Eu não a via desde a vez que fui a seu apartamento e discutimos. Apesar de trabalharmos no mesmo hospital, eram alas diferentes e eu tinha evitado o setor de dermatologia, de onde ela vinha. Por algum motivo, também se mantivera distante. Até agora.

Primeiro procurara Ana, no sábado. E agora a

PERIGOSAS ACHERON

mim, ali. Mas eu sabia por quê. Estava vendo que meu caso com Ana não acabaria tão rápido como achou e com certeza alguém falou de meu casamento. Agora ia tentar impedir.

Sério, parei à sua frente, sem desviar os olhos dos dela.

— Estava esperando você, João — falou baixo, parecendo tranquila. Quase a mulher que eu conhecera praticamente a vida toda.

— Percebi.

Apesar de suas atitudes me irritarem, eu me sentia mal perto dela, pois lembrava o quanto fomos amigos, o quanto esteve sempre ao meu lado. Vivemos muita coisa juntos. Desde sexo até estudo, amizade, confissões, risadas. E agora, tê-la como inimiga declarada me magoava mais do que eu queria admitir.

— Fale — disse frio.

— Ana te contou que eu a procurei no sábado — afirmou. Estava elegante, toda de branco, na certa saindo de um plantão. Mas seus olhos verdes tinham uma camada de maquiagem e parecia fresca, arrumada.

— Claro que contou. O que você quer, Fernanda?

— Eu... Me desculpar. — Respirou fundo,

parecendo realmente arrependida. — Foi criancice. Como ter mandado o vídeo para ela.

— Criança não faz algo assim. Você fez bem consciente, com raiva.

— Admito. Mas tente entender, João. Você sempre foi tudo para mim. Acho que me acostumei com a relação que tínhamos. De repente, tudo mudou! Foi me deixando de lado, só pensava nela. E naquele restaurante, quando não tirou os olhos de Ana, eu... — Ela calou-se, agoniada, chateada. — Fiquei com ciúme. Louca! Sempre me disse que não se envolveria, que nenhuma mulher teria algo sério de você, que achei que ficaria em sua vida para sempre.

Eu a ouvia, incomodado, calado. Ela continuou:

— Fiquei tão perturbada! Então soube que se casaria e perdi a cabeça. Não devia ter feito nem dito nada daquilo para ela. Vim aqui me desculpar com você e farei o mesmo com Ana. Prometo que não me meto mais na vida de vocês, João. Vou me manter longe.

Parecia tão triste, tão arrependida, que me senti mal. Nossa amizade de anos pesou muito naquele momento. Lembrei de como estive ao meu lado quando Angélica se matou daquele jeito violento na

minha frente, estando grávida. De suas próprias tragédias que desabafava comigo, de seu companheirismo todos aqueles anos.

Sim, Fernanda tinha errado feio. Ela quase conseguiu separar Ana de mim, com seu veneno e o vídeo que enviou a ela, mas agora parecia se dar conta de suas burradas. Observei-a, sem notar falsidade ou malícia. E foi isso que me doeu mais. Nunca imaginei que nossa amizade poderia terminar daquele jeito.

— Era só isso. — Seus olhos verdes, sempre tão límpidos e claros, não se desviaram dos meus. — Acho que nada do que eu disser vai fazer você me perdoar, mas eu precisava falar, tentar me redimir. Espero que seja muito feliz, meu amigo. Você merece. Um belo casamento e uma bela vida. É isso. Adeus.

Desencostou-se do carro e se afastou. A dor dentro do meu peito aumentou e, antes que eu pudesse pensar no que fazia, chamei-a alto:

— Fernanda, espere.

Ela parou e virou devagar, séria, arrasada. Talvez eu estivesse sendo bobo, mas acreditei nela.

— Vamos deixar o tempo resolver as coisas. Sei que agora muita coisa aconteceu, está todo mundo

magoado, mas... Você sempre foi importante em minha vida. Não quero que saia assim, depois de tantos anos.

— Você sempre me surpreendendo, João. — Deu um sorriso triste. — Acho que Ana está fazendo bem mesmo a você. Está mais maleável, meu amigo. É muita generosidade sua. E agradeço. Vou tentar provar que não quero seu mal nem o dela.

Eu apenas a observei, dividido, sem saber até que ponto podia confiar de novo em Fernanda. Pensei que se nada daquilo tivesse acontecido, se ela tivesse aceitado meu caso com Ana numa boa, eu a teria chamado como madrinha do meu casamento. Agora nem convite eu lhe dei. E aquilo também doeu em mim.

— Só de saber que não me odeia, já me sinto melhor. Obrigada. A gente se vê por aí. — Acenou e se afastou.

Fiquei ainda um tempo ali, muito chateado. Por fim, entrei em meu carro e fui para casa, pensativo, sem saber o que concluir de tudo aquilo. Mas desejando profundamente que Fernanda estivesse sendo sincera.

Cheguei ao apartamento às oito horas da noite. Uma música suave do Charles Aznavour tocada no

piano podia ser ouvida, assim como um cheiro bom se espalhava pela casa. Segui para a cozinha, já esperando ver Ana nua de novo com aquele avental azul, mas ela cantava em francês e terminava de preparar uma massa, bem comportada em jeans e camiseta, descalça. A seu lado, no balcão, uma bela salada colorida e uma garrafa de vinho aberta, seu cálice pela metade.

— *La bohème... La bohème...*

Calou-se ao dar comigo, parado olhando para ela. Ficou corada e sorriu sem graça.

Sorri também, apaixonado. Toda a angústia e mal-estar que tinham me acompanhado até chegar em casa pareceram sumir como fumaça.

— Pode continuar, estou gostando.

— Se eu soubesse que estava aí, nem teria começado. — Deixou o pirex com a massa sobre o balcão e veio até mim. — Sou péssima cantora. Em francês, então!

E me abraçou, ficando na ponta dos pés para beijar meus lábios, murmurando:

— Estava com saudade. Foi para a academia?

— Não. Tive uma cirurgia de emergência à tarde.

— Puxei-a contra mim e beijei-a na boca, saboreando-a, envolvendo sua língua na minha.

PERIGOSAS NACIONAIS

Como era bom estar em casa, estar com ela! —
Sentiu saudade mesmo?

— Muita! — Deslizou os lábios em meu queixo, suas mãos em meu cabelo. Acomodei seu corpo contra o meu, feliz e excitado, descendo as mãos até sua bunda dentro da calça, esfregando-a contra meu pau que enrijecia.

— Ei! — Empurrou-me de brincadeira, rindo. — Isso só depois.

— Tem certeza?

Tentei segurá-la de novo, mas escapou, divertindo-se, voltando ao pirex com a massa.

— Cheguei morta de fome! Tenho que comer ou vou desmaiar. Pior! Vou ficar mal-humorada. — Foi colocar o que fizera no micro-ondas.

— Tudo, menos mau humor! — Ergui as mãos, rendido. — Vou tomar um banho e volto pra gente comer.

— Isso! Aqui é rapidinho. Vou pôr a mesa.

Era uma vida tão gostosa aquela! E saí sorrindo da cozinha.

Jantamos juntos e, como sempre, estava tudo gostoso. Já terminávamos, tomando apenas nosso vinho, quando Ana indagou:

— Como foi seu dia no hospital?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Complicado. — Deixei a taça vazia sobre a mesa, satisfeito, mas um pouco quieto. Ela notou.

— Algum paciente morreu?

— Não.

— Estou te achando meio calado, João.

Eu a fitei. Achei melhor contar o que tinha acontecido:

— Fernanda me procurou.

— Ah, não! — Ana balançou a cabeça, irritada.

— O que essa mulher quer?

— Foi diferente dessa vez, Ana.

— Diferente como? — Franziu o cenho.

— Ela pediu desculpas por tudo. Acho que estava mesmo arrependida.

Ana me observou. Então falou, séria:

— E isso mexeu com você.

— Um pouco. Fernanda é minha amiga há muitos anos, Ana.

— Amiga e outras coisas — disse um pouco enciumada.

— Não é isso. — Estava sério também, tentando fazê-la entender. — É a primeira vez que brigamos e fiquei muito chateado com ela. Quase conseguiu nos separar, parecia uma louca irreconhecível quando conversamos a última vez em seu

PERIGOSAS ACHERON

apartamento. Mas agora... me disse que vai se afastar e pediu perdão por tudo. Vai até falar com você.

— Eu não quero falar com ela! — reclamou, irritada, inclinando-se para frente, fitando meus olhos. — Como pode mudar tão de repente? No sábado estava toda cheia de ameaças!

— Ana...

— Eu sei o que vi, João. Assim como naquele restaurante, quando me encurralou no banheiro. Seu olhar era de ódio, de uma pessoa descontrolada.

— Mas ela nunca foi assim. — Segurei suas mãos sobre a mesa, um pouco irritado também. — Não pode ter enlouquecido de repente! Foi apenas uma reação ao fato de saber que eu a deixaria.

— Vai defendê-la agora?

— Não é questão de defesa.

— Ah, não? E é o quê?

— As pessoas erram, Ana. E se arrependem. Conheço Fernanda há muitos anos. Estava sendo sincera hoje.

— Daqui a pouco vai querer mandar um convite do nosso casamento para ela! — Quando não falei nada, puxou as mãos e arregalou os olhos. — Não

PERIGOSAS NACIONAIS

acredito!

— Vamos esperar para ver.

— Mas eu não quero aquela mulher no meu casamento, João! — Levantou-se, com raiva. — Ela vai para infernizar a gente, estragar tudo!

— Ana... — Levantei também.

— Aposto que é tudo mentira. Não confio nela. Sei o que vi em seus olhos, não desistiria tão fácil assim.

— Só estou dizendo que você pode estar enganada. Não decidi nada. — Também fiquei com raiva, pois Ana nem queria me ouvir ou conversar.

— Não acredito nisso... — Balançou a cabeça. — Está caindo na conversa dessa mulher!

— Pare de dizer besteira, Ana!

— Besteira?

— Foram anos de amizade. Acho que a conheço muito mais do que você.

— Então fique com ela! — Revoltada, deu-me as costas, saindo da cozinha.

— Ana! — Fiquei furioso quando não me respondeu nem parou.

Dei dois passos, disposto a segurá-la e fazê-la me escutar, mas parei, nervoso, irritado. Sabia que daquele jeito a coisa não ficaria boa. Respirei fundo

PERIGOSAS ACHERON

e não fui atrás dela. Que tudo se danasse!

ANA FLOR

Eu bufava de raiva e de ciúmes ao entrar no quarto. Pior, eu me sentia de mãos atadas e tinha certeza de que Fernanda estava mudando de tática para atrapalhar nossa vida. Não conseguiu chamar atenção o suficiente com seu descontrole, então ia usar os anos de amizade com João a seu favor, para se imiscuir novamente no meio de nós e espalhar seu veneno. Como João não via isso?

Fui ao banheiro escovar os dentes e depois andei pelo quarto, chateada, preocupada, pensando que ela já tinha tido a primeira vitória, fazendo-o pensar em deixá-la se aproximar, o que criara aquele desentendimento entre nós. Só de pensar em ter que conviver com aquela mulher maligna, eu me arrepiava toda.

Sabia que a irritação em uma hora daquelas só daria mais pontos a Fernanda, era o que queria. Precisava manter a calma e ser inteligente, não me deixar levar pelo ciúme e a raiva, pois aí eu que passaria como errada, egoísta, ciumenta. E ela como a pobre amiga arrependida e injustiçada. Que

PERIGOSAS ACHERON

raiva!

Precisando desesperadamente me desligar daquele assunto, tirei a calça jeans, fiquei de shortinho e peguei um livro que estava lendo, dos muitos que eu adorava. Me acomodei na cama, recostada nos travesseiros e abri na página em que parei, retomando a leitura. Os livros eram sempre meus companheiros nas horas de tristeza ou alegria. Mesmo chateada, irritada, mergulhei na leitura do romance erótico.

Não sei quanto tempo passou. Tinha conseguido me distrair quando ouvi e vi João entrar no quarto. Na mesma hora minha atenção foi voltada para ele, mas me controlei e fingi nem ter notado. Senti que me olhou, observou o que eu fazia e então foi ao banheiro. Quando voltou, eu o ignorei de propósito, ainda magoada por ter defendido Fernanda e caído na conversa dela.

Mesmo assim, fiquei atenta ao que fazia, até que se deitou na cama ao meu lado. Nem me movi, olhos fixos na página do livro sem conseguir ler nada. Apesar de estar adorando a história, com João ao meu lado eu não conseguia mais pensar em nada. Com o canto do olhar, notei-o pegando o controle e ligando a tevê. Parecia impaciente, pois

foi mudando de canal sem nem dar tempo para ver o que passava. Continuei imóvel.

Então, depois de algum tempo, desligou a televisão e se virou para mim, recostado nos travesseiros ao meu lado. Senti a força e a intensidade dos seus olhos azuis, mas continuei imobilizada, fingindo não perceber. Virou uma guerra de forças e de nervos, eu olhando para o livro e João me encarando. No quarto, apenas o silêncio. Podia sentir a raiva dele, a irritação vindo até mim como em ondas, mas eu também estava irritada.

— Não vai virar essa página?

Sua voz grossa e seca me assustou e corei, percebendo que estava na mesma página há um tempão.

— Quando você parar de me encarar — retruquei baixo, sem me dignar a olhar para ele.

— Chega de birra, Ana. Feche esse livro.

— Não. — Irritei-me mais com seu tom autoritário.

— Olhe para mim.

Não olhei. Observou-me e então, sem mais nem menos, puxou o livro da minha mão. Eu o fitei, corada, zangada. Mas não como João, que estava

PERIGOSAS NACIONAIS

com expressão fechada e tempestuosa.

— Devolva meu livro, João.

— Não gosto de ser ignorado — disse entredentes, seu olhar intenso e encolerizado fixo no meu.

— Só estou lendo. — Estendi a mão. — Meu livro.

Eu sabia que estava mexendo com fogo. Sabia o quanto era autoritário, mandão e dominador, o quanto odiava quando eu o contrariava, embora isso acontecesse pouco. Mas ergui o queixo, não querendo capitular daquela vez. Além da zanga, estava magoada por ele ainda defender Fernanda.

Pensei que falaria algo duro ou daria alguma ordem para tentar me dobrar, mas se levantou com meu livro na mão e foi em direção ao closet.

— Eu quero meu livro! — reclamei furiosa, já indo para a beira da cama, disposta a ir atrás dele. Mas João voltou logo. Sem o livro e com aquela sua caixa pornográfica na mão. Arregalei os olhos, sem poder acreditar. — Acha que vou transar com você agora?

— Você vai. — Sua voz calma me deu um arrepio na coluna. Mas ignorei aquilo, revoltada por achar que podia mandar em mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pois não vou — avisei me levantando, enquanto ele deixava a caixa na poltrona, a abria e se erguia, seus olhos azuis com aquele brilho duro e dominador.

Fitei suas mãos e vi dois objetos. Uma algema de metal e uma fita preta com uma bola vermelha no meio. Arregalei os olhos e falei logo:

— Foto! — Era minha palavra segura. Encarei-o, desafiando-o.

João se aproximou como uma pantera pronta a atacar, descalço, em jeans e blusa justa no peito. Só falou quando chegou perto, encurralando-me entre seu corpo e a cama:

— Já falei que isso só serve quando estamos transando.

— Mas...

Calei-me abruptamente quando ele me virou e jogou de bruços na cama. Já puxava meus braços para trás, com firmeza.

— O que... Não quero, João! — gritei com tanta raiva que meus olhos se encheram de lágrimas quando algemou meus dois pulsos nas costas. — Seu brutamontes! Homem das cavernas! Eu vou...

João puxou minha cabeça para trás e, sem que eu esperasse, pôs aquela bola vermelha na minha boca.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Tentei cuspir, me debati, mas já tinha prendido a fita na minha nuca, a bola impedindo-me de falar ou gritar. Somente então me largou, mas antes disse baixo em meu ouvido:

— Agora sim, vou foder você. Mas, infelizmente, está impedida de dizer sua palavra segura.

Quando se afastou, me virei e sentei na beira da cama, cheia de raiva, lágrimas de fúria descendo por meu rosto. Eu o odiei e tentei gritar, mas só gemidos abafados escaparam da minha boca. Mesmo sabendo que não ia conseguir escapar daquele jeito, me levantei, tentando demonstrar como estava revoltada.

— Quer me provocar, Ana? — E João arrancou o cinto da sua calça num gesto bruto. Eu fiquei imóvel, gelada. Não saiu do lugar. Em tom forte, despótico, sem tirar os olhos escurecidos dos meus, ordenou: — Deite-se de bruços na cama. Agora.

Eu pensei em correr, mas sabia que seria em vão. Vi em seus olhos possessivos e duros que faria o que quisesse, independente da minha vontade. Fitei o cinto em sua mão e um estremecimento de medo me percorreu. Quando o encarei de novo, percebi aquela fera que ele continha bem na superfície, pronta para atacar, me devorar.

PERIGOSAS ACHERON

Era irônico eu ter pedido a João que se soltasse, me mostrasse aos poucos seu lado mais duro e pornográfico. E agora ele fazia aquilo naquelas circunstâncias, quando nós dois estávamos irritados, sem que eu tivesse chance de falar minha palavra segura se fosse demais para mim.

— Agora, Ana.

Eu obedeci. Mas, enquanto me virava para a cama, uma coisa veio clara em minha mente: apesar de tudo, João me amava. E confiei que saberia meu limite, mesmo agindo sob o domínio de seus sentimentos de raiva. Deitei de bruços, com minhas pernas para fora da cama. Fiquei lá, quieta, meu rosto sobre o lençol branco perfumado, os cabelos caindo pelos ombros e costas, aquela bola em minha boca deixando-me muda. Assim, eu vi quando se aproximou lentamente.

Meu coração parecia sair pela boca, batendo muito rápido. Quando chegou muito perto e foi para trás de mim, fechei os olhos, com medo verdadeiro daquele cinto de couro. Fiquei rígida, tremendo, lembrando de como o vi usar seu chicote de maneira violenta naquele vídeo, de tudo que fez com Fernanda e a outra mulher, de sua frieza e agressividade. Mas o medo maior ficou por conta

do que seria nosso relacionamento dali para frente se João me machucasse de verdade, mais do que eu poderia suportar.

O pavor quase me fez encolher e tentar escapar, mesmo sabendo que não conseguiria. Fiquei tensa, na expectativa. E então senti sua mão atrás de mim, segurando o pequeno short coladinho que eu usava. Desceu-o, expondo minha bunda, até o meio das coxas. Deixou-me assim e com a blusa.

— Nunca mais me ignore, Ana. Se estiver com raiva, fale, diga por que, mas não me ignore — falou baixo, sua voz profunda fazendo meus nervos vibrarem.

Apertei os olhos, imobilizada, tentando me preparar para a dor, a surra, tudo o que pensava fazer comigo. E então, para meu completo pavor, ouvi o cinto estalar. Choraminguei com aquela bola na boca.

A primeira cintada atravessou horizontalmente minha bunda e estremeci, gritei sem voz, lágrimas pularam dos meus olhos sem controle. Ardeu, mas me dei conta que nem de longe era violenta como imaginei. As chineladas tinham ardido bem mais.

Soltei o ar, relaxei um pouco, então veio outra. Mais firme, dura, mas ainda assim suportável. A

pele esquentou, pareceu ganhar vida sozinha, gemi rouca, abrindo os olhos, fitando o quarto, ouvindo o silêncio e a respiração de João, levemente pesada. Estava consciente demais de tudo: minhas mãos algemadas nas costas, o colchão sob meu corpo, cada móvel em meu campo de visão, a bunda ardendo. Todos os sentidos pareciam ampliados, magnificados por tantas sensações.

Apesar da queimação, da humilhação e da raiva, foi inevitável sentir uma onda de tesão percorrer meu corpo. Estar ali, submissa, sabendo que poderia fazer qualquer coisa comigo dava-me um misto de medo e desejo, de prazer pornográfico e duro, rascante, sem controle. E então, veio mais uma vez o cinto, estalando mais forte em minha bunda, a dor me corroendo, fazendo-me berrar contra aquela maldita bola.

Contraí-me toda, tentei fugir, mas João espalmou a mão no final das minhas costas, mantendo-me firme na cama, deixando o cinto ao meu lado.

— Quer fugir do castigo? Mas ainda nem comecei. — E deu um tapa forte em uma das nádegas já ardida. Lágrimas vieram aos meus olhos e, antes que pudesse reagir, abriu minhas pernas para o lado e se ajoelhou no chão atrás de mim.

Suas mãos grandes e seguras estavam então em minha bunda quente, abrindo-a. Perdi a razão quando lambeu meu ânus, sua língua forçando o buraquinho, molhando-o, lubrificando-o. Um prazer violento me arrebatou e fiquei prostrada, gemendo, quietinha.

João lambeu-me e minha vulva latejou, ficando quente e melada, tão perto de sua boca. Uma nova palmada estalou em minha bunda dolorida e tremores varreram meu corpo, sem controle, impiedosamente. E assim me chupou e forçou a língua, massageando os globos vermelhos, espancando-os, mantendo-me no limite da dor e do prazer.

Pensei que não suportaria mais aquela pressão dentro de mim, aquela quentura que se espalhava em meu corpo, fazendo-me ondular, choramingar, palpitar. Minha pele estava muito sensível, vermelha, pinicando dolorida. Pensei em misericórdia e, como se tivesse me ouvido, ou soubesse que aquele era meu limite, parou de bater e lamber.

No entanto, não me deixou sozinha muito tempo. Olhei para trás, buscando-o, enquanto encontrava seus famintos e duros olhos azuis, concentrados em

mim, sua expressão carregada.

Senti um baque por dentro, tão dominada e dependente de João que só de olhá-lo eu já me sentia abalada, fora de mim, entregue. Eu era dele de uma maneira única, intensa, inegável. Não existia mais sem João.

— Preciso fazer isso — disse rouco, descendo o zíper de sua calça sem abri-la. Puxou o pau grande e grosso para fora pelo buraco e ele ficou ereto, inchado pelas veias. Quando veio por trás de mim, eu arfei desesperada, bombardeada pelo tesão irracional, louco.

Foi bruto, até cruel no jeito que me penetrou na vagina, entrando todo de uma vez, sem piedade, até o fundo. Senti-me totalmente cheia, invadida, dolorida, mas ao mesmo tempo o desejo veio ainda mais voraz, pois sua posse se consumou naquele seu jeito dominador, autoritário, de quem é arrogante e feroz, naturalmente um soberano controlando tudo ao seu redor. E ser seu domínio me deixava ainda mais excitada, apaixonada, arrebatada.

Como se não bastassem suas estocadas, tomando minha vulva do jeito que queria, agarrou meu cabelo num rabo de cavalo e me imobilizou,

fodendo-me como sua submissa, sua escrava, só sua. Como eu era.

Arfei descontrolada, fechando os olhos, palpitando incontrolavelmente em volta de seu pau robusto, que deslizava até a ponta e se enterrava de novo. Eu pingava, melada, trêmula, recebendo cada estocada até o útero, cada movimento possessivo dentro de mim.

— É isso que vai ter cada vez que me irritar, Ana. E mais. Ainda não acabou. — Sua voz era dura como seu pau, como suas mãos em meu cabelo.

Soltou-me, saiu de dentro de mim, deu um tapa forte em minha bunda que me fez pular e contrair, avisando:

— Fique aí, bem quietinha.

Caí com o rosto sobre o lençol, vendo-o se afastar até sua caixa. Trouxe-a até nós e depositou-a ao meu lado na cama. Eu não podia ver o que continha, pois era alta. Nem consegui ver o que João pegou. Mas quando ouvi uma tampa sendo aberta e senti o óleo espirrar em meu ânus, entendi tudo. Lascívia quente me dobrou, percorreu cada recanto meu, fez meu coração disparar.

Seus dedos espalharam o lubrificante em abundância contra o orifício, que latejou sem

PERIGOSAS NACIONAIS

controle. O polegar entrou ali, enquanto o indicador e o dedo do meio se enterravam em minha vagina. Babei naquela maldita bolinha, debatendo-me um pouco, excitada demais. Minha mente estava a mil, totalmente direcionada ao que fazia comigo. Movi o quadril, ansiando por mais, por algum tipo de alívio para tanto tesão.

— Vamos estrear nossas compras. — E sua outra mão foi dentro da caixa.

Eu respirava pesadamente, tentando puxar o ar, meu corpo esticado, arrepiado. Vi algo como um microfone branco em sua mão, que encostou a parte redonda, a cabeça, em meus lábios vaginais e clitóris. Avisou baixinho:

— Não goze. — E ligou aquele vibrador em sua potência máxima.

Gritei sem voz, lágrimas vieram aos meus olhos, fiquei fora de mim. Senti-me estalar por dentro e João meteu firme seus dedos, fodendo-me com eles. Sabia que olhava, que me via por trás, cada coisa que me fazia. E isso só aumentou aquela luxúria estarrecedora, aquelas sensações violentas que me atacaram de todos os lados. O orgasmo me varreu na mesma hora e ondulei, me contorci em espasmos incontrolláveis.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

João puxou os dedos e na mesma hora, sem desligar aquele aparelho que vibrava terrivelmente em meu clitóris, meteu o pau com tudo em meu ânus. Berrei e chorei de verdade, pois mesmo lubrificada e excitada, era enorme demais, pareceu me rasgar.

— Falei para não gozar. — E enfiou tudo, até o fundo, suas bolas batendo em minha pele.

Tentei fugir, escapar, me debati. Mas penetrou-me com força, marcando-me como um ferro em brasa, sem poder escapar de seu pau e do vibrador. O gozo se expandiu apesar de tudo, ganhou novas dimensões, veio ainda mais feroz e me engolfou como ondas, enquanto João me comia duramente, mais e mais fundo. Não acabava, se multiplicava, me deixava sem forças, chorando baixinho, estremecendo uma e outra vez.

Uma fina camada de suor cobria minha pele. Eu puxava o ar em haustos, enquanto meu corpo se contorcia e tinha espasmos, como se tivesse vida própria, deixando-me exausta dos orgasmos múltiplos. E então ouvi o gemido rouco atrás de mim, seu pau parou bem enterrado e seu esperma quente me inundou. O gozo de João veio fulminante, voraz, longo.

PERIGOSAS ACHERON

Queria pedir para tirar aquele vibrador, eu não suportava mais gozar, mas não podia falar e só choramingava. Desabada na cama, estremecendo, por fim senti quando afastou o objeto, mas continuou bem agasalhado dentro do meu ânus. Assim, beijou suavemente minhas costas sobre o tecido suado da blusa.

Esgotada, mal conseguia respirar. João deitou-se atrás de mim, mordiscando meu ombro, minha nuca, sua mão percorrendo a carne ardida e quente da minha bunda, como se a acariciasse. Nenhum pensamento coerente podia surgir em minha mente. Eu estava extenuada, mas sentia seus carinhos e seu pau ainda ereto dentro de mim, como um garanhão feroso. Sabia que poderia continuar me comendo. João era incansável na cama. Mas acho que não suportaria mais nada. Tinha gozado de modo tão intenso e ininterrupto, que minhas forças pareciam ter se acabado.

Com delicadeza, moveu-se, saindo de dentro de mim. Estremeci quando seu pau deslizou para fora. E então soltava aquela fita em minha nuca e tirava a bola da minha boca. Mas não falei nada. Mal podia respirar.

Ele se ergueu, pegou a chave na caixa e abriu a

algema, acariciando meus pulsos. Quando fiquei livre, virou-me na cama de barriga para cima, seus olhos sondando os meus, sua expressão ainda carregada, dura. Senti um baque dentro de mim. Pois tinha me dominado além de qualquer outra vez, deixando-me sem voz, sem ter como impedir nada. Além de ter agido quando estava furioso. No entanto, mesmo assim, manteve um limite. Tinha me dado um pouco mais de sua violência, mas sem se soltar completamente.

— Foi demais para você? — perguntou.

Mesmo sabendo que fez tudo consciente, para me dobrar, para mostrar quem era o dominante naquela relação, eu sabia que agora estava um pouco inseguro, talvez com medo de ter pego pesado demais e estragado tudo. Seus olhos azuis sondaram os meus, mas não recuou. Terminou de tirar meu short, se ajoelhando na cama. Depois despiu minha blusa, até me deixar nua.

Estava de pé, ainda vestido, seu pau já dentro da calça. Seus cabelos negros estavam revoltos e mais uma vez me dei conta do quanto era lindo, o homem mais lindo que já vi na vida. E mais intenso, dominador e pornográfico.

Sabia que esperava uma resposta e a dei, com voz

baixa:

— Não.

Relaxou um pouco mais, seu olhar suavizou. Passou-o por meu corpo nu, dizendo rouco:

— Você me deixa doido, Ana. — Com cuidado, inclinou-se e me puxou para seus braços. Ergueu-se comigo no colo. Seus olhos não saíam dos meus. — Está assustada?

Levou-me em direção ao banheiro. Mas parou no meio do caminho, esperando minha resposta. Então se sentou na poltrona e fiquei em seu colo, nua, suada, todo meu corpo dolorido e ao mesmo tempo satisfeito. Era de novo aquela sensação única de querer e temer uma coisa ao mesmo tempo, com toda intensidade.

— Fiquei assustada quando colocou aquela bola em minha boca.

Sua mão estava apoiada em meu quadril, acariciando suavemente minha pele. Beijou-me no pescoço, perto da orelha, dizendo baixinho:

— Estava irritada. Ia dizer a palavra segura e passaríamos a noite toda assim, cada um para seu lado.

— E você resolveu logo tudo, me deixando sem fala e com as mãos presas — retruquei.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não resolveu? — Ergueu a cabeça e fitou meus olhos. Os dele brilhavam, um leve sorriso em seus lábios.

Como eu poderia resistir a João? Senti tudo se revolver dentro de mim com o amor monumental que me despertava, mesclado ao medo que tinha de perdê-lo e um certo receio de que alguma vez realmente perdesse o controle. Mas não tinha acontecido. Eu suportei o castigo e ainda tive um dos maiores gozos da minha vida.

— Não resolveu tudo, João.

Ele sabia que eu falava de Fernanda. Ficou sério.

— Vamos deixar esse assunto de lado por enquanto, Ana.

— Eu entendo você, mas... Tenho medo.

— Não precisa ter medo. Acha que há algum risco de me sentir tentado por Fernanda? Não percebe que não consigo olhar para outra mulher, que é só você pra mim, o tempo todo? Eu amo você, Ana. Só você.

— Eu também te amo. — Emocionada, beijei seus lábios, acariciei seus cabelos. — Mas viveu com ela durante anos. E mesmo agora, sabendo que quer nos separar, está deixando essa mulher voltar à nossa vida.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não é isso. — Enterrou a mão em meu cabelo e me fez fitar seus olhos, bem sério. — Eu só disse que acho que está arrependida. Precisa entender, nossa amizade durou muitos anos, Ana.

— Assim como foram amantes. Acha que posso me sentir à vontade sabendo tudo que faziam, tendo visto aquele vídeo e ainda tendo certeza que ela vai fazer de tudo para tirar você de mim?

João suspirou mais calmo.

— Eu entendo. Se fosse o contrário, mataria seu ex-amante, ficaria louco de ciúme.

— Exato. E também não confio nela.

— Vamos fazer o seguinte: apenas observar. Deixar o tempo correr. Prometo que não vou permitir que Fernanda atrapalhe nossa vida. O que acha?

Era melhor do que nada. Concordei com a cabeça e acariciei seu pescoço e maxilar anguloso, sentindo o roçar de seus pelos ásperos nas pontas dos dedos.

— Tudo bem, João.

— Agora dê um sorriso pra mim, para que eu saiba que está tudo bem mesmo. — Sua expressão relaxou.

Sorri, fitando seus lábios e seus olhos, com amor.

PERIGOSAS ACHERON

Ele olhou-me da mesma maneira. Falei baixinho:

— Sou louca por você.

— Não mais do que eu por você, Ana. — E me beijou na boca, fazendo-me derreter em seus braços.

JOÃO PEDRO

Eu e Ana tomamos banho juntos. Fiz questão de ensaboá-la, lavar com cuidado sua bunda ainda avermelhada, mas que não deixaria marcas. Entre beijos e afagos, ela também me lavou, até estarmos totalmente de bem, ambos mais calmos e relaxados. Enfiei apenas um jeans e uma blusa de malha e Ana um conjuntinho de dormir de short e camiseta brancos. Quando voltamos ao quarto, eu devolvi seu livro e sentei na poltrona, indagando:

— Que livro é esse?

— É um romance erótico, daqueles que minha mãe sempre implicou que eu lesse. — Deu um sorriso e veio para o meu colo, abrindo o livro. — É de uma autora nova, brasileira. Nana Pauvolih.

— A Coleira. — Li alto e dei um olhar sugestivo a Ana, o que ampliou o seu sorriso. — Gostei do nome.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sabia que ia gostar.

— Qual é o enredo do livro?

— É mais ou menos assim: um empresário do Rio de Janeiro está prestes a declarar falência e tentando fechar negócios com outro empresário mais jovem, Miguel Montês. Até que este vê a filha de dezessete anos do primeiro e faz uma proposta: a moça como sua amante em troca de ajuda para livrá-lo da falência. Só que a garota, quando o vê, fica apaixonada por ele. E o pai, com fama de honrado e honesto, aceita o acordo, mas foge com a filha e o dinheiro de Miguel.

— Hum... Honesto, hein?

— Pois é. Seis anos se passam, o pai dela morre e, achando que ninguém mais lembra dela, a moça volta ao Rio. E cai na armadilha de quem? — Ana ergueu uma sobrancelha, excitada. — É dopada e quando acorda está na cama dele, presa em uma coleira, obrigada a pagar tudo que Miguel acha ela que lhe deve.

— Interessante. — Peguei o livro e abri-o em determinada página.

— Miguel me lembra um pouco você, João. — Acomodou-se em meu colo, uma de suas mãos acariciando meu cabelo úmido na nuca.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por quê? — Fitei-a, erguendo uma sobrancelha.

— É autoritário e arrogante. Quer tudo à sua maneira. E faz da mocinha sua escrava sexual.

Acabei rindo e Ana me acompanhou.

— Acha que faço você de escrava sexual?

— E não é?

— Certo, vou mudar. Vou ser bem romântico e careta daqui para frente. Na cama, só papai e mamãe. Está bom assim?

— Não, pelo amor de Deus! — brincou, beijando meu rosto e depois meus lábios de leve. — Não mude! Nunca conheci um homem como você. Gosto assim, diferente de todos os outros.

— Você é uma safadinha disfarçada de santinha, Ana. — Acomodei-a contra meu corpo, adorando tê-la ali, seu cheiro bom de morango deixando-me satisfeito, feliz. Acho que nunca mais poderia ficar longe daquele cheiro. — Deixa eu ler uma parte desse livro. Ver o que minha noiva anda lendo.

Fixei o olhar na página aberta. Quietinha, Ana me acompanhou na leitura:

(...) Miguel fitou-me a boca e depois os olhos. Prendi o ar ao ver que as pupilas dele estavam

PERIGOSAS ACHERON

dilatadas, escurecendo as íris douradas. Era o único indício de que algo mudara nele.

— Você é ainda mais bonita do que imaginei, Lorenza. Valeu esperar cada maldito desses seis anos.

Mordi o lábio, respirando irregularmente. Esperei que ele se levantasse e viesse até mim. Ia me estuprar, pois eu estava ali presa, não por minha escolha. Podia ser violento. Tirar minha virgindade de modo bem diferente do que eu imaginara tantas vezes, sempre com ele, terno e amoroso. Podia me bater, me obrigar a fazer coisas que eu sequer imaginava. E destruir os sonhos românticos e tolos que eu tivera com ele todos aqueles anos, apesar de tudo.

Mas Miguel não se moveu. Continuou naquela poltrona, quieto, me olhando. Não mais para meu corpo nu, exposto, esperando e tremendo. Mas para meus olhos. Como se quisesse ver o que ia à minha alma, tudo que passava por minha mente.

Aquela tortura psicológica deixou-me tensa como uma mola, a ponto de ter um ataque de nervos. Eu lutava para não me encolher e chorar como um bebê, nervosa e ansiosa. Minha raiva voltou, tentando combater o medo, tentando me dar

coragem de enfrentá-lo. Era só ela que me mantinha imóvel, sustentando o olhar dele. Por fim, não suportei mais. Falei aos borbulhões:

— Acabe logo com isso! Vou ficar louca!

— Não tenho pressa.

— Então saia daqui e me deixe em paz! Que prazer é esse, de prender mulheres e deixar que fiquem apavoradas, com medo de você? — gritei, descontrolada.

— É assim que você está, Lorenza? Apavorada?

— Estou furiosa! Porque estou presa, à mercê de um louco! Você devia estar numa cadeia, seu desgraçado! Preso, para saber como é!

Fiquei com mais raiva ao perceber que lágrimas grossas desciam por meu rosto. Nervosa, sequei-as com o dorso das mãos, sem fugir do olhar dele.

Miguel não se alterou nem por um momento.

Cansei de ficar ali, naquela luta inútil para provar que eu não o temia, quando nós dois sabíamos o medo que me consumia. Ergui as pernas na frente do corpo, bem fechadas, e abracei os joelhos, escondendo o sexo e os seios de seu olhar. Mas não abaixei a cabeça. Precisava ficar de olho nele, atenta ao que ele faria.

Meus cabelos compridos e ondulados ajudaram a

esconder um pouco meu corpo, espalhando-se por meus braços e ombros. Naquela posição eu controlava melhor os meus tremores, abraçando minhas pernas com força.

— Vamos passar a noite toda assim? — perguntei, irritada. Odiava aquela tensão permanente.

— Prefere que eu vá até você e comece tudo o que eu tenho em mente, Lorenza? Que penetre seu corpo como imaginei inúmeras vezes, onde eu quiser? Da maneira que eu quiser?

A voz dele, baixa e profunda, e suas palavras, fizeram com que eu me descontrolasse ainda mais. Sentia meu queixo tremer e mordia os lábios para impedir que meus dentes batessem.

— Vou acabar com a sua agonia. Deite-se na cama. E abra as pernas.

As lágrimas voltaram na mesma hora, embaçando minha visão. Furiosa, gritei com um misto de terror e raiva:

— Vá se foder!

— Não, vou foder você. Agora. — Miguel largou o robe no chão e se levantou.

Arregalei os olhos e as lágrimas desceram. Reagi automaticamente, jogando-me para trás, tentando

fugir. Mas não tinha escapatória. Encostei-me no espaldar da cama, ouvindo o barulho da corrente presa ali e ao meu pescoço, encolhendo-me. Toda a coragem me abandonou. Gostaria de fechar os olhos e imaginar que o que me assustava sumiria se eu não visse, como fazia quando era criança. Mas a presença dele era real demais para eu me enganar.

Vi-o, alto e ameaçador, se aproximar da cama e parar bem perto. Olhei para o alto, para ele, com tanto medo que me sentia fraca.

— Deite-se. Agora.

Fiquei sem saber o que fazer. O que seria pior, obedecer e ficar imóvel, deixando que ele fizesse o que queria comigo, ou reagir e brigar, com risco de apanhar e sair machucada? Eu podia ver nos olhos dele que ele seria capaz de tudo. E que em qualquer das hipóteses, eu sairia perdendo.

— Decidiu-se, Lorenza?

O sorriso cínico dele, sem um pinga de piedade por meu estado, fez com que eu sentisse um pouco menos de medo e mais raiva.

— Sim. Vamos acabar logo com isso.

Dura, tirei os braços das pernas e estiquei as duas sobre a cama. Deslizei para baixo, tremendo,

gelada, com os movimentos lentos devido ao medo atroz. Deitei e fiquei imóvel. Não olhei para ele. Fitei o teto.

— Abra as pernas.

Obedeci. Como um robô, abri as pernas sobre a cama. Meus dedos apertavam o lençol com força. Eu mal conseguia respirar.

— Mais.

Tive vontade de gritar como louca, xingá-lo, arranhá-lo. Mas abri bem as pernas. A cama afundou um pouco quando ele se sentou, perto do meu joelho esquerdo. Olhei-o na mesma hora, agora muito consciente do pavor que me deixava a ponto de desmaiar. Quase desejei realmente desmaiar, para fugir de tudo aquilo.

Miguel olhou diretamente para minha vagina exposta. Vi seus olhos escurecerem e apertei o corpo duramente contra a cama quando ele ergueu a mão direita. Ia começar. Mordi os lábios para não gritar, chorar, implorar para que me deixasse em paz. Não adiantaria.

Quase pulei quando percebi aonde ia a mão dele. Arregalei os olhos, mas já era tarde. Seu dedo longo encostou suavemente em meu clitóris, exatamente sobre ele, e moveu-se de vagar. Meu

corpo reagiu na hora, como se tivesse vida própria. Uma corrente de energia espalhou-se por meus nervos e eu estremeci sem controle, sem esperar.

Sem pressa, Miguel continuou só com o dedo a rodear o botão pequeno entre minhas pernas. Novos tremores, estremecimentos desconexos das minhas coxas, os músculos de meu ventre se contorcendo sozinhos. Sensações explodiram dentro de mim, e eu, que gostava de me masturbar à noite em minha cama, tocando apenas meu clitóris, sabia o que era aquilo. Prazer.

Senti o líquido quente dentro da minha vagina, enchendo-me, pronto para escorrer lentamente, me encharcar. Foi muito mais rápido e intenso do que das vezes em que eu me tocava. Ele sabia exatamente o que fazer, calmo, no lugar certo. Sem pressa, sem sair do ponto exato.

Fiquei humilhada quando seus olhos amarelados encontraram os meus, escurecendo. Ele tinha plena consciência das minhas reações. Do que fazia com meu corpo. Só com um dedo.

Eu senti meu pau enrijecer com aquela leitura e ergui meus olhos para Ana. Estava quietinha, seus olhos concentrados na página, seu rostinho de

PERIGOSAS NACIONAIS

traços delicados muito perto do meu. Então virou o rosto e fitou-me, os olhos grandes e castanho-claros brilhando. Dava para notar sua excitação, suas faces coradas.

— Como eu disse, você é uma safadinha — falei rouco.

— Talvez. — Sorriu lentamente. — Mas quem está me deixando assim?

— O livro está bom, mas vou deixar para depois. — Sentia meu corpo todo pronto, o desejo batendo dentro de mim. Fechei o livro e o deixei ao meu lado. Ajeitei Ana bem em cima do meu pau e enfiei minha mão em seu cabelo, passeando meus olhos por seu rosto, seus lábios entreabertos, seus olhos caramelados.

Mordisquei devagar seu lábio inferior, passando a ponta da língua nele. Ana tremeu em meus braços, excitada também, sua mão acariciando meu peito nu. Então penetrei a língua em sua boca, lenta, até encontrar a língua dela e começar aquela dança deliciosa que só os apaixonados sabem fazer melhor. Aprofundei o beijo, trazendo sua cabeça para mim, explorando aquele interior úmido e quente, gostoso. Ela retribuiu, da mesma maneira, colando-se em mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Puxei-a para montar de frente sobre o meu pau, cheio de desejo, já segurando a barra de sua camiseta para levantá-la. Eu a queria de novo. E de novo. Cada vez mais.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 3

Ciúmes

*Olhar você dormindo
E ver seu sono tão lindo
Tocar suave a sua mão
Sentir a emoção
Eu quero ver você sorrindo
Nós dois, como é lindo ver
Você em sonhos tão inocentes
Eu quero ser teu anjo amigo
Te abraçar, ficar contigo
Assim, te amando sempre por toda a vida*

*(Sonhos - Lincoln Olivetti/Robson Jorge/Mauro
Motta)*

ANA FLOR

Acordar e dormir com João era o paraíso para mim.

Eu adorava acordar primeiro, pois tinha a oportunidade de olhá-lo enquanto estava relaxado, mergulhado em sono profundo. Observava-o sem cansar, cada traço, cada músculo, o contorno do corpo e do rosto, a pele, os pelos, os dedos sobre a cama, seus cabelos escuros despenteados. Era espetacular e nunca encontrei um defeito sequer em sua aparência. Perfeito seria pouco para descrevê-lo.

Gostava também de sentir seu cheiro e de passar a mão pelo seu cabelo, ou seu peito. Estava completamente viciada em João, sem poder acreditar que passaria minha vida com ele, seria mãe de seus filhos. Era um sonho tão bom, tão perfeito, que o medo vivia comigo. Medo de perdê-lo por algum motivo. Ainda mais com Fernanda nos rondando e tendo certeza de que ela preparava alguma coisa, que não ia desistir tão fácil.

Na quinta-feira fiquei admirando-o tanto que quase perdi a hora do trabalho. Tomamos café da manhã juntos e saímos para trabalhar. Eu pensei em

dar um pulo no meu apartamento, para ver minha mãe, que não via desde sábado. Muitas das minhas coisas já estavam no apartamento de João, mas ainda tinham outras em casa e eu aproveitaria para pegar.

Não dava nem para acreditar que em pouco mais de uma semana seríamos oficialmente casados. E eu moraria de vez com ele. Iniciaríamos uma vida juntos. A alegria era tanta que nem podia suportar. E ao mesmo tempo, vinha também a insegurança.

A nossa transa de segunda-feira, quando João me algemou e bateu com o cinto deixou-me preocupada, pois apesar de no final ter sido um dos maiores orgasmos que já tive, senti também medo, fiquei assustada e até desorientada. Era como andar na corda bamba, o tempo todo achando que cairia para um lado ou para outro. Temia que sua agressividade latente se tornasse demais, descontrolada; e ao mesmo tempo não o queria se contendo muito e depois cansando de mim.

No final das contas, nem eu sabia o que queria. Nunca ficava sem sentir prazer, mas também às vezes a tensão era demais, me levava ao limite. E pensar que passei a vida sonhando com romantismo e agora me apaixonava loucamente por um

dominador ciumento e autoritário. O medo só não era maior porque no fundo eu confiava em João e no que sentíamos um pelo outro. Mas confessava a mim mesma que o futuro me parecia brilhante e incerto. Acho que nunca teria rotina ao lado dele.

Enquanto trabalhava na tarde de quinta-feira, pensei em nossa lua de mel curta nas Serras Gaúchas. Íamos viajar no domingo de manhã e voltar na quarta-feira seguinte. E naquele fim de semana seria nossa despedida de solteiro — que já tinha dado muito o que falar. E além de tudo, havia o presente de casamento que eu daria a João. Pensava uma coisa, andei fazendo pesquisas e faltava pouco para encomendar tal presente. Só faltava um detalhe: coragem.

Naquele momento, meu celular tocou e atendi. Era Paola.

— Oi, Ana. Vai demorar muito a sair daí?

— Oi, Paola. Daqui a uns vinte minutos. Por quê?

— Tô passando aí pra gente decidir o que falta da despedida de solteiro no sábado.

— Então, eu te espero.

— Já estou chegando.

Fomos para um bistrô perto do meu trabalho e Paola estava animada, dando ideias, enquanto

tomávamos suco. Mas eu a interrompi:

— João acha que devemos fazer a despedida juntos.

— Mas aí não é despedida! — exclamou na hora.

— Ele sai com Vítor e os amigos, e você comigo e nossas amigas, Ana. Já está tudo pronto e vai ser uma delícia!

— Olha, sabe como João é ciumento, Paola. Não vai arrumar ideia! É só aquilo que combinamos mesmo, não é? — indaguei, com medo que ela inventasse alguma coisa a mais.

— Claro que sim! Festinha com comes e bebes, chá de lingerie, Nina disse que vai dar uma palhinha no violão e algumas brincadeiras. Tudo bem divertido em meu apartamento.

— Certo. — Eu sondei seu rosto, em busca de alguma armação, mas parecia bem inocente.

— Vítor disse que ele e os amigos de João vão levá-lo a uma boate em um barco, que vai dar uma volta na Baía da Guanabara.

— João me falou. Mas disse que vão apenas beber, comemorar, não vai ter nada fora do normal.

— Ah, Ana, como você é inocente! É claro que vai ter alguma stripper por lá. Ou dançarina de pole dance.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Será? — Arregalei os olhos.

— Com certeza! Despedida de solteiro é assim. Eu te chamei para ir ao clube de mulheres, mas você não quis.

— João me mata! — Acabei rindo.

— Que besteira! É só brincadeira.

— Diz isso pra ele.

— Nossa, é possessivo demais! E ele pode? E se quisesse ir naquele clube com seu chicote na mão? — provocou.

— Nem brinque com isso! — Tomei um gole do meu suco e a fitei, meio insegura. — Confesso que também estou morrendo de ciúmes.

— Meu Deus, vocês precisam relaxar um pouco! É uma ciúmeira dos dois lados! Ana, tá ficando possessiva como João. Isso não é saudável, menina. Parecem gêmeos siameses, aonde um vai o outro quer ir colado!

Eu acabei sorrindo e confessando:

— Acho que é normal, Paola. Estamos apaixonados e há pouco tempo juntos. Ainda estamos naquela fase de ficar grudado um no outro.

— Desculpe, amiga, mas acho que essa fase não vai passar nunca! Nem na despedida de solteiro querem se separar!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não quero mesmo. Preferia um lugar onde todo mundo pudesse ir junto, meus amigos e os dele. Mas já que não dá, tenho que me conformar. Mas se eu souber que vai ter mulher pelada se esfregando nele, juro que mato o João!

— Então pode escolher a arma e o tipo de crime!
— Paola riu.

— Você ainda ri! — reclamei, realmente enciumada.

— Ah, deixa de ser boba! Bom, então acho que está tudo combinado. Local, comida, bebida, decoração, as brincadeiras já foram escolhidas... E as lembrancinhas?

— Já estão comigo. Tudo certo, então.

Acabamos conversando sobre banalidades e então criei coragem de tocar em um assunto um tanto constrangedor. Mas fui em frente, pois precisava de sua ajuda:

— Paola, eu quero comprar um presente de casamento para o João.

— Claro! Pensou em quê? Deve ser difícil, pois ele é rico e tem de tudo.

— Pois é. — Eu não a encarava, sentindo meu rosto arder, mexendo o suco do copo. — Mas o que pensei, ele não tem. Só que...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O quê? Ana?

Eu a fitei. Estava curiosa, seus olhos escuros fixos em mim.

— Você sabe que João é... Bem, um dominador. Viu no clube.

—— Vi. E daí?

— Bem, ele gostaria de algumas coisas no seu estilo. — Olhei em volta e abaixei a voz. — Andei pesquisando na internet e...

— Que coisas? De sadomasoquismo?

— Fale baixo! — Fiquei muito vermelha, incomodada na cadeira.

— Ana... — Estava boquiaberta. — Não posso acreditar! Você quer comprar coisas pro seu marido bater em você?

— Não é assim. — A cada minuto eu me sentia mais envergonhada e me inclinei, para que ninguém nos ouvisse.

— E é como? — Olhava-me, séria. — Olha, desculpe falar isso, mas acho que devia estar tentando amenizar o jeito dele e não pôr mais lenha na fogueira! Amiga, vi como João pode ser sexy com aquele chicote, mas aquilo deve doer pra caralho! Já experimentou?

— Não — murmurei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pois então! Olha, hoje em dia as mulheres são independentes, conquistaram seus direitos, não se submetem mais tanto aos homens. E você... — Calou-se. Indaguei na hora:

— Eu o quê?

— Você sempre foi um doce, romântica, acho que até com um pensamento ultrapassado de encontrar um príncipe encantado — falou com carinho e sorriu para mim. — Sei que está feliz, que ama o João e que ele a ama, dá pra ver isso. Mas esse jogo pode ser perigoso, minha amiga. Tenho medo que se torne mais violento, não sei se me entende.

— Eu entendo. Confesso que também fico cheia de medos e dúvidas, mas tenho certeza que João não me bateria. Quero dizer, fora da cama não. É apenas questão de fantasia, de fetiche.

— Acredito, Ana. Mas você mesmo me falou de como ficou horrorizada com aquele vídeo. De como João pode ser bruto. E se fizer o mesmo com você?

— Não vai fazer — garanti, mesmo estando cheia de dúvidas e medos. Tentei explicar: — Acho que se tivermos nosso ambiente, tudo se ajeita. Vamos saber nossos limites e respeitar. Só não o quero infeliz, insatisfeito.

PERIGOSAS ACHERON

— E você? Está fazendo por ele, mas e você?

Daquela vez fiquei vermelha de verdade. Tomei um gole do meu suco, mas por fim encontrei seu olhar e admiti:

— Eu gosto, Paola. Tenho medo, estou insegura, mas sinto prazer. E estou disposta a testar meus limites.

— Tem certeza?

— Tenho.

Ela suspirou e concordou com a cabeça.

— Tá, meu bem, se é assim. O que pensou?

Contei e perguntei se podia me ajudar. No final, Paola passou de surpresa e preocupada a divertida e começou a implicar comigo, dizendo que eu estava virando uma tarada.

Depois de combinarmos tudo, nos despedimos. Eu acabei nem indo ao meu apartamento ver minha mãe, deixaria para o dia seguinte, assim que saísse do trabalho. Segui para o apartamento de João, mas, ao passar na academia gigantesca da Barra onde ele malhava, resolvi entrar e falar com ele. Estava morrendo de saudade. Talvez pudéssemos sair para jantar fora naquela noite.

A academia era luxuosa, toda de vidro, a aula custava uma fortuna. João tinha me chamado para

malhar ali, queria pagar para mim, mas eu não era muito fã. Preferia correr, de preferência na praia de manhã, e dançar.

Deixei meu carro no estacionamento e entrei no ambiente cheio de gente bonita. Observei as garotas malhadas, com cabelos longos e corpão delineado nas roupas coladas, imaginando João ali no meio delas. Senti-me baixinha e sem graça, mas logo sorri para mim mesma. Devia deixar de ser boba, afinal, eu era a noiva dele.

Sabia que fazia treinos de boxe, muay thai e musculação. Assim me informei onde ficavam essas salas na academia e entrei como visitante. Andei pelos ambientes espelhados, cada um à sua maneira, ao lado da piscina olímpica e de outra para crianças, subindo ao segundo andar.

A sala de musculação era imensa, homens e mulheres de várias idades malhando ao som de um rock. Não o vi ali. Fui então para outra ala, onde ficavam as salas de lutas. Passei pelo corredor e notei algumas garotas ali, olhando por uma parede envidraçada, cochichando umas com as outras, rindo excitadas. Devia ter umas seis.

Olhei curiosa para dentro e vi João treinando socos com um professor de boxe. Parei de

imediatamente, olhando-o.

Estava suado, sem camisa, usando apenas uma bermuda preta e luvas azuis. Sua pele brilhava, os músculos modelados, os cabelos escuros revoltos. Enquanto socava uma espécie de luva grande nas mãos do treinador, sua expressão era concentrada, decidida.

Admirei-o, encantada, sentindo meu coração disparar. Dei-me conta mais uma vez de que era por aquele homem lindo que me apaixonei só por uma foto. Que era ele quem me beijava, me tomava, me fazia sentir prazeres inenarráveis. O homem da minha vida.

E ao mesmo tempo me dei conta de que aquelas garotas estavam ali por causa de João, observando-o, admirando-o como eu. Senti o ciúme me engolfar, percebendo o quanto eram bonitas, malhadas, sensuais. Tinha duas então que eram especialmente chamativas e pensei quantas deveriam dar em cima dele. Seria possível que João se sentisse tentado? Que pensasse em levar uma delas para a cama e mostrar o quanto poderia ser dominador?

Fui invadida pelo ciúme e pela insegurança. Ouvi quando uma bela loira comentou com as outras:

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ele é gato demais. Hoje não me escapa!

— Entre na fila, Sabrina. — Outra loirinha riu, debochada.

— Imagine aquilo tudo na cama! Aff! — A outra se abanou, seus olhos fixos em João.

— É muito lindo — uma morena emendou, lançando-me um olhar de cima a baixo como a se indagar: “O que essa mulher tá fazendo aqui?”

Permaneci quieta, perto da porta fechada, revezando meu olhar entre elas e João, sentindo um grande incômodo. Pensei que não devia ter vindo ali e era melhor ir embora. Mas só de imaginar João saindo e aquelas garotas pulando em cima dele, eu ficava paralisada, morta de ciúme.

— Eu já dei em cima, mas ele nem ligou — a mais bonita falou. Era realmente linda, turbinada nos seios e bunda, cintura fina, alta, longos cabelos loiros, pele macia e bronzeada. — Só falta esfregar na cara dele! Será que é gay?

— Nem fala uma coisa dessas! — exclamou uma bela mulata, horrorizada. — Soube que é médico e rico.

— Talvez seja gay mesmo. Perfeito demais assim... Sei lá.

— Não tem pinta nenhuma de boiola. Olha a cara

PERIGOSAS ACHERON

de mau! Ai, meu Deus!

— Alguém aqui já saiu com ele?

Elas se entreolharam, negando. Eu suspirei, aliviada. Lançaram-me olhares curiosos, mas voltei minha atenção para João, que trocava socos com o treinador, na certa nem imaginando que era alvo de um debate tão acalorado.

Tive vontade de entrar naquela sala, cobri-lo com uma toalha e arrastá-lo para casa. Imaginei o quanto devia ser assediado no seu dia a dia e tive que lutar contra o ciúme ferrenho. Era isso que dava se amarrar em um homem lindo. Dor de cabeça eterna. Minha insegurança estava já na superfície e me comparei com aquelas meninas, achando que saía perdendo.

E se João se desse conta de que eu era sem graça? E se na cama se cansasse de mim e quisesse variar, talvez encontrar uma submissa que fizesse todas as suas vontades, com quem pudesse soltar suas piores taras? Mordi os lábios, já ficando nervosa, sem saber o que tinha vindo fazer ali.

— Vamos fazer uma aposta. — A morena se virou para as outras, animada, jogando os cabelos lisos para trás. — Para ver quem consegue pegar o bonitão aí. Eu confio no meu taco.

PERIGOSAS NACIONAIS

As outras riram e começaram a falar ao mesmo tempo, animadas. Uma delas, a bela mulata, acabou perguntando para mim:

— Oi, você o conhece? Ou está aqui só para ver também o gostosão?

Eu as olhei, sentindo-me acuada. Mas, antes de responder, lancei um olhar para dentro e vi João parado, tirando as luvas. Seus olhos azuis estavam fixos em mim. E então sorriu lentamente, ficando ainda mais lindo, como se fosse possível.

As garotas seguiram meu olhar, momentaneamente em silêncio. Nisso, João largou as luvas e veio em minha direção, abrindo a porta, saindo para o corredor, suado, o cabelo grudando na testa, os olhos azuis brilhando. Todas nós estávamos mudas, fitando-o. Mas ele nem pareceu reparar nas outras, dando-lhes as costas, vindo até mim e se inclinando para beijar suavemente meus lábios.

— Que surpresa, Ana! A que devo a honra?

— Eu... Vim para sairmos juntos. — Minha voz saiu baixa, concentrando-me nele. — Talvez jantar.

— Ótima ideia. — Parecia feliz. — Espera eu tomar um banho?

— Claro.

PERIGOSAS ACHERON

— Não demoro. — Deu-me outro beijo e virou-se, percebendo as outras mulheres com atenção concentrada em nós. Acenou para elas com a cabeça e voltou para a sala de lutas, indiferente.

Eu senti os seis olhares sobre mim e o incômodo aumentou. O silêncio permaneceu um tempo. A maioria era de desagrado, inveja, passando por mim de cima a baixo. Nunca me senti tão analisada e lamentei estar simples, de jeans e camiseta, quase sem maquiagem. Disfarcei, sem graça, mas uma morena acabou rindo e disse:

— Desculpe aí. Foi inevitável. Não sabíamos que era seu namorado.

— Noivo — corriji na hora, e os olhares se concentraram em minha mão direita, na bela aliança com um solitário.

— Sortuda — rosnou uma.

— Se é — emendou outra.

— Ao menos sabemos que não é viado. — Riu a mulata.

As outras também sorriram, menos duas, que me avaliavam com desagrado, como se medissem o quanto eu poderia atrapalhar suas intenções. Pensei em sair e esperá-lo lá embaixo, mas no último momento resolvi ficar. Empurrei a insegurança para

bem fundo e permaneci, fingindo uma serenidade que estava longe de sentir.

— Bem, vamos voltar à aula? — uma branquinha indagou.

— Vamos.

Enquanto se dispersavam, a loira mais bonita sorriu de modo debochado para mim e balançou a cabeça, como se me descartasse como rival. Não caí em sua provocação, ignorando-a. Por fim, se juntou às demais e foi embora. Respirei aliviada e me encostei à parede.

O que tinha sido aquilo? João era o que, algum ídolo naquela academia? E o que aquela loira quisera dizer com aquele deboche, que saber que era noivo não impediria seus avanços? Engoli em seco, preocupada. Como se não bastasse Fernanda nas nossas vidas!

Depois de um tempo João voltou, de banho tomado, cabelos úmidos, usando jeans e blusa de malha, trazendo suas coisas em uma sacola nos ombros.

— Vamos lá? — Abraçou-me e me beijou na boca gostosamente, murmurando: — Também morri de saudade, Ana.

— Sério? — Abracei-o forte, inebriada, adorando

PERIGOSAS NACIONAIS

sentir seu corpo, seu cheiro, sua boca na minha.

— Sério.

Sorrimos um para o outro e saímos de lá de mãos dadas.

— Pra onde quer ir?

— Pensei em comermos aquele peixe em frente à praia, perto do seu apartamento.

— Do nosso apartamento — corrigiu-me. — Ótimo. Pena que vamos em carros separados.

— É pertinho.

Nos despedimos com um beijo e logo eu deixava o carro no estacionamento do pequeno restaurante informal, mas que servia um peixe delicioso. Ocupamos uma mesa do lado de fora, vendo a bela praia em frente atravessando a rua, naquele gostoso fim de tarde. O prédio em que João morava era praticamente ali ao lado, por isso tomamos um chope gelado.

— E aí, gostou da academia? — indagou relaxado, recostado em sua cadeira.

— Mais ou menos. — Dei de ombros e João ergueu uma sobrancelha.

— Por que mais ou menos?

— Fiquei morrendo de ciúme daquelas garotas — confessei, deslizando o dedo pela tulipa suada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ah, é? — Sorriu, divertido.

— Você gosta, né? Deve estar acostumado com aquelas garotas te perseguindo pela academia.

— Eu nem percebi.

— Nem percebeu, acredito! — Observei-o, realmente enciumada. — Estavam até fazendo apostas, para ver quem ia te pegar primeiro.

João riu, achando graça do que falei e de mim. Segurou minha mão sobre a mesa, entrelaçando os dedos nos meus.

— Mas é sério! João, você... já saiu com alguma delas?

— Nem sei quem são, Ana. Deixa de ser boba.

— E antes de ficarmos juntos?

— Passei um ano na Alemanha, meu bem. Voltei há pouco para a academia.

— Mas antes de viajar, você...

— Sim, saí com algumas garotas de lá. Não aquelas.

— E essas com quem saiu... — Fixei meus olhos nos dele. — Ainda estão lá?

— Algumas.

Fiquei calada, cheia de ciúme. O que só o divertiu mais. Ergueu minha mão direita e beijou-a, justo em cima da aliança, olhando-me com carinho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Desde que conheci você, Ana, as outras mulheres deixaram de ter graça. Estamos juntos, vou me casar com você e sabe como eu nem queria ouvir falar em relacionamentos sérios. Isso deve significar alguma coisa, não é?

— Claro que sim. Mas é que... Você é tão bonito, tão másculo, deve chamar uma atenção terrível! Tenho vontade de te trancar dentro de casa e nunca deixar ninguém mais pôr os olhos em você!

João deu uma gargalhada e chegou sua cadeira para perto da minha, abraçando-me.

— Deixe de ser bobinha...

Eu o agarrei forte, acabando por sorrir também.

— Sou mesmo uma boba.

— Uma boba ciumenta. — Acariciou meu cabelo e se afastou um pouco, deslizando o olhar sobre meus traços, até fixar meus olhos. — Ponha uma coisa em sua cabecinha: eu amo você. É tudo para mim, Ana. Não tô nem aí se as outras mulheres dão em cima ou fazem apostas.

— Jura?

— Juro. — Beijou meus lábios e recebi sua língua deliciosa na boca.

Eu acreditei. Porque não podia impedir as outras pessoas de desejá-lo, mas João estava comigo, seria

PERIGOSAS ACHERON

meu marido, estava mudando sua vida por mim, tentando construir uma vida em comum. Se não me amasse de verdade, não ia me querer vivendo com ele, nem que fosse sua esposa, em tão pouco tempo.

— Sou todo seu, Ana. E você é só minha. — Beijou suavemente meus lábios e então se afastou um pouco, fitando-me com um misto de desejo e amor, com aquele seu jeito dominante, quente.

Sorri e concordei com a cabeça. Continuamos lado a lado, seu braço em torno de mim, falando sobre diversos assuntos. Então toquei no lance da despedida de solteiro. Era engraçado, pois tanto eu, quanto João, não queríamos sair separados. Mas acabamos topando, os amigos insistiam, e era uma maneira da gente relaxar e se divertir em meio à correria do casamento.

— Vai ter stripper nesse barco dançante em que você vai? — Virei um pouco, para fitá-lo.

Seus olhos fixaram-se nos meus. Foi sincero:

— Eu acho que vai, embora tenha dito a eles que queria apenas sair e beber. Mas, entenda, Ana, já é uma tradição. E pelo que sei, elas ficam no palco, não tocam na gente nem se despem totalmente. — Sorriu, irônico. — Tudo bem inocente!

— Inocente? Você me proibiu de ir ao clube das

PERIGOSAS NACIONAIS

mulheres e vai ver uma mulher pelada? Ou mais de uma?

— É diferente.

— Diferente como? — Esperei impaciente.

— Nesses clubes as mulheres atacam os homens, eles levam a noiva no palco, se esfregam nela... É isso que quer? — Seu semblante fechou.

— Quero ter os mesmos direitos que você!

— Mas não pedi nenhuma stripper e não conheço esse barco. Vítor e meus amigos é que estão organizando tudo. Por mim, passava sem essa despedida. — Estava bem sério. — Você quer um stripper na sua festa?

— Não é que eu queira. As meninas estavam animadas e eu disse não por sua causa. Mas agora...

— Ana, o que quer que eu faça? Que cancele tudo com os rapazes?

Parei de reclamar, percebendo que as despedidas eram pra gente relaxar e se divertir, não para brigar. Empurrei meu ciúme para bem longe e capitulei:

— Não, nada disso. Deixa pra lá. Mas não vai tocar em nenhuma mulher, não é?

— Não vou. Tudo resolvido. — Sorriu, passando a mão em meu braço. — Que tal pedirmos o peixe agora?

PERIGOSAS ACHERON

— Estou morta de fome!

— E eu!

JOÃO PEDRO

No sábado, Ana saiu logo depois do almoço para ir até o apartamento de Paola. A despedida era só à noite, mas elas enfeitariam tudo, deixariam pronto para a farra. Fiz questão de levá-la de carro, já que beberia e não confiava de voltar dirigindo para casa.

Insisti em subir um pouco, já com saudade por passar a tarde toda e parte da noite longe dela, mas também para sondar o ambiente. Paola abriu a porta pra gente, toda animada, ouvindo música alta, seus olhos brilhando.

— É hoje! — Abraçou Ana com força e as duas riram. Depois sorriu para mim, trocamos beijo no rosto e, enquanto eu entrava atrás de Ana, ela avisou: — Hoje homem não pode entrar aqui, João.

— Assim espero — emendei e acabei por sorrir. Observei várias coisas espalhadas pela sala, desde sedas coloridas a balões de coração que estava enchendo em um aparelho. — Quanta coisa!

— Vai ficar lindo! — Ana se animou também,

olhando para as coisas que tinha encomendado. Parecia uma criança no meio dos brinquedos. — Vamos começar?

— Agora mesmo! — Paola esfregou as mãos.

Eu sabia que era minha hora de sair. Virei para Ana e segurei sua mão. Ela me encarou com olhos brilhantes. Era muito bom vê-la feliz daquela maneira. Beije-a suavemente nos lábios, entregando-lhe a bolsa com suas roupas para depois se trocar para a festa.

— Divirta-se. Mas não exagere.

— O senhor também. — Abraçou-me forte. — Mantenha as mulheres longe! Ou vou nadando até o barco e jogo todas no mar!

— Todas? — Dei uma risada, apertando-a. — Prometo ser um santo.

— Ai, meu Deus, parece que vão ficar separados uma eternidade! — Paola puxou João pela mão, levando-o em direção à porta. — Até amanhã, João! Aproveite!

— Cuide dela — ainda falei, olhando para trás, piscando para Ana. Ela me olhava com amor e também com saudade. Sabia que também queria ficar comigo.

— Pode deixar! — Paola sorriu.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tchau, meninas.

— Tchau, João — Ana disse baixo.

— Bye. — Acenou Paola.

Saí e ela fechou a porta. Suspirei e fui para meu apartamento, pois só sairia à noite. Seria uma tarde chata sem Ana, mas fazer o quê?

*

A minha despedida foi em um barco boate, que navegava pela Baía da Guanabara por um tempo determinado. Paguei por cinco horas, com música, show, bebidas e comidas à vontade. Quis alugar um barco semelhante para Ana e suas amigas, mas ela já tinha combinado tudo no apartamento de Paola e queria algo mais íntimo.

No total eram vinte convidados, incluindo meu tio Bernardo, Vítor, amigos do hospital, da faculdade, da vida. Todos embarcaram animados e o barco zarpou lento, cortando as águas naquela bela noite de início de dezembro.

Todos nos dirigimos à boate, onde belas moças vestidas com minúsculos collants preto, decotados e cavados, gravatinha borboleta e punhos brancos, usando saltos altíssimos, vieram nos servir petiscos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Os rapazes jogaram charme, brincaram com algumas; outros foram correndo para o bar, com uma infinidade de bebidas à vontade.

— Ah, se sua tia me visse aqui, cercado dessas garotas! — Bernardo olhava em volta, animado, reparando na bunda de uma que passou por nós. — Ia me levar pelos cabelos!

— Ou pelas orelhas — completei, zombando.

— Ia capar o senhor, pai. — Riu Vítor. — E a Paola, então! Algumas partes nem vou contar para ela.

— Nem me diga — falei, pegando um chope que uma bela morena trazia até nós em uma bandeja. — Obrigado.

— De nada, gato — ela ronronou, lançando-me um olhar cheio de charme, antes de se afastar.

— Deixe a Ana saber disso — brincou meu tio.

— Eu não estou fazendo nada. — Me defendi com um sorriso.

Foi uma noite muito animada e sensual. Não havia homens trabalhando na boate, só mulheres. Duas moças preparavam bebidas atrás do balcão do bar, outras serviam, circulavam, tentavam saber se precisávamos de alguma coisa. Todas eram bonitas e usavam aquele uniforme sexy de garçone.

PERIGOSAS ACHERON

As regras eram simples e todos os convidados estavam sabendo. Poderiam flertar, brincar, até dançar se as meninas concordassem. Mas nada de agarrar, passar a mão nelas ou querer algo mais íntimo.

Acabei me divertindo, bebendo, aproveitando a noite. Teve uma loira linda no pole dance, fazendo os homens assoviarem e gritarem sacanagens. Depois uma mulata com belíssimo corpo dançou vestida como uma sexy cigana, tirando as roupas aos poucos, até sobrar apenas uma minúscula calcinha fio dental.

— Meu Deus, o que é isso! — Tio Bernardo estava quase enfartando, e eu e Vítor ficamos rindo dele.

Outras meninas fizeram apresentações. Uma bela morena desceu vestida de odalisca e foi tirando os véus enquanto requebrava e ondulava de mesa em mesa. Todas davam mais atenção a mim, o noivo, circulando-me, olhando-me, jogando beijos. Os meus amigos gritavam obscenidades, me incentivavam a colocá-las no colo e mais, no entanto, apesar de excitado, eu apenas sorria e observava.

Conversei com alguns companheiros que não via

desde a faculdade, com alguns mais chegados, com colegas do hospital. Estava relaxado, feliz, gostando de tudo. A bebida rolava solta e já estava um pouco tonto, mas não parei. E o show continuou.

O ponto alto da noite foi uma bela garota com cabelos longos e escuros entrar no palco numa sexy fantasia de noiva e girar no pole dance, deixando todos os caras doidos. Não pude evitar de ficar com o pau duro quando passou a fazer strip-tease de modo sensual, descendo no palco, bem na minha frente. O show parecia ser só para mim, embora todos participassem berrando besteiras e incentivando.

Ela me lembrava um pouco Ana e imaginei como seria bom se minha noiva dançasse assim para mim em nossa noite de núpcias, tirando a roupa toda. E embora ficasse completamente nua, provocando-me de todos os jeitos, aquela mulher excitou meu corpo, mas não mexeu com nada além disso. Continuei sob controle, apenas me divertindo.

Em nenhum momento a toquei, mesmo quando fez menção de sentar no meu colo ou quase esfregou os seios a poucos palmos da minha cara. Por fim, terminou a apresentação com um sorriso e

se afastou, nua, deixando todos enlouquecidos. Meu tio Bernardo estava vermelho, sem conseguir tirar os olhos dela.

Quando voltamos para terra firme, todos agradeceram, alguns embriagados, outros alegres, chamando taxis. Já era quase uma hora da manhã e, enquanto me despedia do meu tio e de Vítor e entrava em outro táxi, liguei para o celular da Ana. Ninguém atendeu. Calculei que dormiria lá com Paola, para não voltar tarde para casa.

Cheguei ao apartamento vazio e não consegui dormir. Após uma boa chuveirada, estava mais alerta do que nunca e excitado. Todas aquelas mulheres nuas tinham mexido com minha libido, mas não era nelas que eu pensava. Ana não saía da minha cabeça.

Percebi que não conseguiria dormir e resolvi ir à casa de Paola buscá-la. Sentia-me bem para dirigir e saí com meu carro, embora soubesse que não deveria fazê-lo. Mas como ser racional quando a saudade e o desejo dominavam um homem daquele jeito?

O porteiro, que já tinha me visto algumas vezes ali com Ana, deixou-me subir. Quando cheguei perto da porta fechada de Paola, ouvi o barulho da

música. Então, a festa continuava. Apertei a campainha.

Não demorou muito, uma ruiva baixinha com tatuagem no braço abriu a porta e me fitou. Seus olhos se arregalaram um pouco e me varreram de cima abaixo, enquanto exclamava impressionada:

— Mais um! E mais lindo ainda! Cara, vou ter um infarto hoje!

Mais um? Senti o sangue sumir do meu rosto e a encarei bem sério.

— Entre, gostoso! — E já me puxava pela mão.

Eu entrei, mas nem me dava mais conta dela. Meus olhos estavam na sala cheia de mulheres concentradas em uma parte, enquanto o ambiente parecia ter se transformado, com vários tecidos de seda rosa, vermelho e branco espalhados, pétalas de rosas vermelhas, velas, travesseiros e corações. Era bem sensual e feminino. A música que tocava tinha uma batida erótica e as mulheres pareciam ensandecidas, gritando e aplaudindo.

Andei devagar, frio, até onde se concentravam. O que vi fez uma fúria subir pelo meu corpo como veneno a me consumir, diluído em meu sangue. Parei, somente meus olhos fixos no que acontecia.

Havia um homem musculoso e seminu rebolando

no centro com uma sunga minúscula, enquanto Ana estava sentada em uma cadeira usando um espartilho preto, com meias calças e calcinha pequena combinando. Seus lábios estavam pintados com um batom bem vermelho, os cabelos caindo soltos, os olhos arregalados e brilhantes fixos no homem, que praticamente montava no colo dela de frente, se roçando, rebolando.

Em volta, um monte de calcinhas e lingerie e as amigas dela na maior farra, berrando, incentivando. Inclusive Paola, que parecia a chefe da torcida, e que ria de se escangalhar.

Fiquei imobilizado, o ciúme e a fúria brigando dentro de mim. A favor de Ana, vi suas mãos para baixo, sem tocar no cara, assim como seu olhar assustado, o rosto corado de vergonha, incomodada. Mas também não o empurrou ou afastou. O que me deixou mais possesso.

Uma parte da minha consciência me alertou que aquilo não era nada de mais, as mulheres no barco boate também tinham vindo dançar para mim. Mas nenhuma montou no meu colo e se esfregou em mim daquele jeito. Além do mais, o ciúme me deixava cego para todo o resto. Eu não podia admitir nenhum homem tocando em Ana. Cerrei os

punhos, furioso. E foi quando a ruiva ao meu lado gritou, passando as unhas em meu braço:

— Olha o gostosão que chegou, mulherada!

As garotas viraram para mim. Algumas me conheciam, outras não. Essas bateram palmas, comemorando, achando que eu era outro go-go boy. Paola ficou paralisada e então riu, sem poder se controlar. Ana fitou-me com olhos enormes, empalidecendo. O cara parou de rebolar e me fitou, olhando para trás sem entender nada.

Eu nem liguei para todo o resto, toda minha atenção concentrada em Ana. Ela acabou reagindo, finalmente afastando o homem seminu e se levantando naquela roupa sexy, roupa que deveria usar somente para mim.

— João... eu... não sabia... — defendeu-se.

— Pode continuar se divertindo, Ana. Não se incomode comigo — disse frio, morto de tanto ciúme.

— Ele é o noivo — gritou uma das mulheres.

A ruiva tirou logo a mão de meu braço e saiu de perto.

Um clima estranho e pesado ficou no ar e percebi que eu poderia estragar o divertimento de todo mundo. Mesmo furioso, empurrei tudo para um

PERIGOSAS NACIONAIS

canto e forcei um sorriso:

— Está tudo bem. Desculpem interromper. Pensei que a festa já tinha acabado e vim buscar a Ana.

— Já estava acabando. — Ana se aproximou, mordendo os lábios, seus olhos suplicando que eu entendesse. — Mas aí elas tinham convidado o rapaz e para encerrar ele...

— Tudo bem. Não precisa dar explicações. Estou indo embora.

— Espere. Vou com você. Me dê só mais um minuto — pediu.

— Eu espero no carro. — Forcei outro sorriso e me afastei, pisando duro, deixando-a para trás quando minha vontade era jogá-la sobre o ombro e sair dali carregando-a, naquele momento. Mas fui o mais civilizado possível.

Enquanto descia e ia até a rua ao lado, encostando ao capô do carro, eu tremia, sem poder afastar da mente aquele homem montado em Ana, roçando nela, na certa de pau duro. E ela deixando, vestida como uma puta. Colérico, respirei várias vezes, tentando afastar o ciúme e a raiva. Era tudo uma brincadeira, sabia disso. O problema era aquele meu gênio, que não podia suportar alguém tocando em Ana, que dava vontade de matar.

PERIGOSAS ACHERON

Ela não demorou. Sabia onde costumava deixar o carro e veio até mim, um vestido transpassado cobrindo seu corpo, mas a meia calça visível por baixo. Pensei que estaria ainda com aquele corpete e isso me perturbou ainda mais.

Seu olhar para mim era levemente assustado, culpado. Não falei nada, abri a porta e Ana sentou-se em silêncio.

Enquanto seguíamos para casa, sua voz baixa e macia falou:

— Eu não sabia que elas tinham contratado aquele homem. Tentei escapar, João, mas me fizeram sentar, e logo ele estava em cima de mim e você chegou. Foi só isso.

— E essa roupa?

— Ganhei um monte de lingerie, afinal não era chá de panela, mas de lingerie. E experimentei algumas.

Eu não a olhava, concentrado em dirigir. Tentei me acalmar, lembrar das mulheres ficando nuas e dançando para mim naquela noite. Não podia exigir nada, tendo feito praticamente o mesmo. Mas o ciúme me corroía, a raiva não diminuía.

— Você gostou? — indaguei secamente.

— Não! Estava nervosa e... Juro, João, não fiz

PERIGOSAS NACIONAIS

nada de mais!

Respirou, incomodada, mas olhando-me e dizendo:

— E na sua despedida, teve mulheres? Teve dançarinas se roçando em você?

Eu entendi o que fazia. Direitos iguais. Mas acho que nada que dissesse poderia mudar o fato de que eu estava possuído pelo sentimento de posse, da certeza de que era minha, somente minha.

— Teve — falei baixo. — Mas não deixei nenhuma montar em mim e esfregar a vagina no meu rosto.

— Mas não deixei...

— Eu vi.

— Escute...

— Não quero ouvir mais nada, Ana. — Fui categórico, olhar fixo na estrada.

Senti que me olhava, quieta, respiração irregular, sem saber ao certo o que fazer. Por fim, arriscou:

— Vai me castigar?

— Vou.

— Eu não quero. Está com raiva.

— Muita raiva.

— Eu... — Calou-se, pensando. Por fim, sua voz saiu quase num sussurro: — Sem aquela bola.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Preciso da minha palavra segura.

— Sem a bola — concordei.

Mas só amenizaria naquilo.

O tesão misturou-se aos sentimentos que já me consumiam. E pisei mais no acelerador, doido para chegar logo em casa.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 4

O amor fala mais alto

*Tô com saudade de tu, meu desejo
Tô com saudade do beijo e do mel
Do teu olhar carinhoso
Do teu abraço gostoso
De passear no teu céu*

*(Gostoso Demais - Nando Cordel /
Dominguinhos)*

JOÃO PEDRO

O silêncio permaneceu no carro enquanto nos aproximávamos do prédio em que eu morava, em frente ao mar, na Barra da Tijuca. E percebi algo quando fitei Ana, muito quieta ao meu lado.

Ela estava triste. Muito diferente da maneira que se portava quando a levei na tarde anterior para a casa de Paola. Ontem se encontrava animada, olhos brilhantes, ansiosa por seu chá de lingerie com despedida de solteiro. Agora não havia aquele brilho nem aquela alegria. E me dar conta daquilo foi como tomar um banho de água gelada.

Olhei novamente para frente, abalado e mais. Envergonhado. Percebi naquele momento que eu vinha me comportando como um babaca, descontrolado, tentando me impor, buscando desculpas para justificar aquela violência latente que parecia fazer parte de mim. E então fiz um exame de consciência e senti um medo absurdo de perdê-la, pois me dei conta do que aquela relação poderia virar se eu não aprendesse a me controlar.

Lembrei de como sofri quando Ana se afastou de mim. Foram dias me arrastando, sem alegria para nada, sem prazer. Naquela época pensei que seria

mais feliz fazendo sexo baunilha com ela o resto da vida do que transando e usando submissas com meu chicote. E foi só voltar para mim, eu me sentir seguro com o casamento, para enfiar de novo os pés pelas mãos. Afinal de contas, o que eu estava fazendo?

Na segunda-feira usei minha raiva para dominá-la, tirei seu direito de dizer não com sua palavra segura quando pus a bola em sua boca, usei-a e espanquei-a sem ligar se era o que ela queria, me garantindo que seus orgasmos seriam as respostas para tudo. Porém não era só isso. Eu sabia como fazê-la gozar, mas corpo e mente poderiam responder de maneira diferente. E sua mente podia me condenar, podia fazê-la se afastar cada vez mais de mim.

Senti o desespero me engolfar com aquela possibilidade. Tinha visto o medo e a raiva em seu olhar, mas passei por cima de tudo. Como estava fazendo agora. Era isso que queria, que Ana me temesse? Que ficasse comigo acuada, sem saber o que esperar? Que começasse a relacionar sexo com tristeza e pavor, até chegar ao ponto de não aguentar mais e me deixar?

Apertei o volante com força, enquanto o girava e

entrava na garagem do prédio. Não tive coragem de olhar para ela, sentindo-me um completo idiota, um imbecil de primeira. Como se não bastasse tudo, tinha invadido a festa dela, atrapalhado tudo no final por um ciúme besta e egoísta, pois eu mesmo tive mulheres seminuas me servindo a noite toda, outras ficando peladas e rebolando, muitas deixando claro que bastava estalar os dedos e iriam para minha cama. Certo, eu me comportei. Mas o que Ana fizera de mais? Ficara lá, meio assustada, sem saber o que fazer com o cara rebolando. Na verdade, eu não tinha nada para acusá-la. A não ser meu sentimento de posse, minha personalidade dominadora gritando e meus desejos perversos.

Parei o carro e saí logo, nervoso. Quando abri a porta para Ana, ela me fitou angustiada e saiu, desviando logo o olhar. Nunca a senti tão distante de mim e aquilo doeu tão fundo que fiquei sem ação, estupefato. Bati a porta, perdido, sem saber o que fazer.

Subimos em silêncio no elevador, a cada segundo a raiva inicial que senti dela se voltando mais para mim mesmo. A ponto de nem conseguir encará-la, pois a vergonha vinha junto com o pacote.

Abri a porta e ela passou. Não suportei vê-la

daquele jeito, tão desanimada, na certa o medo a remoendo, sem saber o que eu faria. Mas por que não gritava e reagia? Porque não queria me perder. Devia estar confusa, perturbada. Entretanto, o pior de tudo, que denunciava em cada parte dela: estava triste.

— Ana... — Eu me aproximei, e ela me fitou de imediato, parada ali no meio da sala, quieta.

Pensei em seus sorrisos, naquele olhar apaixonado, e os quis de volta. Por isso, segurei seu rosto entre as mãos e fitei-a bem dentro dos olhos, dizendo com emoção:

— Me perdoe.

Ana ficou imóvel, sem entender. Mordeu o lábio inferior, analisou-me, indagou confusa:

— Mas... por quê? Você disse...

— Esqueça o que eu disse. Sou um burro, um idiota descontrolado, um babaca que está estragando tudo. — Passei meu olhar por seus traços, culpa e amor me remoendo. — Não quero que fique triste, nem que tenha medo de mim. Preciso que me entenda, Ana. Passei a vida sendo assim. Aprendi com você a conhecer outro lado meu, um lado que me faz feliz, que me dá orgulho. E sei que também a faz feliz. Não quero perder

isso, nem o que temos.

— João... — Seus olhos se encheram de lágrimas e pôs as mãos sobre as minhas em seu rosto.

— Prometo nunca mais usar sexo quando estiver com raiva. E vou ficar Ana, pois sou ciumento, possessivo, não suporto imaginar um homem tocando em nem um fio de cabelo seu. Mas, quando eu estiver assim, vou me afastar até esfriar a cabeça. Sexo vai continuar sendo prazer e mesmo quando tiver punição, ou algo do tipo, vai ser um jogo, um acordo, não um castigo de verdade. Entende o que estou dizendo?

— Sim... Você me dá muito prazer, João. Eu amo seu jeito, fico de pernas bambas quando me pega, me olha, me toca. Quando é possessivo — disse baixinho, as lágrimas escorrendo sem que notasse, pois continuava com os olhos fixos nos meus. — Mas dentro de um limite. Sua raiva me assusta. Aquele dia, que pôs a bola em minha boca, que puxou o cinto, eu senti muito medo. Muito mesmo. Nem doeu tanto, sei que se controlou, que me deu prazer, mas aquele medo continuou comigo o tempo todo. Não apenas medo que me machucasse de verdade e eu não pudesse dizer a palavra segura. Foi também que percebesse que não suporto e aos

poucos fosse achando que não sou mulher suficiente para você.

— Não diga besteira. Você é a única mulher para mim. — Usei o polegar para secar suas lágrimas, cheio de culpa e carinho, cheio de um amor que me consumia por inteiro.

— Mas é verdade. Na academia, vi aquelas garotas lindas doidas por você. Muitas fariam tudo que mandasse, como a Fernanda, que suportou e gostou de cada golpe que deu, como aquelas submissas do clube. E eu...

— Você é a única que quero, Ana. Não precisa fazer nada que não queira. Nem ficar triste. Não devia ter ido lá hoje te buscar na casa de Paola, mas é que acostumei a dormir ao seu lado, e senti sua falta, não consegui ficar em paz. Perdoe-me pelo modo que fiz tudo terminar, era para voltar feliz, rindo, me contando tudo. E não desse jeito, triste, calada, com medo desse maníaco com quem vai se casar.

— Você não é um maníaco. — Sorriu de leve.

— Sou. — Sorri também e escorreguei minhas mãos, acariciando-a, puxando-a para dentro dos meus braços. Apoiei minha testa na sua, meus olhos sem poder sair dos dela. — Se ficar triste, o

mundo acaba para mim. Ainda mais sabendo que a culpa é minha.

— Ah, João, eu te amo tanto! — sussurrou, emocionada.

— Não mais do que eu amo você, Ana. — E inclinei a cabeça para o lado, capturando seus lábios em um beijo profundo e apaixonado.

O mundo ganhou vida e cor. Aqueles sentimentos ruins que me dominavam, como a raiva e a vergonha de mim mesmo, e a culpa, foram se esvaindo, sendo substituídos por esperança, amor, devoção. Enfiei os dedos em seus cabelos, amparei sua cabeça na nuca e a beijei com tudo de mim, minha língua buscando a dela, seu gosto me recordando que não poderia viver sem seu amor. Eu faria tudo, até mudar completamente, por Ana.

Ela retribuiu com a mesma força e os mesmos sentimentos, suas mãos firmando-se em minhas costas, puxando-me para si, seu beijo delicioso deixando-me cada vez mais excitado e enlevado. E o alívio veio junto com o prazer, pois me senti perdoado, com uma nova chance.

Sabia que só o tempo poderia acertar tudo, quando encontraríamos um equilíbrio, um ponto de acordo naquela relação intensa e profunda. Mas

teríamos que fazer a nossa parte. E entendi perfeitamente isso naquele momento.

Afastei os lábios, fitei seus olhos pesados e lânguidos, então a peguei no colo. Fiquei quieto, apenas admirando-a quando atravessasse o corredor e entrei no quarto. Parei ali. Depositei-a no chão sobre o tapete e a puxei de novo para mim, como se não aguentasse nem um segundo sem sentir seu cheiro, sua pele, seu gosto.

Beijei-a profundamente, minhas mãos já abrindo seu vestido, tirando-o. Ana também desfez os botões da minha camisa, puxou-a pelos meus braços, suas unhas passando por meu peito e causando arrepios. Abriu minha calça e seus dedos já baixavam a cueca e acariciavam meu pau muito duro, ereto, em uma massagem gostosa, que espalhava mais luxúria dentro de mim.

Afastei um pouco a cabeça, vendo-a naquele espartilho preto, linda e sensual. Murmurei:

— Deixa eu olhar pra você.

E Ana deixou, ficando quieta, fitando-me com aqueles seus olhos doces e castanhos claros.

— Linda demais. — Ainda a sentia acariciando meu pau, evidentemente excitada, tanto quanto eu. Mas segurei sua mão e dei um passo para trás. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Espere aqui. Eu já volto.

Ana observou-me, curiosa. Fui até o closet e voltei com minha caixa na mão. Seus olhos se arregalaram um pouco. Depositei-a na cama e olhei-a. Terminei de tirar meus sapatos, o jeans e a cueca. Fiquei completamente nu e não apenas meu corpo. Sentia-me estranhamente calmo, livre, solto. E foi assim que voltei para perto dela.

— A caixa é sua, Ana. Estou em suas mãos.

— O que quer dizer? — Engoliu em seco, sem tirar os olhos dos meus.

— Não disse que queria me amarrar? Depois de tudo que fiz, que melhor maneira de mostrar meu arrependimento?

— Não precisa fazer isso.

— Eu quero. Confio em você. Hoje sou seu submisso. — Sorri suavemente e apontei para a caixa. — Faça o que quiser comigo.

— Tudo? Qualquer coisa? — Parecia não acreditar.

— Qualquer coisa não.

— O que não pode? — Acabou sorrindo também, seus olhos brilhando. — Não me diga. Escolha uma palavra segura. Se eu começar algo que não suporta, é só falar e eu paro.

PERIGOSAS ACHERON

Fiquei um momento sem saber o que dizer. Nunca me vi naquela situação e me senti um tanto desconfortável. Mas me submeteria, para provar o quanto eu a amava e me sentia um babaca. Pensei que tinha que ser algo relacionado com ela e lembrei que adorava doces, tortas, chocolate. Assim murmurei:

— Doce.

— Doce — repetiu, vindo na ponta dos pés e depositando um suave beijo em meus lábios. Mas afastou-se logo, seus olhos deslizando em meu corpo com desejo, um sorriso de puro contentamento em seus lábios vermelhos. — Não acredito que vou poder fazer tudo o que eu quiser com você, João.

— Tudo não — repeti, meu lado dominador querendo estabelecer os limites. Mas Ana não deixou:

— Não me diga. Use a palavra. — E foi até a caixa, olhando seu interior, animada. De costas para mim, usando ainda aquele espartilho, a calcinha minúscula e com os cabelos caindo longos e rebeldes pelas costas, pegou o meu chicote.

Confesso que quase mudei de ideia. Jamais imaginei trocar de lugar, ser um submisso. E Ana

não sabia usar o chicote. Mas calei-me, resolvendo confiar nela. E me entregar.

Voltou-se para mim, mais sensual do que já vi um dia. E não era apenas aquela roupa, mas também seu olhar, seu sorriso, a aura que a envolvia. A doce e submissa Ana tinha virado uma tigresa. E aquilo me excitou muito mais do que eu podia imaginar.

— Deite na cama, João. — Sua voz era rouca, cheia de lascívia, ainda segurando o chicote.

Era uma sensação muito estranha que me consumia naquele momento. Com exceção daquele amigo dos meus pais que tentou me estuprar quando eu era garoto, com quem lutei e tomei uns socos, nunca tinha apanhado na vida. O meu prazer era em bater. E agora...

Deitei na cama, tentando não pensar em meu incômodo ou em tudo que poderia acontecer. Mas não tirei os olhos de Ana. Ela me admirava da cabeça aos pés, aproximando-se, até deixar o chicote na cama e acariciar meu tornozelo esquerdo. Pegou a algema de couro que ficava sob o lençol, presa a uma das quatro colunas da cama e prendeu-me nela.

— Sabe o que está fazendo? — indaguei, conhecendo a resposta.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não. Confia em mim, João?

— Confio.

— Que bom. — Contornou a cama e prendeu o outro tornozelo. Seu toque era leve, carinhoso, terno. Deslizou a mão pela perna direita, subindo-a até o joelho, a coxa, o quadril. Meu pau reagiu, endurecendo ainda mais. No entanto, Ana não o tocou. Passou-a pela barriga, peito, até meu ombro, enquanto pedia com docilidade: — Seu braço, João.

Eu o ergui. Seus dedos subiram pelos músculos até meu pulso, prendendo-o. E então foi a vez do outro braço. Fiquei lá, nu, algemado em forma de x na cama, totalmente à mercê de Ana. Quase desisti. Era muito confuso e desagradável me ver naquela posição de repente, quando dentro de mim não havia nem uma gota de sangue submisso. Mas me controlei a tempo, respirei devagar.

E quando a olhei, Ana sussurrou:

— Você é meu.

— Sou seu, Ana. Desde a primeira vez que a vi — confessei baixo, com voz rascante.

Ela mordeu os lábios, seus olhos me adorando, me amando. E vi que qualquer sacrifício valia a pena por aquilo.

Mas fiz um esforço enorme para não desistir

PERIGOSAS ACHERON

quando pegou uma venda preta e se ajoelhou na cama, levando-a aos meus olhos. Fechei-os e respirei fundo. Seria uma verdadeira provação.

ANA FLOR

Eu o olhei na cama, imóvel, preso, nu. A venda negra escondendo seus olhos azuis e intensos, que tanto mexiam comigo. Por um momento fiquei imóvel, fitando-o por inteiro, sem poder acreditar que estava ali, tão vulnerável para mim. Logo João, que parecia sempre tão dono de si, até mesmo arrogante. Ele havia se colocado em minhas mãos.

Ergui-me, na verdade sem ter ideia do que ia fazer. Tinha sido pega de surpresa com tudo. Imaginei que me castigaria e, mesmo com medo e confusa, aceitei porque sentia nossa relação sempre estremecida pelo ciúme e pela insegurança. E porque queria agradá-lo. No entanto, João mudou de ideia, e seu carinho, sua entrega, seu inacreditável pedido de desculpas, fez com que meu amor por ele, já imenso, crescesse ainda mais.

Confesso que estava um pouco nervosa, mas respirei fundo e resolvi aproveitar aquela oportunidade, pois talvez fosse única. Deixei-o lá,

muito quieto na cama, atento aos meus movimentos. E usei a calma, sabendo que a espera, sem saber o que eu fazia, o deixaria mais alerta.

Despi-me, até ficar completamente nua. Peguei então o controle do som e escolhi uma música antiga do Marvin Gaye que eu gostava e achava sensual. Ela começou a tocar e olhei para João. Continuava lá, lindo e grande na cama. Senti como se tivesse conseguido prender um tigre feroz. E sorri.

Olhei dentro da caixa, sabendo que muita coisa não teria coragem de usar e nem sabia. Mas que algumas seriam bem interessantes. Separei-as na cama e ajoelhei-me sobre o colchão. Vi seu maxilar se tornar mais rígido, a tensão em sua boca. Estava tenso, me sentindo perto, esperando meu ataque.

Não o toquei. Observei seu pau, semiereto e peguei um anel peniano, que João tinha comprado no sex shop e ainda não tinha usado. Teria que colocar antes de ficar completamente duro, na base. Era feito de silicone e tinha em cima um formato maior, para roçar no clitóris durante a penetração. Com cuidado, segurei seu pênis e coloquei o anel logo, pois só com o meu toque já enrijecia. Senti-o muito tenso enquanto deslizava até sua base e o

deixava lá. Então o soltei.

Com as mãos apoiadas na cama, inclinei-me sobre seu corpo e lambi a cabeça de seu pau. Um tremor o percorreu e isso me deu uma sensação embriagante de poder. Nunca o tinha tido assim, só para mim, para que eu fizesse tudo que queria. Em geral João estava no comando, era o macho alfa que tomava e ditava o ritmo. Agora não. Eu é que fazia isso.

Pus a ponta do pênis na boca e chupei docemente, só ali. João ficou muito quieto, mas seu corpo se tornou mais tenso, seu pau cresceu e endureceu entre meus lábios. Sabia que gostava quando o enfiava até o fundo da garganta e sugava forte, mas não o fiz. Apenas a cabeça recebeu minha atenção, suavemente, para que o deixasse no ponto.

Comecei a me divertir em ter aquele controle e também me excitei muito. Minha vagina estava quente, úmida, palpitando. Meus seios doloridos, os mamilos arrepiados. A boca salivava, adorando seu gosto, seu cheiro, sua textura. E fiquei ali, naquela lenta tortura, mamando-o bem doce, até que o senti se mover, querendo mais. Ergueu o quadril um pouco, penetrando mais o pau em minha boca, mas na mesma hora recuei e me afastei.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Que menino impaciente... — murmurei em meio à música, fitando seu rosto.

— Ana...

— Se não ficar quietinho, não vou deixar você gozar. — Sorri, gostando de me ouvir assim, dona da situação.

Olhei o anel peniano, bem justo, apertando-o um pouco. Pensei se seria desconfortável e abri a boca para perguntar, mas então me dei conta de que teria que ser mais dura para ser uma dominante. Se fosse demais, ele diria sua palavra segura.

Fiquei um momento sem saber o que fazer. Queria lambê-lo inteiro, mordê-lo, beijá-lo. Mas o jogo era deixá-lo doido, agoniado, na expectativa. Soltei o ar, tentando relaxar e não me preocupar muito. Ia seguir meus instintos e me aproveitar de João.

Subi pela cama e fiquei em pé. Pisei de cada lado da sua cabeça, segurei no espaldar da cama e descí devagar, de modo que me agachei com as pernas abertas, tendo seu rosto embaixo de mim. Esfreguei suavemente minha vagina em seu nariz e murmurei:

— Sinta o meu cheiro.

João reagiu na hora. Passou a ponta do nariz

PERIGOSAS ACHERON

afilado em meu clitóris e lábios vaginais, respirando fundo, fazendo-me estremecer. Então me lambeu com aquela língua dura e úmida, um prazer avassalador percorrer meu corpo.

Levantei um pouco o quadril, me afastando, embora tremesse ansiosa por mais. Contive a respiração e então falei baixo:

— Só sinta o cheiro. A língua só quando eu mandar.

— Porra, Ana... — reclamou, fechando a cara, seu lado dominador se rebelando.

— Sou eu ou você no comando, João?

Ele ficou quieto, procurando se controlar. Por fim disse entredentes:

— Você.

— Então faça o que eu digo. Ou vou te castigar.

As palavras saíram estranhas por meus lábios e quase ri, pois não combinavam em nada comigo. Mas permaneci firme, mordendo os lábios. Até que capitulou:

— Certo, Ana.

Desci de novo. Esfreguei a vulva em seu nariz, lábios e queixo. João ficou quieto, embora cada nervo tenso de seu corpo gritasse sua vontade de me comer, lambe e chupar. Comecei a mover meu

quadril, muito excitada, gemendo baixinho. Os pelos de sua barba no queixo eram ásperos contra meus lábios vaginais macios e sensíveis, meu mel descia em sua boca, eu agarrava fortemente o espaldar, agachada, joelhos abertos, me esfregando toda nele.

Por fim, murmurei alucinada:

— Me chupe...

E foi automático, como se João só esperasse um sinal. Ergueu um pouco a cabeça e abocanhou minha vulva com vontade, chupando firme, em uma sucção que me fez gritar a ondular, estremecendo longamente. Língua e lábios trabalharam em mim e tive um orgasmo na hora, choramingando enquanto tremores e espasmos varriam meu corpo, explodindo quente em sua boca, que bebia de mim com sofreguidão.

Foi delicioso, intenso, pecaminoso. Fiquei ali até as ondas diminuírem, então me ergui e saí, vendo sua expressão carregada de desejo, sua boca e queixo molhados da minha lubrificação. João passou a língua nos lábios, sentindo meu gosto e estremeci de novo.

Após o gozo, me controlei um pouco mais. E ajoelhei na cama, para aproveitar tudo o que podia.

Comecei passando as unhas em seus pulsos, descendo por ambos os braços até as axilas. João estremeceu, arrepios surgiram em sua pele e seus mamilos pequenos ficaram bem durinhos. Enquanto o arranhava na barriga, prendi um mamilo entre os dentes e o chupei forte.

— Ah, porra! — gemeu, puxando os braços nas amarras, muito excitado.

Continuei indo e voltando com as unhas, passeando por sua pele, suas costelas, suas coxas, sua barriga. E me revezei chupando cada um de seus mamilos, até fazê-lo se contorcer, gemendo rouco, murmurando palavrões. Era extremamente delicioso tê-lo assim, para fazer tudo que eu queria. E me excitei de novo. Era gostoso demais.

— Ana, chupa o meu pau...

Não sei se quis pedir, mas saiu como uma ordem. Afastei-me, dizendo rouca, sem querer demonstrar como também queria fazer aquilo:

— Vai ser castigado. Já disse que eu estou no comando, não você.

Vi sua expressão fechar, o maxilar se tornar duro, a irritação clara em seu rosto. Cerrou os lábios, quieto, mas cada parte dele gritando sua revolta. Peguei o chicote de fitas, que eu sabia não doer,

mas apenas tornar a pele avermelhada e quente, sensível. Testei-o no ar, fazendo um barulho que fez João ficar ainda mais tenso.

— Ana. O que...

Acertei as fitas em suas coxas e ele deu um pulo, puxando as amarras. Fui devagar, com medo de machucá-lo. O que o assustou foi a surpresa. Mais confiante, fui mais firme, acertando sua barriga, onde os músculos se contraíram.

— Merda! — exclamou furioso, excitado, movendo-se para escapar dos golpes, mas impedido.

Passei a chicoteá-lo de maneira uniforme, firme, por todo o corpo, evitando somente o sexo. A respiração de João era pesada, irregular, enquanto tentava ficar parado, cada vez mais tenso, seus punhos cerrados, sua expressão carregada. Acertei seus braços, ombros, peito, barriga, pernas. Vi sua pele se tornar avermelhada e então eu mesma respirava irregularmente, muito excitada, sabendo que não o machucava, apenas acelerava mais o seu sangue.

Quando acertei seu pênis e testículos com o chicote, fui mais branda, mas mesmo assim João gritou um palavrão. Foi então que me abaixei e pus

PERIGOSAS NACIONAIS

seu pau totalmente ereto na boca, chupando-o fundo, forte.

— Ai, caralho... Filha da... — João calou-se e jogou a cabeça para trás, rosnando, se contraindo enquanto eu o sugava até a garganta, deslizando minha boca em todo seu comprimento, conseguindo conter a respiração e engoli-lo o máximo, meus lábios encostando-se ao anel peniano. Puxei para fora e chupei de novo, sentindo-o inchar, o anel estrangulando-o, minha boca massageando-o.

— Ana... — Sua voz rascante foi um aviso. E puxei a cabeça para fora, sabendo que estava a ponto de gozar.

— Ainda não... — falei arfante, tremendo, eu mesma abalada com tudo aquilo. Desejava-o a ponto de doer, mas me afastei, disposta a ter mais de tudo aquilo, em aproveitar ao máximo sua entrega.

Deslizei minhas mãos em sua pele, seu peito musculoso, seus pelos. Passei-as pelos ombros largos, sabendo como estava sensível das chicotadas, subindo ao pescoço, enterrando os dedos em seus cabelos. Continuava ajoelhada na cama, quando segurei sua cabeça e o beijei na boca.

PERIGOSAS ACHERON

João retribuiu na hora, esfomeado, enfiando a língua gostosa entre meus lábios.

O beijo foi quente, delicioso, cheio de luxúria. Sabia que estava doido de tanto tesão, assim como eu. Mostrei como o queria com aquele beijo, mas não capitulei. Estava gostando demais de poder me aproveitar dele, de ser livre para usá-lo como bem quisesse.

— Está gostoso? — murmurei, mordendo seu lábio inferior.

— Estou no ponto, Ana.

— Sei disso. — Afastei os lábios e me ergui um pouco, segurando meus seios por baixo, passando um mamilo em sua boca. — Chupe.

E João obedeceu, excitado. Enfiou o mamilo na boca e sugou-o lento, firme, fazendo meu ventre se contrair, tremores percorrerem meu corpo. Quando pôs os dentes e mordiscou, a dorzinha gostosa fez minha vagina esquentar e palpitar, muito encharcada.

— O outro agora — falei num fio de voz, oferecendo o outro mamilo, que João chupou com a mesma fome. Deixei que me pusesse louca, do jeito que sabia que ficaria. — Chega.

João afastou os lábios, deixando-os entreabertos.

PERIGOSAS NACIONAIS

Fitei seu rosto lindo e quase tirei a venda, para ver seus olhos. Mas sabia que a força de seu olhar poderia me inibir, me dominar. Assim apenas me ergui e peguei novamente o chicote de fitas. Quando as deslizei em sua barriga, todos os seus músculos de contraíram, seus dentes se cerraram. Chicoteei-o de novo, intercalando cada parte de seu corpo, deixando o sexo por último.

Acertei o pênis com as fitas e seu corpo estremeceu, gemidos roucos escaparam. Vi-o pulsar e inchar mais, como se fosse possível, enorme e grosso, cheio de veias mais proeminentes pelo anel apertando-o. O desejo veio violento dentro de mim e me inclinei, acariciando seus testículos suavemente, enfiando uma bola na boca e chupando com cuidado.

— Ana... Meu Deus... — João estava rouco, fora de si.

Chupeí a outra bola, passando depois a língua em ambas. Seu pau babou, pré-sêmen escorrendo da ponta. Eu o lambi e João ergueu o quadril, precisando desesperadamente de mais. Mas não dei. O que recebeu foi mais uma chicotada lenta na barriga, nas pernas, no peito, fazendo-o se contorcer e respirar pesadamente, arfante.

PERIGOSAS ACHERON

Senti que estava em seu limite. E eu também. O quarto cheirava a sexo e luxúria. Meu coração batia descompassado, minha pele ardia. Larguei o chicote, sabendo que o meu desejo se equiparava ao dele e não podia mais esperar.

Montei em seus quadris e descí sobre ele, seu pau arreganhando meus lábios vaginais sensíveis e inchados, entrando em mim imenso, atritando o canal, deixando-me doida de tanto tesão. Ao mesmo tempo arranquei a venda e senti o impacto de seus duros e penetrantes olhos azuis, cheios de lascívia furiosa, descontrolada. Recebi-o todo dentro de mim, até encostar o clitóris na ponta proeminente do ânus.

Minhas mãos estavam em seu peito musculoso quando movi o quadril, comendo-o, entrando e saindo de mim, em uma penetração deliciosa, profunda, extasiante. João não disse nada, mas nem foi preciso. Seus olhos me consumiam, fogo puro, desejo arrebatador, força e tesão me deixando em meu limite, dopada de tanta luxúria.

Mesmo estando com os braços presos, embaixo de mim, eu me sentia dominada por ele, me sentia completamente sua, de maneira inequívoca. E entendi que era aquilo que gostava, de ser dele, de

PERIGOSAS NACIONAIS

saber que o amava e era amada com a mesma fúria, que não importava mais nada no mundo desde que estivéssemos juntos.

Fiquei alucinada, meus cabelos caindo sobre mim, minha pele ardendo e suando. Senti-o cada vez mais enterrado, minha carne palpitando em torno de seu pau grande, empurrando fundo em meu ventre. Estremeci, movi os quadris com loucura, gemi rouca.

Uma veia saltava no pescoço de João, seus traços estavam dominados pelo tesão, o maxilar rígido, os punhos cerrados. Os olhos me dominavam completamente e ele exigiu, rouco:

— Me beije, Ana.

A brincadeira tinha acabado. Não importava mais quem mandava e quem obedecia. Caí sobre seu peito, enfiei os dedos em seu cabelo macio e cheio e o beije na boca com todo meu amor e meu desejo, recebendo de volta um beijo voluptuoso e igualmente delicioso, apaixonado.

Foi assim que explodi em um orgasmo monumental e senti seu jato quente de esperma dentro de mim, suas ondulações, seus gemidos que se perdiam com o meu. Estendeu-se longo, arrebatador, em estremecimentos contínuos. E

PERIGOSAS ACHERON

quando acabou, desabei sobre ele, minha cabeça em seu ombro, ambos respirando irregularmente.

Por fim, consegui erguer o rosto e olhá-lo. Encontrei seus olhos azuis lindíssimos e acariciei seu rosto. Antes que pudesse dizer algo, João murmurou rouco:

— Eu te amo, Ana.

— Eu que te amo. Mais do que tudo, João. — Beijeí seus lábios, sua face, suas pálpebras, com carinho. — Machuquei você?

— Não. — Acabou sorrindo. — Mas me deixou doido. Agora me solte. Quero tocar em você.

— Deixa eu pensar... Acho que é melhor ficar aí a noite toda, para me aproveitar de você quando quiser... — Ri contra seu pescoço.

— Ana... Não brinque com fogo.

— O que vai fazer? Está preso! — Me ergui e movi meu quadril contra ele, sentindo-o ainda dentro de mim, provocando-o. Sorri.

— E quando me soltar? — Sorriu também.

— Tá, me convenceu. Espere aí. Hum... — Saí de cima dele, já lamentando. Estava toda molhada e cremosa entre as coxas, sensível, meus lábios vaginais inchados.

Soltei as amarras em seus tornozelos e pulsos.

PERIGOSAS NACIONAIS

João deu um pulo e me agarrou, jogando-me na cama enquanto eu ria. Imobilizou-me embaixo dele, meus pulsos seguros acima da cabeça por uma de suas mãos, seu corpo pesando entre minhas coxas abertas. Penetrou-me fundo, seu pau já totalmente ereto, encontrando-me toda melada de meus líquidos e seu esperma. Gritei rouca, o desejo vindo com tudo, fazendo-me estremecer e substituir a risada por um gemido profundo.

— Foi gostoso Ana — disse com voz grossa, retumbando dentro de mim, seus olhos consumindo os meus. Estocou forte dentro de mim. — Mas seu lugar é aqui, embaixo de mim, sendo minha. Só minha. Entendeu?

— Sim...

— Toma o meu pau. Assim. — Comeu-me bruto, duro, metendo com vontade, mais e mais. — Você gosta disso?

— Muito... — ronronei, dopada pelo prazer.

— De vez em quando vou deixar me amarrar, me usar. Mas preciso do domínio no resto do tempo, Ana. Entende isso? — Mordiscou meu lábio, meteu mais fundo.

— Sim.

— Mas vou tentar controlar meu ciúme. Prometo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

a você, meu bem — disse rouco, beijando minha face, roçando o nariz no meu. Seu quadril movia-se entre minhas coxas e as abri mais, oferecida, sentindo suas estocadas no útero. — Porque amo você mais do que tudo nessa vida. E se eu te perder, se eu não tiver mais você comigo, eu morro, Ana.

— Ah, João... Não vai me perder nunca... Sou sua... Toda sua...

— Ana...

E me comeu fundo e duro, buscando minha boca, entregando-se como eu me entregava. Suas mãos se entrelaçaram às minhas no alto e nos amamos de novo naquela madrugada, encontrando nos braços um do outro mais do que prazer. Era também amor, muito amor.

No domingo acordamos tarde e ficamos na cama, preguiçosos, jogando papo fora. João me contou superficialmente como foi sua despedida de solteiro e eu falei da minha. Fiquei um pouco enciumada, mas não falei nada nem ele comentou da minha. Apenas combinamos mais tarde ir ao apartamento de Paola, pois fiquei de ajudá-la a arrumar tudo e também ia pegar as diversas lingerie que ganhei de presente.

Depois tomamos banho juntos sob a água morna e

PERIGOSAS ACHERON

forte do chuveiro, enquanto a banheira enchia. Parecíamos não nos cansar de beijar e acariciar. João me puxou para seus braços, sua mão em minha nuca, mantendo-me firme para saquear minha boca, a outra deslizando em minha bunda, apertando-a, puxando-me contra seu pau, que roçava duro em minha barriga. Eu segurava seu rosto entre as mãos, recebendo sua língua com volúpia, toda arrepiada e dominada pela luxúria.

Senti seus dedos abrindo minha bunda, rodeando meu ânus, acariciando-me intimamente. Então se abaixou um pouco, encaixando o pau entre minhas pernas e subindo, deslizando-o pelos lábios vaginais, penetrando-me só com a cabeça. Encostado no ladrilho, abriu suas pernas e fiquei entre elas, as minhas fechadas, mas seu membro agasalhado dentro de mim. Moveu os quadris devagar, metendo lentamente, comendo-me tão gostoso que tremi sem controle, gemendo em sua boca.

Uma de suas mãos estava firme em minha nuca molhada, a outra em minha bunda, seu dedo enterrando-se aos poucos em meu ânus, enquanto mordiscava meus lábios e a água caía sobre nós. Arfei e gemi, agarrei-o, movi também meus quadris

PERIGOSAS NACIONAIS

para ter mais de seu pau dentro de mim e de seu dedo também. E tive, enterrando-se todo, comendo-me ao mesmo tempo em lugares diferentes.

Foi uma tortura gostosa. Senti João cada vez mais dominado pela lascívia, mais bruto, apertando-me contra ele. Foi assim que me segurou com firmeza e tirou o dedo e o pênis de dentro de mim. Sem sair do lugar, virou-me entre seus braços e disse em meu ouvido:

— Roce essa bundinha no meu pau.

Fui bombardeada pelo tesão e, à medida que a água caía sobre nós e descia por nossos corpos quentes, segurou minha cintura com as mãos grandes enquanto eu obedecia, rebolando de encontro ao seu membro teso. Estava encostado nos ladrilhos, de pernas abertas, gemendo rouco em meu ouvido. Sua mão subiu até minha garganta, onde me segurou firme. A outra amparou meu quadril, e ele murmurou: murmurava:

— Quer me dar seu cuzinho, Ana? — Virou minha cabeça para si, buscando meus lábios, mordiscando o inferior e me fitando. Seus olhos eram quentes, duros, pornográficos. Senti-me abalada, ansiando por mais.

— Quero... Quero tudo que quiser fazer comigo.

PERIGOSAS ACHERON

— Boa menina — sussurrou rouco, beijando-me na boca, enquanto apertava seu pau entre sua barriga e minha bunda, deixando-me muito excitada. Depois descolou os lábios e indicou-me a prateleira um pouco à frente. — Pegue o óleo de banho, Ana.

Inclinei-me e peguei um frasco perfumado, trêmula.

— Abra — Ordenou seco, rascante, mordendo meu pescoço.

Mordi os lábios, nervosa, dominada pela luxúria. Obedeci. João estendeu a mão direita à minha frente, longe da água. Não precisou dizer nada. Espirrei o óleo ali e devolvi o frasco ao seu lugar. A mão esquerda continuou em meu pescoço, enquanto a outra foi para trás de mim. Seus dentes roçavam meu ombro, cravavam-se ali me causando arrepios, enquanto os dedos untavam meu ânus com o óleo, penetrando o dedo ali.

Era extremamente prazeroso. Eu quase gozava só com aquela preparação e suas mordidas e lambidas na pele, estremecendo, minha vulva latejando. Esfregou o óleo no pau e avisou baixinho:

— Vou comer sua bunda, Ana. Toma meu pau. — E abriu-me, mirando seu pênis grosso e longo no

meu buraquinho.

Eu esperei, querendo mais, fervendo, ardendo, ansiando. Gemi baixinho, os cabelos molhados caindo em meu rosto. Preparei-me, pois sempre doía no início. Mas depois o prazer era fora de série, compensava tudo. O óleo facilitou, mas mesmo assim era grande demais e entrou apertado, ardendo. Meteu tudo, lento, cuidadoso. Então passou a dar estocadas mais fundas, espalhando luxúria dentro de mim, segurando com firmeza minha garganta. Eu tremia e ondulava, movia meus quadris para trás para recebê-lo, enfiando minhas unhas em seus braços.

— Que gostoso... — gemeu rouco.

Eu o sentia imenso, quente, duro. Perdi o ar e a voz. Mesmo ardida, dolorida, eu o quis quase com desespero. E quando deslizou a mão por minha barriga, manipulando gentilmente meu clitóris inchado, vibrei e choraminguei tensa, arrebatada.

— Assim, meu bem. Tão apertadinha... Toma tudo... — A mão em minha garganta subiu ao queixo e virou um pouco minha cabeça, para poder beijar minha boca, a água morna caindo sobre a gente, o vapor subindo no box, em volta de nós.

Sua língua penetrou meus lábios, ao mesmo

tempo que metia seu pau bem dentro de mim, em estocadas mais brutas, até que eu era toda dele, corpo e alma, cada célula minha dominada pelo prazer sem igual que me dava.

— João... — gemi em sua boca, fora de mim, ondulando, minhas pernas mal me aguentando, fechadas, com seus dedos entre elas acariciando meu clitóris.

— Quer mais? — Deslizou a boca em meu pescoço molhado até a nuca, inclinando-me para frente, se tornando mais bruto, metendo firme e forte.

Gritei perdida, sodomizada, entregue. Pensei que fosse cair, pois as pernas bambearam quando comecei a gozar fortemente, mas João me segurou e foi fundo, gemendo também, ejaculando bem lá dentro, seu rosto em minhas costas, os tremores de nossos corpos se mesclando.

— Ana... — gemeu meu nome, rouco, agoniado no prazer sem igual.

Quando acabou, ainda ficamos lá, colados um no outro. Até que a ereção foi diminuindo e se retirou do meu interior. Me virou entre seus braços e murmurei, abraçando-o, fitando seus olhos:

— Vai ser sempre assim, João? Essa loucura, esse

prazer sem igual?

— Sempre — garantiu, apertando-me forte.
E eu acreditei.

*

Era nosso último domingo de solteiros. Sábado seguinte era nosso casamento. E muitos presentes começaram a chegar ao apartamento naquele dia. Fiquei feliz da vida, eufórica, quando começamos a abrir vários na sala, lendo os cartões com desejos de felicidade.

— Que lindo! — Ergui um belíssimo jarro de cristal e mostrei a João, sentado no sofá à vontade, lendo um cartão de um amigo do hospital, que mandara junto com uma bandeja de prata.

— Lindo mesmo — concordou. — De quem é?

— Minha amiga Joana. Estudamos juntas e mandei o convite pra ela. — Sorri, feliz.

— Você parece até uma criança em noite de Natal — brincou.

— É até melhor! — Guardei o jarro na caixa e fui sentar no sofá ao seu lado, quando João pegou uma grande caixa retangular e chata, em papel brilhante vermelho. — De quem é esse?

— Veja o cartão enquanto abro.

E assim fiz. Era um belo cartão em envelope também vermelho, com umas rosas na lateral. Vi João tirar um belo conjunto de garfos, facas e colheres de prata, e arregalei os olhos pelo bom gosto e luxo do presente. Então comecei a ler o cartão em voz alta:

— “Que a vida de vocês se inicie sem dores e nem tristezas. Que as rosas não tenham espinhos e os dias sejam ensolarados, como merecem. Felicidades ao casal. São os sinceros votos...” — calei-me, empalidecendo ao ver o nome.

— O que foi Ana? Ana?

Eu ergui os olhos para João e entreguei-lhe o cartão. Ele leu, ficando quieto. Sem uma palavra, guardou-o de novo no envelope.

— Você a convidou para o casamento? — perguntei baixo.

— Não. — Fitou-me, muito sério. — Não faria isso sem falar com você. Separe tudo. Vou mandar devolver.

Se João tivesse insistido, pedido para convidá-la, eu ficaria furiosa. Mas ele não fez nada disso. No entanto, vi que ficou chateado. Lembrei de como eram unidos quando o conheci, de ele mesmo

dizendo que era sua melhor amiga, dos anos que conviveram juntos. E entendi que no fundo estava magoado, não queria que a relação terminasse daquele jeito.

Fiquei dividida, passando os olhos por seus cabelos escuros, seu rosto tão lindo, seus olhos endurecidos. Já conhecia um pouco dele e podia jurar que estava triste. Apoiei a mão em seu rosto e o virei para mim, encontrando seus olhos azuis. Mesmo que tudo dentro de mim gritasse que era uma armadilha, que Fernanda estava nos cercando, tentando mudar de tática, eu não suportava ver João arrasado.

— Convide-a — falei baixinho.

— Não. — Foi firme.

— Mas é o que quer.

— Não sei qual é a dela, Ana.

— João, estou sendo sincera. Se quiser convidá-la, não vou me opor. Só peço uma coisa, fique atento. E não a traga para nossa vida.

— Vamos deixar isso para lá. — Largou o jogo de talheres no sofá ao lado e me puxou para seu colo. — Já temos demais para nos preocupar, Ana.

Fitamo-nos nos olhos e não insisti. Mas ele sorriu, mais tranquilo, acariciando minha face. Disse

PERIGOSAS NACIONAIS

baixo:

— Você sempre me surpreendendo. Para melhor.

— Só quero seu bem, João.

— Eu sei. Mas é melhor assim.

E me abraçou, apoiando o queixo em minha cabeça. Fechei os olhos, aliviada. Sim, era bem melhor aquela mulher longe de nós.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 5

Felicidade e presentes

*Não quero seu sorriso
Quero sua boca
No meu rosto
Sorrindo pra mim
Não quero seus olhares
Quero seus cílios
Nos meus olhos
Piscando pra mim
Transfere pro meu corpo
Seus sentidos*

(Sentidos - Christiaan Oyens / Zélia Duncan)

JOÃO PEDRO

O dia do meu casamento se aproximava. Ana me arrastava para conferir o que faltava, ir ao cartório, confirmar tudo. As pessoas me cumprimentavam, não paravam de mandar presentes e votos de felicidade, até alguns pacientes sabiam e me davam parabéns. E no meio de tudo, eu me sentia, ao mesmo tempo, surpreso e feliz, de uma maneira que nunca julguei capaz.

Minha vida tinha dado um giro de 180 graus desde que conheci Ana. Tudo que fui, que aprendi a valorizar, que era importante antes dela, de repente parecia triste, distante, parte da vida de outro alguém. Nunca pensei que simplesmente dormir abraçado a uma pessoa pudesse ser tão bom. Que um cheiro ou uma risada tornassem meu dia melhor. Mas era assim com Ana. Tudo vibrava, ganhava cor e brilho ao seu lado, resplandecia. E pequenas coisas ganhavam novas dimensões, únicas e imensuráveis.

Eu não conseguia pensar mais em mim mesmo sem ela. Conheci um novo João Pedro que não sabia habitar escondido dentro de mim, mas que agora assumia minha personalidade. No início, meu

antigo eu reclamou e lutou, mas agora se entregava cada vez mais docemente a esse novo homem mais solto e sorridente, mais relaxado e feliz. Eu.

Na quinta-feira tive que ir bem cedo para o hospital, pois um paciente teve hemorragia e precisou de intervenção cirúrgica. Foram seis horas seguidas de cirurgia, mas felizmente tudo deu certo. Nem saí para almoçar, resolvi fazer um lanche na cantina do hospital mesmo, tão cansado eu me sentia. Peguei uma bandeja com suco e sanduíche e consegui pegar uma pequena mesa de canto, pois estava cheio ali. Já começava a comer quando vi Fernanda com sua bandeja na mão, buscando um lugar para sentar.

Nossos olhares se encontraram. Por um momento, senti a velha camaradagem retornar, quase como se nunca tivéssemos brigado e nos separado em condições tão sombrias. Acho que o fato de estar mais tranquilo, menos duro, ajudou. Ao mesmo tempo, doeu toda aquela situação. Fernanda fazia parte da minha vida desde que tinha dezessete anos e tinha sido uma ruptura brusca demais, uma mudança com a qual ainda não me adaptara.

Seus olhos verdes pararam nos meus e vi como parecia indecisa. Acenou de leve com a cabeça e

deu dois passos em minha direção, fitando de relance a cadeira vazia à minha frente. Então parou, sem saber se continuava ou não. Fiz um gesto para que se aproximasse, pois precisava mesmo falar com ela sobre o presente que enviara e eu ainda não tinha conseguido devolver.

Nem parecia a mulher que mais tive intimidade na vida, antes de Ana, que sabia tudo sobre mim, tinha sido minha amante, amiga, companheira, frequentara por anos a casa dos meus tios. Havia uma distância enorme agora entre nós e pude ver que ela a sentia também, pois parecia mais magra, abatida, até mesmo um pouco envergonhada, sem me encarar francamente como antes.

— Posso me sentar, João? — perguntou baixo, parando ao meu lado.

— Claro, sente-se. — Observei-a pôr a bandeja sobre a mesa e se acomodar na cadeira, ereta, um pouco tensa. Quando me fitou, completei, um tanto sério: — Precisava falar mesmo com você, Fernanda.

Ela esperou. Usava jaleco branco e seus cabelos estavam presos. A falta de maquiagem a deixava parecendo mais pálida e abatida e me surpreendeu, pois não saía para ir à esquina sem se maquiar.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tudo bem com você?

— Sim, João. — Mexeu em seu suco de laranja com o canudo. — Sobre o que queria falar?

— Recebemos seu presente. Agradeço muito, Fernanda, mas acho melhor devolver. Depois do que aconteceu... — calei-me ao ver seus olhos se encherem de lágrimas. Fitava-me fixamente e seus lábios tremeram. Senti remorso, fiquei muito chateado em vê-la daquele jeito. Não era de chorar, de se lamentar. Preocupado, indaguei: — O que aconteceu? Magoei você?

— Não quero que devolva. Mesmo não sendo meu amigo agora, tivemos uma história juntos. Quero apenas te dar algo para sua nova vida. Por favor — disse num fio de voz, tentando se controlar.

Eu não soube o que dizer. Doeu vê-la assim e não consegui ser frio como deveria.

— Se faz questão, aceito o presente.

— Obrigada.

— Nanda... — Velhos costumes eram difíceis de combater de uma hora para outra. Ainda gostava demais dela e toda raiva que senti se esvanecia com o tempo, com o fato de vê-la tão arrasada e com minha própria felicidade. Senti-me culpado. — O

PERIGOSAS ACHERON

que está acontecendo?

Ela abriu a bolsa e pegou um lenço. Enxugou os olhos, que estavam vermelhos, como a ponta de seu nariz. Ficou quieta um minuto, se reestruturando. Então respirou fundo, fitando-me, explicando:

— Acho que só faço burrada, João. E estou pagando por isso. Meti os pés pelas mãos com você e com Ana. Então andei irritada, descontando em todo mundo. A Adriana não aguentou mais e... me deixou. Encontrou outra pessoa para ser escrava, não quer mais nada comigo. Nunca me senti tão sozinha.

Novas lágrimas pularam de seus olhos, sem controle. Ela as enxugou e eu fiquei abalado por sua tristeza. Sem poder me conter, inclinei-me para frente e segurei sua mão, dizendo com cuidado:

— Tem quanto tempo isso?

— Alguns dias.

— Talvez ela volte.

— Não, disse que é definitivo. Desculpe, não quero te perturbar com meus problemas, mas...

— Pare de besteira, Nanda. — Eu estava dividido pelo que fez, quase me separando de Ana, ameaçando, parecendo uma louca; e pelo que ela foi a vida inteira para mim. Como virar as costas

agora, vendo-a daquele jeito? — Escute...

Ela ergueu os olhos avermelhados, mordendo os lábios. Fui o mais sincero possível:

— Não sei o que esperar mais de você. Pensei que seria minha amiga pro resto da vida, mas o que fez, as coisas que disse, mudaram tudo.

— Fiquei com medo de perder você e me descontrolei. — Apertou minha mão com força, ansiosa. — Sei que errei, perdi a cabeça, mas você sempre foi tudo para mim, João, e de repente nem ligava mais, ou me procurava. Desculpe. Não sabe como me arrependo! Só fiz besteira nesse fim de ano. Nem a Adriana me aguentou.

Eu sabia como gostava de Adriana, com quem tinha uma relação sadomasoquista de domme e escrava há dois anos. Era difícil para mim vê-la daquele jeito, mas tinha perdido a confiança nela e tinha pavor de pessoas obsessivas. Além do mais, Ana ficaria incomodada. Mas quando a fitei, tão arrasada e abatida, acabei fraquejando.

— Escute, Fernanda, não dá para desfazer o que foi feito. Talvez só o tempo mesmo seja capaz de amenizar as coisas e mostrar que você realmente se arrependeu. Mas temos uma história juntos. E quero que vá ao meu casamento.

— Não... — murmurou, puxando a mão, voltando a secar os olhos. — Não se incomode. Também não quero perturbar a Ana e...

— Ela já concordou.

— Sêrio? — Parecia não acreditar. Avaliou-me um pouco, pensativa. — Tem certeza, João?

— Sim. É na casa dos meus tios, às cinco da tarde desse sábado. Vou enviar o convite para a sua casa hoje. — Eu observava cada nuance de seu rosto, sem saber se estava fazendo o certo ou caindo em uma armadilha. Sabia agora que Fernanda era capaz de ambas as coisas.

— Obrigada. — Sorriu, sua angústia visivelmente mais relaxada.

Comemos juntos e nosso assunto versou sobre o hospital e o trabalho, nada particular, como se fôssemos meros conhecidos. Era estranho, mas ao final o clima estava mais ameno. Quando se despediu e se afastou, continuei lá sentado, sozinho, pensativo.

Muita coisa passou por minha cabeça. A Fernanda que amei era uma mulher forte, decidida, que nunca desistia do que queria. Era até dura, como eu. Vê-la tão para baixo e cabisbaixa, ao mesmo tempo que me deixou com pena e culpa, agora também me

preocupava um pouco. Lembrei de minha mãe e de Angélica, que tinham ido às últimas consequências, pensando só em si mesmas. Fernanda conhecia toda a história, acompanhara parte dela. E se estivesse fazendo o mesmo jogo?

Pensei logo em Ana, sua certeza de que Fernanda queria apenas um motivo para entrar em nossa vida e atrapalhá-la. E na própria Fernanda, quando fui tirar satisfações com ela em seu apartamento logo depois de ter mandado a nossa transa em vídeo para Ana. O modo como a achei descontrolada, até meio louca, obcecada. Eu sabia bem como aquilo poderia ser perigoso.

Peguei meu celular e busquei um número de um conhecido, que tinha uma agência de investigação e detetives. Era ex-policial e na verdade tinha-o conhecido através de meu tio, que o contratara para investigar desfalques na empresa.

— Alô?

— Antônio? Aqui é João Pedro Valente, não sei se lembra de mim.

— Claro, o sobrinho de Bernardo. Como vai? — Sua voz era simpática, agradável. Era um homem educado, culto, que não tinha se adaptado à vida agitada e perigosa de um policial.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bem. Gostaria de contratar seus serviços.

— Claro, meu amigo. Investigação empresarial?

— Não. Preciso que siga uma pessoa para mim por um tempo, passando-me tudo que faz, aonde vai. Talvez seja coisa da minha cabeça, mas quero ter certeza de algumas coisas.

— Entendo. Por que não vem aqui em minha firma hoje e conversamos a respeito?

— Pode ser depois das cinco da tarde? — indaguei. Deixaria de ir à academia para falar com ele.

— Claro, eu o aguardo. Anote aí o endereço.

Depois que combinamos tudo, desliguei, mais tranquilo.

Achei que talvez estivesse exagerando em minhas preocupações, mas faria de tudo para impedir qualquer mal em minha vida com Ana. Tudo o que vivi com mulheres obcecadas me ensinaram a ser desconfiado.

Ao mesmo tempo, rezei para estar enganado. Se fosse assim, eu poderia respirar aliviado.

ANA FLOR

No sábado eu teria o dia da noiva em um luxuoso

PERIGOSAS ACHERON

spa que João fez questão de pagar para mim, com todos os mimos e comodidades possíveis. Ainda contratou os serviços de lá também para minha mãe, Paola e sua tia Laurinha. Seríamos cuidadas, paparicadas e arrumadas até a hora da festa.

Mas na sexta-feira saímos mais cedo do trabalho para ficarmos juntos no nosso último dia de solteiros. Ainda era de tarde quando João me pegou na porta do trabalho. Eu já tinha deixado o carro em casa de manhã e pegado uma carona com ele por isso. Indaguei, assim que entrei em seu automóvel, à tarde:

— Para onde vamos? — Estava excitada, ansiosa, mais feliz do que já fiquei um dia com a proximidade do casamento. Era um sonho prestes a se realizar, casar com meu príncipe encantado, com o amor da minha vida. Olhei-o cheia de amor, enquanto colocava o carro em movimento, seu perfil mais lindo do que qualquer outro que já vi.

— Quero dar seu presente. Uma parte dele — disse lançando-me um sorriso rápido, concentrado no trânsito.

— Uma parte? — Curiosa, sorri, tentando adivinhar: — O que é? O que pode ser dado em partes?

PERIGOSAS NACIONAIS

— É mais de um — explicou, achando graça da minha animação.

— Mais de um? Ah, João... Não precisa, eu...

— Vamos buscar o primeiro, ver o segundo e o terceiro só quando chegar em casa.

— Três? — Acabei rindo, minha mente agitada sem saber o que seria. — O seu só vai receber quando voltarmos de lua de mel. É uma surpresa.

— Agora fiquei curioso.

— Viu? Eu estou também.

— Dê uma dica.

— Não posso. Mas garanto que vai gostar.

— Quanto mistério! — Parou o carro em um sinal vermelho e fitou-me com carinho, acariciando suavemente meu rosto. — Espero que goste dos meus também.

— Um só eu já adoraria! Para que três? — Pus a mão sobre a dele, pensando como alguém no mundo poderia ser mais feliz do que eu.

— Você merece muito mais. — Seu olhar quente, apaixonado, era tudo o que eu poderia querer. Retribuí da mesma forma, beijei sua mão, e por um momento apenas nos fitamos, muito ligados, corpo e alma em um só.

O sinal abriu. João sorriu de leve e voltou a se

PERIGOSAS ACHERON

concentrar no trânsito.

Fomos a um grande e luxuoso shopping na Barra. Entramos de mãos dadas e eu me sentia uma criança prestes a ganhar seu presente de aniversário. Caminhamos entre as belas lojas e João perguntou se eu estava com fome, mas neguei. Já tínhamos encomendado um jantar íntimo regado a champanhe quando chegássemos em casa.

Ele me levou a uma belíssima joalheria. Olhei-o nervosa, murmurando:

— Não precisava se preocupar com isso. Já escolhemos as alianças e...

— Ana, já até comprei e escolhi o conjunto. Só a trouxe aqui para ver se gosta, se não quer trocar por outro.

— Mas...

— Boa tarde. — Uma bela e elegante vendedora nos cumprimentou e sorriu. Fitou João. — Senhor Valente, tudo está separado, como o senhor pediu.

— Obrigado.

— Acompanhem-me, por favor.

Eu apertei os dedos de João entrelaçados nos meus, um pouco nervosa. Estava de jeans naquela luxuosa joalheria, me dando conta de que, mesmo eu sendo de classe média, não estava acostumada a

ter joias e frequentar lugares como aquele, onde João parecia muito à vontade. Ele sorriu para mim, ergueu minha mão aos lábios e beijou suavemente meus dedos.

Fitei seus lindos olhos azuis, dando-me conta pela milésima vez do quanto eu era sortuda e feliz. Tão feliz que dava até medo. Sorri e sentei quando João puxou uma cadeira acolchoada para mim, em frente a uma mesa, sentando-se ao meu lado. A vendedora afastou-se e retornou com uma caixa de veludo retangular, que pôs com cuidado sobre a mesa, fitando-me com um sorriso.

— Abra, Ana. — A voz de João saiu baixa, vibrando dentro de mim.

Senti o coração disparar e mordi os lábios, olhando-o. Então, me virei para a caixa e a abri, arregalando os olhos ao ver as joias lindíssimas lá dentro. Era um conjunto de colar de pérolas com pulseira combinando e brincos de ouro branco cravejados de pequenos diamantes contornando pérolas brancas, lindíssimas. Fiquei sem fala pela beleza, delicadeza e feminilidade das peças, que brilhavam e pareciam ter vida sobre o veludo escuro. Meus olhos encheram-se de lágrimas e os ergui para João, murmurando:

PERIGOSAS NACIONAIS

— São lindas demais, mas...

— Nada de “mas”. — Sorriu, satisfeito ao ver que eu me emocionara com as peças. — São seus, Ana. Para usar amanhã, no nosso casamento. E para o resto da vida.

— Eu... — Estava sem fala. Por isso, abracei-o forte, e ele me acomodou em seus braços, beijando minhas têmporas. Consegui murmurar: — Obrigada...

— Ainda é pouco para você, meu bem.

Enquanto voltávamos para casa, eu ainda não podia acreditar naquele presente. Falei para ele:

— Não precisava gastar tanto comigo.

— Meu amor, esse é apenas o começo. Vai ter todas as joias que desejar. Se eu puder lhe dar o mundo, vai ser seu.

Fitei-o, divertido, mais solto e relaxado do que já vi um dia.

— Nossa, estou até me sentindo importante! Quem diria que aquele homem frio e possessivo com um chicote na mão era assim tão romântico e generoso? — brinquei. — Cadê o João Pedro que conheci?

— Quer desistir desse aqui? — Ergueu uma sobrancelha, sorrindo meio de lado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não! Eu amo os dois!

Acabamos rindo. No caminho para casa, ele virou o carro em um estacionamento de um grande pet shopping e não entendi nada.

— O que vamos fazer aqui?

João já estacionava o carro e saía, dando a volta. Abriu a porta para mim, sorrindo.

— O que está aprontando, João?

— Fique aqui. — Encostou-me à porta do automóvel. — Volto rapidinho.

Curiosa, observei-o entrar na loja. Estava bem à vontade, de moletom, jeans e boné, barba por fazer. Quieta, cruzei os braços e esperei, pensando o que ele estaria armando. Mas nada me preparou para vê-lo voltar com um cachorrinho branco nos braços, um filhote lindo se lambendo. Sorrindo, parou à minha frente.

Eu movi meus olhos por eles, sem fala. João explicou:

— Quando nos separamos e pensei que nunca mais teria você, mandei aquela orquídea para sua casa com um cachorrinho de pelúcia, lembra, Ana?

— Sim.

— Pensei comigo mesmo que, se ficássemos juntos, te daria um cachorrinho de verdade. Uma

PERIGOSAS ACHERON

vez me disse que sua mãe nunca deixou que tivesse animais de estimação, pois moravam em apartamento. E sabendo o quanto é afetuosa, achei isso um pecado. — Estendeu-me o filhote lindo, que me fitou com doces olhos castanhos.

Foi amor à primeira vista. Eu o agarrei e senti seu pelo macio, cheiroso, contra mim. Lágrimas pularam dos meus olhos e fui para os braços de João, enchendo-o de beijos no queixo, no rosto, na mandíbula, nos lábios. Ele riu e me envolveu, acariciando meu cabelo, enquanto eu murmurava:

— Obrigada! Eu amei as joias, mas esse cachorrinho foi o melhor presente do mundo! Eu... Ah, João! Meu amor...

— Ei, não é para chorar! — brincou, enquanto me acomodava em seus braços, ambos felizes, olhando o filhote que balançava o rabinho e lambia meu pescoço. Acabamos rindo. — Pense num nome para ele. Minha tia disse que vai deixá-lo em sua casa enquanto saímos para lua de mel. Assim ela cuida dele e na volta a gente o pega.

— Vou ficar morrendo de saudade!

Depois que entrei no carro sem querer soltar meu cachorrinho fofo, João voltou à loja para buscar as coisinhas dele, sua casa, ração e tudo mais que

fosse preciso e que já tinha encomendado. Quando retornou e dirigiu para casa, eu falei, acariciando o pelo branco e macio do filhote em meu colo:

— Nem quero ver o terceiro presente. Não aguento mais emoções hoje. Só esse aqui já me faria feliz da vida!

— Mas o presente já está lá, esperando por você.

— O que é? Dê uma dica?

— É para me deixar mais tranquilo quando estou longe de você, Ana.

Pensei no que poderia ser.

— Nem imagino!

E qual não foi o meu susto quando descemos de seu automóvel no estacionamento do prédio. Eu ainda estava agarrada ao meu cachorrinho quando João pôs uma chave em minha mão.

— O que é isso?

— Seu terceiro presente.

E apontou. Havia um carro ao lado, um automóvel lindíssimo, novinho em folha, num tom vinho escuro, com vidros negros e design moderno. Não acreditei e arregalei os olhos. João explicou:

— É um Citroën C4, lançamento para 2014. O carro é todo blindado, tem rastreamento por satélite e toda segurança possível e imaginável, Ana.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mas... Eu já tenho um carro — murmurei, apontando para o meu, ao lado do novo. — João, isso é loucura!

— Seu carro é de cinco anos atrás. Daqui a pouco começa a dar problemas. Sem contar que não tem segurança nenhuma. E sabemos que as ruas do Rio de Janeiro estão perigosas. Fico mais tranquilo assim.

— Você é louco! Meu Deus, joias e agora um carro! Vou te levar à falência antes de casar!

João riu, envolvendo minha cintura com um braço.

— Deixa de ser boba!

— Mas, falando sério, não precisa. É muita...

— É seu, Ana. Depois vende seu carro ou dá para alguém. Mas quero que use o Citroën a partir de agora. Ficarei muito mais calmo sabendo que está segura.

— Nossa! — Virei para ele, sorrindo largamente.

— Vai acabar me estragando.

— Isso nunca vai acontecer, meu bem. Gostou?

— Eu estou sem palavras... Não quero que pense que estou me casando com você pelo seu dinheiro — provoquei.

— Sei por que está casando comigo. — Seu

PERIGOSAS ACHERON

sorriso ampliou-se, enquanto deslizava a mão das minhas costas para minha bunda, seu olhar profundo no meu.

— Por quê?

— Sexo.

Eu ri. João me acompanhou na brincadeira.

— Pode ser. — Passei os olhos por seu corpo e parei na atura de seu pênis. — Tem algo aí que é espetacular. Inigualável. Vicia.

— Sua safadinha... — Apertou minha bunda.

O cachorrinho latiu, animado como a gente.

Fiquei encantada quando me mostrou o carro por dentro, com todo luxo e conforto que uma pessoa poderia querer. Então fomos para o apartamento com João carregando as coisas do filhote e com este em meu colo. Dentro da bolsa, minhas joias e chaves do carro. Dentro de mim, uma alegria transbordante, inacreditável, quase surreal. Nunca me senti tão amada e mimada. Só João já era uma felicidade completa. Mas ele ainda me dava mais, muito mais.

A única coisa destoante naquela maravilha toda era saber que Fernanda iria ao nosso casamento. João me contara do encontro deles. Mas decidi não deixar aquela mulher atrapalhar nada. Se era a

intenção dela, bateria de frente com aquele muro de amor e felicidade que envolvia a mim e a João.

O filhote correu pelo apartamento feliz da vida, escorregando no tapete, fuçando cada cômodo, indo para o terraço. João arrumou sua casinha num canto do quarto, porque insisti que era pequenininho e não ficaria bem sozinho, mas disse que tão logo estivesse maior teria outro lugar e concordei. Ele se fartou com água, comida, depois se acomodou em sua cesta acolchoada e caiu no sono.

Então nos abraçamos e beijamos apaixonados. Deixamos nossa roupa amontoada no chão do quarto e fomos para o banheiro, entre carícias enquanto a banheira enchia. Depois entramos nela, com água cheia de espuma perfumada, lavando um ao outro.

— Pode alguém ser mais feliz do que eu, João?
— indaguei, espalhando espuma em seu peito, ajoelhada entre suas pernas, ele recostado na banheira com a cabeça na borda.

— Pode. Eu.

Beijei seus lábios carnudos e ele puxou-me para si. Em segundos me deitava na banheira e vinha em cima de mim, entre as minhas pernas, cheio de desejo, apoiando um dos braços na borda enquanto

PERIGOSAS NACIONAIS

me acariciava com a outra mão e me beijava.

Eu o trouxe para mais perto, me esfregando, gemendo, ansiosa para tê-lo bem grande dentro de mim. E João não esperou. Enfiou os dedos dentro da água, entre meus lábios vaginais, sentindo minha umidade toda, conferindo se estava pronta. Então meteu o pênis todo dentro de mim e o recebi com ânsia, erguendo os quadris, com lascívia e com amor, tudo extravasando dentro de mim sem limites.

Agarrei-o, movi-me de encontro a ele, até que estava todo enterrado, seu pau em minha vulva latejante, sua língua em minha boca. Gememos juntos em um constante vai e vem, enquanto eu me desfazia maravilhada com a penetração gostosa, com seu corpo sobre o meu, com o beijo delicioso.

Fui invadida por emoções violentas, únicas, sensuais. Enfiei as unhas em suas costas molhadas, mordi seu ombro quando estocou mais firme e duro, abrindo-me toda, estremecendo até explodir em um orgasmo quente e longo. João também não demorou, rouco e gemendo, até se esvair gostosamente dentro de mim.

Beijou minha face e afastou-se um pouco, murmurando:

PERIGOSAS ACHERON

— Isso é só o aperitivo antes do jantar.

— Ah, é? E o que há de prato principal? — Sorri, lânguida.

— Vou pensar em algo bem gostoso.

E piscou para mim. Soube que seria algo inesquecível. Como sempre.

JOÃO PEDRO

Eu fiz de tudo para que Ana me dissesse qual era o meu presente de casamento, mas ela se negou. Disse que teria que realmente esperar voltar da lua de mel para ver, o que me deixou muito curioso, imaginando mil coisas e sem chegar a nenhuma conclusão.

Jantávamos juntos na sala de jantar, à luz de velas, ambos vestidos formalmente como se tivéssemos saído. A comida tinha sido encomendada em um dos melhores restaurantes da cidade e o champanhe era da melhor qualidade. Ao fundo, tocava uma suave música francesa, pois tinha descoberto que Ana gostava, especialmente de Edith Piaf e Charles Aznavour. E eu também apreciava.

O cachorrinho corria de um lado para o outro,

animado atrás de uma bolinha. Ana pensava que nome dar para ele.

— Você acha que ele tem cara de que, João?

— De cachorro.

— Falo sério! — Deu uma risada, linda em um longo preto, com os cabelos presos e os brincos e colar de ouro com rubi que eu tinha dado a ela da primeira vez que a presenteei. Seus olhos pareciam maiores com a maquiagem e o rímel, brilhantes e claros pelas chamas das velas.

Tomei um gole do champanhe, observando-a. Eu também usava roupa social e paletó escuro. Tínhamos resolvido ter uma noite especial, comemorando somente nós dois nosso casamento no dia seguinte. Ana me fitou, cheia de amor, admirando-me, enquanto murmurava:

— Você está lindo. A cada vez que te olho me surpreendo, sem poder acreditar que está mesmo aqui, comigo. Quando vi sua foto, senti que seria especial na minha vida, João. Mas não imaginei o quanto.

— Provamos que amor à primeira vista existe. — Segurei seus dedos sobre a mesa, entrelaçando-os aos meus. — Também não acredito às vezes. Foi tudo tão rápido e intenso.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Muito.

Naquele momento, o filhote rondou nossa mesa, latindo, querendo atenção. Ana olhou-o com carinho.

— Que tal Floquinho de Neve? O nome dele.

— Eu que não vou sair por aí chamando-o de Floquinho de Neve.

— Por que não?

— É muito gay, Ana.

— Que besteira! — Ela riu. — Seu machão! Então dê uma sugestão.

O filhote latiu de novo e sentou nas patas detrás, olhando-nos com as orelhas levantadas.

— Chatinho. — Sorri, sabendo que Ana ia reclamar.

— Tadinho, João!

— Chicote — falei sem pensar.

— Chicote? — Ana se animou, apertando minha mão. — Gostei!

Eu achei graça.

— Não, é sério, João. Chicote é legal. Uma das imagens que mais me chocam até hoje foi ter visto você a primeira vez no clube com aquele manto com capuz e o chicote na mão. Nunca tinha visto algo assim na vida. Eu e Paola ficamos sem fala.

PERIGOSAS ACHERON

Fitei seus grandes olhos castanho-claros, percebendo que estava corada, um pouco excitada. Passei o dedo indicador suavemente pela palma da sua mão. Perguntei baixinho:

— Ficou com medo?

— Sim.

— Se excitou?

— Sim. As duas coisas — confessou. — Até hoje penso naquilo. Mas imagino que deve doer muito.

— Depende, Ana. Não precisa doer exatamente. E sim excitar mais.

— Teria coragem de me amarrar e usar o chicote em mim?

Fiquei imóvel, sentindo todo meu corpo reagir, meu pau endurecendo na hora só de imaginar aquilo. Talvez eu fosse algum tarado, pois não só teria coragem como ficaria excitado ao extremo. Parecia loucura, uma vez que não queria machucá-la. Pelo contrário, somente desejava proteger Ana, fazê-la feliz. Mas aquele meu lado bruto, dominador, se elevava além de qualquer controle. Já o aliviara muito, aprendendo aos poucos a ser mais comedido, até a gostar de sexo baunilha com ela. Mas acho que a dominação, o desejo de tê-la como minha submissa na cama, ainda era muito

PERIGOSAS NACIONAIS

intenso, muito enraizado em mim, uma parte do meu eu.

— Sim, eu teria, Ana. E você? Teria coragem de deixar?

Ela mordeu o lábio inferior, um pouco nervosa.

— Preciso pensar só mais um pouco no assunto. Mas me excita sim.

— E quando a prendo na cama e bato na sua bunda? Você se excita? — Minha voz saiu rascante pelo desejo que já percorria meu sangue.

— Sabe que sim.

— Então, quando acabarmos o jantar, vai ficar quietinha enquanto faço tudo o que quiser com você. Enquanto recebe sua última surra como solteira.

Vi que engoliu em seco sob meu olhar intenso, suas bochechas vermelhas, o clima entre nós pesado pela tensão sexual. Tive vontade de pegá-la ali mesmo, bruto, forte, dominando-a, sentindo-a. Mas me controlei e terminei calmamente meu champanhe. Depositei a taça vazia na mesa e soltei sua mão, pegando a garrafa.

— Quer mais um pouco?

— Quero — disse rouca e enchi sua taça e depois a minha.

PERIGOSAS ACHERON

Chicote desistiu de esperar atenção e foi se deitar sobre o carpete, enroladinho, quietinho. Ana parecia sem fala, avaliando-me, enquanto a lascívia nos rondava. Fiquei recostado na cadeira, aparentemente calmo, mas já dominado pelo tesão. Indaguei secamente:

— Quer ir para a cama agora?

— Sim.

— Por quê?

— Porque quero ser sua — murmurou, sem esconder o misto de nervosismo e desejo que sempre a atacava quando eu começava aqueles jogos de dominação.

— Então, tome o seu champanhe. E iremos.

Ana obedeceu. Eu me ergui, minha taça na mão esquerda, pela metade. Vi quando arregalou os olhos e prendeu a respiração, logo após engolir um gole grande da bebida. Tranquilamente a rondei, indo para trás dela, apoiando minha mão em seu ombro. Senti-a tremer. Falei baixinho:

— Amo sua pele branca e macia. — E escorreguei a mão para seu colo, deslizando pelo decote do vestido justo. Não usava sutiã, então foi fácil penetrar sob o tecido e envolver seu seio direito em minha mão, sentindo o mamilo

intumescer sob a palma. Ela respirou fundo, pesadamente. — Só de imaginar que vou ter a vida inteira para acariciar você assim, penetrar seu corpo, beijar sua boca... Parece o paraíso.

A taça na mão dela tremia. Abaixei um pouco e mordisquei sua orelha, sussurrando perto do ouvido:

— Beba tudo.

E me ergui de novo, girando seu mamilo entre o polegar e o indicador por baixo do vestido, a outra mão trazendo a taça até meus lábios e terminando minha bebida. Ana também tomou a dela, ainda trêmula, ansiosa, excitada. Quando terminou, deixei seu seio e me afastei.

— Vamos, Ana.

Ela se levantou, olhos arregalados, lábios vermelhos de mordê-los. Segurei a garrafa, as duas taças vazias e a segui para o quarto, apreciando sua bunda marcada pelo vestido, seu andar ao mesmo tempo tímido e sensual. O desejo me corroía, latejava, consumia.

Chegamos ao quarto e ela parou perto da cama, sem saber o que fazer. Deixei as taças e o champanhe sobre a mesinha de cabeceira e disse a ela, antes de ir pegar minha caixa:

— Fique de quatro na cama. Não se dispa.

Não olhei para trás para saber se obedecia. Voltei com a caixa e a pus ao lado de Ana, quietinha apoiada nas mãos e nos joelhos sobre a cama. Parei ao seu lado, o tesão vindo violento dentro de mim. Agarrei seu cabelo na nuca com a mão esquerda e com a direita segurei a barra do vestido e o ergui até a sua cintura. Ela estremeceu, ansiosa. Vi sua bunda linda adornada por um fio dental preto. Excitado, segurei aquela calcinha minúscula e puxei-a para baixo por suas pernas.

Ana acabou se deitando na cama de bruços e, sem soltar seu cabelo, arranquei aquele tecido de nada. Acaricieei suavemente sua pele macia, das coxas até a bunda, minha mão coçando para dar uma palmada. Mas me controlei.

Larguei o cabelo, que se soltou todo e se espalhou sobre ela como uma seda. Preocupei-me em despi-la do vestido e depois das sandálias, até que ficou completamente nua, seu olhar pesado e excitado, seus lábios mordidos de ansiedade e um pouco de medo. Sorri, sabendo que toda aquela tensão já a deixava molhadinha para mim. E eu a queria pingando, ejaculando, gozando muito.

— Venha aqui. — Ajeitei-a com as pernas para

PERIGOSAS NACIONAIS

fora da cama, inclinada sobre essa apoiada nas mãos, seus pés plantados no chão.

Fiquei completamente teso ao ver os seios nus, o contorno da cintura e das costas, a bunda empinada e redonda. Sentei ao seu lado, peguei a champanhe e despejei em uma taça. Ana virou o rosto e me fitou com olhos bem abertos, aguardando, respirando irregularmente. Tomei um gole da bebida, sem me apressar. Indaguei baixo:

— Quer alguma coisa?

— Você, João.

— E me terá, meu bem. — Sorri e bebi. E ela ficou lá, esperando, ansiando, seu corpo esticado e arrepiado. Por fim, deixei a taça de lado e tirei meu paletó e depois a camisa. E acariciei sua bunda. Gemeu baixinho e fechou os olhos. Fui para trás dela e abri as nádegas redondas, fitando com um desejo animal seu orifício pequeno e seus lábios vaginais rosados, já brilhando com seus sucos. E não resisti.

Abaixei a cabeça e a lambi, desde o ânus até o clitóris, arrancando gemidos roucos de sua garganta, fazendo-a tremer. Torturei-a assim, sentindo-me esfomeado por ela, saboreando-a com volúpia e vontade, deliciando-me.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ah, João... — Ana tremia descontrolada, soltando cada vez mais creme em minha língua, fazendo-me faltar com ela.

Algo rugiu dentro de mim, forte, rasgando, querendo. Foi avassalador, uma fome sem igual, uma vontade de tomar tudo dela, de estar em todos os seus orifícios ao mesmo tempo, de tê-la embaixo de mim implorando por mais.

Sentei na beira da cama e a puxei atravessada em meu colo, de braços sobre meu joelho, já agarrando seu cabelo com uma das mãos e descendo a outra em uma bofetada bruta em sua carne macia. Ana gritou, esperneou um pouco, mas eu queria mais, muito mais, voraz, arfante. Dei outra palmada, vendo a pele branca avermelhar, enquanto ela gemia, se contorcia.

— Quietinha... — murmurei rouco, batendo mais e mais, espancando sua bunda bonita.

— Ai, João... Ai...

— Está doendo?

— Sim...

— Diga a palavra segura e paro. — Dei outra palmada firme. Ela estremeceu, choramingou. — Diga, Ana...

— Não...

PERIGOSAS ACHERON

— Porra!

Deixei sua bunda vermelhinha de palmadas, enquanto ela se entregava e se submetia. O desejo latejava dentro de mim, meu pau babava na cueca, duro demais. Parei um pouco, acariciei a pele quente, abri um pouco suas pernas. Meu dedo do meio entrou em sua vulva quente e muito molhada, que palpitava alucinadamente. Estremeceu, arfou, gemeu.

Segurando firmemente seu cabelo, girei sua cabeça e fiz com que me olhasse, encontrando seus olhos marejados e dopados pelo tesão. Isso me deixou ainda mais cheio de lascívia.

— Você gosta de apanhar, não é, Ana? Gosta de ser minha submissa, minha putinha particular.

— Eu sou sua, João... Faça o que quiser...

Cerrei um maxilar, pois minha fera interior rugia, pedia por mais. Imaginei-me batendo em sua bunda com meu cinto, fodendo-a brutalmente, obrigando-a as maiores perversidades a noite toda. Mas respirei fundo, controlei-me um pouco. Ela teria de mim só o que podia suportar. Mesmo assim, deixei parte daquela tara sair. E avisei:

— Fique bem quietinha. Olhe para frente.

Tirei o dedo e soltei seu cabelo. Deitei-a de

bruços sobre a cama e me ergui. Ana manteve-se imóvel, sem me olhar.

Trouxe a caixa para mais perto, pegando um preservativo e um vibrador que imitava um pênis mediano. Cobri o objeto com a camisinha e abri um pouco mais suas coxas, ajoelhando-me na beira da cama, mirando o pênis artificial em sua vulva. E o meti devagar.

— João, o que...

— Quietinha. Nunca vou deixar outro homem tocar em você, Ana. Mas hoje vai saber como sentiria ao ser penetrada por dois pênis. Três.

Ela estremeceu, toda entregue e submissa, sua bunda vermelha e quente, sua vulva pingando de tesão. Passei a penetrá-la com o vibrador, ligando-o. Quando zumbiu dentro dela, Ana mexeu-se e se contraiu, abalada, arfante. Enfiei tudo, ao mesmo tempo que abria sua bunda com a outra mão e passava a língua várias vezes em seu ânus.

— Ah, por favor... — suplicou fora de si, tremores varrendo seu corpo, a pele toda arrepiada.

Era uma delícia. Deixei-a a ponto de gozar, toda melada, o ânus com saliva e latejando, arrebatada. Sem que esperasse, puxei o vibrador fora de sua vulva e comecei a metê-lo no cuzinho, fazendo-a

gritar, tentar engatinhar na cama. Entrou fácil e enfiei tudo, estocando dentro dela. Ao mesmo tempo a virei de barriga para cima na cama e abocanhei sua bocetinha encharcada.

— Oh! — Ana gemeu alto, sacudindo-se, erguendo as pernas abertas, alucinada com o vibrador todo dentro do ânus, minha boca sugando-a, lambendo-a. — Não vou aguentar...

Ergui-me, olhando-a cheio de tesão, no meu limite. Peguei sua mão e fiz com que segurasse a ponta do vibrador por baixo do seu corpo, ordenando rouco:

— Não solte.

Então abri minha calça e pus o pau para fora. Puxei-a para mim, minha mão enterrando-se em seus cabelos na nuca, erguendo sua cabeça, enquanto estava ajoelhado no colchão.

— Chupe meu pau, querida. — E trouxe-a com a boca aberta até mim, arfando rouco quando me meteu na boquinha quente e molhada. Desci a outra mão por sua barriga e penetrei dois dedos em sua vulva latejante, passando a comê-la com força, pressionando rápido e fundo seu ponto G. — Isso, que gostoso...

Ana ficou louca, preenchida em seus três

orifícios. Mexia-se, gemia, suave. Puxou-me até o fundo da garganta e mamou tão gostoso, com tanta vontade, que não pude me controlar. Jorrei sêmen dentro de sua boca e ela engoliu faminta, alucinada.

— Puta gostosa... — gemi, estremecendo, sem poder tirar meus olhos dela, o coração parecendo um cavalo disparado em meu peito.

Meus dedos a devoraram, pressionando cada vez mais, até que se esticou e explodiu, tendo espasmos e convulsões, líquido incolor espirrando de dentro dela enquanto ejaculava em minha mão e no lençol. Caiu para trás, tirando-me da boca, sem poder controlar o próprio corpo, que ondulava, gemidos entrecortados escapando de seus lábios.

Continuei penetrando-a firme com os dedos, o orgasmo continuando, se estendendo, mais jorros vindo de seu interior, enquanto suave, implorava, choramingava e se contorcia. Até que acabou, exausta, mole, entregue.

Tirei os dedos e o vibrador. Deitei-me ao seu lado e beijei seu pescoço, adorando o cheirinho de morango, amando-a mais do que tudo.

E Chicote escolheu aquele momento para entrar no quarto latindo, fazendo o maior escândalo. Ana virou a cabeça devagar para mim, sorrindo. E sorri

PERIGOSAS NACIONAIS

também.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 6

Um sonho, um amor, um casamento

*Se você quer ser minha namorada
Ah, que linda namorada
Você poderia ser
Se quiser ser somente minha
Exatamente essa coisinha
Essa coisa toda minha
Que ninguém mais pode ser
Você tem que me fazer um juramento
De só ter um pensamento
Ser só minha até morrer*

*(Minha Namorada - Carlos Lyra / Vinícius de
Moraes)*

JOÃO PEDRO

Ana estava trinta minutos atrasada e meu nervosismo triplicava, a ponto de nem me reconhecer mais. Cumprimentado por meus amigos e parentes distantes, que tinham vindo de longe só para a ocasião, toda hora eu era parado no jardim da casa dos meus tios, que tinha sido preparado pela equipe organizadora do evento para comportar o casamento.

Estava tudo lindo. Um altar tinha sido montado no ponto mais visível e o gramado possuía fileiras de cadeiras brancas dos dois lados, formando um longo corredor no centro, por onde Ana andaria de braços dados com meu tio Bernardo até mim. Todas as cadeiras estavam ocupadas e muitas pessoas acenavam para mim ou vinham me desejar bons votos.

— Meu Deus, você conseguiu ficar ainda mais bonito! — exclamou tia Laurinha, ao me ver preocupado, andando pelo corredor, pois Ana demorava muito.

Eu a fitei e sorri de volta, feliz porque estava ali comigo, como sempre, mais até do que uma mãe. Abraçou-me e eu retribuí, sem entender por que me

sentia tão emocionado e sensível. Nunca havia tido tantos sentimentos ao mesmo tempo se revolvendo dentro de mim.

Tia Laurinha fitou-me da cabeça aos pés, reparando em meu terno cinza sob medida com colete, impecável, assim como meu cabelo bem arrumado para o lado, a barba feita.

— Lindão, meu querido. Mas por que essa ruga de preocupação entre os olhos?

— Ana está demorando demais. Não disse que quando saiu do spa ela já estava pronta? — indaguei um tanto ansioso, fazendo-a rir.

— Meu filho, é normal a noiva se atrasar um pouquinho. Fique tranquilo. Vem, vamos nos encaminhar para a entrada, assim já ficamos mais ou menos na posição correta.

Andamos de braços dados no corredor, até a ponta inversa a do palco. Vários amigos, conhecidos e parentes nos cumprimentaram. Entre um grupo grande de amigos do hospital, visualizei Fernanda impecável em um longo vestido verde-claro, olhando-me. Acenou e deu um leve sorriso para mim; retribuí. Então, ela tinha feito uso do convite.

— Ela chegou — informou minha tia e vi Isabel e

Paola se preparando entre os padrinhos. Fui engolfado pelo alívio.

— Já podemos começar. — Isabel parecia animada, até um pouco eufórica, não lembrando nada a mulher fria que tinha tentado dominar e influenciar Ana por tanto tempo. Sorriu para mim. — Ana está muito nervosa.

— Então somos dois — confessei.

— É, primo, você me passou a perna. — Vítor, abraçado a Paola, deu-me um tapa amistoso no ombro. — Para quem disse que nunca ia casar, até que se saiu bem.

— E ainda por cima com a sua noiva — debochou Paola.

— Ex-noiva, querida. — Apertou-a, beijando sua bochecha. — Mas estou à procura de outra. Se tiver alguma candidata por aí.

Ela riu, beijando-o de volta. Tia Laurinha fitou-me.

— E então, vamos começar?

— Vamos. — Parecia haver um buraco no meu estômago, o nervosismo me corroendo.

Nos organizamos em fileira, eu na frente com minha tia. Os violinistas que tínhamos contratado, junto com o pianista, começaram uma bela canção

matrimonial e respirei fundo, de repente muito consciente de tudo que me cercava: o belo azul do céu naquela tarde linda, as folhas das árvores balançando, os convidados ficando de pé e se virando para nos olhar, o altar em frente com o padre preparado. E me dei conta de que era real. Eu e Ana iniciariamos nossa vida de casados ali, cercados por pessoas queridas, que seriam testemunhas da nossa união.

Comecei a andar de braços dados com minha tia e por um momento fui atacado por lembranças da minha vida. Vieram como flashes, os anos que vivi, as pessoas que conheci, os conceitos que tive. Minha certeza de nunca me apaixonar e nem casar. A primeira vez que vi Ana e todos aqueles sentimentos novos que aprendi a ter com ela. E tudo desaguando naquele dia, o ápice, uma página que seria virada e outra que começaria.

Vi sorrisos, recebi olhares, segui em frente. Então o passado ficou para trás e senti alívio, calma, esperança. E sorri, almejando aquele meu novo destino, entregando-me sem reservas a ele.

No altar, minha tia me beijou e foi ocupar seu lugar na lateral, ao lado dos meus padrinhos. E fiquei imóvel, meus olhos fixos na outra ponta do

jardim, até que a vi surgir de braços dados com meu tio Bernardo e só tive olhos para ela. Ana, lindíssima em seu vestido de noiva. Senti um baque por dentro. E quando a marcha nupcial começou, meu coração disparou como um louco em meu peito.

ANA FLOR

Eu comecei a caminhar com Bernardo, como se caminhasse nas nuvens, mais feliz do que já estive um dia, um grande sorriso em meus lábios, os olhos brilhando de lágrimas não derramadas. E pensar que há pouco, quando chegara de carro com Paola e minha mãe, quase não me aguentava de vontade de chorar de tanto nervosismo.

— Não chore, vai borrar a maquiagem! — alertou minha mãe, enquanto eu estava dentro da limusine branca que João alugou especialmente para me levar até o casamento. Estava muito emocionada, passei o dia assim. E tinha sido só o carro parar em frente à casa dos tios dele para que as lágrimas surgissem em meus olhos.

— Não vou chorar — afirmei, lutando bravamente.

PERIGOSAS NACIONAIS

Mas quando encontrei os olhos marejados da minha mãe e os de Paola, quase caí em prantos.

— Respire fundo — incentivou Paola, segurando minhas mãos. — João precisa ver como está linda, perfeita. Depois, pode chorar à vontade!

Acabamos rindo.

Tinha sido um dia de sonhos, especial, no qual me senti uma princesa, paparicada e mimada, cuidada por todos. Ao mesmo tempo, pensei muito em João, senti sua falta, fiquei ansiosa para chegar logo à noite e vê-lo, tocá-lo, receber seu sorriso, poder dar as mãos a ele e dizer as palavras mágicas em frente ao padre, que nos tornaria marido e mulher.

Felizmente tive companhia de pessoas que amava. Laurinha, Paola e minha mãe estavam no mesmo spa que eu. Tomamos champanhe, comemos, tivemos pele, cabelo e unhas tratados, ficamos em banheiras relaxantes, tudo foi perfeito, imaculado, maravilhoso.

E quando me vi pronta, com meu vestido, joias e tudo mais, a realidade veio mais forte do que tudo, comprovando que não era um sonho e eu acordaria de repente, mas sim a verdade, algo real e concreto. E a felicidade jorrou em mim completa, perfeita, sem palavras.

PERIGOSAS ACHERON

A porta do carro foi aberta e dois rapazes de terno nos receberam, ajudando-nos a descer. O caminho que levava para os fundos, onde ocorreria a cerimônia e a festa, estava enfeitado e pessoas do buffet e fotógrafos se organizavam por ali.

Paola e minha mãe me abraçaram, pois iam entrar primeiro e dar o sinal de que a noiva chegara.

— Vai dar tudo certo. E lembre-se, nada de lágrimas! — Sorriu Paola, lindíssima em um longo cor de vinho.

— Você é a noiva mais linda do mundo! — disse minha mãe, emocionada. Para ela, sempre fria e arrogante, aquela era uma mudança e tanto.

— Obrigada. — Nos despedimos e se afastaram.

Bernardo, tio de João, que entraria comigo, veio me receber, elegante em um terno escuro.

— Nossa, é hoje que o João enfarta! Lindíssima, Ana! Uma princesa!

— Você é muito gentil, Bernardo. — Sorri, nervosa, enquanto ele me dava o braço.

Caminhamos lado a lado até um pouco antes do início do caminho ornamentado belamente por arranjos de flores brancas dos dois lados, onde também se espalhavam cadeiras brancas sobre o gramado, criando um corredor no meio por onde

passaríamos. Ao final do corredor, começava um tapete também branco no chão e uma pequena capela de madeira um pouco mais alta, onde ficavam o altar, o padre, os noivos e os padrinhos.

— É a pura realidade, querida. Vamos esperar aqui, enquanto os padrinhos entram. João só pode te ver na hora certa.

Concordei, respirando fundo. Fotógrafos nos cercaram e sorri para as fotos. Ouvi a bela música no violino anunciando a entrada de João com sua tia Laurinha, seguidos por minha mãe com Vítor e logo depois os padrinhos. Do meu lado, era Paola com meu primo de Teresópolis, mais um casal de amigos, cuja filhinha de cinco anos seria minha daminha. Do lado de João, era Vítor com uma amiga de anos de seus tios, que ele também considerava como tia, e mais um casal de amigos. Eu não podia vê-los de onde estava, só sabia como seria a ordem de tudo.

A organizadora do evento se aproximou muito elegante com Clarissa, a daminha. Eu as cumprimentei e beijei a menina linda com um rodado vestido branco, luvas até o cotovelo e cabelos escuros cacheados cheios de pequenas florezinhas.

— Está linda! — exclamei emocionada.

Clarissa sorriu, segurando uma pequena cestinha com as alianças.

Como ela, eu tinha dispensado o véu e usava apenas um arranjo de flores de um lado do cabelo, que caía em cachos longos sobre minhas costas. Minha maquiagem era impecável e suave, o vestido tinha um corpete justo e tomara que caia bordado, enquanto a saia caía em várias camadas entrecruzadas e onduladas de organza.

Anunciaram que estava tudo pronto e Clarissa assumiu sua posição na minha frente.

Meu coração disparou loucamente. Fiquei quente, depois gelada, sentimentos diversos me atacaram. Bernardo apertou meu braço com carinho, percebendo o quanto eu tremia. E caminhamos para o início do caminho, quando começou a Marcha Nupcial. Respirei fundo, muito emocionada, e comecei a andar em direção ao meu futuro, ao meu sonho, ao meu amor.

E tudo ganhou vida e explodiu em cor quando vi João no altar, olhando fixamente para mim. Fui envolvida por tanto amor que quase perdi o ar. E fui até ele, sem poder desviar meus olhos, percebendo em seu rosto as mesmas emoções

intensas e profundas que me engolfavam.

Dizer que estava lindo seria eufemismo. Mas estava ainda mais maravilhoso e eu bebi de sua imagem e de tudo que representava para mim. Era o meu príncipe encantado tão amado e almejado. O meu sonho se tornando realidade.

A cada passo que eu dava, eu me aproximava de João e me sentia ainda mais feliz, em júbilo, extasiada. E sorri para ele, como se só existisse nós dois no mundo. João sorriu também, devagar, com aquele seu jeito naturalmente sensual, quente, intenso.

E então veio até mim. Antes mesmo de cumprimentar seu tio, ele acariciou meu rosto, como se precisasse me tocar para garantir que tudo era real, exatamente da maneira que eu me sentia. Só então relaxou um pouco e estendeu a mão, apertando a de Bernardo.

— Obrigado, tio.

— Agora Ana é toda sua. — Seu tio deu-lhe um aperto de mão e um abraço amistoso, que João retribuiu.

Veio para o meu lado, estendendo-me seu braço, murmurando:

— E vai ser minha para sempre.

— Sempre — repeti em um murmúrio.

O amor nos ligava, mais forte do que nunca. Caminhamos juntos o resto do caminho, até pararmos em frente ao padre, que nos recebeu com um sorriso.

Dali por diante, a cerimônia correu perfeita, celebrada com palavras belíssimas de união, amor, companheirismo. Eu sentia João ao meu lado e meus olhos enchiam-se de lágrimas, por tudo que aquilo significava, por nossa vida de casados que se iniciava ali e por acreditar que seríamos imensamente felizes.

O sacerdote dizia:

— Noivos caríssimos, viestes à casa da Igreja para que o vosso propósito de contrair Matrimônio seja firmado com o sagrado selo de Deus, perante o ministro da Igreja e na presença da comunidade cristã.

Cristo vai abençoar o vosso amor conjugal. Ele, que já vos consagrou pelo santo Batismo, vai agora dotar-vos e fortalecer-vos com a graça especial de um novo sacramento para poderdes assumir o dever de mútua e perpétua fidelidade e as demais obrigações do Matrimônio.

Diante da Igreja, vou, pois, interrogar-vos sobre as

vossas disposições.

Olhou para mim e para João e naquele momento começou uma canção que nós dois tínhamos escolhido juntos, tocada e cantada ao vivo. Era *Céu de Santo Amaro*, de Flávio Venturini e Caetano Veloso. Fui invadida por emoções violentas, que fizeram meus olhos ficarem cheios de água, meu peito repleto de amor, todo meu ser concentrado naquele momento.

Fitei João e ele me olhou com a mesma emoção, seus olhos azuis brilhando, dizendo mais do que tudo. E assim, o padre iniciou o interrogatório sobre nossa disposição em ser fiel e se dedicar um ao outro:

— João Pedro, Ana Flor, viestes aqui para celebrar o vosso Matrimônio. É de vossa livre vontade e de todo o coração que pretendeis fazê-lo?

Nós respondemos juntos:

— É, sim.

Ele acenou com a cabeça e continuou:

— Vós, que seguis o caminho do Matrimônio, estais decididos a amar-vos e a respeitar-vos, ao longo de toda a vossa vida?

— Sim. — Meu peito se expandia, minha alma se elevava, as lágrimas se acumulavam a ponto de não

poder enxergar mais nada à minha frente.

— Estais dispostos a receber amorosamente os filhos como dom de Deus e a educá-los segundo a lei de Cristo e da sua Igreja?

— Sim. — Ouvi a voz grossa de João ao meu lado e a ecoei, a minha saindo trêmula.

O sacerdote nos convidou:

— Uma vez que é vosso propósito contrair o santo Matrimônio, uni as mãos direitas e manifestai o vosso consentimento na presença de Deus e da sua Igreja.

Eu e João viramos um para o outro e nos olhamos. Pisquei e as lágrimas rolaram grossas. Ao mesmo tempo sorri, vendo-o tentar controlar as próprias emoções, também abalado, entregue, emocionado. Unimos nossas mãos direitas e senti a energia viva que vinha dele, pulsando, passando para minha pele, percorrendo cada terminal nervoso do meu corpo. E então ele disse, a voz rouca pelos sentimentos que o dominavam:

— Eu, João Pedro, recebo-te por minha esposa, Ana Flor, e prometo ser-te fiel, amar-te e respeitar-te, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, todos os dias da nossa vida.

Mordi os lábios, para controlar seus tremores,

meus olhos novamente cheios de lágrimas, enquanto fitava seus carinhosos olhos azuis, os olhos que eu queria fitar para o resto da minha vida. E consegui dizer:

— Eu, Ana Flor, recebo-te por meu esposo, João Pedro, e prometo ser-te fiel, amar-te e respeitar-te, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, todos os dias da nossa vida.

O padre acenou e emendou solene:

— Confirme o Senhor, benignamente, o consentimento que manifestastes perante a sua Igreja, e Se digne enriquecer-vos com a sua bênção. Não separe o homem o que Deus uniu.

Naquele momento Clarissa se aproximou com as alianças e entregou-as ao Padre, que as abençoou, recitando:

— Abençoi e santificai Senhor, o amor dos vossos servos, João Pedro e Ana Flor, para que, entregando um ao outro estas alianças em sinal de fidelidade, recordem o seu compromisso de amor. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, que é Deus convosco na unidade do Espírito Santo.

Todos responderam:

— Amém.

Foi com o coração batendo alucinadamente que vi

João pegar da cestinha que o padre nos oferecia a aliança que seria minha. Mordi os lábios, tentando me controlar, mas então já chorava muito, tremores e uma felicidade extasiante percorrendo-me toda.

Virou-se para mim, sorriu e, sem estar no que ensaiamos, passou os dedos por meu rosto, secando minhas lágrimas. Sorri de volta. Só então segurou minha mão esquerda e lentamente colocou a aliança de ouro no meu dedo anelar, dizendo rouco e grave:

— Ana, recebe esta aliança como sinal do meu amor e da minha fidelidade. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

Respirei fundo, sem poder controlar tanta emoção. Tremendo, peguei a outra aliança, segurei sua mão grande e a coloquei em seu dedo anelar, dizendo o mais firme que consegui:

— João, recebe esta aliança como sinal do meu amor e da minha fidelidade. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

Olhamos um nos olhos do outro, amor transbordando, dedos unidos, apenas um coração batendo em uníssono. E me senti a pessoa mais feliz do universo. Mais completa e mais abençoada.

O padre então disse:

— Irmãs e irmãos: imploremos as graças de Deus

para estes esposos, agora unidos em Matrimônio, e também para a Igreja e para o mundo, dizendo com alegria: ouvi-nos, Senhor. Pelo João e pela Ana, criados por Deus à sua imagem, para que sejam felizes na mútua doação e mantenham sempre vivo o amor que os une, oremos, irmãos.

E continuou, enquanto nos olhávamos e amávamos ainda mais:

— Pelo novo lar que eles hoje fundaram, para que os pobres que baterem à sua porta aí encontrem acolhimento e ajuda, oremos, irmãos. Pelos seus pais, parentes e amigos e por todos os que aqui estão presentes, para que possam alegrar-se de vê-los sempre felizes, oremos, irmãos. Pelos maridos, para que respeitem as esposas, pelas esposas, para que respeitem os maridos, e nada os possa separar do amor de Cristo, oremos, irmãos. Pelos membros das nossas famílias, que amaram a Cristo e já partiram deste mundo, para que o Senhor os receba no seu reino, oremos, irmãos.

Fitou-nos, atentamente, sorrindo:

— Deus eterno e onipotente, derramai benignamente a vossa graça sobre os vossos servos João e Ana, que hoje se uniram em Matrimônio e confirmai-os no amor fiel e santo. Por Jesus Cristo,

nosso Senhor. Eu vos declaro marido e mulher.

João puxou-me para si na hora, dominador e quente como eu conhecia, e caí em seus braços em júbilo, minhas mãos em seu peito, recebendo um beijo apaixonado, delicioso, que dizia como nos sentíamos unidos e emocionados, ligados, únicos.

Os convidados explodiram em aplausos e assovios. E me debulhei em lágrimas, sem controle, tão abalada e cheia de sentimentos violentos que o agarrei e apertei, ouvindo-o murmurar contra meus lábios:

— Amo você, minha esposa.

— Amo você, meu marido... — sussurrei e sorri, fitando seus olhos, acariciando seu rosto.

Então nos viramos para os convidados que aplaudiam, emocionados, enquanto espalhávamos nossa felicidade para todos. Minha mãe veio me abraçar chorando e Paola também. Os tios de João e Vítor também o cumprimentaram com abraços e beijos. E assim nos casamos, assinamos os papéis do cartório, nos tornamos um só. E partimos para o meio do corredor de mãos dadas, nossas alianças comprovando nossa união.

JOÃO PEDRO

PERIGOSAS ACHERON

Conforme andávamos pelo corredor entre as cadeiras de convidados, fomos recebidos por uma chuva de arroz. Rimos, enquanto eles diziam votos de felicidade; alguns assoviavam, os mais saíndinhos gritavam alguma gracinha. A felicidade era tanta, que vi o sol se pondo no horizonte, ainda derramando sobre nós seus raios dourados, tive vontade de agradecer.

Acho que Ana sentiu o mesmo. Era como se agora estivéssemos tão conectados que os sentimentos vinham dela para mim e vice-versa. Ela soltou minha mão de repente, andou rápido em direção aquele sol e riu sozinha, abrindo os braços, fechando os olhos, agradecendo intimamente a Deus pela realização do seu sonho, como fiz dentro de mim por tê-la, por amá-la mais do que tudo naquela vida, por ser tão privilegiado. Girou sobre si mesma e se voltou para mim, que parado a observava com intensidade e amor, com meu peito doendo de tanta felicidade.

Com olhos brilhantes, correu de volta para meus braços e se jogou neles, abraçando-me forte. Eu a ergui, apertei-a, sem poder tirar os olhos dela, sem poder acreditar que estava vivendo tudo aquilo, que

PERIGOSAS NACIONAIS

era mesmo minha, que me realizava de uma maneira inexplicável. E Ana murmurou, expandindo o amor que também eu sentia:

— Te amo! Te amo! Te amo!

Acabei rindo e a fiz escorregar por meu corpo até pousar seus pés no chão, beijando-a na boca com paixão enquanto todos gritavam, riam, aplaudiam. Mas aquele momento era só nosso e nos tornamos um, agarrados, únicos.

— Que lindos! — Ouvi minha tia dizer, se debulhando em lágrimas.

Sorri, afastando-me um pouco, fitando os olhos de Ana.

— Agora é a hora da festa, minha bela esposa Ana Flor Valente.

— Então, vamos. Se deixarem, ficaremos aqui nos beijando o resto da tarde e noite adentro. — Deu uma risada.

— Teremos tempo para isso, mais tarde — prometi em seu ouvido, rouco.

E assim fomos para o salão montado em outra parte do jardim, onde as pessoas se espalharam pelas mesas, cercadas de arranjos de flores e cortinados brancos que davam um ar bem romântico ao ambiente. Havia uma pista de dança

PERIGOSAS ACHERON

perto de um palco, onde um DJ animaria a festa, e garçons já circulavam servindo os convidados.

Um conjunto de mesas unidas tinha sido separado para mim, Ana, meus tios, Isabel, Vítor e Paola. Sentamos e na mesma hora meu tio Bernardo se ergueu e fez um brinde a nós, emocionado. Eu não conseguia parar de sorrir, também emocionado. Então, Vítor se ergueu e fitou Ana e depois a mim, dizendo alto:

— Eu queria desejar ao casal toda felicidade do mundo! João, você é meu irmão, cara. Lamento pelas vezes que, me deixando levar por uma ilusão, quase destruí o amor de vocês. Ana, faça meu primo feliz. No final, deu tudo certo e ainda ganhei a mulher da minha vida. — Piscou para Paola que, surpreendentemente, ficou corada. — E agora, vamos beber!

Todos riram e aplaudiram.

Foi uma festa maravilhosa. Comida e bebida da melhor qualidade, música de bom gosto, todos se divertindo. Depois do jantar, era o momento de inauguramos a pista de dança com a valsa, mas ficamos na dúvida quanto à música quando contratamos a firma organizadora do evento e perguntei se eu poderia escolher outra música, mais

moderna, algo que gostássemos. Ana concordou, mas não quis contar para ela qual era a música. Assim, ao chegarmos à pista de mãos dadas, Ana curiosa para saber qual seria, eu peguei o microfone que um garçom me estendeu e disse a todos:

— Sei que o tradicional é uma valsa agora. Mas eu queria uma música que mostrasse como me sinto em relação à minha esposa nesse momento. — Passei os olhos pelos convidados e meu olhar encontrou o de Fernanda. Estava pálida, quieta, fitando-me sem piscar. Por um momento, algo como um incômodo veio dentro de mim, mas então ela sorriu. Continuei a fitar os outros, até me virar para Ana e relaxar, sem acreditar que aquele homem apaixonado e romântico ali era mesmo eu. — Ana, sei que adora músicas francesas. E tem uma que diz o quanto uma mulher pode ser importante para um homem. Com ela, sua vida é um paraíso. Longe dela, um inferno. Essa música está em inglês, mas é cantada por um dos cantores franceses que mais gosta. Dance comigo.

— Sempre — murmurou, cheia de emoção.

Devolvi o microfone e fomos ao centro do salão quando começou a música *She*, cantada por Charles Aznavour. Eu a puxei para meus braços e

PERIGOSAS NACIONAIS

dançamos juntos, olhos nos olhos, amor extravasando por cada poro.

— Nunca vou esquecer isso — Ana murmurou, com lágrimas nos olhos. — Obrigada por tudo. Pelo casamento dos meus sonhos, por tudo que fez por mim, por suas palavras, por me tornar a mulher mais feliz do mundo.

— Não agradeça. Faz por mim em dobro, meu bem. — E beijei suavemente seus lábios.

— Adoro essa música.

— Eu sei.

E dançamos juntinhos.

Depois, outras músicas românticas começaram e dançamos com outras pessoas. Minha tia disse, feliz:

— Nunca imaginei que um dia veria você desse jeito, João, tão realizado e relaxado, tão apaixonado. Sempre foi autossuficiente, só voltado para a Medicina, nunca parando só com uma mulher. Depois do que Angélica fez, então, tive certeza que desistiria de vez de casar e ter filhos. E agora... Ah, meu filho, que alegria! Não vejo a hora de ver seus bebês!

— Calma, tia, acabei de casar. — Acabei rindo e ela me acompanhou.

PERIGOSAS ACHERON

— É verdade. A vida é mesmo engraçada. A única mulher que achei que talvez dobrasse você era a Fernanda. — Fitou-me, pensativa. — Sabe que ela sempre o amou, não é?

— Sei.

— Bom que ela veio, que não guardou rancor.

— Bom mesmo. — Mas aquele assunto ainda me incomodava um pouco. Só o tempo para mostrar se eu estava enganado.

Dancei com Isabel, Paola, Elenita, a amiga de meus tios que era como uma tia para mim, até voltar de novo aos braços de Ana.

Foi um casamento delicioso. Depois todos se acabaram na pista com músicas animadas e Ana ergueu um pouco a saia e dançou muito com Paola e os amigos, com quem frequentava o Loretta. Vi Ricardo no meio deles, o modo como de vez em quando fitava Ana desolado, enquanto eu sentia ciúmes dele. Mas me controlei, vendo que era mais forte que o rapaz e que Ana nem notava. Ela era minha. E só podia lamentar que gostasse dela. Mas também não descuidei de observá-los.

Depois andamos pelas mesas dos convidados, cumprimentando-os, conversando, matando saudades de alguns que não víamos com tanta

frequência. Conheci uns parentes distantes dela e Ana os meus.

Senti-a tensa quando chegamos perto da mesa de um grupo de médicos e enfermeiros do hospital, onde Fernanda estava. Mas sorria, nem parecendo incomodada.

Todos nos cumprimentaram e sorriram, brincando, os casados dizendo que casamento era uma tortura, tentando nos aterrorizar. Fernanda, como os outros, se levantou. Parecia tranquila. Sorriu e estendeu a mão para Ana, dizendo gentilmente:

— Queria que soubesse que desejo tudo de bom para vocês. Foi um casamento lindo, Ana.

— Obrigada, Fernanda. — Ela retribuiu o aperto, sendo também gentil.

— Cuide dele. — E virou-se para mim, dando-me um suave beijo no rosto. — Toda felicidade do mundo, meu amigo.

— Agradeço. Bom tê-la aqui.

Trocamos mais algumas palavras com eles e fomos para outra mesa. Lancei um olhar a Ana, sentindo-a mais séria.

— Tudo bem?

Fitou-me e relaxou um pouco.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim.

— Chateada?

— Não. Nada pode me chatear hoje.

E abriu-se num grande sorriso.

E nem a mim. Alguém poderia morrer de tanta felicidade?

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 7

Lua de mel inesquecível

*Quem vai dizer ao coração,
Que a paixão não é loucura
Mesmo que pareça
Insano acreditar
Me apaixonei por um olhar
Por um gesto de ternura*

*(Quando a Gente Ama - Marcelo B Barreti / Nil
Bernardes / Fábio Caetano)*

ANA FLOR

Eu não podia acreditar que estava vivendo tudo aquilo.

Como se não bastasse o casamento maravilhoso, agora a nossa lua de mel estava se mostrando muito além do que imaginei. Escolhemos visitar a Serra Gaúcha e conhecer o Natal de Luz, naquela época de dezembro. Seriam apenas quatro dias, porque João não podia se afastar por muito tempo de seus pacientes.

Ele selecionou o hotel, pois já tinha visitado a região mais de uma vez, enquanto eu nunca tinha ido. Queria conhecer Gramado, Canela, as vinícolas, o Lago Negro e andar no Maria Fumaça. Pensei que o hotel seria uma espécie de chalé, algo romântico e bonito, simples. Mas quando saímos do aeroporto internacional Salgado Filho naquela manhã de domingo e um chofer nos esperava diante de um luxuoso carro negro, fiquei surpresa.

Fitei João, que sorriu e cumprimentou o senhor uniformizado. Eu fiz o mesmo e o chofer foi muito educado:

— Bem-vindos ao Rio Grande do Sul. Por favor...

— E abriu a porta do carro para que entrássemos no

PERIGOSAS NACIONAIS

banco detrás, enquanto ia guardar as duas bagagens no porta-malas.

Mal sentamos, olhei em volta, impressionada pelo luxo do carro. Ainda mais quando João abriu um pequeno compartimento e puxou um espumante e duas taças, entregando-me uma.

— Aqui é o hotel? — brinquei, referindo-me ao ambiente rico e espaçoso.

— O hotel oferece serviço de transporte com chofer e bebida, meu bem. — Seu sorriso ampliou-se ao me entregar a taça. — Vamos fazer um brinde à nossa felicidade.

— À nossa felicidade — brindei, tocando sua taça com a minha.

O chofer já colocava o carro em movimento quando murmurei:

— Deve ser um bom hotel.

— Muito bom.

Concordei com a cabeça, desconfiada pelo seu olhar divertido. Tomei um gole do espumante delicioso, sentindo as borbulhas na boca.

Naquele momento uma bela música clássica começou a tocar em som ambiente e João passou o braço em volta do meu ombro, beijando suavemente minha cabeça.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Relaxe. Você vai gostar de tudo.

— Tenho certeza disso. — Sorri, virando um pouco a cabeça para beijar seu queixo, aconchegando-me a ele e tomando meu champanhe, olhando a bela paisagem do lado de fora. — Essa arquitetura alemã é tão linda...

— Linda mesmo. Vamos visitar cidades onde predominou a colonização italiana, mas a maioria foi alemã mesmo. Como a do hotel em Gramado onde vamos ficar.

— Quanto tempo leva até chegarmos?

— Uma hora e meia, mais ou menos. Mas a viagem é linda. E a companhia melhor ainda.

Afastei-me só o suficiente para poder olhá-lo, animada, comentando:

— Vai ser uma delícia ficar aqui esse tempo com você. Mas pensei que pegaríamos algum ônibus da companhia turística com outros hóspedes, não esse carro lindo. E quando quisermos visitar as outras cidades, como vamos fazer?

— Eu já aluguei um carro pra gente. Vai estar no hotel nos esperando. Preferi assim, pois não ficamos presos. Podemos escolher o local que queremos visitar e quanto tempo demorar em cada um. — Seu olhar era tranquilo, parecia relaxado

PERIGOSAS ACHERON

como um gato satisfeito. Eu o observei um pouco, admirando-o.

— Vai ser ótimo.

— Sim. Conheço um pouco da região. Depois podemos voltar com mais tempo, para conhecer tudo. No inverno é uma maravilha.

— Imagino, deve parecer a Europa mesmo. Engraçado como o Brasil é maravilhoso! Tem aquelas praias lindas do Nordeste, esse clima delicioso aqui do Sul, tantas belezas naturais diferentes! — Suspirei. — Passaria minha vida inteira viajando, conhecendo o Norte, o Sul, todo lugar desse país.

— Podemos fazer isso, Ana. Tiramos férias juntos e passeamos por onde quisermos. Até fora do país. É só escolher.

— Nossa! Vou ficar mesmo mal-acostumada. — Sorri, e João retribuiu.

— Se depender de mim, vou te estragar à vontade, deixá-la mesmo mal-acostumada. — Terminou sua taça e deixou-a de lado. Eu também e me acomodei entre seus braços.

Passamos a conversar, principalmente sobre o casamento.

Estávamos um pouco cansados, pois saímos da

PERIGOSAS NACIONAIS

festa quase duas horas da manhã e tivemos que acordar cedo para pegar o avião no domingo. Aliás, quase nem dormimos.

Lembrei com um sorriso que João nem pensou em descansar. Quando chegamos ao apartamento, fez questão de entrar me carregando no colo e só parou ao chegarmos no quarto e me pôr na cama. E já vinha em cima de mim, beijando minha boca, tirando meu vestido de noiva.

Eu o despi também, entre beijos e carícias ansiosas, nossa primeira transa como marido e mulher. Foi quente, arfante, rápido. Ondulamos na cama juntos, apaixonados, murmurando juras de amor. E dormimos nus nos braços um do outro, acordando quase em cima da hora para viajar. Por sorte tínhamos deixado tudo pronto e organizado. Só deu tempo de tomar o café da manhã no aeroporto, mas tudo valeu a pena.

Aquela uma hora e meia dentro do carro passou rapidinho. Entre conversas, carinho, observando a paisagem, passamos pela bela entrada de Gramado, que lembrava um estilo bávaro em madeira e pedra, um Pórtico, cercado dos dois lados por belos jardins coloridos, no qual se lia: “Leve nos olhos a imagem colorida de Gramado”.

PERIGOSAS ACHERON

— Que lindo! — disse encantada.

Passamos por ruas bem cuidadas, com construções em estilo alemão, tudo muito organizado, limpo, com flores multicoloridas. E dali seguimos por Belvedere, aos poucos aumentando a altitude, enquanto João explicava:

— Seguindo em frente damos na cidade de Canela. Agora vamos seguir para o Vale dos Quilombos, onde está o hotel. Mas podemos voltar mais tarde para você conhecer as cidades por aqui.

— Ah, eu quero! Tem tanto para ver!

Observei maravilhada a paisagem, com montanhas cobertas de araucárias e muito verde, enquanto o carro serpenteava pelo vale e entrava em uma rua florida. Dali passou por outro pórtico, no qual se lia o nome do hotel e começava uma bela estradinha particular. Após uma curva, descortinou-se um belo lago e uma construção que mais parecia um castelo escocês, com um paisagismo espetacular, divino. Fiquei sem palavras.

— Nosso hotel. — murmurou João.

Por trás da construção lindíssima, se descortinavam as montanhas e um céu azul com um jogo de luz meio lilás, causando um efeito

extraordinário, parecendo um castelo dos sonhos.

— Meu Deus... — Fiquei boquiaberta.

João deu uma risada, apertando minha mão.

Quando o carro parou de frente à entrada luxuosa, o chofer saiu e veio abrir a porta para a gente. João me ajudou a descer, enquanto eu olhava tudo admirada, encantada. Rapazes uniformizados já retiravam nossa bagagem e um mordomo veio nos receber com um sorriso e votos de boa estada, levando-nos para dentro enquanto trocava palavras amáveis e educadas com João sobre nossa viagem.

O hall de entrada era coberto com mármore marrom imperador, onde uma mesa de centro com um lindíssimo arranjo de flores naturais nos recebeu em seu esplendor. Papéis de parede, móveis, objetos de decoração, tapetes e outras peças pareciam réplicas luxuosas de um castelo europeu, com detalhes em bronze, tudo de altíssima qualidade. Nunca tinha entrado em um ambiente tão requintado. Enquanto João parecia bem à vontade, fiquei quieta, impressionada. Minha mãe adoraria aquilo ali. Sentir-se-ia uma verdadeira rainha.

A rica arquitetura e os ambientes impecavelmente decorados com elementos clássicos e

contemporâneos, os lustres tchecos, a fragrância no ar de cedro, flores, tudo contribuía para transformar aquele hotel em um local inigualável, perfeito, inesquecível.

— Suíte Diamante para o senhor e senhora Valente — o Mordomo indicou a um senhor elegantemente uniformizado, que nos cumprimentou e levou em direção ao andar superior, seguidos dos dois carregadores.

Antes passamos pelo living no térreo, de aproximadamente oito metros de pé direito, onde um lustre maravilhoso e impressionante lançava uma luz dourada sobre o ambiente. Apertei a mão de João e os acompanhei, realmente encantada com tudo.

A suíte em que fomos levados era espetacular. Enquanto João se entendia com os carregadores e o senhor uniformizado, deixei-os e a percorri, com olhos arregalados, muito impressionada.

Predominava iluminação suave e tons bege, com uma saleta particular com lustre, tapetes macios, namoradeiras negras, sofás e uma tevê embutida em uma estante belamente modelada em madeira clara. Dali abria-se um corredor que dava em duas sacadas com terraços e vistas lindíssimas, uma para

PERIGOSAS NACIONAIS

o vale e outra para os jardins e a piscina. Havia também dois banheiros em mármore italiano, um com chuveiro e outro com uma banheira, de vista para a paisagem extraordinária.

E então vinha o quarto, com uma deliciosa cama king size no centro, emoldurada por trás por uma parede de espelhos e na frente um grande painel de madeira com tevê de LED, munido de um mini rack e um confortável sofá.

Retornei à sala. Os dois carregadores tinham saído e ouvi o senhor uniformizado explicando a João na porta:

— Sou o mordomo exclusivo de sua suíte, senhor Valente. Qualquer coisa, tocando a campainha ou chamando por telefone, terá atendimento 24 horas. De qualquer forma, espero que o senhor e a senhora tenham uma boa estada.

— Obrigado, Frank.

O senhor acenou e saiu. Quando João fechou a porta e se virou, fui até ele, fitando-o.

— Você está louco, João? Isso é um castelo!

— Perfeito para minha princesa — murmurou, abraçando-me pela cintura, fitando meus olhos, sorrindo largo.

Acabei rindo, sem acreditar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vamos ficar só quatro dias! Esse hotel é tão maravilhoso que nem precisamos sair para explorar mais lugar nenhum!

— Podemos ficar aqui, você é quem sabe.

— Não! Vamos nos matar de um lugar para outro, mas quero tudo!

— Gulosa, senhora Valente. — E mordiscou suavemente meu lábio inferior. — Por mim poderíamos passar esses quatro dias na cama.

— Eu sei! — Ri e empurrei-o de brincadeira. — Mas por mais que seja tentador, quero ver tudo, João! Por favor!

— Claro.

— Venha ver só como é lindo! — E o arrastei para conhecer a suíte.

Resolvemos sair para explorar o hotel.

Fiquei sabendo que era tão exclusivo, que tinha apenas onze suítes e poderia abrigar no máximo 22 hóspedes. Imaginei a fortuna que deveria custar! João só podia ser louco mesmo! Mas acabei adorando tudo, impressionada, maravilhada.

Nossa suíte era a maior e a principal. Todas as outras tinham nome de pedras preciosas, a nossa era a Diamante.

Ficamos por ali até a hora do almoço.

PERIGOSAS ACHERON

Caminhamos pelos jardins lindos, em volta do lago, na piscina coberta por vidro com seis colunas imitando termas romanas, e com duas fontes em forma de leão, cheia de espreguiçadeiras ao lado. Cumprimentamos alguns hóspedes que apreciavam seus drinques por ali e seguimos em frente.

Havia também uma bela adega climatizada, onde um sommelier discutiu vinhos com João e nos indicou uma marca, que provamos ali mesmo. Delicioso. Ele nos explicou que ali havia mais de 239 rótulos de vinhos, da melhor qualidade, e que era possível encomendar um jantar íntimo no próprio local, com um chef exclusivo.

O restaurante do hotel era lindo demais, em tons marrom, dourado e pink. Cada mesa tinha um lustre individual. Almoçamos lá e me deliciei com o cardápio que João me ajudou a escolher, composto de uma entrada de parmentier de lagosta, o prato principal um salmão com arroz selvagem ao vinagrete de laranja e aspargos e como sobremesa uma torta suflê de chocolate meio amargo e sorvete de framboesa, que João fez questão de pedir para mim, para se deliciar me observando comer com prazer. Tudo regado a um vinho delicioso.

— Vamos voltar ao quarto e descansar um pouco?

Mais tarde saímos, sem hora para voltar.

Eu via em seu olhar que queria ir para a cama não para descansar. Desde que descobri que se excitava em me ver saboreando doces, passei a provocá-lo ainda mais e agora o sentia aceso, seu desejo quase algo físico. O que me excitou também. Concordei e fomos para a suíte de mãos dadas.

Entrei na frente, enquanto João fechava a porta. Já estava no meio da sala quando ele me agarrou por trás, um de seus braços parecendo uma barra de ferro em volta da minha cintura, a outra mão fechando-se em minha garganta, imobilizando-me. Pude sentir seu pau duro de encontro à bunda, enquanto a voz rouca perto do meu ouvido causava-me arrepios:

— Você queria me provocar?

— Eu consegui — sussurrei, sentindo o coração disparar com aquela sua pegada e a voz rascante.

— Sabe que merece um castigo?

— Mereço? E o que pensa fazer? — provoquei.

— Penso, não. Eu vou fazer.

A ameaça velada e dura só me excitou mais, no entanto, fiquei decepcionada quando me soltou. Passou por mim e foi até o sofá, sentando-se displicentemente com as pernas abertas, um olhar

quente e firme, maciço, fixo em mim.

— Tire a roupa — disse baixo.

Estremeci, estimulada como sempre ficava quando usava aquele tom de domínio comigo, quando jogava com a sensação de poder.

Fitei seus olhos azuis semicerrados e, apesar de me sentir um pouco tímida, obedeci. Abri devagar os botões da blusa azul e a despi, deixando-a no chão. Foi a vez da calça preta e dos sapatos. Fiquei apenas de calcinha e sutiã brancos, rendados. Seus olhos ordenavam que eu continuasse. E assim o fiz, até estar completamente nua.

Meu corpo todo reagia a João. Desde meu interior, que exalava amor e paixão incondicional, até o exterior com os mamilos arrepiados, a pele ardente, a vagina ficando molhadinha. Tudo aquilo só se intensificou mais quando João mandou:

— Ajoelhe-se e venha até mim engatinhando devagar, Ana.

Lambi os lábios. Ele continuava todo vestido, lindíssimo com uma camisa azul escura com os primeiros botões abertos, uma leve sombra de barba sombreando seu rosto, o olhar penetrante me deixando bamba.

Caí de joelhos e, como uma submissa obediente,

fui de gatinhas até ele, nua, meu coração disparado, meu corpo varrido pelo desejo cada vez mais avassalador. João tinha o poder de me desestabilizar por inteira, dominar-me só com sua voz ou o seu olhar.

Parei à sua frente, entre suas pernas abertas, esperando, sentindo, me dando. A lascívia já estava instalada em cada parte minha, latejando, sabendo que logo seria devidamente satisfeita.

Ergui o olhar um pouco, quando senti seus movimentos. A garganta ficou seca ao ver João abrindo a calça escura, descendo o zíper lentamente sobre o grande volume que se concentrava sob ele. Abaixou a cueca e, com a outra mão, segurou o falo ereto e longo pela base. Não consegui tirar os olhos dele, encantada, eufórica, agitada. Ao mesmo tempo sentia seu olhar passeando sobre minha pele nua, até fixar-se em meu rosto.

— Está vendo isso aqui, Ana? Vai entrar agora em sua boca. Daqui a pouco na sua bocetinha. E pelo resto do tempo onde eu mais desejar. Sabe por quê?

Aquele seu jeito duro e pornográfico me deixava trêmula, toda melada, completamente dopada de desejo.

— Não... — murmurei.

— Porque sou seu dono. — Encontrei seus olhos dominadores, escurecidos pela luxúria. — Agora chupe o meu pau.

Lambi os lábios, salivando, subjugada. E me aproximei mais, sem pensar duas vezes, ansiosa para tê-lo dentro de mim. João continuou segurando pela base, mantendo o falo totalmente na vertical, inchado, as veias percorrendo-o. Enfiei-o na boca sem demorar, sugando-o até a metade, molhando-o, amando-o não só com lábios e língua, mas com todo meu ser, com todo aquele desejo ávido e cobiçoso que despertava em mim. E assim o chupei com vontade, faminta, sôfrega.

Ele largou o pau e agarrou meu cabelo com as duas mãos, gemendo rouco. Sabia como gostava que apertasse os lábios e sugasse firme, que o tomasse o máximo possível. Mesmo tão grande e grosso, cada vez mais eu aprendia a conter minha respiração e o enterrava na garganta, salivando e babando, adorando tê-lo tão dentro de mim, aquela parte máscula e dura do homem que eu amava, agora meu marido e sim, meu dono. Eu era completa e irremediavelmente de João.

O silêncio nos rondava naquela suíte luxuosa,

quebrado apenas pelos gemidos ocasionais de João e pela sucção molhada que eu fazia, deixando-o ainda mais robusto dentro da minha boca, mamando-o com avidez e desejo, minha mão indo entre minhas pernas para tentar aliviar o latejar de minha vulva quente, lacrimosa. A voz de João foi como um rosnar de repente:

— Olhe para mim.

Na mesma hora, abri e ergui os olhos, meus lábios bem colados e esticados em volta de seu membro, quase todo enterrado em minha garganta. Fitar seus olhos azuis com pálpebras pesadas de desejo me fez estremecer e me imobilizar, quando ordenou:

— Não se toque. Abra os joelhos e me chupe. Só vai se aliviar, se acariciar, quando eu permitir.

Era uma tortura. Meus mamilos estavam duros, retorcidos. Meu ventre também, enquanto eu ardia e arfava, sentindo a vulva cremosa, palpitando, ansiando por algum alívio. Mas continuei quieta, mãos e joelhos no chão, somente minha boca trabalhando em seu pau. E fitando seus olhos, cada vez mais dominada pelo tesão.

João abriu os botões de sua camisa devagar, moroso, estimulante. Vi os músculos de seu peito ondularem enquanto tirava a camisa e apoiava as

mãos no sofá, ao lado de seus quadris, sem me tocar. Apenas seus olhos e seu pau faziam aquele contato, à medida que mamava cada vez mais libidinosa, sua visão e seu gosto como um poderoso afrodisíaco. Fui mais firme, a ponto dos meus olhos se encherem de lágrimas quando contive o ar e o meti todo na boca, gulosa, arrebatada.

— Ah, porra... — Vi o tesão violento contorcer as belas feições de João e na hora agarrou meus cabelos, puxando-me para fora, seu pau saindo de minha boca antes que gozasse.

Na mesma hora me segurava sob as axilas e me trazia para seu colo, montada de frente, suas mãos firmes em meus quadris e costas, enquanto eu esfregava minha vagina toda melada e latejante em seu pau, ansiosa, buscando-o, meus lábios dormentes de chupá-lo tão duramente.

— Vem aqui, Ana... Me dá essa bocetinha... — E já me fazia descer sobre seu pau, sem delicadeza, de modo que me penetrou apertado e forte, arrancando arquejos de minha garganta, enquanto enterrava as unhas em seus ombros largos e me sacudia em espasmos violentos.

— Ah... — Gemi alucinada, tremendo quando meus lábios vaginais roçaram seus pelos, sentindo-

o todo enfiado dentro de mim.

João me segurou firme, inclinando-me para trás, seus olhos ardentes descendo por meus seios até nossos sexos unidos, voltando até fitar meus olhos de novo, dizendo seco, grave, com tesão:

— Sabe por que fico assim tão duro, Ana, como uma barra de ferro? — Não esperou que eu respondesse. — Porque nunca meti tão gostoso. Foder você é a melhor coisa do mundo. Quero passar a vida assim, enterrado na sua bocetinha, comendo você de todas as formas possíveis...

Estremeci com a volúpia aumentada por suas palavras, seu tom intenso, seu olhar soberano, dominador, e ao mesmo tempo cheio de emoções tão volumosas, à flor da pele, transbordantes.

— Eu fico louca quando faz amor comigo, João... E quando me pega, me beija, me fode... Quando faz tudo o que quer comigo...

— E vou continuar fazendo, meu bem. — Inclinou-me mais para trás, seu braço ao redor da minha cintura, meu cabelo longo pendurado, balançando. Fitou com lascívia meus seios que ficaram expostos à sua apreciação, sua expressão devassa, enquanto me comia firme, descendo a mão até meu clitóris, acariciando-o suavemente com o

polegar. Gemi e ondulei, quente, abalada, cheia de tesão.

E quando enfiou um mamilo na boca e o sugou forte, me contorci e movi meus quadris loucamente, massageando seu pau, devorando-o, querendo mais. A carícia no clitóris espalhava um calor delicioso pelos membros e eu me entreguei, completamente arrebatada.

João me puxou para si, segurando-me firme sob a bunda enquanto se erguia comigo no colo e andava assim até o quarto na penumbra, deitando-me na cama macia e vindo entre minhas coxas, fodendo-me com seu pau duro e grande, que ia e vinha dentro de mim em estocadas vigorosas. Eu o acompanhei, alucinada, o prazer extremo, fazendo minha lubrificação descer e se espalhar por todo meu sexo, até meu ânus.

— Minha mulher gostosa, quente, apertadinha...
— rosnou, erguendo minhas pernas, segurando firme meus tornozelos para o alto, de forma que os joelhos quase tocavam meu rosto e minha bunda se ergueu da cama. Comeu-me assim, furiosamente duro e eu sentia cada estocada no fundo do ventre. Seu olhar me deixou ainda mais enlouquecida, entregue.

Então levou sua mão direita até minha garganta, imobilizando-me enquanto me fodia daquela maneira. Assustei-me quando pressionou, apertando um pouco, dificultando a passagem do ar. Arregalei os olhos, mas murmurou rouco:

— Quietinha...

Aliviou e respirei fundo, bombardeada por sensações desconhecidas, que se mesclavam ao desejo absurdo. Então apertou novamente, no exato momento em que dava uma estocada funda e forte, deixando-me dopada, tonta, amedrontada. E passou a fazer aquilo, apertar minha garganta, meter com força, aliviar, e começar tudo de novo. O tesão aumentou ainda mais e comecei a gemer, fora de controle, arrebatada.

João sentiu que eu ia gozar e se tornou ainda mais voraz, violento. Seu olhar me dobrou, me fez quebrar e gritar e, exatamente no instante em que o gozo veio para mim, enlouquecedor, eu senti seu jato quente no ventre, seu orgasmo junto com o meu. Abriu minhas pernas, seu peito pressionando meus seios, pesando sobre mim enquanto ele enterrava as mãos em meu cabelo e beijava minha boca com volúpia.

Recebi sua língua e me entreguei, gemendo em

PERIGOSAS ACHERON

sua boca, ondulando sob suas estocadas vigorosas, desejo e amor explodindo, minhas mãos percorrendo suas costas musculosas, em uma entrega absoluta.

Quando acabou, desabamos na cama nos braços um do outro, pernas entrelaçadas, respirações se acalmando aos poucos. João beijou meu cabelo, passando preguiçosamente a mão em meu quadril, descendo lento até minha vagina, tocando-a suavemente. Estremeci e ele murmurou:

— Mal acabo de ter você e quero de novo...

— Eu também...

E era verdade. Parecíamos conectados de uma maneira viciosa, intensa, permanente. Mas nos contentamos com o prazer momentaneamente satisfeito e ficamos lá, apenas curtindo a presença íntima um do outro.

João acabou pegando no sono. Eu também estava cansada, sonolenta, mas precisava ir ao banheiro e me levantei com cuidado para não acordá-lo, beijando suavemente seu ombro e sorrindo.

Depois de me lavar no banheiro, fui nua até a sala e peguei meu celular dentro da calça. Liguei para Paola, que atendeu toda animada:

— Aninha! Ai, que bom falar com você! E a lua

de mel?

— Maravilhosa! — exclamei em júbilo, suspirando. — Não posso demorar. Foi no apartamento?

— Fui. Já deixei algumas coisas preparadas, mas as encomendas só chegam amanhã. Ah, Ana, tem certeza que vai fazer isso?

— É meu presente para o João. Ele vai adorar! — falei baixo, ansiosa, até mesmo um pouco nervosa, mas ao mesmo tempo animada. — Tenho certeza sim, sei o que estou fazendo. E obrigada, amiga, sem você não teria como preparar tudo.

— Não é nenhum trabalho, fique tranquila.

— Tá, então vou desligar antes que o João acorde e desconfie de alguma coisa.

— Acorde? Hum, quer dizer que estão aí mandando ver em vez de conhecer as belezas do Sul? — brincou, fazendo-me rir.

— Um pouquinho de cada coisa. Beijos, Paola. Depois a gente se fala.

— Tá, cuide-se! E aproveite! De tudo!

Desliguei sorrindo, suspirando, pensando no presente que estaria esperando João no nosso apartamento. Era minha prova de amor final para ele. Demonstrando que confiava nele, como o

queria.

Mordi o lábio e voltei para o quarto, ansiosa. Não via a hora de saber sua reação.

JOÃO PEDRO

Eu tinha ido ao Sul algumas vezes antes, mas nunca me diverti tanto como na minha lua de mel. No domingo à tarde saímos para um passeio pelas cidades de Gramado e Canela, que faziam parte da região alemã e ficavam mais próximas do hotel. Deixei o carro em um estacionamento e fizemos o resto do percurso a pé.

Ana parecia uma garotinha saltitante, me puxando pela mão para ver tudo, admirada e sorridente pela paisagem espetacular, os museus por onde passamos, a arquitetura de colonização europeia, tudo superado com luzes, cores e shows do Natal Luz, que tornavam as ruas enfeitadas e iluminadas, com apresentações musicais e teatrais.

— Olha, João! Que lindo! — E lá ia ela, toda animada, realmente feliz.

Eu prestava mais atenção em Ana do que no que estava à nossa volta. Ainda parecia difícil acreditar que estávamos casados e toda hora eu pensava

PERIGOSAS NACIONAIS

nisso e ficava como que chocado, ao mesmo tempo encantado.

Naquela tarde, quando fizemos amor na suíte, eu disse a ela que era seu dono. Que ironia! Era o contrário. A cada segundo eu me sentia mais dela, dependente de seu sorriso e seu olhar feliz para sobreviver, ansiando por mais e mais. Era uma felicidade tão desconhecida para mim que não sabia como tinha conseguido viver sem até ali.

Ao mesmo tempo, ainda sentia um estranho medo de perdê-la. Nossos estilos diferentes, aquele meu lado dominador, dependente da vontade de tê-la submissa a mim, poderia nos atrapalhar. Ainda mais quando nossos dias de casados virassem rotina. Ela poderia se cansar daqueles jogos ou eu poderia querer mais do que estava disposta a me dar.

No entanto, aquela preocupação era mínima se comparada ao amor idílico que vivíamos, àquela ligação especial e única que se estabelecia cada vez mais entre a gente.

Passeamos muito e fomos parar no Lago Negro, onde andamos de pedalinho. Ana encostou a cabeça em meu ombro, maravilhada, suspirando. Passei meu braço em volta dela, indagando:

PERIGOSAS ACHERON

— Está gostando?

— Amando! Isso é o paraíso!

E era mesmo. Sorri para mim mesmo, pois tinha me preocupado em reservar o hotel mais exclusivo e luxuoso para ela e, apesar de ter amado e ficado impressionada, também se divertia igualmente visitando os pontos turísticos, no meio de outras pessoas. Se estivéssemos em um simples chalé, estaria feliz do mesmo jeito.

— O que mais me encanta, além da beleza, dessa aura europeia, é que parece que estamos em uma cidade do interior, mas com toda a estrutura de cidade grande — disse, apoiando a mão no meu braço e erguendo um pouco a cabeça para me olhar. — É tudo tão limpo e organizado, tão florido, sem violência... Nossa, estou encantada!

— Dá pra perceber — comentei bem-humorado e Ana acabou sorrindo.

— E amanhã, aonde iremos? No Maria Fumaça?

— Pode ser, você escolhe. Podemos fazer um tour pela região italiana, pelas cidades de Garibaldi, Bento Gonçalves e Caxias do Sul.

— Pra mim está ótimo!

Quando acabou o passeio de pedalinho pelo Lago Negro, ficamos por ali mesmo entre Canela e

Gramado e resolvemos conferir o Parque do Caracol. Era um passeio a pé e cansativo por escadarias com mais de 900 degraus para ver a cascata, mas seguimos de mãos dadas, entre conversa, risadas, beijinhos.

Outros turistas seguiam o mesmo caminho e acabamos fazendo amizade com outro casal em lua de mel, percorrendo o caminho com eles. A cascata era lindíssima e todos ficaram encantados. Eu já a tinha visto, mas tendo meus braços em volta de Ana, que na minha frente observava aquele espetáculo da natureza, tudo pareceu ainda mais bonito e impressionante.

Na volta já estava tarde e paramos em um belo restaurante alemão, convidando o jovem casal, que aceitou. Eram de Minas Gerais e conversamos animadamente saboreando fondues de queijo e tomando vinho. Depois nos despedimos e voltamos ao hotel, cansados, mas satisfeitos.

— Quer sair à noite? — perguntei, quando entramos na suíte.

— Querer eu quero, mas estou morta! — Ana se jogou na poltrona, realmente exausta. Tinha sido muita correria desde o casamento no dia anterior até de madrugada, a viagem, até aqueles passeios.

Bocejou. — Preciso dormir, recuperar minhas forças para amanhã conhecer a região italiana.

— Tudo bem. Vem, eu te ajudo a tomar banho. — Puxei-a pelas mãos, levando-a para a banheira. Comecei a despi-la devagar e bocejou de novo. Brinquei: — Já vi que hoje vou ficar na mão.

— Você é insaciável. — Sorriu, começando a me despir também.

Não fizemos amor ali, realmente só nos banhamos e relaxamos.

Mais revigorados, pedimos ao mordomo o jantar no quarto e comemos no terraço, observando os belos jardins do hotel e o lago à noite. Era lindíssimo, mas Ana estava mesmo cansada, bocejava toda hora.

Não nos recolhemos tarde. Embaixo das mantas macias, nos abraçamos e beijamos, e fiquei excitado. Tentei me conter, sabendo como estava cansada, precisando dormir, mas Ana me olhou divertida e desceu as cobertas até meu quadril, beijando meu peito, mordiscando minha barriga. Sorriu para mim e sua mão já se fechava em meu pau duro.

Puxei-a para cima de mim e a beijei na boca, acariciei. Foi doce e gostoso, sentada sobre o meu

PERIGOSAS NACIONAIS

pau me cavalgando enquanto eu segurava seus pulsos unidos nas costas com apenas uma das mãos e mordiscava seu mamilo. Depois inverti, deixei-a bem acomodada enquanto a comia beijando na boca, até gozarmos. Só então mergulhamos num sono profundo.

Na segunda-feira nos divertimos muito também, com o passeio no trem a vapor. Embarcamos na estação de Bento Gonçalves com uma deliciosa degustação de vinhos e durante duas horas apreciamos belas paisagens, além de uma festa conduzida durante o passeio por um grupo que dançava e tocava músicas italianas e gaúchas. O mesmo se deu ao chegarmos à cidade de Garibaldi e depois em Carlos Barbosa, com confraternização entre os passageiros.

Ana ria o tempo todo, mexendo-se ao som das músicas animadas, aproveitando qualquer oportunidade para me beijar e dizer o quanto estava adorando. E bastava aquilo para me deixar feliz, observando-a sem cansar.

Depois conhecemos o Vale dos vinhos, visitamos sítios e adegas, experimentamos tantos que ela chegou a ficar tonta. Almoçamos em um desses sítios e compramos algumas garrafas do delicioso

PERIGOSAS ACHERON

vinho.

Foi um dia idílico, com muitos passeios. À noite saímos para ver a cidade de Gramado iluminada pelas luzes e enfeites de Natal e jantamos num belo restaurante com lareira que teve música ao vivo tocada por um grupo. Dançamos juntos romanticamente, cada vez mais unidos e apaixonados.

Foi uma lua de mel perfeita. Não paramos um só minuto, seja visitando as cidades e pontos turísticos, o hotel, ou simplesmente nos amando na cama, na banheira, no sofá, em qualquer lugar onde o desejo batesse e nos arrebatasse.

Na quarta-feira de manhã fomos para o aeroporto, com destino ao Rio de Janeiro e nossa real vida de casados. Eu me sentia revigorado, esperançoso, sem dúvidas sobre o nosso futuro. Estávamos construindo nossas vidas juntos e por um momento entendi por que meus tios estavam casados há tantos anos e se davam tão bem: eles se amavam e se respeitavam. E eu queria o mesmo para mim e Ana. Um casamento longo e feliz.

Pensei em minha infância, meus pais preocupados só com festas e farras, pouco ligando para mim. E decidi que aquela vida eu não queria. Faria de tudo,

PERIGOSAS NACIONAIS

qualquer coisa, para que eu e Ana tivéssemos um futuro como era agora o nosso presente. Nada nem ninguém poderia nos separar. Éramos um só agora. E toda aquela esperança me fez pensar em mais, em filhos, em netos, em anos e anos ao seu lado. E sorri, satisfeito, feliz.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 8

O presente

*Ela une as quatro estações
Une dois caminhos num só
Sempre que eu me vejo perdido
Une amigos ao meu redor
Ela está em todas as coisas
Até no vazio que me dá
Quando vejo a tarde cair
E ela não está*

*(Ela Une Todas as Coisas - Jorge Vercillo
/ Jota Maranhão)*

JOÃO PEDRO

Chegamos antes do almoço em nosso apartamento e deixamos a bagagem no quarto. Ana estava calada, parecia um pouco nervosa e indaguei, enquanto tirava meu casaco e o deixava sobre a poltrona:

— O que foi?

— Nada. Vou ali na cozinha e já volto.

Observei-a sair. Era tão transparente em seus sentimentos que não conseguia disfarçar quando algo a perturbava. Sentei, tirei meus tênis e meias. Ainda teria aquele dia inteiro com ela, antes de voltar ao trabalho na manhã seguinte.

Pensava no que Ana teria, quando retornou, seus olhos grandes e castanho-claros fixos em mim, mordendo os lábios, torcendo as mãos na frente do corpo. Ergui-me e caminhei em sua direção, franzindo o cenho.

— Vai me dizer o que está acontecendo?

— Seu presente está aqui — murmurou.

Parei à sua frente e zombei:

— Estou curioso. Ainda mais com esse nervosismo todo.

— É que não sei o que vai pensar. — Estendeu a

mão e passou-a suavemente em meu rosto, esfregando os pelos que despontavam, seu olhar um misto de amor e ansiedade.

— Por que não me dá e veremos?

— Tá. Vem comigo. — Segurou minha mão e saiu me levando pelo corredor. Virou em direção aos quartos de hóspedes, o último. Girou a maçaneta, parou, lançou-me mais um olhar e mordeu o lábio inferior. Só então abriu a porta e indicou-me o caminho:

— Entre. Este é seu presente de casamento, João.

Sua voz tinha uma emoção contida e confesso que estava realmente curioso. Avaliei-a em silêncio e entrei. Mas nada tinha me preparado para o que me esperava ali. Nem nos meus sonhos mais loucos eu poderia imaginar algo assim vindo de Ana.

Senti-a parar ao meu lado, quieta, observando-me. No entanto, precisei olhar atentamente tudo para por fim acreditar que era mesmo aquilo. Só então me virei para ela, o significado daquele presente atingindo-me em cheio. Era uma prova de amor e confiança sem igual, uma demonstração de que me amava a ponto de não me obrigar a fazer escolhas, de me aceitar com minhas qualidades, mas também meus defeitos e perversões.

Fiquei sem fala e sem ação por um momento. Ela me olhava, obviamente ansiosa e entendi seu nervosismo.

Por fim, encontrei as palavras:

— Você não precisava ter feito isso, meu bem.

— Quero que seja feliz, João.

— Mais feliz do que já sou é impossível. — E abri um grande sorriso, puxando-a para mim, um misto de surpresa, amor e luxúria me envolvendo na hora. Murmurei contra seus cabelos, com cheirinho de morango: — Você é louca, Ana...

— Faço o que for preciso por você. — E me apertou forte, muito forte.

Sobre sua cabeça, meus olhos varreram novamente aquele quarto. Tudo o que antes estivera ali tinha sido substituído. As paredes estavam pintadas num tom cinza chumbo, com detalhes em preto. Novos móveis e objetos adicionados. A cama com cabeceira de ferro e vidro, encostada à parede, tinha uma colcha vermelha em cima e travesseiros pretos. Na parede ao lado, uma cruz de Saint Andrews com algemas penduradas. Em um canto, um cavalo feito especialmente para amarrar uma pessoa. Em outro canto, uma cadeira de madeira e uma mesa. Do teto tinha uma corrente móvel com

ferro, feita para prender a pessoa e pendurá-la. E sobre a cama, bem no meio, uma coleira de couro preta com detalhes em prata. Ela tinha pensado em tudo.

Aquele João Pedro de uma vida inteira, que ainda me habitava e por vezes lutava para sair, rugiu e a apertei nos braços, meus dedos enterrando-se em seus cabelos, acariciando-a nas costas, tentando fundi-la a mim. Meu corpo se acendeu furiosamente, sangue correndo rápido e denso nas veias, adrenalina fazendo meu coração disparar. O desejo voraz deixou-me duro, teso, com mil pensamentos pornográficos na mente, perversos, até mesmo doentio para algumas pessoas.

Lembrei que era Ana ali comigo, mas a vontade de tê-la sob meus termos foi quase que incontrolável. Respirei fundo, fechei os olhos um pouco, tentei conter minha fera interior. Vi-me prendendo-a, fodendo-a duro, usando meu chicote. Mas lutei contra aquilo, murmurando um tanto agoniado:

— Não devia ter feito isso, Ana. Fica mais difícil lutar agora.

Na mesma hora ergueu a cabeça, buscou meus olhos, disse sofregamente:

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não quero que passe a sua vida lutando, escondendo quem você é. Uma hora, tudo vai se acumular e explodir, se voltar contra a gente.

— Não, nunca. Meu amor por você é maior que tudo.

— Por isso fiz esse quarto. — Ergueu as mãos e segurou meu rosto, ansiosa, apaixonada. — Não quero que me trate com a frieza e a crueldade que vi usar naquele vídeo, mas com o amor que tem por mim. Podemos equilibrar tudo, João, seus desejos e os meus limites, jogar quando quisermos e for prazeroso para nós dois. Eu tenho minha palavra segura. E sei que não vai me machucar de verdade.

— Você confia demais em mim, mais do que mereço. — Meu coração batia descompassado, a indecisão e o medo me corroendo por dentro. — Cresci no meio disso, passei minha vida sendo um dominador, mas você me mostrou o outro lado, Ana, me fez desejar outras coisas.

— Eu sei. Fez o mesmo por mim. Nunca me imaginei perdendo minha virgindade amarrada em uma cama, com uma venda nos olhos. E, no entanto, sempre me deu tanto prazer, além de qualquer pensamento coerente. Gosto do seu jeito, João, de ser sua, de quando me domina. Não vou

PERIGOSAS ACHERON

negar isso.

— Mas...

— Escute. Nós mudamos um pelo outro. Mas certas coisas estão enraizadas demais dentro de nós. Como meu romantismo e seu jeito dominador. Não devemos satisfação a ninguém. Nem precisamos passar a vida fugindo de quem somos. — Acariciou minha face, fitando-me com olhos brilhantes, marejados. — Vou ser sua submissa, sua escrava, sua esposa e companheira. E quando eu não quiser ou não me sentir à vontade, vou dizer. Porque confio e amo você, João.

— Meu Deus... — Eu a abracei de novo, apertando sua cabeça em meu peito. O coração batia tão forte que acho que Ana podia ouvir.

E então uma onda de felicidade e de alívio me engolfou tão violentamente, que percebi o quanto tudo aquilo tinha me remuído, meus desejos que às vezes vinham vorazes, minhas dúvidas sobre o futuro, um medo de me descontrolar de uma hora para outra. Ana me entregava de bandeja a possibilidade de ter o melhor dos dois mundos, do meu e do dela. Cabia a mim saber usar aquela oportunidade.

— Obrigado — murmurei rouco.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu te amo tanto, João...

— Eu sei. E amo você mais do que tudo, Ana. Só não quero que faça algo pensando apenas em mim. Não posso suportar magoar você e perdê-la.

— Mas estou pensando em mim também! — Ergueu de novo a cabeça e sorriu, sem o nervosismo de antes. — Tenho certeza que me mostrará mais prazeres, muito mais. Sem falar que...

Calou-se um pouco.

— O quê? — Escorreguei a mão para sua bunda, trazendo-a mais para mim, a fim de que sentisse o quanto me deixava cheio de tesão, que martelava dentro de mim quase como um grito.

— Tenho um pedido a fazer, mas não quero que ria.

— Fale.

Seus olhos fixaram-se nos meus.

— Um dia desses queria que vestisse aquele manto marrom com capuz que usou naquela festa à fantasia no clube. Lembro que fiquei chocada, mas também encantada quando o vi. Foi tão erótico, tão... — Suspirou, excitada, suas faces corando.

Sorri lentamente, mordiscando seu lábio. Quando eu já achava que não conseguiria ser mais feliz,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vinha Ana e me mostrava que com ela a felicidade era infinita, sem igual.

— Quer dizer que a senhora gosta de fetiches?

— É o que dá ter um tarado como marido — brincou.

— Ah, eu é que sou o tarado? Pelo que me lembro, te dei um cachorrinho de presente de casamento, não um quarto para práticas sadomasoquistas.

— Ah, nem fala no Chicote! Tô morrendo de saudades dele. Vamos buscá-lo hoje na casa dos seus tios, não é?

— Só depois que eu estreiar meu quarto novo.

Ficou nervosa sob meu olhar intenso. Remexeu-se, bem consciente do meu desejo, sem fugir, mas lambendo os lábios, arregalando um pouco os olhos. Sussurrou:

— Agora?

— Agora.

— O que vai fazer? O que vai usar?

— Você vai ver.

Engoliu em seco, fazendo-me erguer uma sobrancelha.

— Está com medo?

— Um pouco.

PERIGOSAS ACHERON

Acabei sorrindo.

— Que esposa medrosa presenteia o marido pervertido com um quarto desses?

— Uma esposa que tem medo, mas também muito desejo.

— Quer fazer algum pedido ou impor um limite, Ana?

— Sei que vai respeitar meus limites. E quanto ao desejo... Quero tomar um banho primeiro.

— Não demore. E vista algo sexy. Estarei esperando por você. Mas antes... — Amparei sua cabeça e beijei-a na boca gostosamente, rolando minha língua na dela, deliciando-me com seu sabor, com tudo que era para mim, bombardeado por muito amor, agradecimento, luxúria.

Ana retribuiu com a mesma ânsia e senti uma felicidade tão plena, tão completa, que a apertei agradecendo pelo dia em que a conheci. Ela era meu maior presente.

ANA FLOR

Dizer que estava com um frio na barriga era aliviar em muito a verdade.

Eu estava nervosa ao acabar de tomar banho, me

PERIGOSAS NACIONAIS

perfumar e pôr uma das lingerie que ganhei antes do casamento. Tremia ligeiramente, minha barriga se contraía e minha garganta estava seca. Fitei-me no espelho, tentando ser corajosa, mas sentindo como se estivesse pronta para mergulhar em uma aventura surpreendente, que poderia trazer muita coisa para minha vida e que eu não sabia ao certo se seria boa ou ruim.

Respirei fundo, sabendo que era algo do qual não podia nem queria fugir. Mas já antecipando os prazeres e certo receio do que estava por vir. Era algo que eu mesma procurara e não me arrependia nem um pouco. Toda pesquisa que fiz na internet, as encomendas, os medos, tinham valido a pena ao ver a felicidade completa dele. Agora era confiar e aproveitar.

Fitei-me no espelho, usando um corpete branco com arabescos pretos bordados e uma fina renda fazendo o contorno nos quadris. Ele contornava os seios por baixo, mas os desnudava, deixando-os totalmente à mostra. Por baixo uma minúscula calcinha branca. E isso era tudo. Um sapato delicado preto de salto alto, cabelos soltos e batom vermelho vibrante completavam o visual. Senti-me extremamente sexual.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Tentando conter a ansiedade, o medo e o desejo, saí do banheiro com as mãos tapando os seios e me dirigi até o quarto novo, onde João me aguardava. O apartamento estava todo silencioso, mas de lá vinha uma música sensual e sinistra, com sussurros e gemidos, tipo aquelas que ouvi quando fui a primeira vez no Clube Voraz. Isso mexeu ainda mais com meus nervos, fazendo a apreensão triplicar, deixando-me sôfrega, arquejante. Entrei com o coração batendo violentamente em meu peito.

Fechei a porta atrás de mim e foi como entrar em outro mundo. A luz era difusa, velas tinham sido acesas nos cantos, espalhando uma luminosidade dourada e fantasmagórica pelo ambiente, enaltecido pela música. Como se não bastasse tudo aquilo, João estava parado em um canto perto da mesa, um manto longo e marrom com capuz cobrindo-o por inteiro, as sombras do local escondendo completamente seu rosto. Mas senti seus olhos penetrantes sobre mim e parei, estarecida, sem ar, muito abalada e ansiosa.

Era como entrar em algum lugar da Idade Média, talvez em uma masmorra da Inquisição. Todos os meus nervos estavam distendidos, tensos, abalados.

PERIGOSAS ACHERON

Arrepios desceram por minha coluna, espalharam-se em minha pele. Um misto de pura luxúria e medo veio de dentro de mim, quente, selvagem, ferino. Por um momento vacilei e tive vontade de desistir de tudo, sair correndo. Mas fixei meus olhos na figura imóvel de João e o desejo indômito que despertava em mim, o amor voraz que me consumia, levaram a melhor.

Corajosamente, retirei as mãos dos seios e deixei-os nus. Contive o ar nos pulmões e, forçando as pernas a permanecerem firmes, dei alguns passos em sua direção, sem saber ao certo o que fazer. Como João se manteve calado, continuei, até parar à sua frente, buscando seu rosto, seu olhar, mas encontrando apenas sombras. Engoli em seco, insegura, hesitante.

Seu manto fez um barulho quando ele ergueu as mãos. Senti-as em meus seios, ternas, firmes, acariciando-os suavemente. Era seu toque inconfundível, que espalhava calor em meu corpo, desejo dentro de mim, ardência na pele. Mordi os lábios, a lascívia pura me varrendo, dominando, tomando.

Esfregou as palmas contra os mamilos, que ficaram duros, pontudos, prontos. Permaneci lá,

muito quieta, até respirar se tornando difícil, braços ao lado do corpo, olhos buscando incansavelmente os dele. E então as mãos escorregaram para baixo e começaram a abrir os colchetes na frente do corpete, lentamente. Aguardei, até abrir o último e tirá-lo, largando-o na mesa a seu lado. Só então reparei em sua caixa de acessórios eróticos também ali em cima. E fiquei mais nervosa ainda, imaginando tudo que estaria preparando para mim.

Não tive como pensar muito, pois logo suas mãos voltaram aos meus seios, massageando-os, fazendo meu corpo reagir e se exaltar, minhas pernas ficarem bambas. Estiquei-me, oferecida, ansiosa por mais, pelas sensações impetuosas e apaixonadas que me entonteciam.

Gemi baixinho quando ele apertou ambos os mamilos com o polegar e o indicador, girando-os, torcendo-os cada vez mais firme. Uma queimação começou a se espalhar sobre eles, causando contrações em meu ventre, deixando minha vagina quente, latejante dentro da calcinha branca. Arquejos escaparam dos meus lábios, enquanto ficava mais excitada, descontrolada.

João deu um passo para frente, muito perto, e então a luz na lateral incidiu em seu rosto dentro do

capuz, sério, altivo, ferino. Seus olhos brilhavam em um misto de algo brutal e amoroso, como se duas personalidades conflitantes estivessem dentro dele. Mas tudo era permeado por um desejo explícito, cruel, vital, perturbador. Fiquei completamente abalada ao vê-lo, ainda mais arquejante, excitada.

Indaguei a mim mesma, em algum lugar da minha mente que ainda funcionava, como alguém poderia ser tão intimamente dominador e indomado como João, como se sua essência fosse de um bárbaro sob uma capa de civilização, dúbia, dividida, livre, assustadora. Seu amor por mim, sua tentativa de controle e mudança, só demonstravam o quanto me tornei importante para ele, o quanto estava tentando ser o que eu queria. Mas aquela crueldade latente estava lá, bem enterrada, brilhando no fundo de seus olhos.

Talvez eu devesse ficar com medo e até repensar a racionalidade de tê-lo presenteado com aquele quarto. Poderia estar liberando uma perversidade ameaçadora e violenta, algo que ficaria difícil controlar. No entanto, mais do que nunca, não foi medo que senti. Foi amor e orgulho, pois aquele homem que era uma força bruta era o mesmo que

me fazia tão feliz, que me cercava de mimos e carinhos, que me olhava com amor mesmo quando queria me foder sem controle, me escravizar.

Como se soubesse todos os sentimentos que me atacavam, que me deixavam cada vez mais entregue e excitada, João disse baixo, num tom indômito:

— Tudo isso é consensual, Ana? É para seu prazer?

E seus dedos estavam lá, torcendo meus mamilos, deixando-me fraca e abalada, quente e cheia de lascívia.

— Sim... — arfei, e era verdade.

— Confia em mim?

— Sim, João.

— Qual a sua palavra segura?

— Foto.

— Use-a se sentir dor ou ficar desconfortável. Entendeu?

— Entendi.

Afastou as mãos, deixando meus seios bicudos, intumescidos. Engoli em seco, ansiosa, sem poder tirar os olhos dos dele. Vi que estendeu a mão e pegou algo sobre a mesa. Só quando trouxe à sua frente percebi do que se tratava. A coleira que eu

PERIGOSAS NACIONAIS

havia encomendado junto com todo o resto. Seus olhos azuis encontraram os meus, sua voz saiu baixa e rouca:

— Sabe o que significa isso no meu mundo?

— Sim.

- Diga-me.

— Eu ouvi de uma moça no clube e... Também pesquisei. — Lambi os lábios, minha voz se tornando um pouco mais firme. — Para alguns, significa um compromisso entre um Dom e sua submissa. Um casamento. Uma entrega.

— Escravidão, Ana. Mas, entenda, será apenas quando quisermos, na hora de transar, um acordo nosso. De resto, nossa vida continua a mesma. Você está tanto nas minhas mãos quanto estou nas suas.

A voz dele, sua expressão, seu desejo de me acalmar, de me mostrar que não usaria de violência comigo fora da cama, quando não fosse prazeroso para ambos e consensual, me emocionou. Assenti com a cabeça, murmurando:

— Confio em você. Totalmente.

Vi que se tornou mais intenso, duro, seu olhar demonstrando o amor que sentia acima de tudo.

— Erga seus cabelos — falou baixinho.

PERIGOSAS ACHERON

Eu obedeci. Com meu pescoço livre, prendeu a coleira de couro e segurou a ponta da corrente. Quando fitou de novo meus olhos, os dele estavam bravios, severos, totalmente dominados por sua luxúria pesada e agressiva. Como um animal, pronto para me devorar. Deixou-me sem ar, abalada, arquejante.

— Ajoelhe-se.

Assim o fiz, sem poder desviar meus olhos muito abertos dos dele. O chão era frio, liso, um contraste violento com minha pele que ardia.

— Segure seus tornozelos. Fique assim, com o corpo um pouco inclinado para trás. — Seu olhar duro varreu meu corpo, meus seios que naquela posição se tornavam mais empinados, oferecidos para ele. Subiu, apreciando minha pele, minha face, até encontrar meus olhos.

— Boa menina. — E acariciou meu rosto com suavidade, vindo até meu queixo, seu polegar passando em meu lábio inferior, forçando-me a abri-lo. Mergulhou a ponta em minha boca e o chupei na hora, estremecendo.

Largou a corrente de minha coleira, que se arrastou no chão. A mão livre foi na frente de seu manto, abrindo-o. Estava completamente nu por

baixo, seu pênis duro e longo teso, ereto, pronto. Fitei-o com desejo, puxando mais de seu polegar para dentro, sugando-o. Além de seu pau, vi também parte de suas coxas musculosas e de sua barriga dura, os pelos escuros cobrindo-o deliciosamente até os músculos bem feitos do peito. Era lindo e gostoso demais, perfeito.

Quando João segurou o pau e se acariciou, masturbando-se lentamente, uma onda de pura volúpia me bombardeou, deixou-me quente e acesa, dominada por desejos vorazes. Gemi e suguei seu polegar todo, ansiosa, a boca toda molhada.

— Porra... Parece que está chupando a cabeça do meu pau... — murmurou rouco, seus olhos escurecidos pelo tesão, sua expressão carregada.

Largou o pau e agarrou um punhado grande do meu cabelo, erguendo-o, puxando-me para si. Tirou o polegar de meus lábios e não precisou mandar nada. Ansiosa, afastei mais seu manto, abrindo-o bem, expondo-o todo diante de mim. E sôfrega, ansiosa para sentir seu gosto, sua textura, enfiei seu pau na boca e o chupei firme, salivando. Ele gemeu e se enrijeceu mais. Maravilhei-me com aquele membro delicioso e tão grosso na boca, com seu cheiro limpo e másculo, tomando o máximo que

conseguia, faminta.

— Isso, Ana... Minha bela esposa submissa... —
E ficou lá, pés bem plantados no chão, pernas levemente abertas, tendo-me ajoelhada dando-lhe prazer com a boca. Fiquei ainda mais excitada, ansiosa, sôfrega. Movi a cabeça para frente e para trás, deslizando-o entre os lábios, babando-o.

Engoli o pré-sêmen que saiu, lambi-o, me fartei com ele, até o ponto de sentir que o membro inchava ainda mais, cheio de veias, duro como pedra. Foi quando João puxou meu cabelo para trás e me forçou a tirá-lo da boca, consumindo-me com seu olhar quente e bruto.

Agarrou meus braços e me ergueu, puxando-me para si. Não esperava nenhum tipo de carinho, mas beijou-me com volúpia e desejo, tão gostoso e profundo que derreti em seu abraço, minhas mãos em sua barriga dura, sentindo-o, ansiando por ele. Seu pau ficou entre nós e descí mais a mão, masturbando-o.

— Não consegue manter essa mão longe de mim, não é? Vamos dar um jeito nisso. Dê-me seus braços. — E puxou uma corda de dentro da caixa, na mesa a seu lado. Com prática, prendeu meus pulsos firmes um no outro, sem machucar a pele.

Seus olhos varreram os meus ao tirar a corrente pendurada em meu pescoço e deixar só a coleira.

Eu o segui até um lado da parede, onde prendeu a ponta da corda no gancho que desceu do teto. Puxou um pouco para o alto, erguendo minhas mãos, mantendo-me assim, de pé de frente para a parede. Abaixou-se e tirou meus sapatos. A única coisa que me cobria era a calcinha branca.

Levantou-se deslizando as mãos por minhas pernas, até os quadris, mordiscando suavemente meu ombro, dizendo rouco:

— Vai gozar tantas vezes hoje que me implorará para parar, exausta, acabada.

Estremeci, mordi os lábios, respirando pesadamente. Suas mãos subiram da cintura para as costelas e dali para frente, até os seios, acariciando-os, intumescendo meus mamilos. Os dentes morderam meu pescoço, fazendo a excitação aumentar, me deixar trêmula e arfante, balançando os braços em minhas amarras.

Era delicioso, extremamente prazeroso. As mãos grandes desceram pela barriga até o cócs da calcinha e contive o ar, ansiando por mais. Percorreram os quadris, onde desceram um pouco, só o suficiente para acariciar o início da minha bunda. E então me

soltou.

Fitei a parede em minha frente, mordendo os lábios, já virando a cabeça para olhar o que fazia, mas sua voz grave ordenou:

— Não se vire. Mantenha-se assim.

Por seu tom, soube que algo mau viria dali, mas obedeci, o nervosismo misturando-se à volúpia. Escutei seus movimentos atrás, ansiosa e curiosa, mas mantendo-me firme. Passos se aproximaram e pararam. E então um estalar, que trouxe um arrepio de medo dentro de mim. Pensei logo em seu chicote e cerrei os dentes, apavorada, arregalando os olhos para a parede na minha frente.

Um cinto longo estalou em minha bunda, firme, mas sem força em demasia. Mesmo assim senti a queimação na pele, que se misturou ao ardor que borbulhava do meu interior, a ponto de não saber mais onde ardia, pois tudo parecia extremamente quente. Gritei de susto e pela ardência, dando um pulo para frente, pensando em fugir. Balancei os braços no alto, bem amarrada.

— Volte. — Foi tudo o que João disse, seu tom sem admitir reclamações e insubordinação de minha parte.

Respirei fundo, tentei me controlar. Não o olhei

nem me virei. Voltei devagar à mesma posição, a calcinha meio abaixada, toda molhada entre minhas pernas. Eram sensações alarmantes, ensandecidas, vorazes. Estava assustada, mas também arrebatada, sem saber o que era mais forte dentro de mim.

Quando fiquei imóvel, tentando me preparar, recebi a segunda cintada, mais firme, atravessando horizontalmente minha bunda, ardendo de verdade.

— Ai! — gritei e lágrimas vieram aos meus olhos. Mesmo tendo consciência que não doía realmente, que João controlava para apenas causar ardência e não uma dor insuportável, eu me assustei e tentei fugir de novo. A terceira cintada me pegou assim, mais firme ainda e quase gritei minha palavra segura, lágrimas descendo do meu rosto, pavor vindo veloz.

Naquele momento João largou o cinto no chão e veio rápido até mim, segurando minha calcinha, descendo-a de uma vez enquanto me virava bruscamente e me encostava de costa na parede fria, que foi um choque contra a pele ardida da minha bunda.

— Pare, eu... Oh!

Gemi alucinada quando caiu de joelhos na minha frente e sua língua lambeu meu clitóris, as mãos

arreganhando minhas coxas, aquele manto e capuz escondendo-o do meu olhar. Arquejei, fora de mim, lascívia violenta me percorrendo em ondas, enquanto depositava minhas pernas em seus ombros e se levantava, amparando minhas costas na parede, toda aberta, seu rosto mergulhado em minha vulva, lambendo-me gostosamente, escorregando para me penetrar entre os lábios.

— Ai... João... — supliquei, sem entender como me fez passar da dor para um prazer tão avassalador, deixando-me além de qualquer controle ou cautela.

Estava lá, nua e erguida, minhas pernas em seus ombros, minhas costas na parede, enquanto me chupava sensualmente, arrebatando-me sem vacilar, sem me deixar respirar ou pensar com coerência. Latejei, estremeci, despejando meu mel em sua boca, sugando-me cheio de tesão, enterrando a língua em mim. Então prendeu o clitóris entre os lábios e sua sucção me desnorteou de vez, até que gritei, pedi, me perdi. Explodi em um orgasmo feroz, violento, suspensa e arrebatada.

Novas lágrimas escorreram, agora do prazer sem igual, desvairadamente. Choraminguei e me entreguei, pois estava presa e submissa às vontades

de João, que me dominava pela força e pela luxúria, que mexia com meus nervos e sentimentos além de qualquer controle ou coerência, transformando-me em uma massa sôfrega de sensações.

O gozo se estendeu e supliquei, exausta, ondulando, palpitando contra sua língua:

— Por favor, pare...

Mas ele não parou. Ficou lá, me lambendo e chupando como um gato satisfeito. Minha bunda estava quente e ardida, minha vulva também, meu corpo parecia em chamas. Puxei as cordas, me debati, mas suas mãos me mantinham firme e aberta para o ataque contínuo de sua boca, deliciando-se comigo. Fitei-o agoniada, entretanto tudo que vi foi aquele capuz cobrindo sua cabeça entre as minhas pernas, enquanto novas ondas se formavam em meu ventre, cada vez mais violentas.

— Ahhhhhhhhhhhhhhh...

Gritei de novo, quando outro orgasmo veio em seguida, inacreditavelmente ainda mais feroz, fazendo-me estremecer sem controle algum de meus membros, fechando os olhos e arquejando, buscando haustos de ar para poder respirar entre os gemidos entrecortados. Sua língua foi bem fundo, voltando com meu creme, sugando-me, chupando

tudo, melando-me toda.

— Ai, meu Deus... Não aguento... Ah...

Chorei, implorante, fora de mim. Foi puro êxtase, até que me entreguei e me acabei, desabando nas cordas e nas suas mãos, exausta demais para lutar, grogue do prazer absoluto, massacrante. Somente então João parou e ergueu a cabeça, e pude ver seu rosto, seus olhos cheios de luxúria, duros e impetuosos. Estremeci de novo, sabendo que cumpriria sua promessa, me arrebataria sem descanso.

Com suavidade me tirou de seus ombros e me fez escorregar pelo seu corpo para baixo, até meus pés tocarem o chão. Suas mãos estavam firmes em minha cintura, enquanto cheirava meu pescoço, meu cabelo, beijava lentamente minha orelha. E mordiscava suavemente minha pele até meus lábios, saboreando-os sem pôr a língua, bem devagar. Então sorriu lascivo e me deixou só, afastando-se.

Fiquei lá, ainda presa nas cordas, dopada e cansada, meus cabelos se espalhando longos e desarrumados sobre mim, minha pele arrepiada.

Quando João voltou, desceu o gancho e soltou a corda. Mas não as tirou dos meus pulsos. Estava

PERIGOSAS NACIONAIS

nu, seu manto largado sobre a cama, seu membro completamente ereto. Fui atacada por sua visão espetacular, seus cheiro gostoso e másculo, e uma ponta de desejo renasceu. Nossos olhares se encontraram e ele disse baixo, enquanto segurava a ponta da corda solta e andava para trás, me levando com ele:

— Tenho muita coisa para te mostrar, Ana. Vou pendurá-la nas cordas, de todas as formas que imaginar. Mas não hoje. Agora tenho outros planos para você.

— Estou muito cansada. Gozei demais.

— Eu sei.

Mas não parou até chegar à mesa. Sua caixa não estava mais ali, mas sim na cadeira ao lado. Sem dizer mais nada, me ergueu no colo e me pôs sentada na ponta da mesa. Somente então acariciou meu cabelo e fitei seu rosto lindo, compenetrado.

João murmurou:

— Ajoelhe-se na mesa, de costas para mim.

Lambi os lábios, estremecendo de leve. Minha vontade era de me enrolar e dormir um pouco, mas sabia que logo me despertaria, me faria implorar novamente. Quieta, obedeci, um pouco envergonhada e sem saber o que me aguardava.

PERIGOSAS ACHERON

— Abra as pernas. Assim.

Senti quando amarrou outra corda em minha coxa esquerda, perto do joelho. Desceu-a até o tornozelo e contornou-o, então a prendeu ao pé da mesa. Passou-a pela frente da mesma, entre os dois pés dianteiros, prendendo no que estava do lado direito. Subiu a mesma corda, envolvendo-a em meu tornozelo direito e depois na coxa. Minhas pernas ficaram abertas, eu de quatro sobre a madeira plana.

Contornou-me até vir perto de minha cabeça.

— Apoie os ombros na mesa. — Ajudou-me. Pus os ombros e queixo sobre a superfície e João puxou meus braços unidos ainda pelos pulsos por baixo do meu corpo, entre as minhas pernas, prendendo a ponta da corda na outra, que passava horizontalmente entre os pés da mesa. Fiquei imobilizada, sem poder me mexer. — Desconfortável?

— Um pouco. — Era estranho me ver tão privada de movimentos e sobre a madeira dura.

Acariciou meu cabelo, afastando-o todo para um lado, para que não caísse em meu rosto. Observei-o, ansiosa. A mesa era baixa e meu rosto ficava na altura do meio de suas coxas. Vi seus testículos sob

seu pau ereto, um pouco acima de mim. Notando isso, João segurou meu rosto e se agachou um pouco, ordenando:

— Chupe minhas bolas, Ana.

Molhei os lábios e os abri, enfiando um de seus testículos na boca, chupando docemente. João gemeu e segurou seu pau, acariciando-se para cima e para baixo, a outra mão enterrada em meu cabelo.

— Que boquinha gostosa...

Mamei uma bola e depois a outra. Era lisa e pesada, tinha seu cheiro bom e viril, e vê-lo se masturbando tão perto me agitou, fez o sangue correr mais rápido em minhas veias. Deixei-o completamente teso, o pau ainda mais agigantado visto de baixo. Até que ele se afastou um pouco, abaixou-se mais e veio até mim, segurando o membro, enfiando a cabeça entre meus lábios. Deslizou grosso e longo até a garganta e o chupei com a boca molhada.

— Minha putinha... — rosnou, movendo os quadris, comendo minha boca gostosamente. Suguei firme, salivando, desejo quente me deixando de novo ligada.

Não demorou muito. Suspeitei que se continuasse gozaria e ainda tinha planos para mim. Sorriu

PERIGOSAS NACIONAIS

sensualmente e afastou-se, contornando a mesa, sumindo atrás de mim. Esperei ansiosa, contendo a respiração, olhando para a parede nua à minha frente.

Estremeci quando acariciou minha bunda e lambeu minha vagina molhada, bem lento. A língua subiu dura até o ânus e revezou-se ali, fazendo-me gemer baixinho, pois tudo parecia sensível pelos orgasmos anteriores e pelas cintadas. Suas mãos percorriam a pele quente das nádegas até as coxas e voltavam, enquanto me chupava toda.

Cuspiu em meu buraquinho e seu dedo forçou ali, entrando apertado, enquanto a língua trabalhava firme em meu clitóris. Tremores me varreram e não pude me mexer, apenas arfar, tentar respirar, mas já sendo arrebatada pelo prazer quente, voraz.

Fiquei a ponto de gozar de novo, o orgasmo se formando. Foi quando João passou lubrificante em meu ânus e o preparou, primeiro com um dedo, depois com dois, dilatando-me. Parou de me lambe. E então algo forçou meus lábios vaginais a se abrirem e um vibrador foi inserido dentro da minha vulva, que latejou sem controle e apertou o objeto que imitava perfeitamente um pênis.

— Ah...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Está gostoso? — Sua voz era gutural.

Estava com o vibrador em minha vagina, movendo-o para frente e para trás, ao mesmo tempo que seus dedos penetravam meu outro orifício. Eu os sugava, palpitava, gemia sem controle, cheia de tesão.

— Sim... — arquejei, alucinada, esticada.

Enfiou todo o vibrador e deixou-o lá, enterrado em minha vulva. Então tirou os dedos e comecei a choramingar quando senti outro vibrador forçar meu buraquinho.

— Não, João...

— Sim, Ana. — E penetrou-o ali de vagar.

Lágrimas vieram aos meus olhos, não de dor, mas pelo tesão estarrecedor, por ficar mais esticada do que podia suportar, latejando. Fervi, estremeci, implorei. Mas a tortura continuou, até que tinha ambos enterrados bem dentro de mim, em lugares diferentes.

João veio para a minha frente, agarrando meu cabelo, já enfiando o pau em minha boca sem delicadeza. Chupei-o e lágrimas desciam dos meus olhos quando meteu duro até a garganta e ao mesmo tempo ligou a vibração dos pênis artificiais, que tremeram dentro de mim e me deixaram louca.

PERIGOSAS ACHERON

Um prazer perverso me engolfou e gritei contra seu pau ao explodir em um novo orgasmo alucinante, incontrolável.

— Ah, porra... Isso, chupa bem gostoso, do jeito que eu gosto... — Sua voz era pecaminosamente cheia de luxúria e crueldade, enquanto devorava minha boca sem pena.

Eu queimava e era sacudida, me precipitava e caía, latejava sem parar, ondas e ondas se entranhando em mim, mergulhando-me de cabeça em um tesão absoluto, avassalador. Ainda gozava quando João saiu da minha boca e foi para trás de mim, puxando o vibrador da minha vagina e metendo ali seu pau grande e grosso.

Gritei e chorei, pois ele era muito maior e tornou tudo mais sensível e feroz, movendo-se em estocadas brutas, seus dedos escorregando em meu clitóris, manipulando-o. Novas ondas de prazer vieram e desabei com o rosto na mesa, sacudindo-me toda em minhas amarras, arquejando quando segurou o vibrador e enfiou-o em meu ânus da mesma maneira que seu pênis me comia na vulva.

Pensei que fosse morrer de tanto gozar. E então ele rosnou rouco e ejaculou dentro de mim em um jorro de esperma quente, suas estocadas mais

violentas, pegando ainda um resto do meu orgasmo.

— Ana... — murmurou, cheio de tesão, de volúpia que se extravasava dentro de mim.

Até que parou, satisfeito, suas mãos percorrendo minha bunda, quadril e minha barriga. Saiu devagar da minha vagina dolorida e lentamente tirou o vibrador do meu ânus, fazendo-me estremecer e arfar.

Fiquei imobilizada, dopada, sem forças quando João começava a me desamarrar. Então me pegou no colo, beijou minha face, observando-me, enquanto saía daquele quarto e se dirigia ao nosso. Deitou-me na cama, entre os lençóis frios e macios da nossa cama, ficando de pé, olhando-me meio encolhida, cansada.

Virei devagar a cabeça e o fitei, dopada, meu corpo exaurido, mas conseguindo pensar melhor com aquele tesão todo momentaneamente satisfeito. João veio para a cama também e se deitou à minha frente, encarando-me um pouco preocupado, sua mão acariciando minha cintura.

— Exagerei muito, Ana? Machuquei você?

— Não — garanti e era verdade. Fui para mais perto dele, cheia de amor, incondicionalmente mais ligada a João naquele momento. — Quando penso

que já me deu todo prazer do mundo, você vem e me dá mais.

— E ainda terá muitos. — Puxou-me para entre seus braços, roçando o nariz no meu, seus olhos brilhando. — Sou tão feliz que às vezes tenho medo, meu bem.

— Medo? Você? — Sorri, preguiçosa, exausta.

— Muito medo. De meter os pés pelas mãos e afastar você de mim com esse meu jeito.

— Eu amo seu jeito. — Enfiei os dedos em seu cabelo despenteado, escuro, macio. Percebi que falava sério e fitei-o bem dentro dos olhos. — Por que isso, João?

— As outras mulheres eu não amava. Era só sexo. Consensual, com palavra segura, mas duro, com tudo que tinha direito. Você é minha vida, Ana. Como posso machucar você?

— Ei, pare com isso! — Abracei-o forte, apertado. Era a primeira vez que se mostrava vulnerável daquele jeito, um pouco perdido. Isso só me fez amá-lo mais, encher-me de ternura. Depois afastei a cabeça para olhá-lo, dizendo com ternura: — Eu queria, João. Lembre-se, tenho minha palavra segura.

— Mas quando estou cheio de tesão, essa vontade

PERIGOSAS NACIONAIS

louca vem e... perco a cabeça. O cinto...

— Não está nem vermelho. Sabe que não machucou pra valer. Agora pare com isso. Ou vou trancar a porta daquele quarto e jogar a chave fora.

Acabamos sorrindo um para o outro e João me puxou para cima de seu peito, me apertando forte, enchendo meu pescoço de beijinhos. Murmurou:

— Não sei o que fiz para merecer você...

— Deixe de ser bobo. Eu que sou a sortuda aqui.

— Não, sou eu.

— Eu.

— Eu.

Rimos, nos agarrando e nos beijando. Naquele momento tudo era só ternura. E rolamos na cama, apaixonados.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 9

Preocupações e culpa

*Amo você, fica comigo
O seu jeito de ser
Me pegou sem notar
Sem querer...
Quero você
Mas deixa comigo
Dá o teu coração
Te devolvo em dobro
A paixão...*

*(Fica Comigo - Thomas Roth / Arnaldo
Saccomani)*

JOÃO PEDRO

Depois de ter passado pouco mais de uma semana desde que voltamos do Sul, Ana e eu ainda vivíamos em lua de mel. Adorava voltar para casa e encontrá-la. Gostávamos de sair, mas preferíamos ficar em casa, curtindo nosso início de vida de casados.

Naquela sexta, já trabalhava pensando que teria o final de semana inteiro com ela. Estava terminando meu plantão no hospital para passar a tarde em meu consultório, quando meu celular tocou e vi no visor que era Antônio Camargo, o ex-policia! dono da firma de investigação que eu tinha contratado para seguir Fernanda. Até então, só me ligara para dizer que não havia nada suspeito. Atendi, esperando que aquela notícia se repetisse.

— Oi, Antônio. Como vai?

— Muito bem, obrigado, João Pedro. Espero que esteja tudo tranquilo por aí também.

— Sim, tudo ótimo.

— Que bom. Liguei para falar da moça que estamos seguindo. — Sua voz era tranquila, serena.

— Alguma novidade? — Caminhei até a sala dos médicos, que felizmente estava vazia. Sentei em

uma poltrona, prestando atenção.

— Sim, há. Não sei se poderá ser útil para você. Posso falar por telefone ou prefere marcar um encontro aqui no escritório?

— Estou saindo para meu consultório daqui a pouco, Antônio, e minha agenda está lotada. Pode fazer um resumo? Depois marcamos o encontro.

— Tudo bem. O investigador que estava encarregado de seguir a moça ontem à noite me passou tudo. Ela saiu por volta das nove horas e seguiu para um local distante, lá para dentro de Caxias. Ficou até difícil acompanhá-la sem levantar suspeitas, pois se embrenhou por umas bandas perto de Xerém, onde não há nem estradas calçadas e pouca moradia. Quase uma área rural, longe de tudo e de todos.

Fiquei quieto, prestando toda atenção. Antônio continuou:

— Bom, acabou se dirigindo a um sítio onde havia um casarão. O investigador não pôde se aproximar muito, mas conseguiu deixar o carro em um lugar escondido e saiu a pé. Tirou algumas fotos e observou pelo binóculo.

— E o que havia nesse lugar?

— Algumas pessoas se dirigiram para lá e havia

seguranças na porta. Parecia uma espécie de clube secreto.

— Clube? — Toquei-me do que poderia ser. Havia diversos clubes sadomasoquistas escondidos por aí e Fernanda gostava de se aventurar em alguns. Sempre a alertei sobre esses lugares, pois alguns realmente eram barras-pesadas e felizmente me ouvia, limitando-se ao Clube Voraz, onde se tornou uma das donas. Mas pelo visto as aventuras tinham retornado. Indaguei, preocupado: — Descobriu sobre o tal clube?

— Sim. Eu mesmo fiz uma investigação minuciosa sobre o assunto. Pelo que pude perceber, é conhecido entre o meio como Clube da Dor. Parece que é bem fechado, frequentado por poucas pessoas e todas de posses. Já foi investigado após duas denúncias, mas nada foi provado contra ele.

— Denúncias de quê? — Minha preocupação aumentou.

— Os frequentadores divertem-se humilhando, espancando e fazendo uma pessoa de escrava. Mas parece que não é só sexo. O escravo é obrigado a ter relações com animais e seus castigos tiram sangue, são verdadeiras torturas, inclusive com práticas de canibalismo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Senti o sangue fugir do meu rosto ao imaginar Fernanda num lugar daqueles. Sabíamos que existiam lugares assim, inclusive a polícia tinha conseguido descobrir e fechar uns dois, onde pessoas eram mutiladas, muitas contra a vontade. Sempre fiquei alerta sobre isso e costumava discutir o assunto com ela, pois Fernanda tinha um lado depressivo e submisso radical, sempre queria mais dor, parecia um vício. Temi que agora, sozinha, sem que eu estivesse perto para controlá-la, começasse a se arriscar nesses lugares perigosos.

— Ela saiu de lá de madrugada e, segundo o investigador, parecia machucada, mancando, com dores. Pode estar se metendo em um lugar perigoso, João Pedro. Estou tentando descobrir mais sobre esse clube, mas é realmente secreto, ninguém diz nada. No entanto, achei que deveria saber.

— Claro, eu agradeço. Pode me enviar por fax o endereço e as informações que tem sobre esse clube?

— Sim, envio ainda hoje. Para sua casa ou consultório?

— Prefiro no consultório.

— Pode deixar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Nos despedimos e depois que ele desligou, fiquei um tempo pensativo, muito preocupado. Sabia que Fernanda tinha um lado masoquista ao extremo, que quando estava triste ou descontrolada aumentava e muito. Se estava frequentando um lugar assim e saía de lá parecendo machucada, ficava óbvio que se metia em uma coisa perigosa. E eu temia que se ferisse mais do que podia imaginar.

*

Não fiquei em paz até a hora do almoço. Não podia fingir que não importava, pois apesar de tudo ainda gostava dela. É claro que não chegaria até ela e perguntaria sobre o clube, porque saberia que ela estava seguindo. Mas talvez se me aproximasse um pouco, sondasse tudo aquilo.

Sabia que almoçava todo dia na cantina do hospital e segui para lá. Cheguei um pouco antes do horário e fui para uma mesa com meu prato, de olho na entrada. Até que ela veio se aproximar.

De imediato me assustei com sua aparência. Em pouco mais de uma semana, desde que a vi pela última vez em meu casamento, ela tinha emagrecido bastante e estava muito pálida. O jaleco

PERIGOSAS ACHERON

branco de médica a engolia. Sempre foi esguia, mas de uma maneira bonita, elegante. Agora seu rosto parecia ossudo, o cabelo preso sem brilho, um ar de derrota em seus ombros. Fiquei chocado, sem reconhecer nela a mulher linda e sensual que fez parte da minha vida por tanto tempo, sempre vaidosa, maquiada.

Enquanto ia pegar sua comida, percebi que tentava disfarçar, mas realmente mancava e seu rosto empalidecia de dor. Não consegui tirar os olhos dela, preocupado ao extremo, sentindo uma grande vontade de brigar com ela, chamá-la à razão como fiz tantas vezes. '

Era uma pessoa solitária, sem família, cujo melhor amigo sempre fui eu. As festas e comemorações ela passava comigo e com minha família. Depois, tivera suas duas escravas, que também eram amigas e lhe faziam companhia. Agora estava completamente sozinha e isso devia estar levando-a à depressão e a escolhas erradas, que cobravam seu preço.

Senti um misto de culpa e dor, por mesmo sem querer estar contribuindo para sua infelicidade, quando eu me sentia tão feliz e realizado, vivendo os melhores momentos da minha vida. Sabia que

Fernanda tinha vacilado feio comigo e estava alerta com ela, por conhecer seu lado persistente e decidido. Por isso, contratei o detetive. Mas nunca esperei aquela reação, ferir a si mesma, se entregar à própria dor.

Virou-se com sua bandeja de comida e suco e me flagrou observando-a. Ficou imóvel e meu coração se apertou notando as olheiras em volta de seus olhos, um rictos de dor na boca. Indiquei a cadeira na minha frente, tentando disfarçar tudo o que eu sentia. Ela se aproximou, evitando ao máximo mancar. Forçou um sorriso ao depositar a bandeja sobre a mesa e se sentar.

— João, que surpresa... Como vai?

— Tudo bem. E você?

— Legal.

A pele clara parecia acinzentada. Fitei-a com atenção, mas o corpo estava bem escondido pelo jaleco e roupa fechada. Não sabia até que ponto estava machucada. Cautelosamente, indaguei:

— Está doente?

— Não. Por quê?

— Parece abatida. Percebi que mancava. O que houve?

Sua palidez aumentou. Desviou o olhar e

disfarçou, tirando o plástico de seu canudo e colocando-o dentro do suco. Levou seu tempo também pegando os talheres. Só então me encarou e sorriu.

— Na verdade sofri uma queda em casa, mas nada sério. Já estou bem.

— Tem certeza? Parece estar sentindo dor.

— Observador como sempre. — Seu sorriso se ampliou, como se gostasse de saber que ainda me preocupava com ela, me importava. — Dói um pouco, mas vai passar. Fique tranquilo, estou bem.

— E Adriana, deu notícias?

— Não.

Mexeu na comida do prato e comeu, sem muita vontade. Eu também não sentia mais fome, doido para dizer tudo que pensava, exigir respostas, obrigá-la a reagir e abrir os olhos. Mas como, se agora havia um abismo entre nós? Se eu não confiava mais nela a ponto de pôr alguém seguindo-a para evitar alguma vingança contra mim ou contra Ana? E agora descobria que poderia prejudicar a si mesma. Como lavar minhas mãos, ignorar isso?

Não era fingimento. Sua aparência dizia tudo. Eu me sentia realmente preocupado, sem saber o que

fazer.

— Como vai a vida de casado? — perguntou de repente, parecendo mesmo interessada.

— Bem — disse cauteloso.

— Ainda não confia em mim, não é? — Sorriu tristemente. — Acha que vou aprontar alguma. E o pior é que nem posso culpar você. Dei motivos para isso.

— Estou tentando esquecer esse fato, Fernanda.

— Mas não está conseguindo. Nunca me chamava assim, era sempre Nanda. E agora é esse “Fernanda” frio, distante. — Segurava o garfo sobre o prato, parada, seus olhos verdes sem brilho nos meus. — De tudo que já aconteceu na minha vida, João, perder a sua amizade foi o pior.

— Você não perdeu minha amizade. Pode contar comigo para o que precisar. Fiquei magoado, com o pé atrás com tudo que fez. Perdi parte da confiança. Mas não significa que deixei de ser seu amigo ou que não me preocupo.

— Sei que diz a verdade. Mas algo se rompeu. E não vejo chances de revertermos isso. Sabe o que é pior? Saber que fui eu que provoquei isso, em um momento de raiva e loucura. — Parecia angustiada e fiquei comovido, mas com medo de acreditar e

cair em alguma armadilha.

— Fernanda...

— Não precisa ficar chateado, se sentir culpado. Foi honesto o tempo todo. Eu é que vacilei. Entendo se nunca me perdoar e se Ana não quiser me ver pintada pela frente. Assumo toda a culpa.

— Pare com isso. Vamos nos preocupar com o que vem e deixar o passado para trás. Se está mesmo arrependida, tudo vai se acertar. Só não quero que fique remoendo isso ou sofrendo. Está magra e abatida. Há algo que possa fazer por você?

— Não, nada. Estou bem.

— Não minta para mim — adverti, um pouco irritado.

Largou o garfo de vez e engoliu em seco, seus olhos se enchendo de lágrimas. Fiquei abismado, pois Fernanda era tão dura que não chorava. Quanto mais sofria, mais se tornava forte e rígida. Aquela sua dor, sua entrega e agora suas lágrimas, me feriram por dentro e fui invadido pela culpa, uma velha companheira que pensei ter conseguido me livrar.

— Desculpe — murmurou, tentando se controlar.

Era uma dor tão pungente e latejante, tão explícita, que fiquei imóvel, percebendo-a, sendo

tocado por ela. Sem poder me conter, segurei sua mão fina sobre a mesa e a apertei.

— Confie em mim, Nanda. Estou preocupado com você. O que posso fazer?

— Me perdoar — disse baixinho, lutando para não chorar.

— Mas já perdoei.

— Não. Vejo o modo como me olha. É diferente.

— Claro que é diferente. Fiquei arrasado com o que fez. Usou de sujeira para me separar de Ana, parecia uma louca. Passou por cima da nossa amizade por ciúme e egoísmo. Não posso esquecer de uma hora para outra. Mas não significa que não gosto de você, pelo contrário. Estou tentando deixar tudo isso para lá. Só preciso de um tempo para acreditar de novo em você.

— É que... Parece que perdi sua amizade para sempre. — Apertou minha mão com força, vencendo as lágrimas, não as deixando rolar. — Eu me acostumei demais em ter você na minha vida, João. Estou meio perdida e sozinha. Não quero que pense que é chantagem emocional, sei que odeia isso. Mas às vezes...

— O quê?

— Dá vontade de sumir, mudar tudo. Largar a

PERIGOSAS NACIONAIS

Medicina de vez, de casa, me dedicar mais ao clube, sei lá. Talvez até mudar de estado, de país... Afinal, o que tenho aqui? Nada.

— Pare de dizer besteira. — Soltei sua mão e me recostei na cadeira, fitando-a intensamente. — O que você quer realmente?

Seus olhos verdes fixaram-se em mim. Por um momento, pareceu analisar minha pergunta, fria. Então relaxou um pouco e disse baixo:

— Quero que acredite em meu arrependimento e que não me odeie.

— Não odeio você.

— Mas acredita em mim?

Era uma pergunta difícil, pois eu ainda tinha desconfianças e não queria mentir. Assim, fui sincero em querer magoá-la:

— Acredito que está sofrendo com tudo isso e tentando se redimir, Fernanda. E confiança a pessoa conquista. É como eu disse, vamos deixar o tempo passar. Mas independente disso, quero que me prometa que não vai fazer besteiras e me procurar se precisar.

— Eu prometo.

— Certo. — Fiquei um pouco mais aliviado. — Agora coma a sua comida. Está esfriando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Almoçamos juntos e senti que relaxou mais e eu também. Acabamos conversando sobre trabalho e uns amigos em comum e até sorrimos, como nos velhos tempos. Porém a preocupação não me abandonou. Ainda mais quando nos levantamos para sair e vi como empalideceu de dor. Quis perguntar, insistir sobre aquilo, mas sabia que não me contaria. Assim, apenas a acompanhei para fora.

Nos despedimos com um beijo no rosto e fui para meu consultório sem conseguir me desligar de Fernanda e sua aparência doentia. Nem sobre o tal clube secreto. Já tinha ouvido muita coisa sobre aquilo, que misturava torturas e todas as formas de humilhação mais baixas, como urina, fezes, sangue. Pessoas se candidatavam para terem partes de seu corpo comidas em sessões de canibalismo. Nunca tivemos provas de que realmente tais coisas aconteciam, mas sabia que era verdade. E só de pensar que Fernanda poderia se arriscar aquele ponto, o medo me percorria por inteiro.

Passei o dia assim, uma parte de mim preocupado com aquela história. Quando cheguei em casa à noite, fui recebido pelos latidos animados de Chicote, que corria para mim fazendo festa. Uma

PERIGOSAS ACHERON

música gostosa da Marisa Monte tocava e sabia que Ana estava na cozinha. Adorava chegar e ir preparar nosso jantar ouvindo música.

Deixei minhas chaves, carteira e celular sobre o aparador no hall e segui para a cozinha, ansioso para vê-la, mais do que nunca querendo senti-la e olhá-la para me reestruturar novamente.

Ana usava um shortinho jeans, chinelos e camiseta laranja de alças finas, seus cabelos presos em um rabo de cavalo. Abriu-se num grande sorriso quando me viu e eu a agarrei, erguendo-a do chão, beijando-a na boca. Abraçou-me de imediato pelo pescoço e retribuiu o beijo apaixonado, suas mãos em meu cabelo, sua língua buscando a minha.

Foi como recuperar minhas forças, minha alegria. Relaxei e me entreguei, saboreando-a intensamente, mas sem pressa, mais uma vez me dando conta de como estava feliz em sua companhia.

Rimos quando Chicote ficou nos rodeando, latindo em ganidos estridentes, querendo atenção. Coloquei-a no chão e Ana comentou, bem-humorada:

— Nossa, isso tudo é saudade?

— Muita saudade. Acho que vou parar de trabalhar, viver da minha herança e ficar em casa,

grudado em você — provoquei, meus braços ainda em volta de sua cintura.

— Já pensou? Dois vagabundos vivendo de amor?

— Trancados naquele quarto decadente. Hum... Estou gostando da ideia. — Sorrimos e Chicote começou a morder a barra da minha calça e puxar, se sacudindo todo. Olhei-o. — Não acredito que tenho que enfrentar esse cachorro como rival. Está com ciúme de você.

Ana riu. Conversamos um pouco na cozinha e ela voltou para suas panelas, de onde saía um cheiro delicioso. Tínhamos uma senhora que ia ao apartamento três vezes por semana e cuidava da limpeza e das roupas, mas Ana fazia questão de cozinhar. Ocasionalmente jantávamos fora ou encomendávamos alguma coisa.

Enquanto terminava, fui tomar meu banho e voltei bem à vontade. Chicote cansou de latir e correr atrás de uma bolinha e foi tirar uma soneca no canto do terraço, onde eu e Ana jantamos a céu aberto, aproveitando a bela noite de dezembro.

Estava tudo ótimo e delicioso, a conversa fluía fácil, mas vez ou outra eu me via pensando em Fernanda, sua aparência abatida e doentia, aquele

maldito clube secreto onde possivelmente foi se flagelar. Terminamos de comer e ficamos deitados no divã, olhando o céu estrelado, falando de nosso dia, quando Ana indagou:

— Aconteceu alguma coisa?

— Não. Por quê? — Virei o rosto para fitá-la; ela me observava atenta, acariciando suavemente os pelos do meu peito pela camisa entreaberta.

— Parece que algo o perturba. Tem horas que fica pensativo.

Era impressionante como estávamos tão conectados que um sentia quando o outro não estava cem por cento. Mesmo tentando disfarçar, Ana notou aquilo.

Fiquei na dúvida se falava de Fernanda ou não, pois não queria perturbar nossa paz. Mas ao mesmo tempo tudo aquilo me agoniava e me vi despejando:

— Encontrei Fernanda hoje no hospital. — Não tinha contado a Ana sobre o detetive para não preocupá-la.

Suspirou e seu olhar era um misto de desagrado e ciúme. Mas respirou fundo.

— E aí?

— Ela estava machucada. Mancava.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por quê? — Franziu o cenho, sem entender.

— Não sei ao certo, Ana. Parecia outra pessoa. Magra, abatida. Pela primeira vez desde nossos dezessete anos, eu a vi sem maquiagem em público, sem vaidade. Era o retrato de uma pessoa depressiva, magoada e com dor.

Ana ajeitou-se, observando-me com atenção.

— Acha que é por sua causa?

— É por tudo. Não tem família. Aquelas duas moças que viu no clube com ela a abandonaram. Eu me casei com você e praticamente a eliminei da minha vida.

— Mas por que mancava?

— Você viu aquele vídeo. Ela gosta de dor. Quanto mais, melhor. Sempre queria ir além quando usava meu chicote, queria que cortasse sua pele com as batidas, mas nunca deixei chegar a esse ponto. E acho que está se aventurando em locais mais perigosos, com pessoas agressivas. Não há mais nada nem ninguém para controlá-la.

— É como um castigo a si mesma — disse Ana, pensativa. Passou as unhas por meu peito. — Está preocupado.

— Muito. Pode se dar mal nesses lugares. Já falei com você sobre a barra pesada que existe por aí. É

PERIGOSAS ACHERON

perigoso.

— Conversou com ela?

— Sim. Não admitiu que está nesses lugares. Disse que caiu e se machucou.

Ela sentou-se no divã, dobrando as pernas como se fizesse ioga, olhando-me de frente. Sua expressão não era de raiva ou irritação, mas de uma pessoa na dúvida, sem saber ao certo o que pensar.

— Eu entendo sua preocupação, mas e se estiver fazendo isso para chamar sua atenção?

— Pensei nisso, mas sua aparência é realmente muito ruim, Ana. Me pediu perdão, disse que entende se nunca mais olhar para ela. Não confio em Fernanda, a decepção foi grande, mas...

— Quer ajudá-la.

— Não quero que corra riscos. — Fitei seus olhos castanhos, querendo que me entendesse. — Não precisa ficar com ciúme, meu interesse nela é simplesmente preocupação por alguém que foi uma amiga, por sua vida e saúde. Não consigo fingir que não percebi nada e esquecer.

— Sei disso. E o amo mais por não ser insensível. — Estendeu a mão e tirou meu cabelo da testa, com carinho. — Não vou exigir nada nem me meter nesse assunto. Sabe que não confio nela. Que tenho

ciúme sim. Mas entendo você, João.

— Vem aqui. — Puxei-a para meu colo, boa parte da minha apreensão aliviada só porque estava comigo. Abracei-a, aninhando-a bem apertado, fechando os olhos. — Você é única para mim, Ana. Não há nada sexual na minha preocupação por Fernanda.

— Eu sei.

Ficamos lá, em silêncio, apenas nos sentindo. Aos poucos, fui ficando excitado com seu corpo tão junto ao meu, seu cheiro de morango. Passei minhas mãos em seu corpo, sua pele macia, suas pernas nuas. A respiração dela foi ficando mais agitada. Tocou-me também, beijou meu peito, desceu a mão em minha barriga. Fiquei duro, teso, arrebatado pelo desejo.

Beijei e mordisquei sua orelha. Meti a mão sob a barra da camiseta e a ergui um pouco, até meus dedos se fecharem sobre um seio macio. Ana se esfregou em mim, gemendo, abrindo minha calça.

Encostei-a sentada no divã e ajoelhei-me em frente, fitando-a com tesão, puxando a camiseta por sua cabeça e deixando-a nua da cintura para cima. Abri o seu short e murmurei, enquanto o tirava por suas pernas:

PERIGOSAS NACIONAIS

— Levante essa bundinha...

Obedeceu, ficando só de calcinha, suas pernas dobradas e levemente abertas, o cabelo caindo macio por seus olhos e ombros, a respiração arfante. Gostava de ver o desejo absoluto brilhando em seu olhar, fixo em mim. Envolvei os dedos na lateral da calcinha e a levei até seus joelhos, onde a deixei. Abri um pouco mais suas pernas para o lado, descendo meus olhos por seus seios e barriga, até a vulva nua, depiladinha como eu apreciava, lisa, rosada. Acaricieei-a suavemente com os dedos.

— Ah, João... — arfou, enrouquecida, jogando um pouco a cabeça para trás, olhos semicerrados, lábios entreabertos. Era a imagem de uma mulher cheia de luxúria.

Enfiei devagar o dedo do meio dentro dela, sentindo-a cremosa, quente, latejante. O desejo se tornou mais voraz em meu interior, queimando-me, deixando-me ainda mais duro. Com a outra mão, terminei de tirar sua calcinha, até ficar toda nua para meu prazer. Enquanto a penetrava com o dedo em um lento vai e vem, toquei-a nas coxas, barriga, seios, até que se tornou uma massa sôfrega, no ponto. Somente então a soltei e abriu os olhos pesados, brilhantes.

PERIGOSAS ACHERON

Levei as mãos até minha calça e me despi, até ficar nu também, Ana me apreciando. Fiquei esfomeado, precisando de mais. Aquela volúpia avassaladora veio feroz e agarrei um punhado de seu cabelo com brusquidão, puxando sua cabeça para trás e imobilizando-a. Fitei intensamente seus olhos já dopados de desejo e exigi rouco:

— Quero você no quarto novo. Nas cordas. Agora.

Ana mordeu os lábios, excitada e ao mesmo tempo meio assustada, como sempre ficava quando me deixava daquele jeito. Mas aprendi que aquilo também mexia com sua libido, imaginando o que faria com ela.

Ergui-me nu, com ela no colo nua também. E assim a carreguei para o quarto, fechando a porta para não sermos interrompidos por Chicote. Depositei-a de pé no meio do quarto na penumbra e fui pegar a corda na caixa. Sentia-me bruto, agressivo, precisando de um alívio imediato para aquela depravação que já me engolfava sem controle.

— Braços para trás — ordenei seco, queimando por dentro, um tanto ríspido. Quando obedeceu, eu os dobrei juntos nas costas e os amarrei pelo

cotovelo, passando a corda em volta de sua cintura e seios, com prática. Então foi a vez de envolver seus quadris e uma das pernas na corda, em um entrelaçado que me possibilitava pendurá-la de várias formas.

Ana ficou muito quieta, mas podia sentir os tremores que passavam por seu corpo. Tentei me concentrar, ansioso, devasso, imoral. Meu pau babava na ponta, tão inchado que doía. Por fim, descí os ganchos do teto e preendi na corda fixa de sua cintura. Somente então a fitei nos olhos.

— Você não vai cair. Lembre-se de sua palavra segura.

Ana nem teve tempo de dizer nada, seus olhos assustados em mim. Logo eu erguia o gancho e ela era suspensa pela cintura, pairando a alguns metros do chão. Fui para trás dela, enrolei seu cabelo longo em uma raba de cavalo frouxo e o amarrei com uma corda menor, cuja ponta descí por suas costas até o pé. Satisfeito com esse arranjo, eu a subi mais e então a inclinei para trás sobre si mesma, pendurada, ficando de cabeça para baixo, imobilizada.

— João... — murmurou, um tanto temerosa.

Nunca tinha se visto daquele jeito, era uma

novidade. E eu, adepto do bondage, senti-me ainda mais libidinoso e pervertido, quase fora de controle, o sangue martelando quente em minhas têmporas. Fiquei de pé em sua frente, seu rosto na altura do meu pau, suas pernas abertas tão perto do meu queixo. Segurei meu pênis e o mirei em sua boca, penetrando-o ali. Ana engasgou um pouco, desacostumada a chupar-me de cabeça para baixo, mas logo começando a fazê-lo. Então segurei suas coxas e lambi seu clitóris com volúpia.

Estremeceu nas cordas, balançando. Movi meus quadris, metendo meu pau duramente em sua garganta, abrindo os lábios para sugar sua bocetinha melada, minha língua percorrendo-a por inteiro. Aproveitei, pois não poderia deixá-la muito naquela posição. E enfiei um dedo bem fundo em sua vulva enquanto a chupava.

Senti seus choramingos contra meu pau. Meti duro, cheio de um desejo avassalador, que se avolumava dentro de mim sem controle. Ela era minha, para usar e abusar, para devorar e escravizar, como eu tanto necessitava. A sensação de controle e poder, junto com o amor extraordinário que despertava em mim, eram afrodisíacos inigualáveis e inchei, meu pau pesado

e robusto enchendo sua boca, mergulhando bem fundo, enquanto a chupava com vontade e girava meu dedo dentro dela.

Balançou-se, sufocada. Tirei o pau, abaixei-me um pouco e ergui seu tronco, abaixando um pouco seu quadril. Virei-a para mim, seu rosto na altura do meu, seus braços presos para trás, seu rosto vermelho e arfante, com olhos pesados, dopados. Segurando-a firme, fui para o meio de suas pernas e estoquei meu pau em sua vulva macia e melada, quente e apertadinha, até me enterrar todo.

Ana gritou, trêmula, fora de si.

— Vou foder você bem duro — avisei, corrompido por meus desejos imorais, abrindo mais suas pernas e comendo-a brutalmente.

Olhava para mim, entregue e arquejante, amedrontada e aniquilada pelo próprio prazer. Meu braço esquerdo amparava suas costas, mas com a mão direita escorreguei os dedos até sua bunda e dei um tapa forte, estalado, que arrancou um grito estrangulado de sua garganta e fez sua bocetinha se contrair, estrangulando meu pau.

— Minha putinha... — E bati de novo, bem forte.

— Ai! — Ana gritou, se sacudiu, presa e esticada, alucinada pelas sensações violentas que a

arrebatavam.

Não dei descanso. Arremeti duro e forte dentro dela, espancando sua bunda sem dó, até que seus olhos estavam cheios de lágrimas, não sei se pelas palmadas ou pela lascívia, pois pingava contra meu pau, mordida os lábios e gemia sem parar, seus olhos presos nos meus, submetendo-se à minha violência e devassidão.

Aquela fera íntima minha rugiu e me descontrolei, gruindo, batendo, tomando. Ana gemeu em um esgar e explodiu em um gozo intenso, mamando meu pau com a bocetinha latejante, buscando ar, sacudindo-se toda.

— Isso, putinha, goza enquanto apanha do seu dono — falei rispidamente, minha voz rascante, gutural. Meu pau a abria toda, empurrava seu útero, a devorava sem descanso enquanto ela ondulava e chorava, gemendo, gozando. Bati mais em sua bunda, de um lado e de outro, precisando de mais daquela depravação. Até que desabou, arrebatada, sem ter mais o que gozar.

Parei, segurando-a firme, ainda enterrado dentro dela. Ergui-a um pouco e tirei a corda do gancho pendurado no teto. Só então me retirei de seu interior e pus seus pés no chão, rapidamente

desamarrando-a, a ferocidade a ponto de me engolir vivo. Sentia-me cego pelo desejo avassalador, pela vontade de sujeitá-la a mim da minha maneira.

Quando ficou toda livre das cordas, não teve tempo de descansar. Empurrei-a para a parede, de costas para mim, de modo que espalmou as mãos sobre ela e o rosto também, ainda fragilizada pelo recente orgasmo.

Fitei seus cabelos longos, o contorno pronunciado da cintura, a bunda completamente vermelha das palmadas, um contraste violento contra a pele branca. Fui engolfado por vários sentimentos, mas o que venceu foi a luxúria violenta.

Caí de joelhos atrás dela, já abrindo sua bunda e lambendo seu ânus. Ana gemeu, arquejou, se colou na parede. Enfiei minha língua em seu buraquinho e a chupei e lambi ali sem descanso, metendo o dedo em sua vulva e levando seu creme para lubrificar aquele local. Senti-a palpitar, tremendo, sem lutar contra mim. E sua submissão me deixou ainda mais louco.

Ergui-me, segurando firme as duas bandas de sua bunda quente e ardida, abrindo-a bem. Meu pênis mergulhou em sua bocetinha cremosa, ficando lubrificado. Então o tirei e mirei a cabeça no

buraquinho apertado, meu peito firme em suas costas, minha boca contra sua orelha.

— Vou foder seu cuzinho — murmurei, rouco, já forçando o pau, abrindo-a, esticando-a. Arfou, colada na parede, olhos fechados. — Quer dizer sua palavra segura?

— Não... — Saiu num fio de voz e na mesma hora penetrei-a duramente, meu pau entrando de uma vez, arrombando-a sem pena.

— Ai... Ai... — Começou a choramingar, arranhando a parede, mexendo-se, sem ter para onde fugir.

Abri mais sua bunda e estoquei em arremetidas duras e fundas, dizendo ferozmente:

— Gosta de tomar o pau do seu marido no cuzinho? — Lambi sua orelha, cheio de devassidão, comendo-a. — Responda!

— Sim... Mas... é muito grande... — choramingou.

— Sim, grande e grosso. Mas é todo seu. — E a devorei sem pena, descendo meus dentes por seu ombro, cravando-os ali como cravava meu membro dentro dela, o prazer furioso me arrebatando, crescendo, se avolumando. Escorreguei uma das mãos na frente dela, espalmando-a em sua vulva,

PERIGOSAS NACIONAIS

meus dedos comendo-a, dois entrando entre os lábios vaginais sensíveis, inchados, melados. — Vai gozar de novo, Ana.

— Não... Por favor, não aguento...

— Aguenta. — E girei os dedos em sua bocetinha, forçando seu ponto G, minha palma esfregando seu clitóris. Ana se debateu, ficou sem ar e sem voz, quis fugir do prazer pecaminoso e avassalador que a corrompia. Fodi duramente sua bunda e a manipulei de modo que ficou difícil lutar, escapar. — Goze.

— Ah... Não... Ahhhhhhhhh... — Mas tremia sem controle e era arrebatada novamente.

Seus espasmos estrangularam meus dedos e meu pau. Seus gemidos entrecortados me descontrolaram de vez e rosnei furiosamente, esportando meu gozo, ejaculando bem no fundo dela, sendo violento e duro.

Não acabava. Busquei o ar, jogando minha cabeça para trás, até que os últimos espasmos foram diminuindo e apoiei minhas mãos na parede, ainda enterrado em seu ânus. Por fim, fui para trás, deslizando para fora.

Ana ficou lá, encostada, quase inerte. Fitei a bunda muito vermelha e senti a culpa me engolfar.

PERIGOSAS ACHERON

Eu tinha perdido o controle, batido nela e a fodido sem conter minha força. A vergonha e o medo vieram de imediato e vacilei, nervoso. Criando coragem, segurei devagar seu braço e a virei para mim, preparando-me para acusações ou medo e lágrimas.

Ana ergueu os olhos caramelados, corada, ainda sem poder respirar normalmente. Lambeu os lábios e murmurou:

— Você quer acabar comigo?

Foi como tomar um soco. Já ia despejar um monte de desculpas tardias, quando sorriu suavemente e veio para meus braços, sussurrando:

— Você é um animal, João...

— Desculpe. — Apertei-a contra mim, assustado, nervoso. — Eu me descontrolei. Tinha medo disso, de...

— Ei, calma. — Afastou a cabeça, seus olhos buscando os meus. Percebeu meu estado. — Não fique assim.

— Machuquei você.

— Sim. Mas o prazer foi... Maravilhoso! Gozei duas vezes, meu amor.

— Sou um bruto. Não sei o que acontece, fico louco! — Passei a mão pelo cabelo, agoniado. —

Falei tanto de Fernanda correndo riscos por aí, quando em casa sou um desgraçado filho da puta com você!

— Pare com isso — disse suavemente. — Usou um pouco mais de força, mas...

— Mas o que, Ana? — Encarei-a de maneira profunda, um pouco perdido. — Sou mesmo um animal.

— João, estou dizendo, não é preciso se culpar tanto. Eu senti prazer, meu amor. Talvez esteja ficando como você. — Fez uma tentativa de brincar, aliviar um pouco as coisas.

— Vem aqui. — Peguei-a no colo, saindo do quarto com ela.

Ana acariciou meu cabelo, tentando me confortar:

— Não sou de vidro, João. Se estivesse doendo demais, eu falaria.

— Devia ter dito a palavra segura. — Levei-a direto para o banheiro da nossa suíte. Sentei na beira da banheira, com ela sobre minhas coxas, abrindo a água, transtornado. Sentia raiva de mim mesmo. Como eu podia amá-la e me descontrolar daquele jeito?

— Mas eu não queria dizer! — exclamou. Por fim, segurou meu rosto com as duas mãos e me fez

PERIGOSAS NACIONAIS

olhá-la. — Escute o que estou dizendo, eu não queria que parasse.

Fitei seus olhos, sem saber o que pensar. Mas Ana garantiu:

— Eu gostei, João. Tenho até vergonha de dizer, mas gostei de ficar imobilizada naquelas cordas, de apanhar e ser fodida. De ter você dentro de mim, em toda parte. Senti muito tesão.

— Jura? Não está falando para me confortar?

— Não. — Sorriu e beijou meus lábios. — Acho que estou virando uma depravada.

— Ana...

— Uma devassa. Perversa. Imoral. Corrompida...

— Cale-se! — Acabei sorrindo, apertando-a contra mim. — Por favor, Ana, quando eu ficar assim, dê um grito, me xingue, diga a palavra segura. Isso vai me parar.

— Mas já disse, não queria que parasse. Se fosse demais, eu ia dizer.

— Jura?

— Juro.

Mesmo assim, fiquei um tanto culpado. Para compensar, fui carinhoso, dei banho nela, deitei-a na cama e passei um creme relaxante em todo seu

PERIGOSAS ACHERON

corpo. No final, ela apagou em um sono profundo, nua e cheirosa.

Fiquei acordado, novamente excitado, pensando não pela primeira vez que eu era uma espécie de tarado. Então me virei para Ana, encostei-me a seu corpo gostoso e macio, e fiquei olhando-a, apaixonado, com um medo absurdo de perdê-la. E jurei a mim mesmo que nunca mais perderia o controle.

Capítulo 10

O primeiro Natal

*Meu corpo quer se embriagar
Sua pele você colado a mim
De um jeito como ninguém já fez
Não seja perverso comigo
Você sabe ser encantador
Me olha nos olhos
Me abraça.*

*(Me Abraça (embraceable you) - George
Gershwin)*

ANA FLOR

Era engraçado ver João tentando me compensar na semana seguinte por sua brutalidade ao transarmos na sexta-feira. Não me levou mais ao quarto dos pecados e tratou-me como se fosse de porcelana, cheio de mimos e cuidados. Por um lado, gostei, até brinquei sobre o assunto. Mas por outro tentei garantir que amava também aquele seu jeito mais dominador. Era uma força arrasadora, incomparável, ao mesmo tempo assustadora e excitante. Não havia rotinas na convivência com ele. Estava sempre me surpreendendo, mas não me decepcionando.

Se fosse honesta comigo mesma, admitiria que mesmo ainda sentindo certo medo desse lado descontrolado e animal de João, eu ficava completamente arrebatada por ele. Sentia prazeres absurdos, como nunca julguei possíveis. Todo meu corpo reagia, minha mente participava, eu virava uma massa de sensações incontroláveis. E vê-lo em ação, seu olhar duro e devasso, seus músculos ondulando, sua expressão de poder e êxtase, tudo me dominava de uma maneira única, ainda mais sabendo que não era encenação, era uma parte

incondicional de João, da sua personalidade. Uma força da natureza.

Aos poucos, acho que encontraríamos nosso ritmo, o que fosse um pouco de cada. Por isso dei o tempo que ele precisava para parar de se sentir culpado, aproveitei também seu lado mais terno e romântico, mas comecei a provocá-lo aos poucos, para que voltasse a ser o meu João dominador e feroz, o homem mais lindo e delicioso que existia naquele mundo.

Na quarta-feira, enquanto tomava banho após chegar do trabalho e pensava em tudo, me dava conta de que aquilo não me preocupava. Tinha certeza de que nosso amor resolveria qualquer problema sexual, pois ambos estávamos dispostos a abrir mão de nosso conforto pelo outro. O que me preocupava era Fernanda.

Eu ainda não sabia qual era daquela mulher, mas duvidava que tivesse desistido de João. Não com aquele olhar maligno, aquela personalidade dura e arrogante. Ela estava armando alguma e, por mais que eu pensasse, só chegava a uma conclusão: queria se aproximar da gente e que melhor maneira de fazer isso a não ser se fingindo de vítima, tentando atrair a simpatia e a pena de João? Ela

usaria os anos de amizade a seu favor, pois devia conhecê-lo muito bem. Ainda mais sabendo que ele odiava se sentir culpado.

O pior é que eu ficava de pés e mãos atados. Por duas vezes, João me falou dela naquela semana e percebi que a encontrava de propósito no hospital para saber como ela estava. Eu o entendia, estava nervoso, ainda mais com aquela história de clube secreto e perigoso. Ele sentia que era sua responsabilidade evitar que Fernanda se metesse em uma furada. E o que eu podia fazer? Se reclamasse e mostrasse minhas desconfianças, pensaria que eu era insensível, implicante, ciumenta. E pararia de me contar quando se encontrava com ela e o que diziam. Eu preferia saber de tudo, para agir com cautela e observar.

Era difícil acreditar que uma pessoa pudesse pôr em risco a própria vida e saúde para chamar a atenção de outra, mas isso acontecia. João tivera duas experiências assim, com a mãe e com Angélica. Era o ponto fraco dele e Fernanda sabia. Ela não tinha chorado e ameaçado suicídio. Estava sendo mais inteligente, fazendo as coisas devagar, tentando atraí-lo pacientemente, voltar à vida dele.

Acabei de tomar banho e me enxuguei, vestindo

um curto robe preto. Fui para o quarto e sentei na cama, penteando o cabelo molhado, sem saber o que fazer.

Quando me falava dela, eu ouvia, comentava uma coisa ou outra, mas me limitava a isso. Se Fernanda achava que criaria problemas entre mim e João com sua pose de vítima, se enganaria. Eu seria extremamente cautelosa, mesmo que tivesse certeza do seu jogo. Mas o problema era: o que eu poderia fazer se ela conseguisse recuperar a amizade de João? Como bater de frente com uma pessoa que se fazia de humilde e coitada?

Revoltada, senti uma agonia, um pressentimento de que aquela mulher maligna ainda causaria problemas sérios entre nós dois, mas eu ficava contida, sem saber como agir. A única coisa possível era manter-me alerta o tempo todo. E contar que o nosso amor seria o suficiente para embarreirar as armações de Fernanda.

Estava lá, terminando de pentear os cabelos, quando João chegou. Só de olhá-lo, meu coração bateu forte no peito, todas as células do meu corpo reagiram. Estava lindíssimo como sempre, seus cabelos meio rebeldes e escuros, uma camisa gola polo marrom marcando os músculos do seu peito e

deixando os bíceps pronunciados à mostra, uma calça bege caindo às mil maravilhas em seu corpo. Os olhos azuis brilharam ao me ver e me senti realmente sortuda, pois eu o amava mais do que tudo na vida e recebia um amor igual em troca.

— Oi — disse baixo, deixando sua maleta de médico na mesinha e vindo até onde eu estava, inclinando-se para beijar suavemente meu rosto e acariciar minha face com carinho. — Tudo bem?

— Melhor agora, que você chegou — Respondi com um sorriso, apaixonada.

— Ah, é? Que cheirosa. — Fuçou meu pescoço com o nariz, causando-me arrepios. Por fim se afastou um pouco e sentou na poltrona em frente, suspirando.

— Cansado?

— Um pouco. Hoje não parei naquele hospital. — Olhou em volta. — Cadê o chatinho?

— Pare de chamá-lo assim — reclamei e ele sorriu, pois fazia só para implicar comigo. Adorava se abaixar e fazer carinho no cachorrinho. — Deve estar dormindo por aí.

Deixei o pente na mesinha de cabeceira, lembrando-me de algo:

— Ah, minha mãe ligou. Quer saber que horas

PERIGOSAS NACIONAIS

vamos para a casa dos seus tios no dia vinte e quatro. — Todos nós passaríamos o Natal lá, juntos, numa recepção íntima para a família e uns poucos amigos.

— A hora que vocês quiserem. — Observou-me com atenção, seu olhar carinhoso. — Hoje comprei seu presente.

— Ah, João, chega de presente! — reclamei, mas ri. — Você está me estragando!

Não bastasse ter as datas para ter desculpa de me mimar, de vez em quando chegava em casa com alguma coisa para mim. Era uma roupa, um par de brincos, flores, chocolate, etc.

— Mas é Natal. — Seu sorriso ampliou-se.

— Já tenho tudo!

— E eu já comprei.

— Não sei o que faço com você.

— Aproveite.

Sorrimos e o admirei novamente, reparando mais uma vez o quanto estava bonito.

Mas havia algo de cansaço em sua expressão e, querendo me precaver, ficar por dentro do que acontecia, indaguei:

— E a Fernanda? Encontrou com ela?

João observou-me, sem saber se eu estava

PERIGOSAS ACHERON

chateada. Mas me mantive do mesmo jeito, guardando minhas suspeitas para mim.

— Sim, encontrei-a hoje no estacionamento, na hora de sair. Falamos rapidamente.

— E ela está melhor?

— Não muito. Parece doente. — Passou a mão pelo cabelo, desconfortável. — Desculpe, Ana. Não devia falar dela.

— Devia sim. — Ergui-me e fui até ele, sentando-me em seu colo. Na mesma hora abraçou-me, sua mão depositando em minha coxa nua, seus olhos nos meus. — Sei que isso incomoda você.

— Muito.

— Mas não deve se sentir responsável. Fernanda é adulta.

— Sei disso. Mas ficaria mais tranquilo se a visse bem, seguindo seu rumo. — Havia uma ruga de preocupação em sua testa. Acariciei-a com o dedo, ao mesmo tempo admirando-o por não ser frio e insensível e temendo o resultado daquela sua preocupação.

João suspirou, sério, fitando-me. Falou baixo:

— Vai ser o primeiro ano que ela não passará o Natal comigo, Ana. Sei que não tem família e está sozinha. Acho que isso a está deixando mal

também.

Senti medo e agonia. Não consegui me conter.

— Meu amor, sei que isso o incomoda, mas... Ainda não confio nela. Não ficaria feliz sabendo que está perto, que no Natal...

— Não se preocupe, Ana. Eu não a convidei.

— Mas pensou em fazer.

— Sei que não seria boa ideia. Fique tranquila.

Sua aceitação, sem reclamar, me deixou ainda pior. Senti-me mesquinha, como se fosse insensível e má, quando sabia como se sentia. Dividida, acariciei seu cabelo, acabei murmurando:

— Só não quero ver você assim, João. Olha, se for se sentir melhor, convide-a.

— Não. Aí você que não se sentiria bem, Ana. E esse é nosso primeiro Natal juntos. — Puxou-me mais para si, beijando suavemente o meu rosto. — Quero que seja perfeito para você.

— Estamos juntos. O que pode ser mais perfeito que isso? — Apertei-o contra mim, odiando aquela mulher por plantar sua sementinha da maldade, por deixar João daquele jeito, por me obrigar a engoli-la. — E quero você feliz. Se vai te fazer bem, não me oponho.

— Não, Ana. Vamos deixar assim. Fernanda vai

ter que se acostumar e reestruturar sua vida. — Seu rosto estava em meu pescoço, cheirando-me. — Hum, adoro seu cheiro...

Seus dedos puxaram o laço do robe, abrindo-o. Gemeu rouco quando a mão se espalmou em meu seio nu. Estremeci e fechei os olhos, adorando seu toque, oferecendo-me para mais. E João tomou.

Segurou-me pela nuca, deslizando os lábios para cima por meu queixo, até tomar minha boca em um beijo quente e gostoso. Apalpava e massageava meu seio, até que o desejo já vinha estarrecido, voraz como sempre.

Toquei-o também, puxei sua camisa, acariciei seu peito, rebolando sobre o pau duro dentro da calça. Não tivemos muita paciência. Logo ele tirava meu robe e eu o ajudava a tirar a roupa. Enfiou o dedo em mim e ficou ainda mais excitado ao me encontrar toda molhada.

Montei nele de frente e João me penetrou fundo, gemendo, suas mãos em meus seios, sua língua em minha boca, o pau grande e grosso movendo-se dentro de mim. Cavaleguei-o extasiada e foi assim que nos devoramos.

Mesmo quando ficávamos no tradicional, eu me sentia dominada e possuída. Sua pegada era firme e

decidida, o beijo intenso, o rosnar de um homem levado pela luxúria. Forçava-me a tê-lo todo, sussurrava sacanagens em meu ouvido, deixava-me louca e arrebatada. E eu gozava violentamente, sendo logo depois acompanhada por ele.

Quando tudo acabou, ficamos nos beijando e acariciando. Então me ergui, deixando de lado meu robe, indo em direção ao banheiro com João. Ele me olhou de esguelha, satisfeito, sorrindo:

— Estou faminto. Teve fumaça nessa casa hoje ou sairemos para comer fora? — indagou, quando chegamos ao banheiro. Meus olhos beberam de seu corpo nu, admirando-o com desejo.

— Tem fumaça — falei um pouco rouca e sorri para mim mesma. Que homem gostoso!

Felizmente todo desconforto tinha se esvaído e Fernanda foi afastada de nossa mente.

JOÃO PEDRO

O dia vinte e quatro de dezembro cairia numa terça-feira naquele ano e trabalhei na segunda só no hospital. Sairia à tarde e iria para casa mais cedo, pois não marquei consultas para aquele dia. O Fórum também não funcionara e Ana estava em

casa, me esperando. Tínhamos combinado sair juntos mais tarde, com Paola e Vítor. Eles tinham ligado nos convidando, parecendo animados, felizes da vida. Desconfiava que eles queriam nos contar alguma novidade, talvez um noivado ou casamento. Ana também achava.

Já estava saindo do hospital por volta das três da tarde, quando vi Fernanda caminhando para o estacionamento à minha frente, em direção a seu carro. Mancava ainda mais e estava ligeiramente inclinada, como se dar cada passo lhe custasse muito. Meus olhos a acompanharam, enquanto um sentimento ruim me engolfava, junto com uma grande preocupação. Apressei-me em sua direção e a interceptei, segurando seu braço, virando-a para mim. Gemeu de dor e a larguei imediatamente.

— Que porra você está fazendo? Quer se matar?
— indaguei, furioso.

Fernanda se encolheu um pouco, arregalando os olhos. Estava ainda mais abatida, sua aparência de alguém doente, muito mal.

— Meu Deus... — Passei a mão pelo cabelo, angustiado só em olhá-la, sentindo-me impotente, perdido.

— João...

— Caiu de novo? Vai continuar com desculpas esfarrapadas?

Ficou imóvel. Então seus olhos encheram-se de lágrimas e suas feições se contorceram. Soluçou e chorou copiosamente, enfiando o rosto entre as mãos, a dor corrompendo-a, quebrando-a diante de meus olhos. Nunca a tinha visto assim, tão desesperada e perdida, fora de si.

Fui invadido pela compaixão e pela aflição em vê-la naquele estado. Eu ainda a amava, como amiga, como companheira de uma vida. E por tudo isso me aproximei mais e a abracei com cuidado, depositando sua cabeça em meu ombro, acariciando seu cabelo. Fernanda agarrou-se em minha camisa, sacudida pelo choro convulsivo.

Deixei que desabafasse. Pensei se a culpa não era minha, por tudo que fomos e deixamos de ser, por parte de sua solidão. E a confortei em silêncio, pois não havia muito que eu pudesse fazer diante das circunstâncias.

Quando se acalmou mais, largou minha camisa devagar e afastou-se um pouco, enxugando o rosto molhado com as pontas dos dedos.

— Desculpe... — murmurou.

— Não há o que desculpar, Nanda. — Eu fitei

PERIGOSAS NACIONAIS

seus olhos avermelhados, sem saber ao certo o que fazer. Quando respirou fundo, mais controlada, indaguei: — Quer conversar?

— E dizer o quê? Não quero me fazer de vítima, João. Sei que odeia isso. Mas é que...

— Não é questão de se fazer de vítima. Quero saber o que pretende ficando toda machucada e doente. Quer morrer? — Estava bem sério, encarando-a.

Suspirou, desviando o olhar.

— Claro que não.

— Pois parece. Em que lugar tem ido?

— Lugar nenhum.

— Fernanda... — Eu começava a perder a paciência.

Na mesma hora me fitou. Eu aguardei e por fim admitiu:

— Fui com um amigo em alguns lugares novos e pegaram pesado. Mas não vou mais voltar.

— Tem certeza?

— Tenho.

— Você me promete?

— Sim, João. Foi burrice. Vou me cuidar.

— Tudo bem. Está precisando de alguma coisa?

— Não.

PERIGOSAS ACHERON

Pensei no Natal. Tive vontade de perguntar onde passaria, preocupado que ficasse sozinha, que mergulhasse mais naquela depressão. Eu me importava, mas, se dissesse algo sobre isso, teria que convidá-la para passar a data na casa dos meus tios, como fazia todo ano. No entanto, havia Ana. Era nosso primeiro Natal juntos e eu sabia que Ana não se sentiria bem e com razão. Por isso me calei.

— Se precisar de algo, não esqueça de me procurar — emendei, dividido, um tanto agoniado, mas realmente sem poder fazer muito mais.

— Vou ficar bem. — Forçou um sorriso, que parecia uma máscara no rosto abatido, vermelho de chorar. Fiquei com dor no coração, mas me contive. — Espero que seu Natal seja lindo, João. E que o ano que vai começar traga uma vida ainda mais feliz para você. Dê minhas lembranças a todos.

— Pode deixar. — Senti a culpa me remoar.

Nossos olhares se encontraram e o convite quase saiu, mas retrocedi no último momento. Pensei em mim mesmo como um egoísta, sabia que estava mal e precisava de mim, mas eu só conseguia pensar em Ana, na sua alegria em passar o Natal comigo que seria quebrada. E me calei, mesmo com a culpa a me engolfar. De qualquer forma, meu Natal não

seria mais completo.

— Vou lá, João.

— Tudo de bom, Nanda. E se cuida. — Foi tudo o que consegui dizer.

Ela sorriu tristemente, acenou com a cabeça e se afastou. Era impossível não notar sua magreza e o mancar, a dor em cada movimento. Cerrei os punhos, fiquei lá imóvel, até que entrou em seu carro e se foi. Só então segui para casa, já sem a alegria de antes.

Por mais que eu tentasse disfarçar, Ana notou. Indagou o que tinha acontecido, tentou arrancar de mim, mas fingi que tinha sido problemas no hospital. Saímos à noite e encontramos com Vítor e Paola em um restaurante perto do meu apartamento, famoso pelos pratos italianos e vinhos deliciosos. Ao fundo tocava uma música de Laura Pausini.

— Estou curiosa! — Ana exclamou, enquanto eu puxava uma cadeira e ela se sentava, depois me acomodava a seu lado.

Paola estava esfuziante e Vítor ria de uma orelha a outra, os dois de mãos dadas, a imagem da felicidade. Sorri e arrisquei:

— Casamento?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Também. O mais rápido possível! — Vítor acrescentou, dando um beijo na bochecha da futura esposa, todo animado.

— Mas então... — Ana arregalou os olhos e, quando Paola abriu-se em risadas, ela arriscou: — Um bebê?

— Sim! Vou ser mamãe!

— Paola! — Ana se jogou sobre a mesa para abraçá-la e as duas se agarraram felizes, entre risos e lágrimas. Ergui-me e fui abraçar Vítor, que se ergueu também, a imagem do orgulho.

— Parabéns, papai. Tio Bernardo e tia Laurinha já sabem?

— Estão no céu! Minha mãe já vai amanhã à loja, dia vinte e quatro, atrás de presentes pro bebê! — Rimos.

Foi uma farra. Paola descobriu que estava com um mês naquele dia mesmo, após a menstruação atrasar e sentir um pouco de enjoo. Pedimos champanhe, comemoramos, todos felizes.

— Passaram a perna na gente, João! — Ana brincou. — Temos que correr contra o tempo agora!

— Ah, seria maravilhoso nós duas grávidas juntas! — exclamou Paola.

PERIGOSAS ACHERON

Encontrei os olhos brilhantes de Ana, sua alegria vindo em cheio sobre mim. E percebi que adoraria ter um filho com ela. Já tínhamos conversado sobre aquilo, mas eu sempre sentia certa reserva devido a Angélica ter se matado grávida, mas naquele momento tudo aquilo passou. Sorri e falei, segurando sua mão e levando-a aos lábios:

— É uma boa ideia, meu bem.

Seu sorriso se ampliou.

A noite foi fantástica. Minha preocupação com Fernanda continuou lá, presente o tempo todo, em meio à felicidade contagiante. Mas a mantive dentro de mim.

Quando voltamos para casa, Ana disse logo, assim que entramos:

— Vamos ter mesmo um bebê?

Envolveu seus braços em minha cintura, seus olhos luminosos erguidos para mim, na expectativa. Afastei seu cabelo dos ombros e mergulhei os dedos nele, segurando sua cabeça, fitando-a intensamente.

— Você quer?

— Quero. Não apenas um. No mínimo três.

— Três? — Acabei rindo.

— Três. O que me diz?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quer parar de tomar o anticoncepcional? Tínhamos combinado ficar pelo menos um ano curtindo, só nós dois.

— Eu sei, mas sou louca para ser mãe. E fiquei tão feliz por Paola! Ter um filho seu seria mais um sonho realizado, João. — Mordeu o lábio, cheia de amor no olhar. — Vamos fazer assim, em vez de um ano, a gente espera três meses. Aí tentamos. O que me diz?

— Sou totalmente a favor — provoqueei, aproximando-a mais de mim, buscando sua boca. E a beijei profundamente. Foi quente e gostoso.

ANA FLOR

Era difícil presentear uma pessoa que já tinha tudo. Assim resolvi fazer algumas brincadeiras e dei um kit de presente para João, antes de sairmos de casa no dia vinte e quatro de dezembro.

Ele riu ao ver as cuecas boxers de várias cores diferentes e sexys que dei, dizendo que era para usar e desfilar para mim. Na mesma cesta tinha camisas, livros, perfume e um belo pijama. João disse ter adorado. E me deu também mais de um presente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ah, João, falei para não comprar nada caro! — Olhei-o sem conseguir fazer cara feia diante do belo e delicado relógio de ouro. Havia também uma gargantilha de ouro linda com pingente que tinha duas pequenas alianças entrelaçadas, onde foi gravado ANA em uma e JOÃO em outra. — Que lindo!

Abracei-o e beijei-o. E recebi também um celular novo, que tinha tudo que se podia imaginar, de última tecnologia. João explicou que era conectado ao dele por um sistema de satélite, um sempre saberia onde estava o outro.

— Mas para que isso, João?

— Quero você segura. A cidade anda muito violenta, meu bem. — E me explicou tudo mais que o aparelho tinha e podia fazer.

Nos arrumamos para ir até a casa dos tios dele e João estava lindíssimo com calça cinza e camisa preta. Eu o admirei e suspirei, apaixonada.

Eu usava um vestido vermelho comportado, mas justo, combinando com batom da mesma cor, maquiagem suave e sapatos de salto alto pretos. Usava brincos de ouro que tinha me dado de outra vez, a correntinha com alianças entrelaçadas no pescoço e meu relógio novo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nossa, vontade de te comer todinha... — murmurou rouco, abraçando-me e beijando.

Tínhamos feito amor um pouco antes e tinha sido quente, voraz, intenso. Apesar de não ter me levado mais para o quarto dos prazeres, se soltava aos poucos e tinha algemado meus pulsos e me inclinado de bruços no sofá, devorando minha vulva e dando tapas mais comedidos em minha bunda. Terminou com sexo anal e fiquei louca, gozei duas vezes.

Acho que foi o ponto certo, perfeito, talvez apenas um pouco controlado demais. Mas continuava crendo que encontraríamos nosso *time*. De qualquer forma, era sempre uma delícia e daquela vez não foi diferente.

Chegamos à casa dos tios dele e fomos recebidos com muita alegria. Minha mãe estava lá, feliz da vida, toda elegante. Além da família, alguns amigos íntimos também compareceram e foi uma reunião muito agradável. Circulamos, conversamos, dançamos, experimentamos a comida e a bebida deliciosos.

Mesmo longe de João, eu o olhava com amor, não o perdia de vista, sempre o admirando. Na maior parte do tempo ele estava bem-humorado, feliz.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

No entanto, em alguns momentos flagrei-o pensativo, até mesmo com o olhar parado, um pouco triste. Nesses momentos tive vontade de me aproximar, conversar, mas sabia que não diria que estava preocupado com Fernanda. João estava evitando falar dela, acho que para não me incomodar.

Eu ficava dividida. Sabia que a mulher era falsa e faria de tudo para destruir meu casamento. Era uma certeza. Em nenhum momento ela me enganava. Mas odiava aquele joguinho que estava fazendo com João. E saber que ele estava triste, mesmo que apenas em parte, quebrava meu coração.

Olhei em volta, pensei o quanto era feliz e sortuda. O quanto João me dava, fazia por mim. Em nenhum momento me pediu para aceitar Fernanda ali ou me olhou atravessado. Pelo contrário. Eu estava em primeiro lugar para ele. E aquilo só me deixava mais chateada, por obrigá-lo a escolher.

Tomei uma decisão que sabia ser totalmente errada. Uma armadilha, o que Fernanda planejava e vinha esperando. A chance que ela aguardava para se infiltrar e derramar o seu veneno. Mas fui até Vítor e peguei o telefone dela com ele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tem certeza? — Vítor me fitou, preocupado.
— Não acho uma boa ideia.

— Eu acho que não é. Mas preciso falar com ela.
Vítor acabou concordando. Afastei-me e liguei para seu número.

— Alô? Quem é? — Sua voz não tinha nada de doente ou arrasada. Era até um tanto arrogante, como eu bem me lembrava.

Senti o arrependimento me varrer e quase desliguei. Mas respirei fundo e fui em frente:

— Sou eu, a Ana.

Por um momento, apenas silêncio. Então sua voz veio bem mais suave:

— Ana... Que surpresa!

— Estou ligando para saber se quer se juntar a nós, aqui na casa de Bernardo e Laurinha. João disse que você não estava se sentindo bem. Isso se não estiver passando o Natal com alguém.

— Estou em casa, sozinha.

— Imaginei.

— Não acredito, Ana. Quero dizer... — Parecia falar num fio de voz, emocionada. — Você me perdoou?

— Fernanda, vamos deixar o passado para trás. — Me forcei a dizer, incomodada, com raiva de mim

PERIGOSAS ACHERON

mesma por mentir e me maltratar daquele jeito. Tentei lutar contra o pressentimento ruim, a raiva que aquela mulher despertava em mim. — O convite está feito.

— Mas... Por quê?

— João está preocupado com você.

— E você faz qualquer coisa por ele. Até convidar a mulher que quase afastou João de você para a Ceia de Natal. Admirável, Ana. Eu só posso lamentar por tudo que fiz. Sei que não acredita em mim, mas me arrependo de verdade.

— Tudo bem, Fernanda.

— Olha, eu agradeço. Muito. Mas não posso aceitar.

Imaginei que era algum outro joguinho. Faria jogo duro para me forçar a insistir e então aceitaria.

— Por João, venha.

— Por ele mesmo, não vou. Talvez um dia toda mágoa passe e a gente possa frequentar os mesmos lugares. Mas ainda é cedo. Mesmo assim, obrigada. Estou bem, já até tomei um remedinho e vou acabar dormindo. — Sua voz era suave. — João tem sorte por ter você.

— Fernanda...

— Estou falando sério. Seu convite me deixou

mais aliviada. Obrigada mesmo. Espero que tenham um bom Natal.

— Tem certeza?

— Sim. Tudo de bom, Ana.

Depois que desligou, fitei meu celular, surpresa.

Pensei que Fernanda aproveitaria aquela oportunidade com unhas e dentes para voltar às nossas vidas. Seria mais uma jogada? Ganhar minha confiança também? O que ela estava tramando, afinal de contas?

— O que está fazendo aqui sozinha? — João apareceu ao meu lado, envolvendo o braço em minha cintura.

— Ah, falando com uma pessoa no telefone... — Virei para olhá-lo, um pouco ansiosa. Seus olhos azuis sondaram os meus.

— Quem?

— Uma colega. Mas já terminei. Sentiu minha falta? — Sorri, tentando distraí-lo.

— Muito. — Beijou suavemente meus lábios. — Tudo bem?

— Como não estar bem? Sou a mulher mais feliz do mundo! — Abracei-o forte pelo pescoço, embriagando-me com seu cheiro, seu corpo, apertando-o forte. — É o melhor Natal da minha

PERIGOSAS NACIONAIS

vida, João.

— O primeiro de muitos que teremos juntos — murmurou rouco, segurando-me firme.

— É o que mais quero...

— É o que será.

A certeza dele me alentou e acreditei piamente.

Fernanda, mesmo com aquele teatro, não me convenceu. E decidi redobrar minha atenção, antes de me perder naquela história, nos planos dela. Porque era impossível acreditar em suas boas intenções.

Resolvi esquecê-la e aproveitar a noite. E fiz de tudo para cercar João de amor e carinho.

Foi uma noite esplêndida, perfeita, com pessoas queridas. E agradei por tudo a Deus, em uma oração íntima e sincera.

Foi realmente o melhor Natal da minha vida.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 11

*Muita felicidade e uma tristeza
terrível*

*Seu coração tem algo que nunca muda
Mas que também não envelhece nunca... Seu
coração...*

*Vá e entre por aquela porta ali
Não tem caminho fácil não
É só dar um tempo que amor vem pra cada um...*

(O Amor Vem Pra Cada Um - George Harrison)

JOÃO PEDRO

Passamos um Ano Novo perfeito em uma festa animada, todos de branco com cordões coloridos, uma banda ao vivo, muito mais gente do que no Natal. Ana dançou, pulou, sambou, se acabou comigo em uma alegria tão contagiante e ensurdecadora que só fomos dormir às quatro da manhã, depois de muita queima de fogos e farra.

Janeiro começou em um clima feliz e ensolarado. Ana saía com Paola para comprar coisinhas para o bebê e as coisas do casamento dela com Vítor, que seria em fevereiro. Eu e ela seríamos padrinhos de casamento e do bebê. As duas se divertiam juntas, cheias de planos, correndo contra o tempo.

Minha vida com Ana ficou ainda melhor, como se fosse possível. Conseguimos encontrar um equilíbrio que poupou muita preocupação, que nos deixou mais à vontade. Saíamos juntos, vivíamos uma eterna lua de mel. Sexualmente também encontramos um ponto comum entre nossos desejos. Usávamos o quarto novo e o meu lado dominador e também algo mais romântico e leve com a mesma frequência, em uma comunhão perfeita.

Parte da culpa que eu sentia quando perdia o controle foi amenizada quando entendi que podia extravasar aquele meu lado mais agressivo e devasso até o ponto em que eu e Ana gostávamos. Minha fera continuava lá, na superfície, mas eu a sentia mais amansada. E a troca entre nós virava uma comunhão, uma entrega tão grande de ambas as partes que o medo e as dúvidas eram suplantados pelo desejo e pelo amor.

O quarto ficava trancado para que outras pessoas não vissem quando viessem visitar a gente. Vítor, meus tios, minha sogra, alguns amigos, nenhum deles tinha conhecimento daquele quarto. Só Paola, que sempre dava risinhos quando vinha nos visitar. De resto, era um espaço nosso, um local onde dávamos vazão aos nossos desejos mais escuros e secretos.

Às vezes eu pensava o que seria daquele quarto quando tivéssemos filhos. Poderia ficar trancado, mas e quando eles crescessem e quisessem saber? O que diriam, que o pai era um perverso? Eu guardava aquelas indagações para mim mesmo, mas sabia que em determinado momento teria que conversar com Ana. Por ora, apenas aproveitava.

Para coroar tudo, Fernanda melhorava a olhos

vistos. Logo depois do Natal tinha me contado que Ana ligara para ela, convidando-a para passar a data conosco. Fiquei surpreso e tão feliz, que passei a amá-la ainda mais do que julgava possível. Ao chegar em casa, levei de presente um buquê de rosas vermelhas, o chocolate que mais amava e a enchi de beijos e carícias.

Rindo, Ana teve que apagar o fogo do fogão, pois a sentei sobre o armário e a amei com volúpia, paixão e todo meu amor, em agradecimento por tudo que era para mim, tudo que fazia. Não era qualquer mulher que colocava sua alegria em risco só para ver o marido feliz, convidando para seu meio uma mulher em quem não confiava e julgava uma rival.

Depois, conversamos sobre o fato de Fernanda ter me contado aquilo. Para mim, significou uma grande coisa, pois ela me fez amar e admirar ainda mais minha esposa, o que queria dizer que não estava tentando nos prejudicar. Ana confessou que ainda não confiava nela, não entendia seu jogo. Mas esperei que Fernanda estivesse sendo sincera.

Sua aparência melhorou e não a vi mais machucada. O investigador me disse que não frequentou mais o clube barra pesada em Caxias, o

que já foi um alívio. Passou a se dirigir apenas ao hospital, casa e o Clube Voraz, até mesmo esse apenas ocasionalmente. Eu senti nela uma calma, um relaxamento que me tranquilizou. Estava retomando sua vida, reestruturando-a. E isso era bom para todo mundo.

Almoçávamos juntos de vez em quando no hospital e aquele mal-estar do início se tornava cada vez mais distante. Parecia que voltamos a ser os amigos de antes, sem a parte do sexo. E então senti minha vida completa. Podíamos rir e conversar sem peso, sem culpa ou medo. Em casa, eu contava para Ana e, apesar de ela ainda achar tudo muito estranho, também estava aliviada. Inclusive esse alívio aumentou quando, em meados de janeiro, Fernanda me apresentou o novo namorado, que foi buscá-la no hospital. Era um cara legal, advogado, e mais tarde ela me contou que o conheceu no clube.

Chamava-se Lúcio e era um switch, ou seja, dominador em alguns momentos e submisso em outros. Exatamente como Fernanda. Confessou que estava gostando dele e parecia feliz. Foi como tirar um enorme peso das minhas costas. Pensei até em cancelar os serviços de Antônio na investigação,

pois Fernanda parecia seguir sua vida e não era mais um risco nem para si mesma nem para meu casamento com Ana. E no final de janeiro foi o que fiz, parei de investigá-la.

Tudo entrou nos eixos. O mundo se tornou perfeito. Melhor seria impossível.

Fevereiro chegou e com ele o casamento de Paola e Vítor. Quiseram uma coisa mais íntima e na praia, por isso a cerimônia se realizou em uma bela praia de Paraty, onde meus tios Bernardo e Laurinha tinham uma casa. Foi uma cerimônia linda, todos descalços na areia, tendo o mar como fundo, em uma tarde ensolarada. A festa foi ali mesmo, com muitas frutas e champanhe, frutos do mar, música ao vivo. O casal estava radiante e não escondia a felicidade.

Eu pensava como as coisas acabaram se resolvendo bem. Quase perdi a Ana, pois tinha sido noiva de meu primo e agora todos estávamos felizes, realizados, cada ponta solta tinha sido amarrada. Tudo estava tão perfeito que até dava medo, como se a qualquer momento algo pudesse ocorrer e perturbar nossa paz.

O casamento foi no sábado e no domingo Vítor e Paola viajaram para o Maranhão. Eu e Ana

chegamos ao nosso apartamento à tarde e ainda ficamos na piscina, conversando, comendo petiscos e tomando uma cervejinha gelada.

O sol já começava a se pôr no horizonte e eu me sentia bem, relaxado, feliz. Falávamos sobre o casamento na praia, eu debruçado na borda da piscina, Ana sentada ao meu lado balançando as pernas na água. Usava um pequeno biquíni preto e eu não conseguia parar de observá-la, o desejo se tornando cada vez mais quente, agitando meu sangue.

— Nem dava para ver ainda a barriguinha de três meses da Paola — ela comentava, um pouco distraída, seu cabelo molhado caindo pelos ombros. A pele macia estava bronzeada, tornando os olhos castanhos ainda mais claros.

Era impressionante como eu a achava mais linda a cada vez que a olhava. Desde que me apaixonei por Ana, quase não reparei mais em outras mulheres, por mais bonitas que fossem ou que tentassem chamar a minha atenção. Havia algo que me atraía para minha esposa como se ela fosse a única no mundo que eu desejava e era assim mesmo.

Pousei a mão em sua coxa esquerda nua, cheia de gotículas de água, sentindo a maciez da pele, como

uma seda úmida. Acaricieei-a e na mesma hora Ana me olhou, já sorrindo, sua expressão de alguém tão apaixonado quanto eu.

— Às vezes tenho medo — confessei num sussurro, enquanto nossos olhos se mantinham fixos um no outro, sem deixar de acariciar sua pele.

— Por quê?

Ana levou a mão até meu cabelo molhado e correu os dedos entre ele.

— Minha felicidade é tão grande e completa, que tenho medo que algo aconteça. Enquanto estiver assim, comigo, estou realizado. Mas...

— Sem mas, João. Vou ficar ao seu lado para sempre, até a gente morrer. E você vai ter que me aturar. — Seu sorriso se ampliou.

— Com prazer, meu bem. — Abri suavemente suas pernas e fui para o meio delas, minhas mãos percorrendo suas coxas nuas até os quadris, puxando-a para a beira. Vi que se alterou, agitada, excitada. Isso também mexeu mais comigo. — Uma vez li um livro e vi um filme chamado *O Morro dos Ventos Uivantes*. E teve uma parte em que o personagem principal, Heathcliff, dizia a sua amada que queria viver com ela toda sua vida, mas morrer um dia antes que ela, pois não suportaria o

mundo sem sua presença. Achei piegas na época, um exagero. Mas agora...

— Ah, João... — Ana acariciou meu rosto, fitando-me cheia de amor. Seus olhos ficaram marejados, mas sorriu. — Não sabia que era tão romântico! Li o livro umas trinta vezes, amo essa história. Sei de qual parte fala. Lembro de outra frase, que também se encaixa de mim para você: “Como posso viver sem minha vida? Como posso viver sem minha alma?”. Mas, meu amor, estamos juntos, nada de mal vai acontecer.

— Eu sei. É besteira minha. Amo tanto você que até assusta.

Ana sorriu e se inclinou para beijar meu rosto todo, segurando minha cabeça, enchendo-me de beijos apaixonados, até encontrar meus lábios. Nossas línguas se encontraram docemente, em uma entrega completa, sem dúvidas nem culpas, apenas muita paixão, muito amor.

Então se ergueu de novo e sorrimos um para o outro como dois bobos.

— Fiquei com vontade de ver o filme de novo. Mas aquele com a Juliette Binoche, que é a melhor versão.

— Vou alugar pra gente ver. — O beijo tinha

mexido mais com meus sentimentos, mas também com meu corpo. Sentia meu pau duro, mesmo sob a água fria da piscina.

Foi só olhar para Ana e ela conteve a respiração, já percebendo meu desejo voraz. Percorri os dedos pela cintura da calcinha do biquíni, perto de sua pélvis, sentindo um tremor percorrê-la. Meus olhos estavam erguidos para ela, aquela fome já batendo dentro de mim, querendo sair. Falei baixinho:

— Mostre seus seios para mim, Ana.

Ela lambeu os lábios, excitada. Era uma graça, entre tímida e lasciva. Tirou os dedos do meu cabelo e levou-os à cortininha do biquíni. Não o desamarrou, apenas chegou o tecido molhado para o lado, expondo todo o seio esquerdo e depois o direito. Fitei os montes macios e firmes, arredondados, os mamilos já totalmente intumescidos. Algo rugiu dentro de mim e deslizei meus olhos sobre ela, descendo-os até seu sexo, coberto apenas pelo minúsculo triângulo de lycra.

Abri mais suas coxas, puxei-a de modo que sua bunda ficou bem na beira. Somente então passei o meu dedo pela virilha, penetrando-o sob o tecido, puxando-o para o lado. Meus olhos fixos na pequena vulva rosada e lisa exposta para mim, os

lábios vaginais delicados, a coisa mais linda que eu já tinha visto, junto com cada outro pedaço dela. Ana estremeceu e não a deixei na expectativa, pois já estava faminto, sedento, com água na boca.

Aproximei minha cabeça e ela ficou lá, quietinha, mãos apoiadas na borda ao lado de seus quadris, entregue, esperando, sua respiração contida, seus seios nus, os olhos levemente arregalados. E me fartei, abrindo os lábios em volta de seu clitóris, chupando-o suavemente.

— Ah, João... — gemeu rouca, tremores percorrendo-a, a respiração se agitando.

Suguei o brotinho devagar, até sentir que crescia enquanto espasmos a faziam estremeecer e miar, minhas mãos firmes, uma em seu quadril, a outra mantendo o biquíni para o lado. Então passei a lambê-la, só ali, firme e suave ao mesmo tempo. Sem suportar mais o descontrole do próprio corpo, ela agarrou meu cabelo molhado e ronronou, abrindo mais as pernas, jogando a cabeça para trás, toda oferecida e entregue.

Chuei e lambi seu clitóris até que ficou toda meladinha. Então desci mais minha língua e tomei tudo que me dava, fartando-me com seu gosto e seu cheiro, que me inebriavam e me deixavam mais

PERIGOSAS NACIONAIS

voraz, esfomeado. Puxei-a firme para mim e a devorei, até que Ana rebojava sem controle contra minha boca e dizia palavras desconexas. Gozou, choramingando, em espasmos contínuos, soltando mais de seu mel em minha língua, fazendo-me realmente enlouquecer de tanto desejo.

Quando terminou, lânguida e com olhos pesados, afastei-me um pouco e terminei de tirar sua calcinha. Então a puxei para meus braços e a fiz escorregar por meu corpo, sentindo o quanto estava teso, minha boca já buscando a sua, ambos dentro da água até a cintura. Andei com ela assim, grudada em mim, até os degraus da piscina.

Sentei-a no penúltimo e Ana apoiou os braços no último, olhando-me lasciva e prazerosa, enquanto a água ficava na altura de seu quadril. Abriu os joelhos para os lados e vim entre suas pernas, já abaixando a sunga, expondo meu membro pesado e ereto, inchado e latejante. Mordisquei seu mamilo direito e a senti estremecer, ao mesmo tempo que meu pau mergulhava na água fria e depois na sua bocetinha quente, apertada, meladinha. Gemi, fora de mim, indo com tudo dentro dela, penetrando-a com fome, erguendo a cabeça e capturando seus lábios em um beijo delicioso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ana gemeu e me agarrou com pernas e braços, movendo-se sob minhas arremetidas vigorosas, recebendo-me todo com novas ondas de luxúria, ardendo e me fazendo arder. Rosnei contra seus lábios, meti fundo e duro, comi sua vulva sem controle, duramente. Quis mais e agarrei um punhado de seu cabelo na nuca, puxando sua cabeça para trás, expondo a garganta para meu bel prazer. Cravei ali meus dentes e a fodi como uma fera domando sua presa, tomando dela o que queria.

— Ai... Ah... — Ana gemia fora de si, arrebatada, arfante, minha para que eu metesse meu pau e a dominasse com meu corpo, mostrando o macho que eu era, pegando sua fêmea. — Que gostoso...

— É gostoso ter o meu pau assim comendo você, Ana? — Ergui a cabeça, mantendo-a cativa sob mim e meu ataque, abrindo e penetrando sua vulva que pingava com força, meus olhos dominando-a com a fome voraz que me consumia.

— Sim...

— Então toma mais... — E meti com mais força, mais fundo, empurrando seu útero, até que minhas bolas batiam em sua bunda. Gritou rouca, parei assim, todo dentro dela, meus olhos ardendo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Fechei a mão direita sobre a sua garganta e a deixei ainda mais cativa, apertando de leve enquanto voltava a dar estocadas brutas.

Seus olhos estavam arregalados, a respiração acelerada, o corpo sob meu domínio e ataque. Mantive sua cabeça imobilizada e a fodi, sem permitir que deixasse de me olhar, suas unhas cravadas em minhas costas, suas pernas arreganhadas para os lados. A água ondulava a cada estocada, o sol de fim de tarde incidia sobre nós, deixando-nos ainda mais quentes e agitados.

Era muito gostoso, mas eu ainda queria mais. Precisava da devassidão, do controle, do poder de tê-la completamente alucinada, gemendo e chorando de tanto tesão. Assim, saí de dentro dela e a arrebatei dali, puxando-a para meu colo, erguendo-me nu e pingando com ela agarrando-se em mim, arregalando os olhos, pois sabia quando aquela fome vinha feroz e me dominava.

Fui direto ao nosso quarto secreto, sem me importar com mais nada além daquele meu desejo abissal, beirando o descontrole. Sentei-a na poltrona de canto, perto da mesa onde ficava minha caixa. Ana apenas me observava, suspensa entre o desejo e a ansiedade, como sempre ficava sem

PERIGOSAS ACHERON

saber o que eu faria com ela. Aquela expectativa era parte do jogo, trazia uma mescla de sentimentos violentos, que temperavam ainda mais a luxúria já intensa.

Na mesma hora abri a caixa e peguei a corda branca, que não feria a pele. Ergui suas pernas e as passei sobre os braços da poltrona, erguidas e flexionadas. Amarrei seu tornozelo e sua coxa ao pé da poltrona de um lado e depois de outro, rápido, de modo prático, até que ficou toda aberta ali.

— Erga os braços — ordenei rouco, no meu limite, tão excitado que meu pau babava na ponta, minha respiração pesada, o coração dando batidas violentas.

Ana obedeceu imediatamente. Juntei seus braços, amarrei-os e os preendi atrás de sua cabeça. O desejo puro e voraz me varreu ao tê-la ali, todo exposta para mim, disponível para todas as minhas taras. Puxei uma venda negra e acariciei seu rosto, fitando seus olhos antes de escondê-los, amarrando a faixa atrás de sua cabeça. Ela respirava pesadamente, sua pele nua, úmida, arrepiada.

Caí de joelhos em frente à poltrona, minhas mãos já indo em seus seios, apalpando-os, massageando-

os, adorando cada parte dela. Ana entreabriu os lábios e gemeu baixinho. Percorri os dedos em sua pele, barriga, cintura, quadris, pernas. Voltei pela parte interna das suas coxas, esfreguei suavemente sua vagina e a senti se remexer, comedida em seus movimentos.

Abri delicadamente os lábios vaginais e voltei a lambê-la, arrancando gemidos entrecortados de sua garganta, língua e lábios saboreando seu gostinho delicioso, viciante. Não tive pressa. Ergui as mãos por sua barriga até os seios, acariciando-os, rodando os mamilos entre os dedos com a força necessária para torcê-los sem causar dor, apenas um formigamento, uma ardência, puxando-os, beliscando-os. Ela girava a cabeça de um lado para outro, soltava haustos de ar entre os lábios, perdia o controle. E eu a chupava e lambia cada vez mais voraz, metendo a língua dentro dela, descendo até o ânus, rodeando-o.

Deixei-a muito excitada, quase a ponto de gozar de novo. Então ergui o tronco, inclinei-me sobre seu corpo todo aberto, substituí minha mão por minha boca e suguei duramente seu mamilo. Ela gritou, tentou puxar os braços, que continuaram presos. Minha mão desceu e o dedo do meio foi

todo dentro de sua bocetinha quente e palpitante, que o apertou em espasmos descontrolados.

Passei a meter o dedo dentro dela enquanto mordida e chupava com força um mamilo, até deixá-lo bem durinho, empinado como uma bala de revólver. Fui para o outro e fiz o mesmo processo, meu pau inchando cada vez mais a ponto de doer. Quando ambos os brotinhos estavam completamente intumescidos, afastei-me um pouco e me ergui, deixando-a sozinha, arfante.

Fui até a caixa e peguei os dois pregadores de mamilo com uma corrente no meio. Quando o pregador pequeno de metal se fechou em volta de um, Ana se assustou:

— Não... Ai, o que é isso?

— Quietinha. — E prendi o outro mamilo. Ambos deviam estar queimando, mas a sensação só tornaria seu prazer ainda mais intenso.

Respirava pesadamente, trêmula, arquejante. Ainda de pé, segurei-a com firmeza pela nuca e ordenei baixo:

— Abra os lábios. Vou comer sua boca.

E já forçava a cabeça, até que a sugou e enterrei meu pau fundo até sua garganta. Movi o quadril, penetrando mais e mais, gemendo rouco com a

maciez e o calor de sua boca, que salivava, que me chupava firme e suave ao mesmo tempo.

— Boa menina. Vai ser bem recompensada hoje.

E meti, em estocadas que me faziam deslizar bem em seu interior. Com a mão livre, segurei a corrente pendurada entre seus seios e a puxei um pouco, esticando-a, fazendo os pregadores beliscarem ainda mais os mamilos. Ana gemeu contra meu pau, agitada, respirando irregularmente, uma tentação que me deixava louco, alucinado, a ponto de me enterrar todo até o fundo e parar, enquanto ela lutava pelo ar, contendo-se, os lábios bem grudados na base do meu pau.

Saí de sua boca gostosa, acariciando seu rosto, pegando mais algumas coisas que eu queria na caixa e deixando ao meu lado. Então, esfomeado, precisando de mais, inclinei-me com as pernas abertas e flexionadas, apoiando as mãos nos braços do sofá ao lado de seus joelhos. Movi meu quadril para frente e meu pau penetrou sua vulva macia e cremosa, ao mesmo tempo que eu beijava e mordiscava o lóbulo de sua orelha, sussurrando:

— Vou comer sua bocetinha até deixá-la ardida. E então vou meter nesse cuzinho que eu adoro.

— João... — suplicou agoniada, presa, sem ver,

apenas me ouvindo e sentindo meu pau indo até seu interior, apertado e grosso, fodendo-a com vontade, bruto.

Puxei de novo a corrente, esticando e beliscando seus mamilos, fazendo-a gritar e tentar se debater. O desejo devorador e cobiçoso subindo por minha coluna, espalhando-se por mim como uma febre, quente, voraz, arrebatadora. Gemi e fechei os olhos, comendo-a duro, cada vez mais violento, o atrito de suas paredes macias e meladas contra a pele do meu pau tornando tudo mais intenso, sua vulva latejando em volta de mim, sugando-me mais para o fundo, como uma boca gulosa. Fiquei louco, lutei para não gozar, para desfrutar mais dela, daquela luxúria pecaminosa e devassa que me corrompia.

— Ai... Vou gozar... — suplicou fora de si, mas saí imediatamente de dentro dela, interrompendo-a e a mim mesmo, minha respiração acelerada, meu coração batendo alucinado.

Na mesma hora abri o tubo lubrificante e borrifei em seu ânus e no meu pau. Não a preparei muito, já além de qualquer raciocínio. Meti o polegar ali, espalhei um pouco o óleo e já caí de joelhos no chão, posicionando meu membro no buraquinho, olhando como que hipnotizado enquanto a cabeça

grande o forçava, abria e sumia dentro dela.

Ana gritou e choramingou. Contive a violência do meu desejo e entrei devagar, até me acomodar todo. Só então me movi, entrando e saindo, acostumando-a ao meu comprimento e largura, deixando-a toda lubrificada. Então rosnei e a fodi forte e duro, meu pau devorando-a sem dó nem piedade, enquanto massageava seu clitóris.

Ana perdeu o controle. Engasgou, suplicou e quando ia gozar, afastei a mão e dei uma palmada firme em sua vagina.

Gritou fora de si, explodindo em um orgasmo que a deixou vermelha e sem ar, que a fez tremer contra as cordas. Dei outro tapa, acertando em cheio o clitóris e os lábios vaginais, sabendo que a ardência aumentaria as sensações e prazer. Ela ondulou sem controle, convulsionando. Agarrei o vibrador em forma de microfone e encostei a cabeça que vibrava violentamente em seu clitóris, enquanto ainda gozava.

— Ahhhhhhhhhhhhhhhhhhhhh...

Era uma delícia ver seu prazer fenomenal, enquanto metia meu pau em seu cuzinho apertado e a sentia se contrair, estrangulando meu membro, massageando-o, seu gozo se tornando múltiplo,

enquanto implorava e chorava para que eu parasse. É claro que não parei. Eu queria mais, queria tudo. Segurei o vibrador com a mão esquerda e com a direita meti dois dedos em sua vagina, massageando seu ponto G no auge do seu orgasmo.

— Ejacule para mim — ordenei quase com fúria, metendo forte em seu cuzinho.

— Por favor... — Tentava se soltar, escapar, sacudia a cabeça. — Oh...

Gemidos escapavam de sua garganta, a ponto da voz sumir e só sobrar arquejos, enquanto os espasmos iam e vinham como ondas. Lágrimas grossas desceram sob a venda quando gritou de novo e ejaculou, o líquido cristalino espirrando em meus dedos e na minha barriga, inundando-nos.

Não aguentei mais. Explodi em um gozo violento bem enterrado no seu ânus, meu pau ondulando, enquanto despejava esperma quente e grosso dentro dela, sentindo seus jatos, seu descontrole, uma fina camada de suor nos cobrindo, nos deixando mais molhados do que já estávamos.

Larguei o vibrador e com os dois dedos ainda em sua vulva que os mamava, busquei sua boca e a devorei num beijo que gritava meu prazer absoluto, fora de série, mesclado com todo amor que eu

sentia por ela. Ana desabou, lânguida, exausta de tanto gozar, recebendo minha língua de maneira submissa, como ainda agasalhava meu pau e meus dedos. Movi-me suavemente, satisfeito e feliz, saboreando-a ainda um pouco mais, sem coragem de sair do calor e do acolhimento do seu corpo.

Por fim tirei os dedos suavemente e depois o pau. Mordisquei seu lábio inferior e ergui a venda, encontrando seus olhos brilhantes, pesados, úmidos.

— Que delícia, Ana. Obrigado, meu amor... — murmurei, enquanto ela estava tão abalada que nem conseguia falar. Então sorri e fui cuidar de soltá-la, sem deixar de beijar com suavidade sua face, dizendo baixinho o quanto eu a amava.

ANA FLOR

Na segunda-feira fui trabalhar feliz e realizada. Tinha sido um final de semana maravilhoso, repleto de alegrias e emoções devido ao casamento de Paola e Vítor na bela praia em Paraty. E depois foi a vez de novas emoções, mas já em nossa casa, despertadas pela paixão avassaladora de João, que com aquele seu jeito dominador e pornográfico me

deixou alucinada de tanto prazer na piscina e no nosso quarto de prazeres.

Saí para almoçar no restaurante de sempre, duas quadras depois do fórum, com minha cabeça preenchida por imagens de nós dois, sentindo meu ventre se contorcer de excitação, mal prestando atenção no caminho que fazia todo dia. Talvez por isso não tenha percebido o homem atrás de mim desde o fórum, que só esperara eu parar na calçada antes do sinal de trânsito fechar, para se encostar ao meu lado e me abraçar pela cintura.

— Ei, o que... — Assustei-me, saindo de meus devaneios, já virando para empurrá-lo, mas não tive chance. Algo cutucou dolorosamente minha costela e seu abraço se tornou mais forte, enquanto dizia baixo:

— Se gritar ou tentar fugir, você morre.

Encontrei seus olhos escuros e gelados e um arrepio de pavor me percorreu ao me dar conta de que tinha uma arma apontada para mim. O sinal abriu, as pessoas passaram por nós e fiquei sem saber o que fazer, pega de surpresa, nervosa. Empurrou-me e, automaticamente, a porta detrás de um carro preto com vidro fumê parado ali em frente abriu-se. Fui empurrada com violência para lá,

PERIGOSAS NACIONAIS

seguida pelo homem frio, que bateu a porta e mirou a arma para meu rosto. Fiquei imobilizada, mal ousando respirar, o pavor me engolfando dolorosamente.

Tentei pensar em uma escapatória, mas o sinal abriu e o carro saiu em disparada, o homem ao volante usando um capuz, apenas os óculos escuros que cobriam seus olhos e um nariz abatatado sendo visíveis pelo espelho retrovisor. Fitei novamente o que estava ao meu lado, armado. Em meio ao nervosismo nem consegui prestar atenção em detalhes, mas percebi que o moreno era parrudo e tinha olhos gelados e escuros, que davam muito medo.

— O... O que... Vocês querem? — Consegui balbuciar, pálida, tremendo, minha mente parecendo bloquear parte das emoções para me proteger de um pânico iminente.

— Dinheiro. — A voz era tão fria quanto o olhar. Algo maligno vinha dele e rezei para que fosse apenas dinheiro mesmo, pois nunca senti a morte e a violência tão ameaçadoras como naquele momento. — Abra a bolsa. Vamos direto ao caixa eletrônico e você vai sacar o dinheiro da sua conta. O máximo que der. Pegue seus cartões.

PERIGOSAS ACHERON

Obedeci na hora. Lembrei das vezes em que vi assaltos daquele tipo sendo noticiados como sequestro relâmpago. João tinha comentado comigo que o melhor era cooperar e entregar tudo, para não correr risco de vida. Pensar nele me deu alento e coragem, pois eu sabia que tinha que voltar para ele. Respirei fundo, entreguei ao bandido minha carteira com todos os meus cartões e de três bancos diferentes. Um era de uma conta que João abriu para mim, outra uma conta salário e outra pessoal, que tinha há alguns anos e guardava dinheiro na poupança.

Ele não olhou. Só segurou a carteira com a mão livre, a outra ainda na pistola preta. Sorriu e expôs dentes incrivelmente brancos, os caninos de sobressaíam. Era um sorriso animalesco, cruel, de uma pessoa sem sentimentos, capaz de tudo. O medo quase me congelou. Não consegui desviar o olhar, paralisada, desesperada. Comecei a rezar em silêncio, realmente apavorada.

— Vamos entrar e vai sacar, sem reclamar e sem chamar atenção. Todo o tempo minha arma estará apontada para você. Se cooperar, a deixaremos onde a pegamos. Se quiser dar uma de esperta, eu te mato. Entendeu bem, garota?

— Sim — sussurrei, com um pressentimento ruim. Havia um prazer perverso nele, como se soubesse que no final eu estaria morta de qualquer jeito. Mas o que mais eu poderia fazer a não ser tentar cooperar e rezar para que cumprisse sua palavra?

Pensei em meu celular em meu bolso, que João me dera no Natal. Poderia ser rastreado a qualquer momento, mas ele devia estar no hospital, sem nem sequer imaginar o que acontecia comigo. Talvez pudesse me encontrar se eu não voltasse para casa, mas até lá talvez já fosse tarde demais.

Lutei contra o pânico. Tremia, quieta, sob o olhar malévolo daquele homem. Quando o carro parou perto de um caixa eletrônico, movimentado naquela hora de almoço, o homem enfiou um boné na cabeça raspada e pôs óculos escuros. Agarrou meu braço, dizendo baixo:

— Lembre do que avisei. — E já me puxava para fora do carro, segurando-me firme, a arma sob sua jaqueta pressionando dolorosamente minha costela.

Saí com ele, olhando desesperadamente em volta, para as pessoas que passavam na calçada, o pavor espelhado em meu olhar, o medo gritando para que eu corresse e lutasse. Mas caminhei ao seu lado e

entrei na agência com pernas bambas, nervosa, mal conseguindo puxar o ar para os pulmões.

O resto pareceu acontecer como um filme, como se eu apenas assistisse tudo. Consegui sacar cinco mil da conta que João tinha feito para mim e que era o máximo que eu poderia ter naquele dia em um caixa eletrônico. Saímos de volta para o carro e paramos em mais dois caixas de bancos diferentes, repetindo o mesmo processo, até que o bandido tinha quinze mil reais nas mãos.

Quando entramos no carro, olhei-o suplicante, esperando que me libertasse, mas tomei um susto quando me deu uma bofetada violenta com as costas da mão. Caí no banco com um grito seco, tonta, sentindo gosto de sangue na boca. A dor se espalhou por todo meu lado direito e senti um pano sendo empurrado para dentro de minha boca. Tentei cuspir e lutar, apavorada, desesperada, mas então passou uma fita adesiva em minha boca e engasguei muda.

Meus braços foram algemados para trás. Tentei sentar e me debater, olhando-o com pavor, vendo-o sorrir de novo.

— Não se preocupe, gatinha. Não vai morrer agora. Vamos nos divertir ainda muito com você.

E para meu completo desespero, enfiou um saco de tecido escuro e pesado na minha cabeça, empurrando-me deitada de lado no banco. O carro corria nas ruas. O horror, o medo, o pânico já me dobravam. Não podia falar, ver ou respirar direito. Estava algemada, presa dentro daquele carro. Lágrimas desceram grossas por meu rosto e o medo veio avassalador, prostrando-me, enquanto as palavras malévolas dele penetravam a névoa do terror. Entendi que era meu fim, mas que antes eu padeceria nas mãos daqueles dois.

“JOÃO!”, berrei em pensamento, suplicando que me ouvisse, que me salvasse, sem poder acreditar que o perderia, que nunca mais o veria. Aquele desespero, mais do que tudo, me deu um fio de esperança para lutar por minha vida, para fazer de tudo para sobreviver e voltar para ele, de qualquer maneira.

— Pare em uma lixeira para nos livrarmos da bolsa dela — disse o homem frio, logo depois me virando de bruços com violência no banco e correndo as mãos por minha calça. — Cadê o celular, putinha? Ah, está aqui.

Puxou o celular do bolso de trás e, quando o carro parou, abriu a porta e saiu por um momento. Logo

voltava e o carro corria de novo. Agarrou meu braço e me virou de frente no banco, deitando em cima de mim, sua mão apertando dolorosamente meu seio. Tentei escapar e chorei mais, com muito medo e horror, mas não consegui. Sua voz cruel saiu cheia de prazer mórbido:

— Tem gente querendo você, gatinha, pagando caro por cada pedaço seu. Mas depois que fizerem o que querem contigo, vou entrar na sua cela e te comer toda, mesmo ensanguentada. Mesmo morta.

Fiquei gelada, imobilizada pelo pânico atroz. Parte das palavras veio em minha mente: “gente”, “pagando”, “pedaço seu”, “ensanguentada”, “morta”. Que gente? Quem poderia fazer aquilo comigo? Então, não era um sequestro relâmpago? Era mais que isso? O quê?

Mesmo em meio ao pânico desesperador e imobilizante, somente um nome veio à minha mente. Não era possível que ela chegasse tão longe. Mas poderia ser isso? Um plano para fingir que foi um assalto que não deu certo? Com meu cadáver no final, para que o caminho ficasse livre, e ela, novamente a amiga boazinha, ocupasse o meu lugar? FERNANDA! Minha consciência gritou, mas mesmo assim lutei contra. Não era possível.

Ela não arriscaria tanto.

Então lembrei de seu ódio aquela vez no banheiro, quando me mandou o vídeo, seu olhar maligno, sua determinação em me tirar do caminho de qualquer maneira.

Comecei a chorar convulsivamente, engasgando com o pano em minha boca, me debatendo. O homem cruel riu e me largou, sentando-se ao meu lado. Gritei interiormente, lamentei a falta do meu celular, soube que João nunca mais me acharia. Foi um desespero horrível, arrasador, mesclado com ódio de mim mesma por ter relaxado minha vigilância com aquela mulher. Mas como impedir aquilo? Como imaginar a que ponto vil ela poderia chegar?

Foi uma viagem longa e terrível, em que o medo me deixou gelada, fora de mim, sem conseguir pensar, sentindo-me sem escapatória. Tudo que fazia era chamar João com todas as minhas forças em pensamento e suplicar para que, por algum milagre, ele me encontrasse. Mas quando o carro parou e me puxaram violentamente para fora, em um lugar silencioso, minhas esperanças foram ao chão.

Cada um segurou um braço meu e praticamente

PERIGOSAS NACIONAIS

me arrastaram para dentro de um cômodo frio, vazio. Passamos por corredores, descemos degraus, tropecei, fui erguida com violência. Descemos mais e mais. Por fim me encostaram em uma parede de pedra úmida e tiraram minha algema. Comecei a lutar ferozmente, sem ver nada com aquele saco na cabeça. Deram risadas e um deles agarrou meus braços para frente, enquanto o outro amarrava meus pulsos.

Rosnei, chorei, me debati. Mas logo erguiam meus braços e me amarravam assim. Um deles se abaixou e também amarrou minhas pernas juntas. Fiquei lá, imobilizada naquele local frio com cheiro de mofo, onde havia um gotejar constante perto.

— Hora de ligar pro maridinho.

As palavras do homem de olhos gelados me deixaram paralisada. João. O que falariam para ele? Que fui sequestrada? Imaginei seu desespero e voltei a chorar copiosamente. Mas ninguém estava ali se preocupando em me ouvir.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 12

Tanto sofrimento

*Amanhã!
Será um lindo dia
Da mais louca alegria
Que se possa imaginar
Amanhã!
Redobrada a força
Pra cima que não cessa
Há de vingar*

(Amanhã - Guilherme Arantes)

JOÃO PEDRO

Eu conversava com Fernanda, enquanto almoçávamos juntos no refeitório do hospital naquela segunda-feira. Conforme ela contava animada que viajaria no final de semana com seu novo namorado, senti algo como um baque violento dentro de mim e me imobilizei, parando com o garfo a poucos centímetros da boca. Uma sensação horrível me percorreu, inexplicavelmente, ameaçadoramente.

— João? O que houve? — Ela me fitou, preocupada. — Está pálido!

Levei o garfo de volta ao prato. Um sentimento ruim, algo próximo ao pânico, me sufocou. Fiquei sem entender, por um momento pensando que estava passando mal, mas sem poder compreender de onde tinha vindo aquilo.

— João? — Fernanda insistiu, se inclinando sobre a mesa.

Consegui encará-la. Respirei fundo, nervoso, o coração passando a bater violento no peito. Nunca tinha me sentido assim, quase a ponto de ter um ataque cardíaco. Tentei conter aquela sensação, perdido, angustiado. Por um fator desconhecido a

mim mesmo, Ana veio na minha mente e a sensação piorou, se tornou mais intensa.

Agarrei o celular sobre a mesa no momento em que ele tocava. Atendi apressado, agoniado, com um pressentimento ruim se contorcendo dentro de mim.

— Separa a grana, cara. Vai ser muita. Tua mulher tá comigo. Se a quer viva, faça tudo o que eu mandar e não chame a polícia. — Uma voz grossa e fria de homem explodiu no meu ouvido. Senti meu coração falhar, o pavor me engolfar violentamente, o desespero vir como uma porrada.

Desligaram, mas apertei o telefone com força e levantei tão abruptamente que minha cadeira caiu para trás com um baque estridente.

— Alô! — gritei fora de mim, alucinado, minha visão escurecendo. Tive que me apoiar na mesa, tonto pelo pânico, quase suplicando ao telefone mudo: — ALÔ!!!!!!

— João, meu Deus, o que está acontecendo?

Fernanda levantou-se também, vindo para meu lado, agarrando meu braço. Não tive condições de responder, já ligando para o celular de Ana, rezando para que tudo fosse um trote, mas a sensação ruim que tive deixava claro que era

verdade. Uma verdade horrível, dilacerante, lancinante, cruel. Ninguém atendeu e tentei de novo, tremendo, quase a ponto de ter um colapso.

— Estou preocupada! Me diz o que está acontecendo! — Fernanda me sacudiu.

Eu a olhei, aterrorizado como nunca fiquei na vida, de imediato me sentindo perdido, não conseguindo pensar direito com o pavor me deixando dormente, uma dor excruciante a ponto de me derrubar.

— Sequestraram a Ana... — Consegui balbuciar e ouvir aquelas palavras na minha própria voz foi como um choque cruel, serviu para me sacudir, clarear minhas ideias, entender que agora mais do que nunca eu precisava estar no comando para ajudá-la.

— Ai, meu Deus! Mas como foi isso? Como?

Puxei meu braço, já me afastando, minha mente só ocupada por Ana, pelas soluções possíveis, pelas atitudes que eu deveria tomar o quanto antes.

— João! — Fernanda correu atrás de mim, mas eu mal a ouvia. — Posso fazer alguma coisa?

— Não. Preciso pensar. — E a deixei, saindo como uma bala do refeitório. Ela parou na entrada e não me virei. Se tivesse virado, eu veria seu olhar

de satisfação, a maldade que purgava de dentro dela.

Corri para o estacionamento ligando para a empresa de rastreamento do celular, pedindo que fosse feito com urgência. Logo desliguei e foi a vez de falar com Antônio, o ex-policial que era investigador e tinha seguido Fernanda por um tempo. Ele poderia me ajudar tanto com seus contatos dentro da polícia quanto com uma investigação à parte, inclusive me orientar se deveria ou não contar com a polícia naquele momento. Mas infelizmente seu celular só dava fora da área de cobertura ou desligado.

Um sofrimento atroz me fez cambalear quando entrei em meu carro, desesperado, sentindo meus olhos arderem. O pânico era tão violento que precisei respirar várias vezes, meus dedos trêmulos enquanto ouvia o resultado do rastreamento e saía acelerando como um doido em direção a Taquara. Continuei tentando ligar para Antônio, sem sucesso. Finalmente a secretária atendeu no escritório dele e despejei as palavras, minha urgência em encontrá-lo. A moça prometeu buscá-lo e informar tudo.

Pensei em ligar para a polícia, mas tive medo que

fizessem alguma maldade com Ana. Já estava próximo do ponto onde o celular apitava, marcado pelo rastreador do meu, quando Antônio retomou a ligação.

Não sei como consegui falar. Mas a calma dele, suas perguntas certeiras, acabaram me deixando mais centrado, contando o telefonema, explicando tudo o que eu sabia. Mandou que me esperasse no local em que o celular de Ana estava e que entraria em contato com seus investigadores e com uns policiais amigos seus. E assim fizemos.

Acabei dando em uma calçada com algumas caçambas de lixo. Pulei do carro, espiando-as com nervosismo, até que vi sua bolsa largada em uma delas. Agarrei-a. O celular estava lá dentro, mas não sua carteira. Voltei ao carro, entrei em contato com o banco onde fiz uma conta para ela. Descobri que cinco mil tinham sido sacados de um caixa eletrônico ali perto. Avisei Antônio e parti para lá, sabendo que não a encontraria mais no local, mas meu desespero me impulsionando a buscar pistas. Se eu ficasse parado, enlouqueceria.

A cada segundo o medo me consumia mais, pois me sentia impotente, imaginando o que Ana não deveria estar passando nas mãos dos bandidos, seu

desespero. Se acontecesse algo com ela eu não suportaria. Rezei a Deus, supliquei, fiz mil e uma juras. Dirigi como um louco, avançando sinais, tão desesperado que já nem pensava racionalmente.

Eu daria todo meu dinheiro, meus bens, mas a queria de volta, sã e viva. Não podia sequer imaginar algo com Ana... Eu morreria. Minha vida não valeria mais de nada. Eu mataria cada desgraçado que ousasse encostar nela. Mas não podia sequer cogitar aquelas hipóteses, ou perderia meu foco, me entregaria ao desespero.

Antônio me encontrou na porta da agência acompanhado de um policial amigo seu. Entramos e foi pedido para ver as filmagens do caixa eletrônico, felizmente o gerente cooperou logo e pudemos ver Ana entrando acompanhada de um homem forte com jaqueta, boné e óculos escuros. Pouco deu para ver dele, mas o pavor dilacerante quase me rasgou por dentro quando percebi o medo de Ana e o modo como o homem a abraçava e apertava.

— Ele a segurava assim, pois estava armado — explicou o policial. — Devem ter descoberto que é rica e o sequestro relâmpago acabou virando um em busca de mais grana. Vão entrar em contato

com você logo, exigindo mais dinheiro. Vamos agir na paisana.

— Meus investigadores também estão seguindo pistas. — Antônio fitou-me com lamento no olhar, batendo de leve no meu ombro. — Vamos ligar para seu tio. Você está muito nervoso, precisa da família a seu lado.

— Quero descobrir logo a Ana! Ela tinha mais dois cartões de banco. Com certeza fizeram saques nele também! — exclamei alterado, sem poder conter meus tremores.

— Sim, mas a essas alturas já estão longe. Precisamos de tempo para... — começou o policial.

— Tempo? — rosnei, furioso. — A cada segundo que passa ela pode estar sofrendo! Sendo morta!

— João...

— Já perdemos muito tempo aqui! Temos que fazer alguma coisa!

— Espere. Vou tentar descobrir se meus investigadores conseguiram alguma pista.

Enquanto Antônio fazia a ligação, andei de um lado para outro no escritório do banco, correndo os dedos nervosamente entre os cabelos, buscando alguma luz, alguma solução para libertar Ana do cativeiro. Já tinha entregado o número do celular

que o sequestrador usou para falar comigo e tanto Antônio como seu amigo policial já tinham iniciado o rastreamento. Tinham passado duas horas desde o telefonema do bandido e até agora nada.

Antônio já se aproximava de mim, desolado, quando seu celular tocou. Atendeu-o e na mesma hora me olhou, seu rosto se tornando mais concentrado. Na hora senti que era alguma notícia e me aproximei, coração batendo alucinado, meu peito doendo.

— Sim, entendi. Ela chegou agora? — Antônio balançou a cabeça. — Certo. Que horas foi isso? Chegou a ver como era a moça? Sei. Encapuzada. Correto. Fique de guarda, estamos indo aí com reforços. Qualquer novidade, me ligue.

— O que foi? — indaguei angustiado, trêmulo.

— Acho que a encontramos e que entendi tudo, meu amigo. É um caso de vingança. César, precisaremos de reforços. O caso é bem maior do que imaginamos.

— Como assim? Porra, Antônio, diga logo!

— Vou contar, mas temos que correr. No carro explico tudo. — Virou-se para o amigo policial. — Tem a ver com o assunto que estamos investigando, da quadrilha. Pediu reforço?

O outro já acenava a cabeça, falando no celular, saindo do banco. Saí confuso, cada vez mais nervoso. Entrei no carro de Antônio, deixando o meu lá, sentando ao seu lado na frente enquanto o policial ia atrás, falando rapidamente com sua delegacia.

— Encontraram a Ana?

— Tudo indica que seja ela.

— Está viva? — O medo me golpeava duramente.

— Chegou viva, com um capuz na cabeça, acompanhada por dois homens. Está no interior de uma casa de sítio.

— Onde? — Olhei-o intensamente. — Como descobriram? O que tem a ver com a tal quadrilha? E com vingança?

— Você nos deu a dica, João — explicou Antônio, enquanto dirigia rapidamente.

— Como assim?

— Lembra quando me pediu para investigar sua amiga, pois temia algo vindo dela? Você estava certo.

Eu gelei, mudo. Fernanda? Era tudo armação dela?

— O tal clube secreto que ela frequentou em Caxias. Mesmo depois que você cancelou as

PERIGOSAS NACIONAIS

investigações, eu continuei e pus a polícia no meio. Não por causa da sua amiga, mas pelo clube. Há muito tempo a polícia desconfia que é um lugar perigoso, inclusive com casos de sequestro e assassinato.

O terror dentro de mim se amplificou com suas palavras, a ponto de me deixar aniquilado. Mas Antônio continuou:

— Mantive investigadores de olho no local e, juntamente com César, passamos a investigar os frequentadores, tirando fotos, montando uma lista, abrangendo mais a investigação. Um dos meus investigadores estava lá hoje e viu Fernanda chegar ainda há pouco. Resolveu me avisar. E também o fato de mais cedo uma menina ter chegado contra a vontade. Tudo indica que é Ana. E que seu sequestro e cativeiro foram coisas da Fernanda.

— Meu Deus... — Empalideci, abismado, sendo consumido por um ódio mortal.

Então a mulher preocupada ao meu lado quando recebi a notícia do sequestro de Ana era na verdade a criadora de tudo aquilo. Tudo arquitetado para parecer que estava arrependida, que era novamente minha amiga, quando o tempo todo criava aquela armadilha para Ana.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Acelere essa merda! — falei nervoso, agitado, sabendo que o perigo que Ana corria agora aumentava. Sequestradores esperariam resgate. Fernanda não. Pois nunca foi seu objetivo conseguir dinheiro, mas simplesmente afastar Ana de mim. Ela ia matá-la.

— Puta desgraçada! — rosnei, desesperado, consumido pelo ódio e pela violência, morto de preocupação.

— Calma, vamos chegar a tempo.

— Policiais estão chegando lá. Vamos invadir o cativeiro — avisou César.

— Mas se sacar tudo Fernanda vai matar a Ana.
— Eu a conhecia bem o bastante para saber que, se chegara até aquele ponto, não recuaria. Comecei a tremer ainda mais. — Porra, tem que haver uma solução...

— Conseguimos infiltrar uma policial no local há duas semanas, que nos deu o mapa do ambiente por dentro — explicou Antônio. — O mais provável é que esteja no porão, que é tipo um local secreto, onde só sócios e antigos frequentadores podem entrar. Mas sabemos onde ficam as entradas, vamos encurralá-los e fazer um ataque surpresa.

— Você terá que esperar fora — avisou o policial,

PERIGOSAS ACHERON

no banco detrás.

— Nem morto! Só me algemando! Vou junto.

— João, entenda, não podemos deixar... —
começou Antônio.

— Eu vou — afirmei, quase fora de mim.

César fez cara feia e já ia retrucar, quando Antônio se meteu:

— Eu me responsabilizo por ele.

Os dois entraram em uma discussão, mas os ignorei, sabendo que ninguém me seguraria do lado de fora. Comecei a contar o tempo, alucinado de tanta preocupação, consumido pelo ódio e pela culpa, por ter acreditado em Fernanda, por ter deixado que entrasse de novo em nossa vida como uma cobra peçonhenta. Fui eu que coloquei Ana em perigo, com meu estilo de vida, com Fernanda e sua obsessão a ameaçando.

Rezei como nunca fiz na vida, pedindo que Deus protegesse Ana, que não deixasse ninguém machucá-la, que o ataque surpresa desse certo. O desespero quase me prostrava, mas eu respirava fundo, buscava forças com o único objetivo de salvar minha esposa a qualquer custo, nem que tivesse que morrer por ela.

E mesmo quando nos aproximávamos, parecia a

viagem mais longa e dolorosa da minha vida.

ANA FLOR

O medo era tanto que eu batia os dentes.

Fiquei lá, em pé, presa e sozinha no que pareceu ser uma eternidade. Tentava lutar contra o pânico cada vez mais envolvente, minha mente rodopiando em inúmeras opções, todas infundadas, inúteis. Minha língua parecia seca e inchada contra aquele tecido e engolir a saliva era cada vez mais difícil. Tudo o que via era escuridão sob aquele capuz e, para não aumentar meu desespero, mantinha os olhos fechados. Estava com o rosto molhado de suor, que escorria por meu peito e costas.

Todo o corpo doía por ficar na mesma posição muito tempo, as pernas dormentes, os braços ardendo. Mas eu lutava para me manter firme, minha mente fixa em João, agarrando-me nas imagens dele como minha tábua de salvação. Repetia a mim mesma que ele me encontraria, que estaríamos novamente juntos, que eu aguentaria qualquer coisa desde que pudesse voltar para ele.

Procurei não me entregar ao pânico que ameaçava me golpear. Pensava, organizava os fatos em minha

mente, buscava soluções. Sabia que minha situação era complicada e que, se Fernanda tivesse algo a ver com aquilo, minhas chances de sobreviver diminuía drasticamente. Mesmo assim fazia de tudo para não me entregar, não perder a fé.

Ouvi passos se aproximando, de mais de uma pessoa. Um deles reconheci como de salto alto batendo no chão de pedra, ecoando nas paredes do que parecia ser um porão frio e úmido. O nervosismo veio paralisante e busquei ar, lutei para manter o resquício de controle. Até que pararam à minha frente. Reconheci a voz do homem frio bem perto:

— Sua encomenda. Inteira como mandou.

— Perfeito. Será bem recompensado, Yuri.

Era a voz arrogante de Fernanda. Ter a certeza foi um choque, apesar de tudo. Fui engolfada por um medo atroz, mas também por uma raiva furiosa.

— Olá, minha querida. Como é bom ter a sua companhia — a víbora disse com ironia, mas o ódio pingava em cada letra. — Pode começar, Yuri.

Esperei algum golpe, um ato de violência sem igual. Mas o homem apenas desamarrou minhas pernas e depois desceu meus braços ainda presos pelos pulsos. Eu tremia, dormente, sem força nos

PERIGOSAS NACIONAIS

membros. Acabei desabando de joelhos no chão e, na mesma hora, Fernanda se abaixou atrás de mim e me segurou com firmeza pelos ombros. Tentei me soltar e rosnei, mas ela me sacudiu, sua voz ameaçadora:

— Pensou que podia tirar o João de mim, Florzinha? Sabe quem estava ao lado dele quando recebeu a notícia terrível de seu sequestro? Imagine! Sabe quem estará com ele quando seu corpo for encontrado? Quem o consolará? Quem o fará esquecer você com o tempo? — Riu, cheia de veneno.

Fiquei imóvel, tentando recuperar meus movimentos, sabendo que não podia falar, que estava presa ali. Mas me surpreendi quando Fernanda rasgou minha blusa de repente por trás e depois me segurou de novo, ordenando cheia de ódio:

— Corte o sutiã e as roupas dela, Yuri. Quero ver que graça João achou nessa merdinha!

Empurrei-a forçando as mãos unidas para trás, mas tomei um safanão do homem, que me derrubou de costas no chão duro e frio. Fernanda segurou com firmeza meus braços para trás e o tal Yuri sentou em minha barriga, avisando friamente:

PERIGOSAS ACHERON

— Se ficar se batendo vou enfiar a tesoura em você, putinha. — E começou a cortar minhas roupas.

Mesmo apavorada, chorando, como muito medo, eu me debati e tentei escapar, já engolfada pelo desespero. Mas em questão de segundos fiquei nua, segura por eles, humilhada, apavorada. Fernanda resmungou:

— É isso aí? Essa coisa branca e sem graça? — Soltou meu braço e se levantou. — Comparada comigo, você não é nada, garota. Vou ajudar João a enxergar isso. Amarre os braços dela para trás, Yuri.

E passei mais um tormento, tentando lutar com o homem grosseiro e bem mais forte, que soltou meus pulsos, torceu-os para trás e me virou de bruços no chão. Logo me amarrava nas costas, imobilizando meus braços. Ergueu-me de joelhos e puxou o saco de pano da minha cabeça.

Minha visão falhou depois de tanto tempo na escuridão. Pisquei, ao mesmo tempo que arrancava a fita da minha boca e me causava dor e gemidos, até que consegui cuspir o pano babado, meu queixo e boca doendo. Ajustei os olhos e vi Fernanda sentada em uma cadeira na minha frente, usando

uma roupa de couro negra e curta, segurando um chicote.

Fitei seus olhos malignos, que despejavam ódio. O medo me arrepiou e soube que não teria nenhuma piedade. Sorriu e sacudiu o chicote no ar, dizendo de modo quase agradável:

— Tire uma dúvida, minha querida. João já usou seu chicote em você?

Não respondi nem me movi. Ela se ergueu e continuei no mesmo lugar, pois sabia que Yuri estava atrás de mim, não havia para onde fugir.

— Greve? Não vai falar? Quer apostar como vai implorar por piedade até o final da noite? — Andou ao meu lado, suas botas fazendo barulho sobre o chão gelado. Estalou o chicote e ficou impaciente: — Merece um belo de um castigo.

Fez um sinal a Yuri, que me arrastou até um canto, puxando meu cabelo. Arrastei os joelhos no chão de pedras, ferindo-os, forçando-me a ir ajoelhada antes que caísse e fosse mais castigada. Fui empurrada de encontro à parede, nua, amedrontada, humilhada. E gritei de maneira lancinante quando senti o chicote explodir nas minhas costas de maneira violenta, em uma dor terrível, dilacerante. Não suportei, caí para frente

PERIGOSAS NACIONAIS

chorando, tentando me encolher, fugir de mais golpes.

— Ah, agora está me ouvindo?

Entendi que devia cair no jogo dela, ganhar tempo, não enfrentá-la de cara, senão seria massacrada antes de qualquer oportunidade de ajuda.

— Sim, estou ouvindo — murmurei, buscando-a com o olhar.

Parou ao meu lado, muito alta e fria, o chicote em sua mão. A lanhada em minhas costas queimava muito e lágrimas escorriam por meu rosto. Nunca senti tanta dor. Acho que a pele tinha sido lacerada.

— Posso... perguntar... uma coisa? — indaguei baixo, para distraí-la.

— Claro, querida. Temos tempo.

— Como planejou tudo?

— Quer saber? — Puxou uma cadeira e se sentou, cruzando as pernas, fitando-me com desprezo. Com o canto dos olhos, vi Yuri montando guarda ali perto, olhos em mim. Continuei no chão deitada de lado, engolfada pela vergonha, o ódio e a dor, mas lutando por minha vida.

— Sim. Por que fingiu ser boazinha se no final seu objetivo era me tirar do caminho?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não é óbvio? Assim ninguém desconfia de mim. Até namorando estou. Para todos os efeitos, foi um sequestro que deu errado. Seus cartões foram usados, seu corpo vai aparecer. E eu... Bem, eu sou apenas a amiga que vai confortar o viúvo.

Busquei falhas naquela teoria. Fui com toda calma que consegui juntar:

— Mas se vai me machucar aqui, podem desconfiar de sadomasoquismo e chegarem a você.

— Minha querida Florzinha, será muito machucada. Vou me divertir com você. Depois a doarei para os sócios. Sabem o que mais gostam de fazer aqui? Canibalismo. Comem gente ainda viva, pedacinho por pedacinho. Quando se divertirem o bastante, terá seu fim e seu corpo será incendiado. Só saberão que é você pela ossada, meu bem. Será difícil descobrir o resto.

Não havia palavras para descrever o que senti, o tamanho do horror, do medo pavoroso que me consumiu. Perdi as forças, fiquei gelada, golpeada, tremendo de tanto desespero. Fernanda deu uma gargalhada e se levantou. Foi até um canto e voltou com um pênis de borracha enorme e anormalmente grosso, pendurado em um cinto.

— Sabe, meu bem, tanto eu quanto você

PERIGOSAS ACHERON

adoramos o membro do João, tão bem dotado. E ele sabe o que faz com aquilo, não é? Que tal esse? Não é maior? Uma das coisas que mais gostava era de usar coisas assim com minhas escravas. É claro que nada tão gigantesco. Mas não vou ter a mesma preocupação com você. — E sorriu grotescamente.

Sentei com o coração disparado, imaginando Fernanda vestindo aquilo e me estuprando. Consegui me ajoelhar e depois ficar de pé, olhando em volta desesperadamente. Até esqueci da dor nas costas, andando para trás, acuada, sem ter para onde fugir.

Percebi que lutando ou não meu fim seria triste, pavoroso, repleto de sofrimentos. Mas fui engolfada por uma força interior que nem sabia que tinha. Parte do meu medo pareceu se perder e encarei seus olhos verdes com fúria, dizendo friamente:

— Pode fazer o que quiser comigo. João não sossegará até saber a verdade. E vai te colocar na cadeia. Nunca mais vai olhar para você!

— Veremos. Tenho tudo planejado. — Ainda segurando o pênis com a mão esquerda, estalou o chicote com a direita. Seu olhar era pura maldade, ódio violento. — Não devia ter se metido no meu

PERIGOSAS NACIONAIS

caminho. Busquei esse lugar, deixei que me machucassem, só para oferecer você como presente. Adoraram sua foto, aparentemente tão pura. Saborosa. Tudo porque roubou o João de mim. Estava tão perto, esperei pacientemente, mas você estragou tudo, sua putinha nojenta!

Tudo aconteceu tão rápido, que nem entendi direito. Houve um estrondo na pesada porta de madeira e na mesma hora Yuri puxou uma arma, virando-se para lá. Eu e Fernanda também olhamos, enquanto a porta batia com violência na parede e vários policiais armados entravam correndo e gritando para pôr as mãos na cabeça. Yuri atirou e levou uma saraivada de balas no peito, caindo no chão cheio de sangue.

Senti um alívio tão grande que encostei-me à parede, sem importar com mais nada além do fato de que estava sendo salva. Fernanda gritou e veio correndo para cima de mim, furiosa, fora de si, acho que para me matar antes que fosse pega. Não sei como faria, mas não fiquei para ver. Desencostei-me e corri em direção aos policiais.

Como por milagre, vi João entrando ali igual a um louco, o pânico enquanto me procurava e me via. Chorei e fui amparada por seus braços, que me

PERIGOSAS ACHERON

agarraram. Me envolveu e protegeu, tirando-me do caminho de Fernanda, que parou estatelada, cercada, pega em flagrante.

— Desgraçada! — João me pôs atrás dele, avançando para ela fora de si, furioso. Seu ódio era mortal.

— João, eu só queria... — balbuciou, buscando uma desculpa, tentando inventar o que não havia como explicar.

— João! — Um homem alertou, segurando o braço dele, contendo-o. — Ela está presa! Não se comprometa! Cuide da sua esposa!

— João... — chamei-o.

Virou-se para mim, só então se dando conta do meu estado, nua e suja, amarrada e ferida. Seus olhos encheram-se de lágrimas e na mesma hora tirou sua camisa, envolveu-a em mim com cuidado, arrasado ao me ver machucada, murmurando que me desamarraria e cuidaria de mim.

— NÃOOOOOOOOOOOOO!!!!!!!!!!!!!!! —
Fernanda berrou, tentando correr até ele, sendo segura por dois policiais. — Não, por favor! Não me dê as costas! Volte! João, não vê que fiz tudo isso por você? Pegue o meu chicote, me castigue, mas, por favor, não me dê as costas! Não me deixe!

João!

Passou a espernear e gritar alucinada, mas João não se virou nem a olhou. Amparou-me, tirando-me dali, com cuidado para não tocar em meus ferimentos nas costas, enquanto Fernanda recebia voz de prisão e era algemada.

Acho que então senti a realidade descer sobre mim, todo risco que corri, a dor veio fervendo, purgando, minhas pernas se tornavam pesadas como chumbo. Vacilei perto das escadas e na hora João me pegou no colo. Comecei a chorar, pois doía demais as costas, o desespero me engolfava incontrolável.

— Calma, Ana... Meu amor, vou cuidar de você... Ah, meu bem, me perdoa... Me perdoa...

— Você... não... tem... culpa...

Tentei dizer, soluçando, gemendo, a ponto de ter um colapso. Saímos daquela casa sinistra e ele me levou para uma pequena ambulância, onde o médico mandou me deitar na maca. O próprio João cortou as cordas, massageou meus braços livres, murmurou palavras de carinho. Fui colocada de bruços e chorei ainda mais quando limparam o sangue do ferimento nas costas. Logo as portas foram fechadas e a ambulância seguiu para o

hospital. João ficou o tempo todo comigo enquanto o médico tratava do corte e me dava algo para me acalmar.

O resto aconteceu como um borrão. Quis perguntar como tinha descoberto tudo, mas até isso exigia um esforço maior do que o que eu poderia. Assim apenas olhei para ele, agarrei forte sua mão e tentei mostrar com o olhar o quanto estava agradecida, o quanto o amava. Que mesmo naquele momento de pavor e desespero, ele estivera comigo, dando-me forças.

Era muita coisa para dizer, para perguntar, mas eu não tinha forças. E acabei apagando, não sei se pelos remédios ou por tudo que passei. E caí nos braços reconfortantes do sono.

JOÃO PEDRO

Acho que perdi uns dez anos da minha vida desde o momento em que soube do sequestro de Ana até tê-la de novo nos braços, correndo para mim naquele porão nojento. E agora, enquanto a levavam para dentro do hospital onde seria melhor cuidada, eu ficava agoniado na sala de espera, agradecendo sem parar por ter chegado a tempo,

por ela estar viva, mas me roendo de preocupação por ter se machucado, pelo terror que passou.

Tio Bernardo, tia Laurinha e Isabel foram avisados por mim e chegaram ao hospital desesperados. Expliquei mais ou menos o que tinha acontecido e Isabel chorou muito, querendo ver a filha. Mas os médicos ainda não tinham vindo falar nada e a espera era terrível, mesmo sabendo que Ana não corria riscos.

Para meus tios era difícil acreditar que Fernanda chegara aquele ponto. Confortaram a mim e a Isabel, mas continuei nervoso, andando de um lado para o outro. Resolvemos não contar nada para Vítor e Paola para não assustá-los, já que ela estava grávida e os dois longe, em lua de mel.

Finalmente um médico se aproximou e explicou tudo:

— Ela tem alguns arranhões nos joelhos, um pequeno ferimento perto da boca, mas o pior foi o corte das costas, mas já foi tratada e medicada para evitar infecção. Fisicamente vai se recuperar bem, não se preocupem. Mas resolvemos dar um remédio para que dormisse e relaxasse. Estava em choque, com a pressão um pouco alta, batimentos cardíacos acelerados, o que é normal perto do

estresse que vivenciou. Com carinho e paciência, vai se recuperar totalmente.

— Quando terá alta? — perguntei.

— Amanhã mesmo. Estará hoje apenas em observação, para efeito tranquilizante.

— Posso ficar com ela? — perguntei, já que o quarto era particular.

— Sim, mas somente uma pessoa, embora não seja necessário. Vai dormir a noite toda.

— Eu também queria ficar — disse Isabel.

— Eu preciso ficar, Isabel. Por favor.

Olhou-me e meu estado acho que a convenceu. Mas ainda tentou:

— Meu filho, por que não vai em casa e...

— Só vou para casa com Ana.

— Tudo bem.

Eles entraram e a viram um pouco. Então se despediram e me aproximei da cama onde dormia de lado, mergulhada em sono profundo, mas ainda pálida, abatida. Acariciei seu cabelo comprido e então, no silêncio do quarto, chorei como um garoto, de dor e de alívio, mas principalmente em agradecimento porque estava viva. Isso era o principal de tudo.

Puxei uma poltrona para perto da cama e cochilei

segurando sua mão, velando seu sono, olhando-a por qualquer movimento. O dia clareava quando saí de lá e dei um pulo rápido em meu apartamento, ainda fervendo por todo terror e medo que senti, precisando extravasar minha raiva. Minha vontade era a de matar Fernanda, estrangulá-la. Mas o ódio maior era contra mim mesmo, por tê-la trazido comigo para minha vida com Ana.

Ao passar pela portaria do prédio, perguntei ao porteiro se poderia arrumar um caminhão de mudanças para mim ou uns carregadores que pudessem pegar uns móveis meus e deixar no porão até que eu arranjasse um destino para eles. Ele garantiu que sim e o agradei com várias notas de dinheiro. Disse que não precisava, mas insisti, sabendo que seria um incentivo a mais. Só então subi e fui direto ao quarto que Ana tinha me dado de presente de casamento.

Tinha vivido ali momentos inesquecíveis com ela. Mas, depois de ver seu horror, seu ferimento nas costas, senti vergonha por cada vez que usei minhas mãos para dar palmadas, chineladas ou utilizar o cinto. Tinha sido aquele meu mundo maldito e violento que me fez conviver tanto tempo com uma vadia descontrolada como Fernanda, que pôs a vida

de Ana em risco. Se eu fosse uma pessoa normal, nada daquilo teria acontecido.

O desespero que senti voltou redobrado, veio incontrollável e comecei a arrancar lençóis da cama, chutar tudo, quebrar os objetos. Extravasei ali toda minha raiva, meu medo, o ódio de mim mesmo. Joguei todo conteúdo da minha caixa em sacos de lixo. Despejei tudo, tentei me livrar daquilo que tinha vindo entranhado em meu sangue, que tinha sido minha personalidade por toda minha vida. Ali matei minha fera, jurei a mim mesmo nunca mais usar de dominação ou força, de passar minha vida compensando Ana por tudo que passou. Por quase ter sido vítima de uma louca que eu arrumei.

O porteiro subiu com dois carregadores. Enquanto fui tomar um banho, me livrar do suor, do medo, de mim mesmo, eles foram esvaziando o quarto. Em menos de duas horas não havia mais nada lá e o tranquei. Paguei generosamente a eles, agradei e me arrumei para voltar ao hospital, levando uma muda de roupa e uma sandália para Ana.

Ela ainda estava dormindo quando cheguei e fiquei de pé, olhando-a, acariciando-a, até que despertou. No início pareceu meio confusa, assustada, mas assim que me viu se acalmou e

agarrou minha mão.

— João...

— Estou aqui. Vai ficar tudo bem...

Seus olhos encheram-se de lágrimas.

— Obrigada, meu amor... — murmurou, beijando minha mão. — Eu rezei tanto para que fosse me salvar e você foi...

— Eu iria até o inferno por você, Ana — disse embargado, abaixando-me para beijar seus lábios, seu rosto, seu cabelo. — Preciso saber se me perdoa...

— De quê? Você não teve culpa.

— Como não? Desde o início me avisou que Fernanda queria nos afastar, que estava armando, e eu preocupado, eu...

— João... — Puxou-me para si, para que olhasse bem nos meus olhos. Mesmo depois de tudo que passara, parecia ser a Ana de sempre, serena e doce. — No final das contas, isso foi bom. Se a tivéssemos afastado do caminho desde o início, não saberíamos o que estava planejando e no fim faria o mesmo. Ela não desistiria. Aliás, como nos encontrou?

— É uma longa história, mas eu tinha mandado um amigo meu investigá-la. Sabíamos do local.

PERIGOSAS NACIONAIS

Depois ele continuou investigando o tal clube secreto naquele lugar.

— Viu? Você não acreditou totalmente nela. Se não fosse essa investigação, nunca teria me encontrado. Agora pare com isso. Terminou tudo bem.

— Não, Ana. Está machucada. Passou maus bocados nas mãos deles, quase...

— Estou viva. Minhas costas vão ficar curadas. Vem aqui... — Puxou-me mais, abraçou meu pescoço, cheirou-me, sussurrando. — Prometa-me que ela não vai vencer no final. Que não vai criar uma distância entre nós. Que seremos como antes.

— Ana... — disse agoniado, acariciando seu cabelo.

— Prometa.

— Como você pode ser tão forte?

Ela se afastou um pouco e me fitou, seus olhos marejados.

— Não sou forte. Mas eu te amo. E quero nossa vida de volta. Aquela mulher não vai nos tirar isso. Você promete?

Como, se eu me sentia outro? Se o desespero ainda me corroía? Mas para não perturbá-la, murmurei:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Prometo.

Ana relaxou e me abraçou.

— Vou ficar bem, João. E vamos esquecer tudo isso.

Eu queria ter a mesma certeza dela.

Mas a amparei e fechei os olhos. Tudo o que eu queria já estava ali. Ana viva, em meus braços.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 13

O final que deve ser

Amar

É quando não dá mais pra disfarçar

Tudo muda de valor

Tudo faz lembrar você

Amar

É a lua ser a luz do seu olhar

Luz que debruçou em mim

Prata que caiu no mar

(Amar É - Cleberson Horsth - Ricardo Feghali)

ANA FLOR

Minha mãe e os tios de João nos acompanharam até o nosso apartamento depois que tive alta. Todos me tratavam com cuidados e mimos, querendo saber o tempo todo como eu estava, cercando-me de carinho. João então, não tirava os olhos de mim, como se tivesse medo que a qualquer momento eu fosse ter algum problema.

Chicote fez a maior festa ao me ver. Correu de um lado para o outro, latiu, só sossegou quando o peguei no colo e acariciei.

Eu ainda me sentia estranha, um pouco nervosa e assustada após os momentos de terror que passei, por tudo que achei que sofreria naquele lugar e com as ameaças de Fernanda. Mas ao mesmo tempo me sentia protegida sabendo que estava presa e que eu me encontrava em minha casa, cercada das pessoas que me amavam, sob as vistas protetoras de João.

Minhas costas ainda doíam, mas logo sarariam. E era quase nada perto de tudo que podia ter acontecido.

Passaram a manhã conosco, tomamos café e depois se foram. Minha mãe me beijou e abraçou, preocupada, prometendo que voltaria no dia

seguinte, mas que era para eu ligar caso precisasse de algo. Nosso relacionamento tinha melhorado muito e se tornado mais amigável desde que casei e naquele dia estava especialmente carinhosa comigo. Garanti que estava tudo bem e ela saiu com Bernardo e Laurinha.

Chicote estava brincando com uma bolinha na sala e João sentou ao meu lado no sofá, segurando minha mão, olhando-me todo preocupado. Acabei sorrindo.

— Eu estou bem, meu amor. Você podia ter ido trabalhar hoje.

— Não se preocupe, um colega meu vai ficar no meu lugar. Qualquer emergência, ligam para mim. Está com dor?

— Não. Estou bem.

— Jura? — Seus olhos azuis me avaliavam. Havia algo constante neles, como um nervosismo, algo que o perturbava. Apertei seus dedos, virando um pouco para fitá-lo.

— Juro. Você que não parece bem.

— Nunca senti tanto desespero na vida, Ana. Não sei o que faria se algo pior acontecesse, se...

— João, você chegou a tempo, isso que importa.

— Mas passou por momentos horríveis, aquela

desgraçada te deu uma chicotada...

— Acabou, estou bem. Vou ficar curada e estamos livres dela. Agora tudo vai se ajeitar. — Cheguei mais perto dele, correndo os dedos por seu braço, ansiando por tocá-lo, sentir seu calor, afastar aquela agonia ainda presente em seu olhar. Passei a mão por seu rosto tão lindo e amado, fitando-o com tudo de mim, com todo desejo que tinha de que tudo ficasse bem. — Não quero ver você assim. Não teve culpa de nada.

— Aquela puta era minha amiga, Ana. Eu a trouxe para as nossas vidas. Acreditei nela.

— Já falamos sobre isso. — Suspirei, enquanto nos olhávamos. — Fernanda armou direitinho, mas graças à investigação que você fez, ela se deu mal. Não acreditou totalmente nela. Agora pare de se culpar. Se continuar assim, como posso me sentir feliz?

— Vou tentar, Ana. Mas tenho consciência que meu estilo de vida provocou tudo isso.

— João...

Naquele momento o interfone tocou. Ele se ergueu e foi atender. Quando voltou, informou que Antônio estava subindo para conversar com a gente. Explicou-me que tinha sido o investigador

PERIGOSAS NACIONAIS

particular que contratou para ficar na cola de Fernanda.

Fomos apresentados quando ele entrou e sentamos nos sofás da sala, João ao meu lado sem soltar minha mão, como se não pudesse ficar sem me tocar um segundo sequer. Entrelacei meus dedos aos dele, enquanto o senhor elegante e bem apessoado explicava:

— Vim aqui dar informações sobre boa parte do que aconteceu. Fernanda está presa, foi em flagrante, mas se tiver um bom advogado vai acabar parando em uma clínica para doentes mentais. Infelizmente há brechas que podem aliviar a pena dela, mas mesmo assim continuará trancafiada por um bom tempo em algum sanatório.

— Vou ficar de olho e me encarregar para que esse tempo seja o mais longo possível — disse João, tentando conter sua raiva.

Antônio acenou com a cabeça e continuou:

— Como eu disse antes a você, João, estávamos investigando o clube secreto e esse resgate nos deu a oportunidade, a desculpa, para prender os principais envolvidos e chegar a outros. Ainda estamos caçando mais pessoas, mas o que descobrimos até agora foi impressionante.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Como assim? — perguntei.

— O seu sequestro não foi o único. Muitas meninas moradoras de favelas, a maioria até menor de idade, sumiram e foram alvo dessa quadrilha. Os sócios usavam o porão para todo tipo de perversão. Tortura, canibalismo, estupro, surras, até o desfecho final, que era a morte. Descobrimos um local para queimar os corpos e há denúncias de cemitérios clandestinos no mesmo sítio. A polícia está averiguando.

— Que coisa horrível! — Apertei os dedos de João, com lágrimas nos olhos, sem poder acreditar em tanta perversão e maldade. Imaginei o que aquelas meninas teriam sofrido nas mãos daquela gente, as famílias que até hoje não tinham notícia e o destino terrível que também poderia ter sido o meu, caso não tivesse sido resgatada.

— E agora? — João estava pálido, talvez pensando o mesmo que eu.

— Agora a quadrilha será investigada até termos todos os nomes. Alguns vão conseguir escapar, tem gente com muita grana envolvida, mas ao menos realizamos prisões e vamos saber o que aconteceu com várias das moças desaparecidas. Fernanda se ofereceu como voluntária em algumas das sessões e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

só foi aceita por ser dona de um clube de BDSM e pelos contatos que tinha no meio. — Fitou-nos, até ele mesmo impressionado ao ponto que ela chegou. — Quando estava adoentada, mancando e pálida, sentia realmente dores. Passou uma noite sendo torturada e teve partes pequenas do corpo devoradas em sessões de canibalismo. Assim conseguiu ser “respeitada” e aceita no clube. E lá fez acordo para que Ana fosse uma das vítimas.

— Meu Deus... — Estava horrorizada.

João me puxou para perto de si, abraçando-me com cuidado, beijando suavemente meu cabelo.

— Felizmente, chegamos a tempo — continuou Antônio. — Se você não tivesse me contratado para investigar Fernanda, muitas pessoas ainda continuariam sofrendo e morrendo nas mãos desses bandidos.

João acenou com a cabeça. Ao menos uma coisa boa viera de tudo aquilo. Sem querer Fernanda acabara cooperando para que mais mal fosse evitado.

— Vim só informar tudo a vocês e agradecer. Acabou sendo um trabalho em conjunto.

— Quem deve agradecer sou eu — disse João. — Sua ajuda foi fundamental para salvar Ana.

PERIGOSAS ACHERON

Ainda conversamos um pouco mais, Antônio recusou um café e algo mais para beber e por fim se foi. Então fechamos a porta e abracei João, apoiando meu rosto em seu peito enquanto me acalentava tomando cuidado com minhas costas.

— Vai ficar tudo bem — garantiu baixinho.

— Eu sei.

E lá ficamos, aliviados por estarmos juntos. Porque, apesar de tudo, eu não tive o triste fim de muitas daquelas mulheres.

*

Vítor e Paola voltaram de lua de mel e souberam de tudo. Foram em meu apartamento e minha amiga chorou, ficou nervosa, me apertou forte, desesperada, xingando Fernanda de tudo quanto foi nome. Mas por fim viram que eu estava bem e ela se acalmou.

Somente três dias depois que voltei para casa, de licença do trabalho por quinze dias devido a tudo que passei e ao ferimento nas costas que cicatrizava, eu entrei no nosso quarto de prazeres e qual não foi o meu susto ao ver tudo vazio. Fiquei chocada. Quase liguei para João, mas já era fim de

PERIGOSAS NACIONAIS

tarde e esperei que chegasse do trabalho. Mal entrou e veio me beijar, de pé no meio da sala, eu o fitei e inquiri:

— O que fez com nosso quarto?

Estava sério, seu semblante se fechou.

— Acabei com ele.

— Eu sei. Mas por quê?

— Ana... Me arrependo de cada vez que levantei minha mão para você. Tenho vergonha desse meu lado animal, pervertido, que pôs você em perigo. Daqui para frente, não quero mais isso.

Seu olhar era intenso, com angústia, medo, nervosismo. Cheguei perto dele e segurei seu rosto entre as mãos, olhando-o bem fundo.

— Não quer mais o quê? Quando ergueu a mão para mim eu reclamei, João? Quando eu disse minha palavra segura?

— Nunca.

— Quem disse a você que não gosto? Amo você com tudo, com seu jeito terno e seu jeito bruto, quando...

— Quando o quê? Quando a amarro, do mesmo jeito que foi amarrada naquele porão? Podia ter ficado traumatizada para toda a vida! — Estava angustiado, pálido.

PERIGOSAS ACHERON

— Mas não fiquei! Sei separar bem as coisas. Aquilo foi ódio, João! O que temos é amor!

— Amor! Amor que usa cinto e chinelo para castigar? Que bate? Sou um doente e precisou acontecer tudo isso para eu perceber! Já vinha pensando nisso há algum tempo. Planejamos ter filhos. O que eles diriam daquele quarto? O que fariam se soubessem que amarro e espanco a mãe deles? — desabafou de uma vez, tão nervoso que me assustei.

— Querido... — Enfiei os dedos em seus cabelos, segurando-o firme, olhando dentro do azul de seus olhos, meu amor extravasando de mim não apenas para confortá-lo, mas tentando pôr em palavras o que eu realmente sentia. — Você não me espanca! Na hora do sexo, há esses jogos, que me deixam louca! Amo você assim! Não quero que mude nada.

— Eu já mudei, Ana... — falou, cansado.

— Não mudou. Está se culpando, se martirizando à toa, meu amor. Estou aqui, sem traumas. O que passou, acabou. Está mais do que resolvido. Por favor, me escute...

— Ana...

— Seja todo meu, como sempre foi. — Abracei-o pelo pescoço, beijando seus lábios, murmurando

contra eles. — Por favor, não deixe aquela mulher estragar o que levamos tempo lutando para conseguir, esse equilíbrio e esse prazer que é só nosso. Garanto que quero você completo, João.

— Como posso olhar suas costas e machucar você?

— Minhas costas estão sarando. Pare com isso!

— Ana... — Abraçou-me, sua mão firme em minha nuca, sua boca na minha. Nos beijamos com amor e paixão, cheios de confusão e de dor que deviam ser afastadas, com as quais lutamos para vencer.

Por fim, afastou-se só o bastante para me olhar. Estava em dúvida, brigando consigo mesmo.

— Está tudo recente demais, meu bem.

— Eu sei. Mas quero que me prometa que vai tentar, João. Que vamos fazer de tudo para ser como antes. Por favor — supliquei.

— Vamos esperar você se recuperar e ir com calma. Construindo aos poucos, sabendo até onde podemos ir. Foi tudo muito duro, estressante, recente.

— Certo — concordei.

Quando me abraçou de novo, decidi fazer de tudo, mas de tudo mesmo, para que esquecêssemos

Fernanda e aquele episódio horrível. Nossa vida voltaria a ser tão perfeita quanto antes.

JOÃO PEDRO

Ana recuperou-se bem do ferimento e do trauma. Fernanda, como Antônio tinha nos avisado, foi transferida da prisão para um sanatório estadual para doentes mentais que cometiam crimes. Meus advogados me deixavam sempre a par, pois eu a queria pagando por tudo que fez.

Já em meados de fevereiro, pouco mais de quinze dias desde o sequestro de Ana, estava em casa jantando com ela quando meu advogado ligou informando que Fernanda estava implorando para que eu fosse vê-la e tinha sido colocada em um quarto sem perigos, pois ameaçava se matar. Eu mandei ignorar e lavei minhas mãos. Se queria chamar minha atenção e fazer chantagens, não conseguiria nada.

Ela fez de tudo para isso. Seus advogados me procuraram, até mesmo o psiquiatra particular que a acompanhava. Fiquei sabendo que não comia, que vivia dopada para não fazer mal a si mesma e nem aos outros e que só gritava por mim, em um

desespero ímpar. Para que melhorasse, o médico achava que minha presença poderia ajudar.

Poderiam me acusar de frio e insensível. Os mais religiosos talvez falassem em perdão. Mas eu simplesmente não queria saber mais nada dela, somente que continuaria enjaulada. Não tive pena nem preocupação. Não desejei seu mal. Mas jurei a mim mesmo nunca mais vê-la ou me importar com ela. Se quisesse se matar, se machucar, gritar e espremer, o problema era dela. Eu não queria mais nenhum contato. Estava excluída da minha vida.

Soube que conseguiu se ferir com um garfo, rasgou os pulsos, cortou-se em vários lugares e teve que ficar amarrada na enfermaria. Também não fui vê-la ou me manifestei. Nem ódio eu sentia mais dela. Somente desprezo e indiferença.

Meu relacionamento com Ana se ajustava aos poucos. Eu me sentia mais calmo, ansioso para tocá-la mais intimamente e, apesar de ela ter tentado me seduzir várias vezes, só deixei rolar quando o médico deu alta e suas costas estavam curadas. Foi difícil resistir, eu a desejava como um louco, mas coloquei sua saúde em primeiro lugar.

Naquela noite estávamos como um casalzinho virgem, ansioso pela primeira noite. Eu a esperava

na cama usando apenas uma calça quando veio só com uma camiseta comprida, recém-saída do banho, seus cabelos caindo molhados e compridos por seus ombros. Sorriu daquele jeito meigo e foi logo subindo onde eu estava recostado, montando de frente em minhas coxas, suas mãos deslizando em meu peito nu.

— Ah, que lindo... — murmurou deliciada, seu desejo se equiparando ao meu, seus dedos brincando com os músculos e pelos.

Ergui os braços e a puxei mais para mim, colando seus seios em meu peito, minhas mãos erguendo a barra da camiseta, adorando o contato com sua pele quente e macia. Ao mesmo tempo mordiscava seu queixo, enquanto a despia, deixando-a nua para meu total deleite.

— Que cheirosa... — sussurrei, cheio de saudade, mal podendo conter meu desejo. Tinham sido dias sem fazer amor com ela, um verdadeiro limite para mim, terrivelmente difícil.

Quando busquei e encontrei seus lábios, suguei sua língua, uma língua de fogo pareceu percorrer meu corpo, incendiando cada terminal nervoso, como se um furacão explodisse em meu interior. Minhas mãos percorreram pele e cabelo, costas e

bunda, nuca e seios. Ana abriu minha calça, ansiosa, já acariciando meu pau duro e dolorido, tão esfomeada como eu.

Quis ser calmo, terno, comedido. Mas apesar de tudo, das minhas decisões e culpa que vínhamos trabalhando naqueles dias, senti a devassidão, a luxúria, a gama de sentimentos violentos próximos de alterar todas as minhas boas intenções. Eu deixava de ser racional, meus instintos assumiam a frente, meu corpo e sangue se agitavam ao ponto de meus sentidos falarem mais alto que qualquer coisa.

— Ana... — falei rouco de encontro a seus lábios, ajudando-a a me desfazer das calças, ficando tão nu quanto ela.

Não pudemos esperar. Eu a ergui, ela abriu as pernas para os lados e desceu montada em mim, engolindo meu pau com sua bocetinha quente e latejante, encharcada. Gemi, descontrolado, tremendo de tanto tesão. Tinha sido uma provação não tê-la assim por tanto tempo. Agarrei-a pelo cabelo na nuca, outra mão no seio, a língua em sua boca. Engoli seus gemidinhos e entrei todo nela, fundo e duro. Ana rebolou, moveu os quadris, apertando meu membro como uma luva apertada,

PERIGOSAS NACIONAIS

macia.

Espalmei uma das mãos em sua bunda e ela comichou para lhe dar uma palmada, mas me contive no último momento. Apenas a apertei e fodi, forte, girando-a para deitá-la e montar nela como um garanhão alucinado, metendo com força, um zumbido ensurdecador nos ouvidos. Ana abriu-se toda, ergueu as pernas, moveu-se de encontro às minhas estocadas, choramingando.

— Que saudade! — disse rouco, comendo-a com tudo de mim, com devoção e paixão, como aquela fera que sempre vinha à tona quando perdia o controle. Pensei que tivesse acabado com ela, mas agora vinha feroz, voraz, cobrando o seu bocado. Grunhi, o que a excitou mais, movendo-se loucamente sob mim, mordendo meu ombro, meu peito.

— Mais... mais... — pediu, suas unhas cravando-se em minhas costas.

Ergui a cabeça, jogando-a para trás, apoiando o peso do corpo nos braços, fechando os olhos enquanto impulsionava o quadril para frente e metia meu pau todo dentro dela, de sua vulva que mamava em mim e me sugava como uma boca esfomeada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Porra, Ana... — rosnei, cada vez mais bruto, lutando por um controle, tentando me lembrar que agora eu devia me conter mais, que era nossa primeira transa depois de seu sequestro.

— Vem, amor... Assim... Mais forte... — Ana não facilitava as coisas, suas unhas e dentes se cravando em mim, um fogo consumindo-a.

Baixei o olhar para o dela, precisando de mais, mas com muito medo. Na mesma hora suplicou:

— Faça o que quiser comigo, João...

Lutei ferozmente. Desci com tudo para tomar sua boca num beijo arrebatador, colando nossos corpos suados, misturando nossos gemidos, meu pau tão enterrado dentro dela que não dava para saber onde começava um e terminava o outro. Senti seus espasmos e ela se enrijeceu toda, explodindo em um gozo convulsivo. Foi o bastante para que meu orgasmo também ocorresse, enquanto despejava meu esperma quente, ambos tendo prazer ao mesmo tempo, em uma intensidade aterradora.

Foi rápido e luxurioso, delicioso. Nos beijamos o tempo todo, enquanto me movia e gozávamos, até terminar e continuarmos lá, nos saboreando, dizendo com os corpos o que sentíamos por dentro, no fundo da alma. Depois ficamos deitados em

PERIGOSAS ACHERON

silêncio, até a respiração e o coração voltarem ao normal.

— Tudo bem? — Virei o rosto para fitá-la, enquanto acariciava meu peito preguiçosamente. — E as costas?

— Não sinto mais nada, João, estou curada. — Ergueu a cabeça e sorriu. — Foi delicioso.

— Foi.

Fiquei feliz porque, mal ou bem, contive meus impulsos mais devassos. Ana não comentou nada e achei que tudo estava resolvido. Até que ficamos lá conversando e pegamos no sono. Acordei meio sonolento, com Ana me chamando. Era de madrugada, mas o quarto estava clareado pelos dois abajures ligados. Mexi-me, buscando-a com o olhar.

— Ana?

— Aqui.

Franzi o cenho, erguendo-me nu na cama, sentando na beira. Mal acreditei no que vi. E fiquei imobilizado, olhando.

Ana estava no chão, de quatro sobre o tapete branco, usando um sutiã e uma calcinha pretos e minúsculos, uma meia calça preta que chegava à metade das coxas e sandálias de salto alto. Os

cabelos se espalhavam longos e escuros. Os lábios estavam pintados de um vermelho sangue e os olhos brilhavam intensamente para mim.

Começou lento, um rugir suave, vindo do mais fundo do meu ser. Então se espalhou, quente e denso, por cada parte minha, incontrolável, ao ponto do desejo ser mais forte que tudo. Meu pau cresceu e inchou, cheio de veias, engrossando. E então vi o que havia no tapete ao lado dela. Uma grande caixa fechada.

Fui invadido de um lado pela lascívia, pelo meu lado mais agressivo e animal; e por outro lado pelo amor incondicional que tinha por ela, com meu medo de machucá-la e meu desejo de protegê-la. Principalmente depois de tudo que acontecera. Indaguei, ainda sem poder me mexer, apenas meu corpo bombardeado por tantas sensações e pensamentos:

— O que é isso, Ana? Essa caixa?

— Você sabe o que é. Fez uma desfeita comigo, acabou com meu presente de casamento. Comprei tudo de novo. Não mais um quarto... — Ergueu-se apenas nos joelhos, de frente para mim, seus seios lindos quase nus dentro do sutiã pequeno e transparente, a tentação em pessoa. Abriu a tampa

PERIGOSAS NACIONAIS

da caixa, expondo vários objetos novos, parecidos com os que eu tinha antes. Pegou uma coleira e me estendeu. — Venha pôr em mim, João. Escolha o que quer usar. Sou sua, para tudo, meu amor.

— Ana, você não entende...

— Entendo. Não precisamos do quarto. Vê aquela mesa ali do canto? Pode me amarrar sobre ela. — Apontou para a mesa de madeira com arranjo de flores. Depois para a poltrona: — Ali também. Ou na cama. No teto, podemos mandar prender um gancho de modo disfarçado. Quem entrar aqui, não saberá de nada. Tudo só aparecerá quando quisermos e nos trancarmos aqui. Não haverá um quarto secreto para esconder de nossos filhos e sim nosso canto, onde poderemos nos amar da maneira que quisermos. Para nosso prazer.

Seus olhos eram vivos, brilhantes por lágrimas não derramadas. Senti o amor me engolfar tão violentamente que meu peito doeu. Fiquei mudo, sem saber o que era certo fazer, todos os meus instintos e desejos mais baixos vindo à tona. Tinham sido anos me conhecendo, me tornando o homem que eu era hoje, sendo lapidado. O amor de Ana só me melhorou, amansou, edificou. Mas o que eu era, minha essência, continuava lá.

PERIGOSAS ACHERON

Cansei de lutar. Levantei, excitado, um macho pronto para tudo, para tomar, dar, dominar. Ainda tentei uma última vez me conter:

— Tem certeza? Se eu machucar você, vai me impedir? Vai dizer a palavra segura?

— Sim. Mas não vai me machucar. — Sorriu, ainda segurando a coleira.

Parei à sua frente e seu olhar percorreu gulosamente meu corpo nu. Peguei a coleira e fechei-a em volta do seu pescoço. O desejo me consumiu por completo, minhas feições endureceram, exigi com voz grossa:

— Você é minha?

— Sou.

— Vai fazer tudo o que eu quiser.

— Sim, meu senhor.

Porra! Meu pau babou, tão duro que doía. O sangue latejava denso em minhas veias. Segurei seu cabelo e puxei sua cabeça para mim, rosnando:

— Chupe.

Ana não esperou. Na mesma hora abriu os lábios e sugou meu pau para dentro, tão macia e quente que estremeci. Mergulhei naquela sedosidade toda úmida e gemi alto, feroz, agarrando sua nuca, entrando tão grosso e fundo que lágrimas vieram

aos seus olhos. Mas me chupou faminta, comendo-me, engolindo, mamando.

— Caralho... — Soltei o palavrão, fora de mim, firmando bem os pés no chão enquanto Ana movia a boca no meu pau ritmicamente, deliciosamente, em carícias alucinantes.

Olhei a caixa aberta, fitando os objetos como se fossem velhos conhecidos que retornavam ao lar. Uma onda de felicidade me engolfou e entendi que não precisava abrir mão de nada. Eu e Ana nos amávamos e respeitávamos, nossos limites seriam ditados pelo amor. E então sorri, ansioso, totalmente liberto de culpas e medos.

Entreguei-me ao que fazia comigo com a boca e olhei a linha fina e avermelhada em suas costas, da marca do chicote, da violência que sofrera. Afastei-me e a ergui pela coleira, puxando-a para meus braços, beijando-a na boca. Eu não a marcaria pela violência. Poderia dar palmadas, usar de força, mas ao ponto que gostasse. Eu a marcaria com meu amor.

— Qualquer coisa que não goste, que a faça lembrar momentos ruins, você me avisa? — Fitei-a nos olhos, apertando-a contra mim.

— Sempre — prometeu.

Acenei com a cabeça.

— Vire-se de costas para mim, ajoelhe e apoie as mãos no chão.

Estremeceu com minha ordem dura. E obedeceu na hora.

Escolhi o que eu queria na caixa. Sem dizer nada, pus uma venda negra em seus olhos e observei-a, pronto para retirar se sentisse qualquer desconforto. Mas Ana continuou quietinha sobre o tapete, ansiosa, excitada. Ajoelhei atrás dela, minhas mãos descendo até sua bunda, segurando a calcinha minúscula com firmeza e rasgando a alça. Foi fácil. Ana se assustou um pouco, tremeu, mordeu os lábios, obediente. E então fui com minha mão por trás dela, sentindo sua vulva meladinha, pronta para mim.

— Vou foder muito essa bocetinha hoje. Mas, antes, fique quietinha. — Vê-la ali, tão submissa, sem calcinha, mas ainda com o resto da roupa sexy, mexeu comigo de maneira violenta. Peguei um pequeno objeto com haste longa e um pequeno pedaço de couro negro e maleável na ponta. Usei aquilo para dar a primeira estalada em sua bunda. Ana deu um gritinho e rosnei: — Não era isso que você queria minha putinha? Apanhar e ser fodida?

— Sim... — Sua voz saiu carregada de luxúria. Empinou mais a bunda e bati com o objeto de couro, que era como dar pequenas palmadas. Com a mão livre, enfiei dois dedos em sua vulva e a penetrei fundo, girando-os dentro dela. — Ah, João...

Seu prazer, o modo como a pele ardia, avermelhava, estava mais do que claro e me deixou doido. Não suportei ficar muito naquele castigo. Dei mais duas estaladas e larguei o objeto, puxei os dedos cremosos, agarrei seus quadris e me ajeitei de joelhos atrás dela. Duramente enfiei meu pau em sua bocetinha, comendo-a com brusquidão, rouco e apaixonado.

— Oh... — Ela espalmou as mãos no tapete, abriu mais as coxas, empinada, recebendo gostosamente cada arremetida minha, gemendo.

Passei a dar tapas secos em sua bunda enquanto a fodia, livre e agressivo, mas do jeito que sabia que Ana gostava e que eu adorava.

Não deu para aproveitar tanto quanto eu gostaria. Quando meti a mão por baixo de seu corpo e manipulei o seu clitóris, Ana ondulou e acabou gozando violentamente. Tornei-me mais voraz, tão louco que logo explodia também. Mas aquilo abriu

as portas para a liberdade. Para nossas taras, minha devassidão, aquilo que nos dava prazer e que não tinha nada a ver com ódio e com tortura, mas com muito amor e muita entrega.

Fernanda não tirara aquilo de nós.

FERNANDA

Fernanda tinha conseguido sair das amarras de sua cama naquela manhã de início de março. Fingiu que estava melhor, mais calma, para poder escapar. Quando se viu livre, começou a maquinar o que mais poderia fazer, a ponto do desespero consumi-la ainda viva, como uma doença.

Tentara de tudo para comover João e fazer com que fosse visitá-la, ao menos uma vez. Agredira pessoas, tentara se matar com o garfo, se ferira, implorara, chorara, usara seus contatos para falarem com ele. Mas João nunca apareceu. Deixara mais do que claro seu desprezo.

Agora, na consulta matinal com o médico daquele maldito sanatório que mais parecia uma prisão, feio, velho, mofado, falou novamente sobre João.

— Só posso melhorar depois que ele vier me ver e me perdoar.

— Seu amigo não virá. Precisa entender que isso é uma obsessão, Fernanda. — O médico repetia o de sempre, observando-a.

Tinha sido uma mulher bonita quando chegara ali. Alta, loira, até arrogante em sua pose. Mas agora perdera quase dez quilos, a pele era seca e cinzenta, enrugada pelo veneno que parecia expurgar de dentro dela constantemente. Seus olhos eram amargos, sem brilho, cheios de ódio e desespero. O cabelo caía muito devido aos medicamentos e ao sistema nervoso abalado e foi necessário cortá-lo bem curto, mas ainda tinha algumas falhas. Parecia uma velha, acabada, alquebrada, ossuda. Feia.

— Se ele não vier, eu não vou aguentar... — Torceu as mãos e então seu olhar encheu-se de ódio. — Ele ia casar comigo. Disse para o primo. Odiava relacionamentos, mas eu era sua melhor amiga. Até aquela filha da puta aparecer! Ela o enfeitiçou! Não dá para entender! Ele está cego! Quando vai entender que sou a mulher perfeita para ele? Ia dar tudo certo. Ia afastar aquela praga do caminho, mas... Eu não sei o que aconteceu!

— Fernanda...

— Por favor, me deixe ligar para ele! Só uma vez!

O médico deixou que pedisse, suplicasse, como sempre fazia. Era um ritual. Depois se enfurecia, gritava, se tornava agressiva. E então era levada para sua cela à força. Onde se recusava a beber, comer, tomar os remédios. Então precisava ser amarrada, se alimentar contra a vontade ou ficar no soro. Ainda não conseguira sucesso ou qualquer melhora em seu tratamento.

Mas daquela vez, parou antes de se tornar agressiva. Não quis mais conversar e se tornou praticamente catatônica, mergulhada num mundo só seu. Sem outra opção, o médico mandou que um enfermeiro a acompanhasse até o quarto.

Mas Fernanda tinha tudo planejado. Como médica, conhecia o andamento de um hospital. Sabia que não conseguiria fugir dali, a segurança era absurda. Mas tinha que dar um jeito de atrair João para dentro. Precisava só de uma chance para vê-lo. E a única maneira que encontrou foi de mexer com a culpa dele. Duas mulheres não o atingiram com seus suicídios? Pois então, seria a terceira.

Conseguiu descobrir a sala da farmácia e pegou um medicamento fortíssimo. Voltou ao seu quarto e começou a engolir um por um, enquanto sorria e

calculava o quanto seria o bastante para apagá-la sem matar. Ficaria muito mal e quando João soubesse, viria vê-la. E assim, tomou vinte comprimidos. E foi nocauteada.

Acordou dias depois na UTI, cheia de tubos, sentindo muitas dores. Todo seu corpo parecia acabado. Olhou em volta, quis falar, exigiu de si mesma, o desespero consumindo-a novamente, sem dar trégua. Um médico se aproximou e viu seu olhar, que esperava respostas.

Forçou a garganta e murmurou:

— Ele... veio?

O médico a conhecia. Sabia a quem se referia. João. Fez simplesmente que não com a cabeça.

Ela quis gritar, mas a voz saiu baixa, rascante, qualquer sacrifício causando dores absurdas. Ele a observou com pena, pensando até que ponto uma pessoa poderia acabar por uma obsessão.

Fernanda tinha quase morrido. Escapou por um triz, mas talvez não tivesse sido uma boa para ela. Seus dois rins tinham parado e precisaria de hemodiálise pelo resto da vida, até que o organismo não aguentasse mais e outros órgãos comesçassem a falir. Talvez tivesse menos de dois anos de vida, pois dificilmente conseguiria um transplante antes

disso. Para piorar, tinha tido uma úlcera e operara o estômago. Estava fraca. E aquele ódio, aquela obsessão, só a afundariam cada vez mais.

— João... — suplicou, cheia de dor, não apenas física, mas da alma. Dominada pela angústia, pelo desespero, murmurou sem parar: — João... João...

Ela se recusava a entender uma verdade. Ele nunca mais a ouviria.

Estava sozinha.

Colhendo o que plantou. E era assim que ficaria pelo resto de sua vida miserável. Completamente sozinha, doente e amargurada.

Epílogo

JOÃO PEDRO

— Papai! Olha o Chicote! — gritou a garotinha de quatro anos, pronta para ir à praia em frente, reclamando e correndo pelo apartamento atrás do cachorro de doze anos, que mesmo com essa idade ainda adorava brincar e esconder as coisas. Agora tinha abocanhado a pазinha da menina, que acabou rindo quando o viu se enfiar embaixo da mesa da sala.

— Vem aqui, Chicote — chamei, me abaixando para pegar a pá azul. O cachorro latiu animado e a pазinha foi ao chão. Eu sorri, a peguei e acariciei a cabeça dele.

— Pegou, papai?

— Sim, mas está toda babada. Deixa-me lavar rapidinho. — Ainda agachado, aproveitei para dar um beijinho em sua bochecha rosada.

Beatriz sorriu, passando os bracinhos em volta do meu pescoço. Era a nossa caçula e a única que puxou meus olhos azuis. As outras duas de sete e

PERIGOSAS NACIONAIS

onze anos eram cópias da Ana.

— Estão prontos? — Ana veio do corredor, usando uma saída de praia branca e chinelos. Aos trinta e quatro anos, estava no auge da sua beleza, um pouco mais curvilínea que antes, os cabelos cortados na altura dos ombros. Eu não me cansava de olhar para ela.

— Chicote pegou minha pá e papai vai lavar.

— Esse Chicote não é fácil, né, Bia? — Sorriu para a menina cheia de ternura, depois olhou para mim da mesma maneira doce. — Cadê os outros?

— Estão na varanda. — Enquanto ia até o banheiro lavar a pá, falei alto: - Amanda, Gabriele, Noah, estamos saindo!

Quando voltei, Amanda, minha filha mais velha de onze anos, e Noah, o filho de Paola e Vítor de doze anos, estavam como sempre juntinhos, conversando. Eram inseparáveis e a menina confessara para Ana que amava o primo. Era seu primeiro amor, quando virava aos poucos uma mocinha, deixando-me já de cabelos brancos e enciumado. Ana apenas se divertia ao ver como eu tentava protegê-la, alertando-me que quando Amanda tivesse um namorado eu teria um ataque cardíaco. Era bem provável.

PERIGOSAS ACHERON

Gabriele era nossa filha estudiosa, de óculos, intelectual. Dizia que queria ser médica e adorava conversar comigo. Nos entendíamos como verdadeiros amigos, batíamos altos papos e era a filha que mais me puxara em gênio e gosto. Três filhas após doze anos de casamento. Às vezes nem dava para acreditar.

— Vamos lá?

— Vamos. — Ana veio de mãos dadas com Bia.

Mesmo a praia sendo em frente, sempre era meio confuso na hora de sairmos, com tanta gente.

Amanda, Gabi e Noah foram na frente, discutindo sobre música. Eu envolvi meu braço em volta do ombro de Ana e disse baixo:

— Não tô gostando disso.

— Do quê? — Olhou para mim, divertida, sabendo que eu falava de Noah e Amanda, sempre tão coladinhos. Acabou rindo: — Deixa de ser bobo, João.

Não falei nada, mas acabei sorrindo também. Enquanto descíamos no elevador juntos, eu abracei Ana por trás e beijei suavemente seu cabelo. Vi nossos reflexos nos espelhos do elevador e mais uma vez orgulhei-me da família que eu tinha, das minhas filhas, de Noah que era como um sobrinho

para mim, de Ana, a mulher da minha vida, que eu amava ainda mais, como se fosse possível.

Era impossível haver um homem mais completamente feliz naquele mundo do que eu.

ANA FLOR

Estávamos na cama, suados, nus.

Já era tarde da noite e as meninas dormiam. Ali dentro nos trancávamos e dávamos início ao nosso paraíso particular. Era incrível, mas depois de doze anos dormindo juntos, tínhamos conhecido intimamente o desejo de cada um e agora o sexo era ainda melhor, quente, devasso, cheio de fetiches e fantasias.

Virei para João, beijei seu peito musculoso, inebriando-me com sua beleza, que ainda me deixava de pernas bambas. Murmurei com um sorriso:

— Será que fizemos um menino agora?

— Ainda não desistimos? — Ergueu uma sobrancelha, seus dedos massageando meu couro cabeludo. — Pensei que tínhamos concordado que, se tivéssemos dez filhos, acabariam vindo dez meninas.

— É o que parece. Já pensou? — eu o provoquei.
— Dez filhas trazendo os namorados para você conhecer?

— Nem brinque com isso.

Ri, pois apesar de ser possessivo e ciumento com as filhas, era uma manteiga derretida. Fazia todas as vontades delas e, por incrível que pudesse parecer, eu é que tinha que impor limites.

— Que tal, quer arriscar mais um? Tenho a leve impressão que dessa vez é um menino.

Olhou-me, desconfiado. Achei mais graça ainda e me inclinei para beijá-lo na boca. João me puxou para cima de seu peito, apertando minha bunda avermelhada de seus tapas anteriores, seu pau endurecendo novamente.

— Se você quiser, não me importo de tentar mais uma vez — murmurou rouco.

— Já te falei que queria uma mesa com cinco filhos em volta. Ainda temos mais dois na conta.

— Então, que venham os dois.

— Ou as duas. — Meu sorriso ampliou. E João acabou rindo também.

Eu tinha deixado de trabalhar fora, como sempre quis. Minha vida era meu lar, minhas filhas e João, que me dava tudo, não apenas coisas materiais, mas

PERIGOSAS NACIONAIS

um amor sem limite, sem trégua. Era a vida que pedi a Deus, cheia de tanta felicidade que aprendi a valorizar cada dia.

Fernanda tinha falecido sozinha há mais de dez anos e nenhuma de suas tentativas de nos separar deu certo. Nem malícia nem violência, muito menos as chantagens que tentou fazer com João ao tentar se matar. Confesso que até tive pena do triste fim dela, mas procurei por ele. E João nunca mais falou dela.

Nossa vida tinha sido construída com base no amor, que começou com tantos percalços e diferenças, tantos entraves, mas que venceu cada um dos obstáculos e se estabilizou.

Não era uma vida perfeita. Às vezes nós brigávamos, principalmente porque ele ainda era ciumento, ou quando discordávamos de algo. Mas aquilo era tão ínfimo perto da nossa felicidade, que nem levávamos em consideração.

Se eu pudesse voltar atrás e mudar alguma coisa, não mudaria nada. Tudo fez parte do nosso crescimento, da construção do nosso amor, que só crescia com o tempo. Eu era muito, mas muito feliz e realizada.

Ergui o rosto, encontrei seus olhos azuis e falei

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

baixinho:

— Sabe que te amo, não é?

— Não mais do que amo você. Desde a primeira vez que te vi nos jardins da casa dos meus tios. — Sua mão veio em meu rosto, terna, firme, o toque que eu mais adorava no mundo.

— E eu, desde que vi a sua foto. — Suspirei, admirando-o. — E a cada dia te amo um pouco mais.

— Ana... — Puxou-me para si, forte, apaixonado. — Você mudou minha vida, meu bem.

Sorri e fechei os olhos.

E o apertei, cheia de amor incondicional pelo meu João.

NOVE MESES DEPOIS

— Ana está bem? — indaguei nervoso, quando o médico saiu da sala de parto.

— Muito bem. O parto foi rápido como os outros.

Fui engolfado pelo alívio e sorri, enquanto recebia os cumprimentos de Isabel, meus tios, Vítor e Paola, além de nossas três filhas e de Noah, animados com a vinda de mais um ente para a família.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— E é menino ou menina? — perguntou Paola, que só tivera um filho.

Todos olharam em expectativa para o médico, que era um amigo meu e sorriu. Me dei conta de que qualquer um seria uma benção e, na verdade, não me importei com aquilo. Emendei:

— Meu filho ou filha está bem?

— Saúde perfeita. Já escolheram o nome?

— Nós ajudamos a escolher — explicou Bia, nossa caçula.

— Se for menina, vai ser Clarissa — disse Amanda, a mais velha.

— E se for menino, vai ser João Pedro Júnior — falou Gabriele, a do meio.

— Então, podem dar boas-vindas ao novo João da família.

— Ehhhhhhhhhhhhh! — as meninas comemoraram, pulando, felizes da vida. Todos me deram parabéns de novo, Vítor exclamou de brincadeira:

— Até que enfim aprendeu como se faz um homem!

E senti uma alegria tão intensa, tão maravilhosa, que lutei contra as lágrimas. O que diriam de mim, que era um machão chorão?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Posso ver meu filho e Ana?

— Já, já — prometeu o médico.

E só sosseguei quando consegui chegar ao lado do leito de Ana e ela olhou para mim com seus doces e lindos olhos castanho-claros, sorrindo de orelha a orelha, com nosso bebê no colo, um garotão enrolado numa manta branca com um tufo de cabelos negros.

— É um menino — disse orgulhosa.

— Eu sei.

— Paramos por aqui?

— Sim, paramos por aqui.

— Ah, João, já até vejo como ele vai ser mimado! As meninas vão fazer tudo o que ele quer. Vai ser um dominadorzinho, o rei do pedaço!

— Igual ao pai. — Eu ri.

— É, igual ao pai.

Eu me inclinei, beijei suavemente seus lábios e então a cabecinha cheirosa do nosso filho. Olhei nos olhos de Ana e não precisamos dizer mais nada. Nosso olhar de amor disse tudo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON